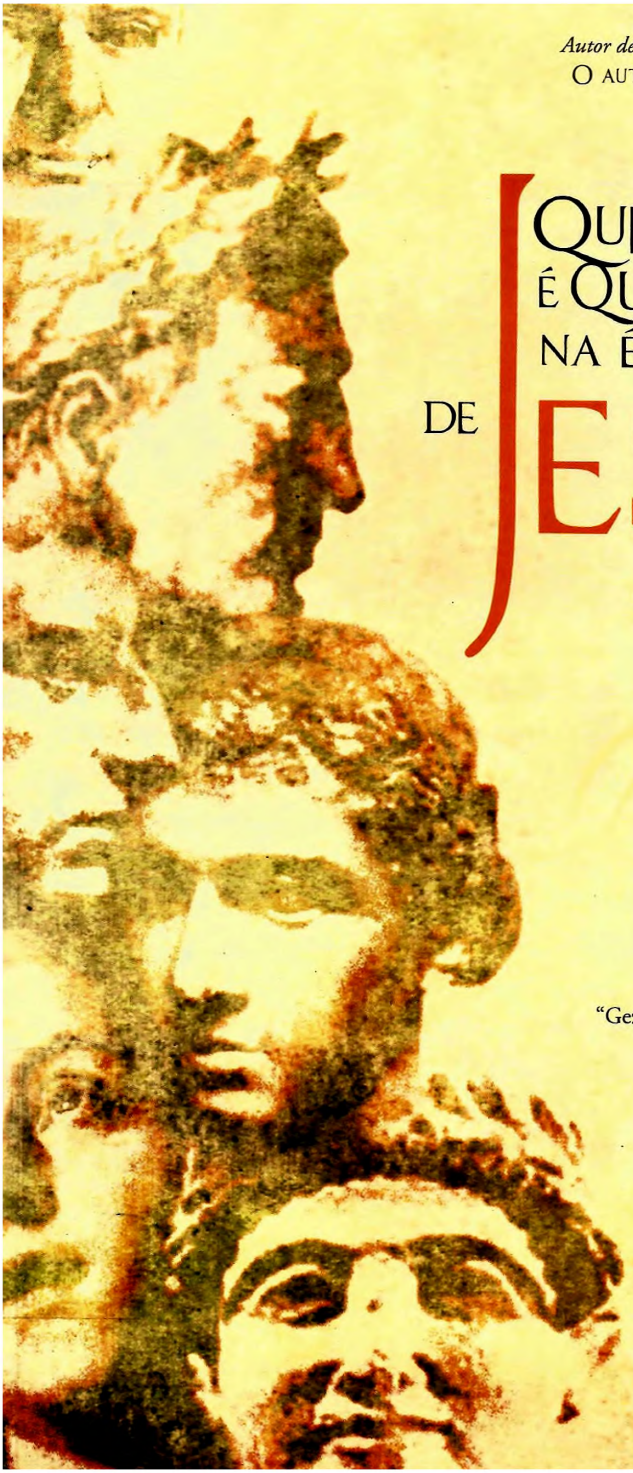
Autor de AS VÁRIAS FACES DE JESUS *e*
O AUTÊNTICO EVANGELHO DE JESUS

QUEM É QUEM NA ÉPOCA DE JESUS

GEZA VERMES



"Geza Vermes é o maior estudioso de Jesus de sua geração."
THE SUNDAY TIMES

RECORD

"Uma esclarecedora coleção de biografias muito agradáveis de ler."

THE SPECTATOR

"Vermes escreve com clareza e habilidade."

THE GUARDIAN

"Ninguém pode reivindicar conhecer mais sobre o homem Jesus Cristo do que Geza Vermes."

CATHOLIC HERALD

ISBN 978-85-01-07505-5

9 788501 075055

Os livros do Novo Testamento estão entre as mais extraordinárias obras jamais escritas. São trabalhos distintos que há séculos exercem enorme influência nas vidas de milhões de pessoas. Todavia, o retrato que fazem do mundo de Jesus é muito parcial. Escritos algum tempo depois dos eventos que descrevem, e tendo quase sempre objetivos doutrinários muito específicos, eles oferecem vislumbres da Palestina por vezes inexatos ou de clareza duvidosa. A própria veracidade dos textos dos evangelhos é questionável, como sugerem vários estudos sobre a natureza do processo de composição e divulgação das Escrituras sagradas.

Geza Vermes, um dos mais respeitados estudiosos da Bíblia no mundo, é um guia privilegiado para conduzir o leitor pelos muitos enigmas apresentados no Novo Testamento. Neste novo livro, uma obra ambiciosa e de fôlego, ele investiga minuciosamente as fontes sobre o período de Jesus para recriar as biografias dos principais personagens dessa era, e também de alguns outros de menor importância, porém igualmente fascinantes. *Quem é quem na época de Jesus* permite que o leitor compreenda um mundo povoado por grupos antagônicos — gregos, judeus e romanos — e explica o surgimento de um novo judaísmo e, por fim, do próprio cristianismo.

Ao apresentar retratos convincentes de figuras como Jesus, João Batista, Pôncio Pilatos, Herodes e também de líderes helenísticos e judaicos em geral ignorados pela Bíblia, Geza Vermes reexamina uma história repleta de mitos, fabricações e mal-entendidos, aproximando-se tanto quanto é possível do verdadeiro contexto da Jerusalém de dois milênios atrás.

GEZA VERMES nasceu na Hungria em 1924, numa família judaica, mas fo criado como cristão, retornando depois à suas raízes. Formou-se nas universidades de Louvain e Budapeste. Professor emérito da Universidade de Oxford, onde leciona estudos judaicos, é considerado um dos maiores especialistas acadêmicos sobre Manuscritos do Mar Morto e história do cristianismo. Membro da British Academy e da European Academy of Arts, Sciences and Humanities, publicou, entre outras obras, *As várias faces de Jesus*, *O autêntico evangelho de Jesus*, *A Paixão* e *Natividade*.

GEZA VERMES

QUEM É QUEM NA ÉPOCA DE JESUS

Tradução de
ALEXANDRE MARTINS

Revisão técnica de
MARCOS DE CASTRO



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2008

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Vermes, Geza, 1924-
V622q Quem é quem na época de Jesus / Geza Vermes; [tradução Alexandre Martins]. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

Tradução de: Who's who in the age of Jesus
Contém glossário
Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-85-01-07505-5

1. Jesus Cristo. 2. História sagrada – Manuais, guias, etc. I. Título.

CDD – 232
08-0653 CDU – 232

Título original em inglês:
WHO'S WHO IN THE AGE OF JESUS

Copyright © Geza Vermes, 2005
Originalmente publicado no Reino Unido por Penguin Books Ltd, 2005

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito. Proibida a venda desta edição em Portugal e resto da Europa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para
Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-07505-5

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ – 20922-970



EDITORA AFILIADA

Sumário

Mazinho Rodrigues!

Ilustrações 7
Prólogo 9
Introdução 11

LISTAS TEMÁTICAS (organizadas cronologicamente)
Imperadores e estadistas romanos 11
Soberanos judeus/herodianos 12
Governadores romanos da Judéia 12
Governadores romanos da Síria 13
Procônsul de Acaia 13
Sumos sacerdotes judeus 14
Mulheres de destaque 15
Rabinos 16
Carismáticos e ascetas judeus 16
Revolucionários judeus 16
Escritores 17
Personalidades do Novo Testamento 17

ÁRVORES GENEALÓGICAS
A família asmoniana 19
A família herodiana 20

MAPA: A Palestina na época de Jesus 21

A ÉPOCA DE JESUS EM SEU CONTEXTO MAIS AMPLO 23

QUEM É QUEM 41

Tabela cronológica 285
Glossário 289
Bibliografia 291
Fontes clássicas 294
Fontes judaicas 294
Abreviaturas 295

Índice de nomes e topônimos 297

Ilustrações

(Créditos fotográficos entre parênteses)

1	Busto de Adriano (Zev Radovan)	45
2	Moeda com efígie de Agripa I (Zev Radovan)	49
3	Moeda com efígie de Agripa II (Zev Radovan)	54
4	Augusto: cabeça em bronze do Sudão (Museu Britânico)	75
5	O ossuário de Caifás (Zev Radovan)	82
6	Busto de Calígula (The Art Archive/Museo Civico Iesi/Dagli Orti)	87
7	Busto de Júlio César (The Art Archive/Museo Nazionale Palazzo Attemps, Roma/Dagli Orti)	89
8	Busto de Cláudio (Zev Radovan)	91
9	Cleópatra seduzindo Marco Antônio: Vaso Portland (Museu Britânico)	93
10	Moeda com efígie de Domiciano (Zev Radovan)	98
11	A fortaleza de Massada (Zev Radovan)	102
12	Moeda com efígie de Filipe, o Tetrarca (Zev Radovan)	118
13	A fortaleza de Herodeion (Zev Radovan)	133
14	Ruínas da sinagoga de Cafarnaum (Zev Radovan)	157
15	Maqueronte (Mark Connally/HolyLandPhotos.org)	171
16	Busto de Marco Antônio (The Art Archive/Museo Capitolino, Roma/Dagli Orti)	199

17 Busto de Nero (The Art Archive/Staatliche Glypothek, Munique/Dagli Orti (A)) 216
18 Cesaréia (*Biblical Archaeological Review*) 222
19 Barco de pesca galileu (*Biblical Archaeological Review*) 229
20 Inscrição de Pilatos (Zev Radovan) 236
21 Busto de Pompeu, o Grande (The Art Archive/ Museu Arqueológico de Veneza/Dagh Orti (A)) 239
22 Moeda com efígie de Salomé, filha de Herodíades (BNF) 245
23 O ossuário de (*?*) Tiago, irmão do Senhor (*Biblical Archaeological Review*) 266
24 Moeda com efígie de Tibério (Zev Radovan) 270
25 O Arco de Tito (Zev Radovan) 273
26 Busto de Trajano (The Art Archive/Museo Capitolino, Roma/ Dagli Orti (A)) 277
27 Busto de Vespasiano (The Art Archive/Museo della Civiltà Romana, Roma/Dagli Orti) 280

Prólogo

A principal fonte primária da história judaica na época greco-romana é a obra do historiador do século I a.C. Flávio Josefo, complementada pelos Apócrifos, pelos Pseudepígrafos e pelos Manuscritos do Mar Morto, bem como por Tácito, Suetônio e Cássio Dio. As relevantes evidências cristãs são tiradas do Novo Testamento e da *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesaréia.

Enquanto produzia este trabalho, consultei regularmente o "*New English Schürer*", os três volumes de *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ* (175 a.C.-135 d.C.), de Emil Schürer, revisado e organizado por Fergus Millar, Martin Goodman e por mim mesmo (T. and T. Clark, Edimburgo, 1973-87).

A dra. Susan Walker, curadora de antiguidades do Ashmolean Museum, Oxford, gentilmente me orientou no campo do material ilustrativo romano, pelo que sou muito grato.

G.V.
Oxford, novembro de 2004

Introdução

Imperadores e estadistas romanos

POMPEU, Cnaeus Pompeius Magnus (106-48 a.C.), general e estadista

CÉSAR, Caius Julius Caesar (100-44 a.C), general e estadista

MARCO ANTÔNIO, Marcus Antonius (*c.* 83-30 a.C.), general e estadista

AUGUSTO, Caius Julius Caesar Octavianus (63 a.C.-14 d.C.), imperador (31 a.C-14 d.C.)

TIBÉRIO, Tiberius Claudius Nero (42 a.C.-37 d.C.), imperador (14-37 d.C.)

CALÍGULA, Gaius Julius Caesar Germanicus (12-41 d.C.), imperador (37-41 d.C.)

CLÁUDIO, Claudius Tiberius Drusus (10 a.C.-54 d.C.), imperador (41-54 d.C.)

NERO, Claudius Caesar Germanicus Nero (15-68 d.C.), imperador (54-68 d.C.)

VESPASIANO, Titus Flavius Vespasianus (9-79 d.C.), imperador (69-79 d.C.)

TITO, Titus Flavius Sabinus Vespasianus (39/41-81 d.C.), imperador (79-81 d.C.)

DOMICIANO, Titus Flavius Domicianus (51-96 d.C.), imperador (81-96 d.C.)

NERVA, Marcus Cocceius Nerva (30-98 d.C.), imperador (96-98 d.C.)

TRAJANO, Marcus Ulpius Trajanus (53-117 d.C.), imperador (98-117 d.C.)

ADRIANO, Publius Aelius Hadrianus (76-138 d.C.), imperador, (117-138 d.C.)

Soberanos judeus/herodianos

ASMONIANOS
Judas Aristóbulo II (67-63 a.C.)
João Hircano II (63-40 d.C.)
Matias Antígono (40-37 a.C.)

HERODIANOS
Herodes, o Grande (40/37-4 a.C.)
Arquelau (4 a.C.-6 d.C.)
Antipas (4 a.C.-39 d.C.)
Filipe (4 a.C.-33/4 d.C.)
Agripa I (37, 40, 41-44 d.C.)
Herodes de Cálcis (41-48 d.C.)
Agripa II (50-*c.* 92/3 d.C.)

ADIABENA
Izates (*c.* 35-60 d.C.)

Governadores romanos da Judéia

Copônio (6-9 d.C.)
Marcos Ambíbulo (9-12 d.C.)
Ânio Rufo (12-15 d.C.)
Valério Grato (15-26 d.C.)
Pôncio Pilatos (26-36 d.C.)
Marcelo (36/7 d.C.)
Marulo (37-41 d.C.)
Cúspio Fado (44-46 d.C.)
Tibério Júlio Alexandre (46-48 d.C.)
Ventídio Cumano (48-52 d.C.)

Antônio Félix (52-60 d.C.)
Pórcio Festo (60-62 d.C.)
Lucéio Albino (62-64 d.C.)
Géssio Floro (64-66 d.C.)
Sexto Vetuleno Cereal (70-72 d.C.)
Lucílio Basso (72-3 d.C.)
Lúcio Flávio Silva (73/4-81 d.C.)
Ático (*c.* 99/100-102/3)
Quinto Róscio Célio Pompeu Falco (*c.* 105-107 d.C.)
Lusio Quieto (*c.* 117 d.C.)
Quinto Tinéio Rufo (132 d.C.)

Governadores romanos da Síria

Marco Emílio Escauro (65-62 a.C.)
Aulo Gabínio (57-55 a.C.)
Caio Sósio (38-37 a.C.)
Públio Quintílio Varo (7/6 a.C.-4 d.C.)
Públio Sulpício Quirino (6 d.C.)
Públio Petrônio (39-41/2 d.C.)
Lúcio Vitélio (35-39 d.C.)
Céstio Galo (63-66/7 d.C.)

Procônsul de Acaia

Lúcio Júnio Aneu Galião (51-53 d.C.)

Sumos sacerdotes judeus

SUMOS SACERDOTES ASMONIANOS
Hircano II (76-67 a.C., 63-40 a.C.)
Aristóbulo II (67-63 a.C.)
Antígono (40-37 a.C.)

SUMOS SACERDOTES NOMEADOS POR HERODES (37-4 A.C.)
Ananel (37-36, 34-? a.C.)
Aristóbulo III (35 a.C.)
Jesus, filho de Fiabi (?)
Simão, filho de Boeto (24-25 a.C.)
Matias, filho de Teófilo (5-4 a.C.)
José, filho de Ellem (4 a.C.)
Joazar, filho de Boeto (4 a.C.)

SUMOS SACERDOTES NOMEADOS POR ARQUELAU (4 A.C.-6 D.C.)
Eleazar, filho de Boeto (4 a.C.-?)
Jesus, filho de See (?)
Joazar (?-6 d.C.)

SUMO SACERDOTE NOMEADO POR QUIRINO (6 D.C.)
Anás, ou Anas, filho de Séti (6-15 d.C.)

SUMOS SACERDOTES NOMEADOS POR VALÉRIO GRATO (15-26 D.C.)
Ismael, filho de Fiabi (15-16 d.C.)
Eleazar, filho de Anás (16-17 d.C.)
Simão, filho de Camito (17-18 d.C.)
José Caifás (18-36 d.C.)

SUMOS SACERDOTES NOMEADOS POR VITÉLIO (35-39 D.C.)
Jônatas, filho de Anás (36-37 d.C.)
Teófilo, filho de Anás (37-? d.C.)

SUMOS SACERDOTES NOMEADOS POR AGRIPA I (41-44 D.C.)
Simão Canteras, filho de Boeto (41-? d.C.)
Matias, filho de Anás (?)
Elioneu, filho de Canteras (?)

SUMOS SACERDOTES NOMEADOS POR HERODES DE CÁLCIS (44-48 D.C.)
José, filho de Camei/Camidus (?)
Ananias, filho de Nedebeu (47-59 d.C.)

SUMOS SACERDOTES NOMEADOS POR AGRIPA II (52?-92/3 D.C.)
Ismael, filho de Fiabi (59-61 d.C.)
José Cabi, filho do sumo sacerdote Simão (61-62 d.C.)
Anás, filho de Anás (62 d.C.)
Jesus, filho de Damneu (62-63 d.C.)
Jesus, filho de Gamaliel (63-64 d.C.)
Matias, filho de Teófilo (65-? d.C.)

SUMO SACERDOTE NOMEADO PELO POVO DURANTE A GUERRA JUDAICA (67/8 D.C.)
Fanias/Fani/Fanasos, filho de Samuel (? d.C.)

Mulheres de destaque

Cleópatra
Salomé, irmã de Herodes
Alexandra
Mariamna
Herodíades
Salomé, filha de Herodíades
Berenice
Drusila

Rabinos

Simeão ben Xetá
Samaias e Polião
Hilel
Xamai
Gamaliel I
Simeão, filho de Gamaliel
Iohanã ben Zacai
Gamaliel II, *Rabã*

Carismáticos e ascetas judeus

Honi
Menahem, o essênio
Abba Hilquiá
Hanã
Simão, o essênio
Banno
Hanina ben Dosa
Jesus, filho de Ananias
Eleazar
Jacó, de Quefar Secaniá

Revolucionários judeus

Ezequias
Judas, filho de Saforeu
Matias, filho de Margalot
Simão de Peréia

Atronges
Judas Galileu
Teudas
O "Egípcio"
Menahem
Eleazar, filho de Simão
João de Gíscala
Simão bar Giora
João, o essênio
Eleazar, filho de Jairo
Simeão ben Kosiba

Escritores

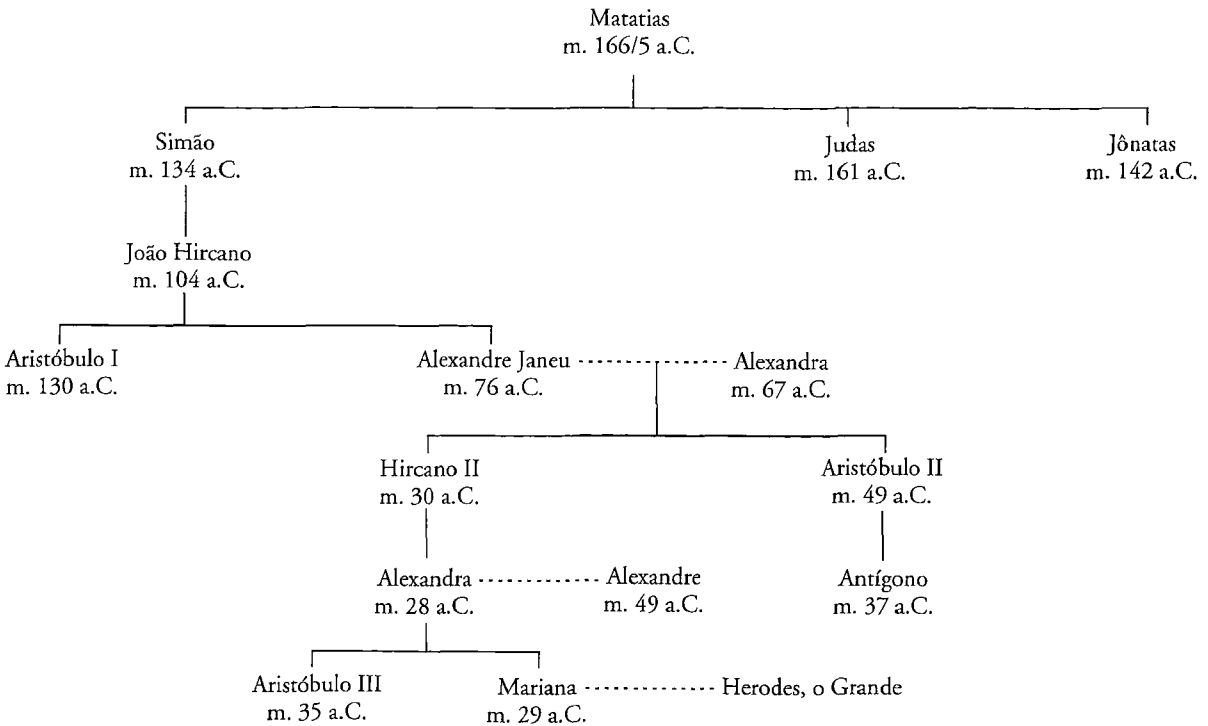
Nicolau de Damasco
Filo
Josefo
Justo de Tiberíades

Personalidades do Novo Testamento

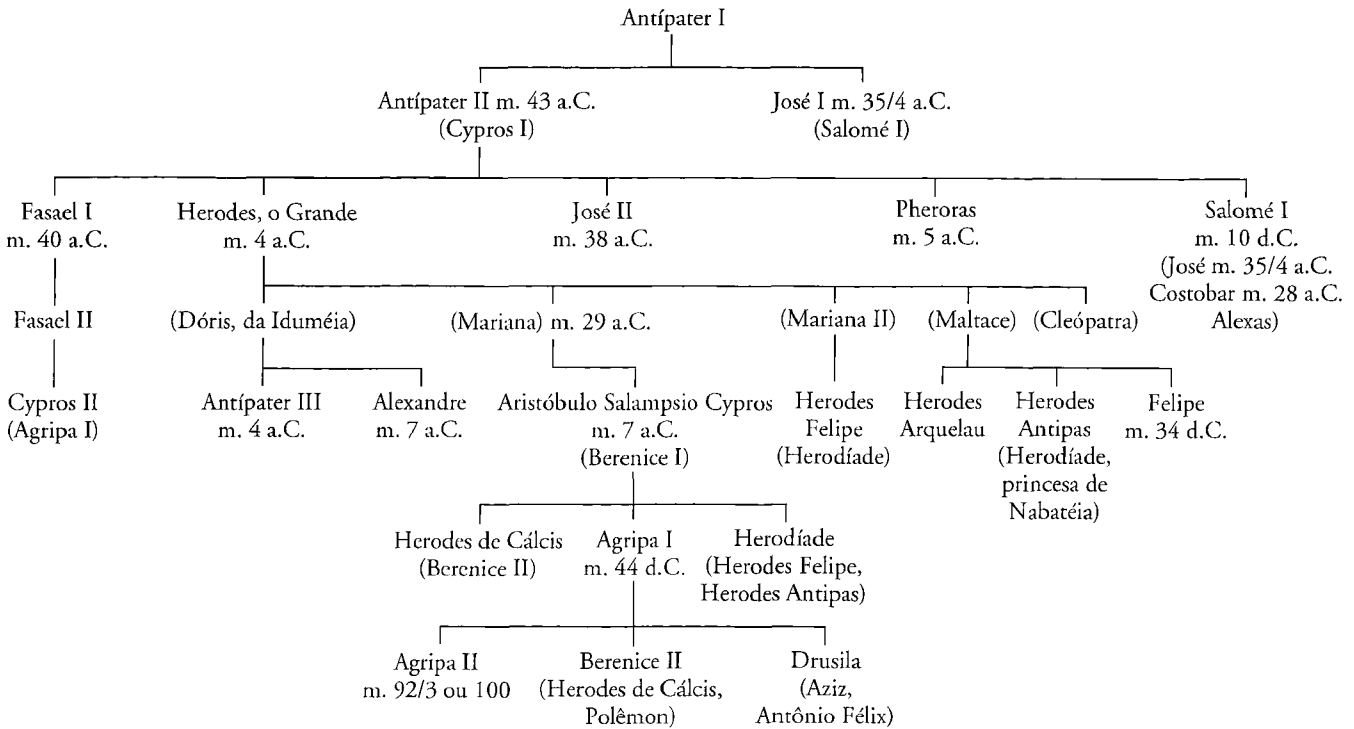
José
Maria
João Batista
Jesus
Pedro
André
Tiago, filho de Zebedeu
João
Filipe, o Apóstolo
Mateus

Bartolomeu
Tomás
Tiago, filho de Alfeu
Tadeu
Simão, o zelota
Judas Iscariotes
Matias
Maria Madalena
Tiago, irmão do Senhor
Judas
Barnabé
Paulo
Exorcista, Anônimo
Cornélio
Agabo
Elimas
Simão Mago
Marcos
Lucas
Filipe, o Diácono
Estêvão
Silas/Silvano
Timóteo
Tito
Filêmon
Simeão, filho de Clopas
João, o Velho

A FAMÍLIA ASMONIANA



*A FAMÍLIA HERODIANA**



* Entre parênteses, cônjuges, em seqüência.



A Palestina na época de Jesus

A época de Jesus em seu contexto mais amplo

Em 1906, Albert Schweitzer declarou solenemente que a busca pelo Jesus histórico era uma tarefa irrealizável. Apesar de seu eloqüente discurso fúnebre, o Jesus da história se recusou a repousar ou desaparecer. Na verdade, com exceção de um punhado de céticos inveterados, a maioria dos estudiosos de hoje parte para o extremo oposto e considera a existência de Jesus tão garantida que não se dá ao trabalho de questionar o significado de historicidade. Mas a verdade é que Jesus e o movimento que surgiu ao redor dele não existiram *in vacuo*: eles fizeram parte da sociedade judaica do século I, uma sociedade formada pelas forças e influências das gerações anteriores e pelo impacto do helenismo e do poder político de Roma. Essas influências judaicas e greco-romanas interagiram e criaram a matriz da qual emergiu o cristianismo.

O objetivo deste livro é tornar o leitor consciente do amálgama de idéias, inspirações e impulsos que permearam a época de Jesus. Para atingir esse objetivo de forma clara, optei por apresentar uma série de verbetes biográficos. O mundo ampliado se tornará tangível por intermédio da descrição de indivíduos que, de várias formas, influenciaram a construção da história. *Quem é quem na época de Jesus* retrata personalidades do Novo Testamento, das obras de autores judaicos do século I, da literatura rabínica e de fontes da história greco-romana. Essas personalidades ocasionalmente aparecem em vários registros. Governantes da Judéia, líderes judeus e dignitários romanos como

*Herodes, o Grande, *Antipas, *Anás ou Anã e *Caifás, *Gamaliel, o Velho, *Augusto, *Tibério, *Pôncio Pilatos etc. são mencionados no Novo Testamento, e alguns personagens do Novo Testamento (*Jesus, *João Batista, *Tiago, o irmão do Senhor) fazem uma rápida aparição em *Josefo e nos relatos de historiadores romanos, como Tácito, por exemplo. Outros personagens judeus, como *Hilel, o Velho, *Honi e *Hanina ben Dosa e *Jesus filho de Ananias, que são registrados em Josefo e na literatura rabínica, lançam uma luz importante sobre a história do Evangelho. Conseqüentemente, uma abordagem multifacetada da época de Jesus promete criar uma nova e inesperada perspectiva.

O alcance mais amplo assim concebido exige também uma definição elástica da escala de tempo da pesquisa. A rede terá um alcance maior que o período de vida presumido de Jesus (*c.* 6/5 a.C.-30 d.C.). Um razoável ponto de partida seria a revolução dos macabeus contra o império grego selêucida (sírio) em 160 a.C., quando os judeus experimentaram a perseguição religiosa pela primeira vez. A necessária e finalmente vitoriosa resistência judaica à tirania helenista resultou na criação de um estado judeu independente, que por quase um século (152-63 a.C.) foi governado pela família sacerdotal dos macabeus-asmonianos. Contudo chamar 150 anos da era pré-cristã de época de Jesus parece um exagero. Assim, é preferível escolher o seguinte divisor de águas significativo na história internacional judaica: a mudança de governo na Palestina de selêucida-grego para romano em 63 a.C. com a conquista de Jerusalém por *Pompeu. Isso aconteceu menos de duas gerações antes do nascimento de Jesus. A linha de chegada ideal seria aproximadamente duas gerações após a crucifixão. Contudo a ausência de qualquer acontecimento marcante nos últimos anos do século I d.C. nos leva a optar pelo final do segundo levante contra Roma em 135 d.C. Esses dois marcos abrangem um dos períodos cruciais da história intelectual e religiosa do mundo ocidental.

---

*Asteriscos indicam personalidades com verbete próprio no *Quem é quem.*

Os duzentos anos em questão podem ser concisamente divididos em cinco estágios:

1. De Pompeu ao fim do governo sacerdotal asmoniano (63-37 a.C.).
2. O reinado de Herodes, o Grande (40/37-4 a.C.) — O nascimento de Jesus (*c.* 6/5 a.C.)
3. Herodes Arquelau (4 a.C.-6 d.C.) — Prefeitos romanos (6-41 d.C.); Herodes Antipas (4 a.C.-39 d.C.) — O ministério público e a morte de Jesus (29-30 d.C.)
4. *Agripa I (41-44 d.C.) — Procuradores romanos (44-66 d.C.) — Primeira rebelião (66-70 [73/4] d.C.) — O início do judeu-cristianismo e a carreira de São *Paulo.
5. Da queda de Jerusalém ao fim da segunda rebelião sob *Adriano — A saída do cristianismo de seu ambiente social judaico (70-135 d.C.).

Duas características distinguem este trabalho de qualquer *Quem é Quem na Bíblia*: a primeira é sua dominante perspectiva religiosa estritamente histórica em oposição à devocional; e a segunda é o material ilustrativo selecionado para ele, que consiste exclusivamente em sóbrios artefatos antigos (estátuas, moedas, construções e inscrições), e não em belos mosaicos medievais ou antigas pinturas modernas. O barco de pesca do século I d.C., retirado do fundo do lago da Galiléia, é mais valorizado por aproximar o leitor de São *Pedro do que a imaginação artística de pintores da Renascença.

ASCENSÃO E GLÓRIA DOS ASMONIANOS (164-67 A.C.)

Após dois séculos e meio de domínio babilônico e persa, seguidos pela suserania grega introduzida pela conquista, por Alexandre, o Grande, do Oriente Próximo e do Oriente Médio, em 154 a.C os judeus reconquistaram sua independência e o pleno autogoverno como resultado de sua

bem-sucedida resistência armada à helenização cultural e religiosa imposta a eles pelo monarca grego Antíoco IV Epífanes (175-164 a.C.). A família judaica sacerdotal asmoniana de Matatias e seus filhos, chamados macabeus, triunfou sobre os selêucidas da Síria e restaurou o culto judaico, que tinha sido temporariamente transformado por Antíoco no culto do Zeus olímpico, cuja estátua ele tinha instalado no local sagrado de Jerusalém. O levante provocado pelos helenistas, ajudados e incitados pelos aliados judeus de classe alta, deu início a uma febril antecipação da era final, da era escatológica e apocalíptica, que, esperava-se, culminaria com a chegada do redentor final, o rei-Messias, prevista pelos profetas bíblicos e ansiosamente aguardada por devotos judeus que sonhavam com a liberdade sob Deus. O vitorioso Judas Macabeu (164-161 a.C.) e seu irmão Jônatas (161-43/2 a.C.) derrotaram o inimigo e restauraram o Estado judeu. Jônatas, embora não fosse um descendente da família sacerdotal que tinha mantido o pontificado desde o tempo do rei Davi, proclamou-se sumo sacerdote em 153/152 a.C., e Simão, outro dos irmãos macabeus, se estabeleceu como líder religioso e político hereditário da nação judaica em 143/142 a.C.

O filho de Simão, João Hircano I (135/4-104 a.C.), e os sucessores de João, Judas Aristóbulo I (104-103 a.C.) e Jônatas, ou Alexandre Janeu (107-76 a.C.), estenderam as fronteiras do novo Estado judeu e obrigaram os povos vizinhos, os idumeus no sul e os vários clãs estrangeiros na Galiléia e ao seu redor, a reconhecê-los como seus governantes e a abraçar o judaísmo como sua religião. Isso implicava submissão à circuncisão no tocante à população masculina. A atividade missionária judaizante não impediu esses reis-sacerdotes asmonianos de praticar uma cruel tirania secular em casa. Alexandre Janeu, em especial, é conhecido por sua crueldade ao se vingar de seus adversários políticos, os fariseus. Ele ordenou que oitocentos deles fossem crucificados enquanto ele e suas amantes comiam, bebiam e se divertiam, hipnotizados pelo espetáculo medonho.

Com a morte de Alexandre, sua viúva, a devota Alexandra Salomé, ou Xelanzion, grande amiga dos fariseus, ocupou o trono real, com seu filho

mais velho, João Hircano II, herdando o posto de sumo sacerdote (76-67 a.C.). Contudo seu irmão mais jovem, o vigoroso e invejoso Judas *Aristóbulo II, estava determinado a derrubá-lo do posto. Quando a rainha Alexandra morreu, eclodiu a guerra entre os dois rivais sacerdotais, e o conflito que se seguiu iniciou uma nova era que levou à época de Jesus.

1
DE POMPEU AO FIM DO GOVERNO SACERDOTAL ASMONIANO (63-37 A.C.)

A tentativa feita por Aristóbulo II de derrubar Hircano II, o legítimo detentor do posto de sumo sacerdote, e a obrigatória reação de Hircano, apoiado pelo inteligente e forte idumeu Antípatro, pai de Herodes, o Grande, e pelo rei nabateu Aretas III, criaram o preâmbulo para a invasão romana da Judéia por Pompeu em 63 a.C. O trio formado por Hircano, Antípatro e Aretas sitiou Jerusalém, para onde Aristóbulo tinha sido forçado a recuar. A vítima inocente da batalha foi o conhecido homem de Deus milagreiro *Honi, a quem os partidários de Hircano apedrejaram até a morte por se recusar a lançar uma maldição sobre Aristóbulo e sua facção. Aqui somos confrontados com um assassinato de motivação política com base religiosa. A tendência se repetiu no caso de João Batista, Jesus, Tiago, irmão do Senhor, e outros.

O impasse entre as duas forças levou tanto Aristóbulo quanto Hircano a pedir a intervenção de Pompeu. Os dois esperavam conseguir sua preferência. Em vez disso, Pompeu, acompanhado pelo exército de seu general Marcos Emílio *Escauro, conquistou Jerusalém e, sem delongas, transformou o Estado asmoniano na província romana da Judéia. Hircano foi devolvido ao posto de sumo sacerdote, mas perdeu o título de rei, enquanto o deposto Aristóbulo foi mandado para Roma como prisioneiro. Um pouco mais tarde ele escapou e começou a organizar a resistência interna a Roma, mas logo foi preso e devolvido ao cativeiro na

capital. Com o início da guerra civil romana entre Júlio *César e Pompeu, César libertou Aristóbulo, vendo nele um potencial aliado, mas o líder judeu foi envenenado pelos partidários de Pompeu antes que conseguisse partir para ajudar César na Síria.

Após a batalha de Farsália, em 48 a.C., quando Pompeu foi derrotado, Hircano e Antípatro transferiram sua fidelidade para o vitorioso. César, que em geral se mostrou simpático aos judeus tanto na Palestina quanto na Diáspora, recompensou-os reinstalando Hircano II como chefe nominal do Estado, ou etnarca dos judeus, e colocando a administração da província nas mãos do idumeu Antípatro, que dividiu as responsabilidades com seus dois filhos, *Fasael e Herodes.

Quando foi governador da Galiléia, o jovem Herodes atravessou as fronteiras da legalidade e ordenou a execução sem julgamento do líder rebelde *Ezequiel e de seus homens. Foi levado perante o sinédrio judaico, mas com a ajuda romana e a conivência de Hircano, presidente do tribunal, escapou à condenação e foi confirmado em sua posição pelo companheiro de César, *Marco Antônio, plenipotenciário romano nas províncias mediterrâneas orientais. Em 40 a.C. a poderosa tribo iraniana dos partos invadiu a Judéia e deu seu apoio a *Antígono, filho de Aristóbulo II e rival de Hircano II. Em suas moedas, Antígono chamava a si mesmo de sumo sacerdote e rei. Para garantir sua posição, ele mutilou seu tio Hircano, aparentemente arrancando-lhe com os dentes uma ou ambas as orelhas, de modo a deixá-lo incapacitado para atuar como pontífice. Contudo o efêmero governo de Antígono chegou ao fim em 37 a.C., quando os romanos o capturaram e o decapitaram por ordem de Marco Antônio, que em 40 a.C. já tinha nomeado Herodes rei da Judéia. Em 37 a.C., após conquistar Jerusalém com a ajuda de *Sósio, governador romano da Síria, e suas legiões, Herodes, o arrivista idumeu, se tornou o governante da nação judaica e pôs fim ao secular domínio da dinastia macabéia-asmoniana.

2
O REINADO DE HERODES, O GRANDE (40/37-4 A.C.) — O NASCIMENTO DE JESUS (C. 6/5 A.C.)

O reinado de Herodes cobre as décadas da história judaica que abrem diretamente a "época de Jesus", que nasceu pouco depois de sua morte. A amigável supervisão romana do governo da Judéia e o punho de ferro do novo monarca afetaram a sociedade judaica em que Jesus viveu. Herodes era um cruzamento de gênio e monstro; foi um magistral equilibrista cujos passos parecem ter sido sempre protegidos pela sorte. Sua ascensão ao poder foi dura. Como protegido do romano Marco Antônio, Herodes foi inicialmente visto com suspeita pelos judeus, mas conseguiu conquistar a aprovação deles graças à ajuda dos fariseus, cujos líderes, *Samaias e Polião, o defenderam em sinal de gratidão por ele ter poupado suas vidas quando Herodes se vingou dos juízes do sinédrio que o tinham julgado na Galiléia. O esperto rei também foi bem-sucedido em amenizar a oposição das classes altas de saduceus pró-asmonianos, para quem ele não era mais que "meio-judeu", desposando a princesa judia *Mariamna, neta do etnarca e sumo sacerdote Hircano II. Além dos fariseus e saduceus, Herodes também conviveu bem com os essênios, uma comunidade já havia muito estabelecida, inicialmente mencionada por Josefo em meados do século II a.C. Eles deviam seu tratamento privilegiado ao essênio *Menahem, que previu a elevação de Herodes ao reino da Judéia. Com as mortes de Antígono e Hircano II, o hereditário pontificado asmoniano chegou ao fim, e Herodes, sendo o chefe de Estado secular, atribuiu a si mesmo o direito de nomear e afastar sumos sacerdotes judeus. Esse direito foi concedido pelos imperadores na época do Novo Testamento a seus netos, Agripa I e Agripa II, e exercido, nesse meio-tempo, pelos governadores romanos da Judéia entre 6 e 41 d.C.

Para garantir sua posição, Herodes teve de estabelecer relações amistosas com Roma e superar a contínua hostilidade de alguns dos mem-

bros da família asmoniana. Manter boas relações com Marco Antônio se tornou algo difícil em função da influência de *Cleópatra, a rainha egípcia, sobre o patrono de Herodes. Essa *femme fatale*, primeiramente amante e depois esposa de Marco Antônio, invejava o reino judeu. Herodes conseguiu minimizar suas perdas territoriais — apenas algumas cidades costeiras e a região de Jericó foram anexadas ao Egito —, ao mesmo tempo que acalentava brevemente e depois sabiamente abandonava a idéia de um caso amoroso com Cleópatra, achando que isso poderia dar a ele uma oportunidade de se livrar dela. O relacionamento cada vez pior entre Marco Antônio e Otaviano, o futuro Augusto, criou um novo dilema para Herodes, mas com sua habitual boa sorte ele conseguiu conquistar primeiramente a confiança e depois a amizade íntima de Augusto.

A rivalidade entre Herodes e a realeza asmoniana era difícil de ser encerrada, já que era mantida viva pelas constantes intrigas das mulheres da corte, lideradas de um lado pela mãe iduméia do rei, Cipro, e sua irmã *Salomé, e de outro por Mariamna, sua esposa asmoniana, por quem ele era apaixonado, e sua mãe *Alexandra. O resultado foi sangrento para os asmonianos. A longa relação de membros da família executados por Herodes inclui sua amada esposa Mariamna e seus dois filhos, Alexandre e Aristóbulo; seu irmão, o jovem sumo sacerdote *Aristóbulo III, afogado na piscina em um acidente arranjado; a mãe e o velho avô de Mariamna, o inofensivo ex-sumo sacerdote Hircano II. A irmã do rei, Salomé, também se valeu dos bons préstimos do irmão para se livrar de seus dois maridos, um deles o próprio tio de Herodes. Ainda assim, pouco após a execução, em 4 a.C., de Antípatro, filho mais velho de Herodes com a primeira de suas dez esposas, Salomé e seu terceiro marido frustraram o último projeto louco do moribundo rei libertando um grande grupo de judeus notáveis, a quem tinham sido orientados por Herodes a assassinar quando morresse, para garantir luto disseminado no momento do funeral real em 4 a.C.

Herodes, o Assassino, um modelo adequado para o homem que está por trás da lenda dos evangelhos sobre o massacre dos inocentes, também foi nada menos que Herodes, o Grande. Sua política externa foi, apesar das variações da sorte no mundo romano, impressionantemente bem-sucedida, e ele também foi freqüentemente solícito e generoso para com seus súditos judeus. Chegou ao ponto de fazer substanciais cortes de impostos para ajudar a economia nacional depois da grave fome de 25 a.C. Ele foi um grande defensor da cultura grega e, acima de tudo, se superou em grandiosos projetos de construção no seu reino e no exterior. Entre suas realizações importantes no Novo Testamento, deve ser mencionada a construção do porto e da cidade de Cesaréia, cujo nome é uma homenagem a César Augusto, sede dos governos romanos da Judéia no século I d.C. e onde São Paulo passou dois anos preso. Herodes restaurou a cidade de Samaria e lhe deu o nome de *Sebasté* (*Augusta*, em grego), mais uma vez em homenagem ao imperador. Ele ergueu um templo pagão em Cesaréia de Filipe, cidade em que o apóstolo Pedro iria reconhecer Jesus como o Messias. Mas, acima de tudo, seu maior monumento arquitetônico foi a reconstrução do santuário de Jerusalém conhecido como Templo de Herodes, que ainda está parcialmente de pé, especialmente o Muro oeste, ou das Lamentações.

A vida de Jesus começou nos últimos anos do reinado de Herodes, o Grande; esse é um dos poucos pontos em que os evangelhos da infância, de *Mateus e *Lucas, concordam. Entretanto os principais acontecimentos que se deram durante o último ano da carreira de Jesus (29/30 d.C.) pertencem ao período seguinte da história judaica.

3
HERODES ARQUELAU (4 A.C.-6 D.C.) — HERODES ANTIPAS (4 A.C.-39 D.C.) — PREFEITOS ROMANOS (6-41 D.C.) — O MINISTÉRIO PÚBLICO E A MORTE DE JESUS (29-30 D.C.)

Jesus não trouxe paz a este mundo. Seus primeiros anos coincidiram com polêmicas sobre quem seria o herdeiro de Herodes e com a agitação política provocada por uma série de levantes. A sucessão, tornada confusa pelos testamentos contraditórios do rei moribundo, foi decidida por Augusto: o reino foi dividido em três partes entre os filhos sobreviventes de Herodes, com *Arquelau sendo encarregado de Judéia, Iduméia e Samaria (4 a.C.-6 d.C), Antipas, da Galiléia (4 a.C-39 d.C.), e *Filipe dos territórios ao norte e leste da Galiléia (4 a.C.-33/4 d.C.). Nenhum deles herdou o título de rei. Arquelau se tornou etnarca e os outros dois receberam o posto inferior de tetrarca. Mas enquanto o acordo estava sendo fechado a morte do governante forte encorajou o surgimento de forças revolucionárias. *Simão, da Peréia, o gigantesco pastor *Atronges e especialmente Judas, filho de Ezequiel, se revoltaram, mas logo foram superados pelo exército de Arquelau e principalmente pelas legiões de *Varo, o governador romano da Síria que, após esmagar a rebelião, crucificou dois mil revolucionários judeus fora de Jerusalém, antecipando dessa forma os dias difíceis que se seguiriam no século I d.C.

Sem dúvida, esse mesmo Judas de Gamala, apelidado *Judas Galileu, ergueu o estandarte da rebelião novamente em 6 d.C., quando, como uma preliminar para a anexação da Judéia como província romana após o afastamento de Arquelau, *Quirino, o governador da Síria, organizou um registro de bens com o objetivo de cobrar impostos. Esse é o censo de 6 d.C., data claramente definida pelo historiador judeu *Josefo. O censo de Quirino é um acontecimento que o Evangelho de Lucas equivocadamente atribuiu ao reinado de Herodes, o Grande, ligado à lendária viagem dos pais de Jesus, *José e *Maria, de Nazaré a Belém. O levante de Judas Galileu fracassou, mas o movimento revolucionário que ele criou

juntamente com um fariseu chamado Zadoque resistiu durante os sessenta anos seguintes; ele foi responsável pela maior parte da inquietação política entre os judeus que culminou na guerra catastrófica que, entre 66 e 70 d.C., devastou o país e destruiu Jerusalém juntamente com todas as instituições estatais judaicas. O discurso escatológico atribuído a Jesus nos Evangelhos Sinópticos (Mc 13; Mt 24; Lc 21) é o eco daqueles terríveis acontecimentos.

Em 6 d.C. a paisagem política da Palestina passou por uma grande mudança. A Galiléia, onde Jesus estava crescendo, manteve sua aparente independência política. Enquanto o governante Herodes Antipas mantivesse a paz e pagasse seu tributo ao imperador, tinha a permissão de governar sem ser incomodado. Na Judéia, por outro lado, após a deposição e o banimento de Arquelau, o governo do país foi transferido para um prefeito romano, nomeado por Augusto.

Em geral, Roma preferia delegar poder administrativo (a manutenção da paz e o recolhimento de impostos) às classes governantes judaicas, os sumos sacerdotes e o sinédrio. Roma também se abstinha de interferir diretamente na vida religiosa judaica. Indiretamente, os grandes poderes dos governadores romanos incluíam a nomeação e o afastamento de sumos sacerdotes judeus. A maioria deles permaneceu no posto por períodos breves, um ou dois anos, com a exceção de dois, que desempenharam papéis importantes no julgamento de Jesus: o ex-sumo sacerdote Anás (6-15 d.C.) e seu genro, José Caifás, que ocupou o trono pontifício de 18 a 36 d.C. Anás interrogou Jesus, e Caifás o entregou a Pilatos. Os governadores romanos também mantinham sob sua custódia as vestes do sumo sacerdote, assim controlando suas funções, que exigiam o uso de certos mantos cerimoniais. Os mestres fariseus, atuantes principalmente em Jerusalém e nas cidades da Judéia, desfrutavam de completa liberdade. Três mestres famosos, Hilel, que tem algumas de suas idéias refletidas nos ensinamentos de Jesus, *Xamai, rival de Hilel, e *Gamaliel, o Velho, que é citado favoravelmente nos Atos dos Apóstolos, brilharam durante a vida de Jesus nas primeiras décadas do século I d.C.

Não há dúvida de que os ascetas essênios, descritos pelos autores *Filo de Alexandria e Josefo e representados pelos Manuscritos sectários do Mar Morto, estavam levando sua vida religiosa de reclusão em Qumrã e em outros locais. Eles influenciaram a vida judaica mais por sua fama e autoridade moral do que por impacto direto: a educação de não-membros era vetada por suas regras. Ainda assim, sua comunidade pode ter servido de modelo para a organização da primeira igreja cristã em Jerusalém, que, como a seita essênia descrita por Josefo, Filo, Plínio, o Velho, e a Regra Comunitária de Qumrã, vivia de um fundo comum administrado pelos apóstolos. Alguns dos fazedores de chuva e curandeiros-exorcistas carismáticos, como os netos de Honi, *Abba Hilquiá e *Hanã, e o homem de Deus galileu *Hanina ben Dosa, também pertenciam ao mesmo país e viveram no período anterior à primeira guerra judaica.

A atuação pública de Jesus se ajusta perfeitamente ao reinado do imperador Tibério (14-37 d.C.). Ela se deu durante o governo de Pôncio Pilatos (26-36 d.C.) e o sumo sacerdócio de Caifás (18-36/7 d.C.). De acordo com Lucas, João Batista entrou em cena no 15º ano de Tibério (29 d.C.) e logo foi seguido por Jesus, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, mais provavelmente em 30 d.C. Dos dois grandes autores judeus do século I d.C., Filo (20 a.C.-40 d.C.) foi contemporâneo de Jesus e Flávio Josefo (37-100 d.C.) pertenceu à geração seguinte, que testemunhou os primórdios da comunidade judaico-cristã. Como todas as figuras importantes do Novo Testamento têm seus próprios verbetes neste *Quem é quem*, parece supérfluo relacioná-las aqui. A informação sobre João Batista e Jesus contida em *Antiguidades judaicas*, de Flávio Josefo, que algumas vezes coincide com a história contida nos Evangelhos e algumas vezes não, é considerada autêntica pelos melhores estudiosos de hoje, e será tratada assim nos verbetes pertinentes.

No final desse período (41 d.C.), Augusto e Tibério tinham partido, mas o insano Gaio *Calígula ainda estava lá criando um problema para as questões judaicas, ao insistir em que sua estátua fosse instalada no Templo de Jerusalém e que ele fosse venerado como um deus. Herodes Antipas

e Pôncio Pilatos foram afastados simultaneamente pelos romanos e enviados para o exílio no que hoje corresponde ao sul da França. Caifás também foi removido do posto de sumo sacerdote. A liderança do movimento cristão na Judéia estava nas mãos de Pedro e *Tiago, o irmão do Senhor, mas ele logo seria dominado fora da Terra de Israel pela figura imponente de Saulo de Tarso, São Paulo. O movimento de Jesus ainda estava enraizado na sociedade judaica palestina, mas estava quase pronto para uma declaração de independência unilateral e para se dedicar à evangelização do mundo gentio do império romano.

4

*AGRIPA I (41-44 D.C.) — PROCURADORES ROMANOS (44-66 D.C.) — PRIMEIRA REBELIÃO (66-70 [73/74] D.C.) — O INÍCIO DO JUDEU-CRISTIANISMO E A CARREIRA DE SÃO PAULO

O período que vai de Agripa I, neto de Herodes, o Grande, nomeado rei dos judeus por Calígula em 41 d.C., até a queda de Jerusalém e Massada, no fim da primeira guerra contra os romanos (66-73/74 d.C.), mostra uma situação política cada vez mais grave. Os procuradores romanos encarregados do Estado judeu desde a morte de Agripa I, em 44 d.C., até a eclosão da rebelião, em 66 d.C., poucas vezes foram capazes de exercer pleno controle. Assim como foi de pouca valia para resolver os problemas a ajuda especializada e de boa vontade oferecida por Agripa II, filho de Agripa I, *playboy* aposentado da alta sociedade romana a quem o imperador Cláudio tinha cedido o reino de Gaulinites, Batanéia e Traconites. A facção assassina de judeus revolucionários conhecida como *Sicários* (assassinos) tornava a vida impossível. Eles não foram abalados pelo exemplo dado com os filhos de Judas Galileu, que Tibério Júlio *Alexandre, governador romano da Judéia, prendeu e sentenciou à crucifixão. Os últimos procuradores, incompetentes e corruptos, agravaram o quadro ainda mais.

O nascente cristianismo também teve seus altos e baixos durante esses anos. Na Judéia, duas figuras importantes da Igreja Palestina tiveram morte violenta. Por motivos não revelados pelo autor dos Atos dos Apóstolos, o reconhecidamente suave Agripa I teria condenado *Tiago, filho de Zebedeu, à decapitação, forma secular de pena de morte para um crime secular, e o sumo sacerdote *Anã, filho de Anás, ordenou — injustamente, de acordo com Josefo — a execução por apedrejamento do santo *Tiago, o irmão do Senhor, por ter "violado a lei". A tradição da Igreja situa o martírio dos apóstolos Pedro e Paulo nos últimos anos de *Nero, cujo reinado terminou em 68 d.C. Pelo lado positivo, a pregação do evangelho aos judeus palestinos continuou, embora sem progressos espetaculares, mas a decisão do concílio de apóstolos reunido em Jerusalém, em 49 d.C., liberou Paulo e *Barnabé para sua missão impressionantemente bem-sucedida entre os gentios da Diáspora, já que a precondição da aceitação do judaísmo tinha sido anulada e os homens não-judeus podiam ser batizados sem serem primeiramente obrigados a se submeter à circuncisão. Paulo e seus ajudantes estavam proclamando o evangelho entre os habitantes da Ásia Menor e da Grécia continental entre 49 e 58 d.C., e as epístolas paulinas foram todas escritas na década de 50 e, possivelmente, no início da década de 60 do século I d.C. Os acontecimentos da carreira de Paulo se ajustam perfeitamente à história romana. Seu comparecimento perante o tribunal de *Gálio, irmão do filósofo Sêneca, aconteceu em Corinto entre 51 e 53 d.C., quando Gálio era procônsul em Acaia, e Paulo foi preso em Jerusalém nos últimos anos da procuradoria de *Félix (52-60 d.C.). Como ainda era prisioneiro em Cesaréia dois anos depois, quando *Festo substituiu Félix em 60 d.C., seu cativeiro deve ter começado em 58 d.C. Paulo foi transferido para Roma, a fim de ser julgado por Nero, após sobreviver a um naufrágio perto de Malta no fim dos anos 60 d.C.

As nuvens negras estavam se acumulando e, apesar dos esforços iniciais por parte das classes altas judaicas, a guerra catastrófica contra o Império Romano se tornou inevitável. Conhecemos todos os detalhes

por Josefo, que no início era até mesmo um líder não muito entusiasmado com a revolta. Logo o comando foi transferido para homens violentos, como *João de Gíscala, *Simão, filho de Giora, e o mais teimoso entre eles, o capitão de Massada, *Eleazar, filho de Jairo, neto do patriarca revolucionário Judas Galileu. Mas eles não eram páreo para as forças romanas de dois futuros imperadores, *Vespasiano e *Tito. A luta foi sangrenta. Judeus capturados eram crucificados às centenas diariamente. A cidade foi destruída e o Templo reduzido a cinzas. Nem mesmo a aparentemente inexpugnável fortaleza de Massada conseguiu conter os homens e as máquinas de guerra do governador romano *Silva em 73/74 d.C. Os sensatos defensores preferiram a morte auto-infligida à tortura e à crucifixão romanas.

De acordo com a tradição judaica, *Iohanã ben Zacai e Gamaliel II se instalaram, com a permissão de Vespasiano, na cidade costeira de Jâmnia, ou Iabne, e, cercados por um dedicado grupo de rabinos, começaram a redefinir, e dessa forma preservar, uma religião judaica sem Templo, sumo sacerdote ou sinédrio.

O estado da Igreja judeu-cristã é esboçado por Jesus no discurso escatológico dos Evangelhos Sinópticos. A tradição teológica cristã, registrada séculos depois pelo historiador Eusébio, interpretou a destruição de Jerusalém como uma punição divina lançada sobre os judeus "por seus crimes abomináveis contra Cristo e seus apóstolos". Eusébio afirma ainda que os membros da Igreja de Jerusalém, alertados por um oráculo profético antes da eclosão da guerra, migraram da capital e se instalaram na cidade de Pela, na Transjordânia. Não temos confirmação fora de Eusébio para essa afirmação. Nem nada nos é dito sobre o destino daqueles que tinham migrado para Pela, embora outra lenda cristã referente à perseguição da Igreja pelo líder da segunda rebelião judaica, *Simeão bar Kosiba, ou Bar Kokba, insinue que os refugiados de Pela cruzaram mais uma vez o Jordão após o final da guerra e se instalaram novamente na terra de Israel.

5
DA QUEDA DE JERUSALÉM AO FIM DA SEGUNDA REBELIÃO SOB ADRIANO — A SAÍDA CRISTÃ DE SEU AMBIENTE SOCIAL JUDAICO (70-135 D.C.)

O resultado da primeira rebelião fracassada contra Roma gerou privações tanto para judeus quanto para cristãos. O vitorioso imperador Vespasiano tratou todo o território conquistado como sua propriedade particular, e, além da perda das instituições nacionais e religiosas, todos os judeus da Palestina e da Diáspora foram submetidos à humilhação de ter o imposto pessoal anual, que pagavam espontaneamente para a manutenção do santuário de Jerusalém, confiscado e transformado em um imposto anual conhecido como *fiscus iudaicus*, ou imposto judeu, para sustentar o templo de Júpiter Capitolino, em Roma. Ele foi cobrado com particular empenho sob Domiciano (81-96 d.C.), embora aparentemente a severidade tenha sido abrandada de acordo com uma moeda cunhada pelo seu sucessor, o imperador Nerva (96-98 d.C.). A conversão ao judaísmo, considerada como adoção do ateísmo, também foi completamente proibida. A rebelião dos judeus no Egito e em Cirena, em 115, sob *Trajano, acrescentou ainda mais combustível ao virulento antijudaísmo dos romanos, e o grande conflito da segunda guerra (132-135) já assomava no horizonte.

As causas do levante judaico, inspirado e liderado por Simeão bar Kosiba, ou Bar Kokba, durante o reinado de Adriano, são há muito tempo tema de discussão, mas as circunstâncias da guerra e a administração revolucionária do país ficaram mais conhecidas atualmente graças aos arquivos de documentos legais e cartas descobertos nas grutas de Vadi Murabat e Vadi Seial, no deserto da Judéia, na década de 1950 e início da década de 1960. O governador romano da Judéia, *Tinéio Rufo, foi incapaz de enfrentar as forças guerrilheiras de Simeão, o arrogante e autoproclamado chefe de Estado — ele se autodenominava príncipe (*Nasi*) de Israel —, e se passaram três anos de luta terrível e muito sangue derramado por ambos os lados antes que Júlio Severo, o maior de todos os

generais de Roma, convocado às pressas da distante Bretanha, conseguisse esmagar a revolta, em 135 d.C. Durante anos campeou a perseguição; rabinos famosos, entre eles Áquiba, perderam a vida, e a prática da religião judaica foi proibida sob pena de morte. Os judeus foram expulsos em bando da Judéia, e sua antiga capital, luxuosamente reconstruída pelo imperador como cidade pagã, perdeu até mesmo seu nome, se tornando Aélia em homenagem ao triunfante Públio Élio Adriano. Mas fora da Judéia, e especialmente na Galiléia, a vida judaica continuou, e graças ao zelo e à persistência dos líderes rabínicos ganhou nova força recodificada na mixná e no Talmude palestino, ou mais exatamente galileu.

Os judeus palestinos membros do movimento de Jesus, uma pequena seita da Judéia aos olhos dos romanos, continuaram a existir após a destruição de Jerusalém. Os Padres da Igreja se referem a eles como ebionitas ou nazorenos. Eles foram tratados como hereges por resistirem às desenvolvidas doutrinas cristãs da divindade de Jesus e de sua concepção virginal, e por seguirem rigidamente a tradicional forma de vida judaica. Restaram poucas provas relativas a eles, mas histórias ocasionais preservadas na literatura rabínica, como a oferta do judeu-cristão *Jacó de Quefar Secaniá de curar um rabino em nome de Jesus, e a lendária admissão do destacado rabino Eliezer ben Hircano de ter aceitado um ensinamento de Jesus, sugerem que os dois grupos ainda se falavam de forma pouco amistosa.

Caso se possa confiar na tradição cristã escrita no século IV por Eusébio, a busca de revolucionários judeus desde a época de Vespasiano até Trajano afetou também a família de Jesus, suspeita de espalhar a esperança do retorno do Messias. Sem dúvida, o arrefecimento da expectativa de um iminente Segundo Advento logo reduziu o risco de retaliação romana, embora não antes que os netos de *Judas, sobrinhos-netos de Jesus, fossem colocados em uma lista negra política sob Domiciano, e que *Simeão, filho de Clopas, primo de Jesus e sucessor de Tiago, o irmão do Senhor, como bispo de Jerusalém, tivessem mortes de mártires sob Trajano na primeira década do século II d.C.

A perspectiva para os cristãos não-judeus das igrejas fundadas por Paulo era igualmente lúgubre no mundo romano. Já sob Nero, eles eram vistos como adeptos de uma superstição perniciosa; muitos deles foram crucificados em Roma e, embora a filiação à Igreja não fosse considerada base suficiente para processo sob Trajano, implicava uma *prima facie* suspeita de criminalidade. Ao longo dos dois séculos que se seguiram à derrota de Bar Kokba, a situação dos judeus no Império Romano melhorou silenciosamente, ao passo que a dos cristãos, submetidos a perseguições sucessivas, conseguiu piorar. Contudo a vitória do imperador Constantino na ponte de Mílvio, em 112 d.C., reverteu o processo e deu uma ajuda ao cristianismo.

Esta pesquisa da história judaica e judaico-cristã em um resumo desde a anexação da Judéia como província romana, em 63 a.C., até o fim da segunda rebelião judaica contra Roma, em 135 d.C., e o próprio *Quem é Quem*, têm a intenção de propor uma compreensão dinâmica de Jesus em sua época. Ele está no meio de duzentos anos movimentados: ele morreu aproximadamente cem anos depois da entrada de Pompeu em Jerusalém e cem anos antes da derrota de Bar Kokba na batalha de Beter.

É minha sincera esperança que a perspectiva histórica oferecida por estas vinhetas permita ao leitor captar a realidade histórica das principais figuras do Novo Testamento e compreender melhor sua ligação com os protagonistas judeus e romanos da sociedade de sua época.

QUEM É QUEM

A

ABBA HILQUIÁ

Abba Hilquiá, neto de *Honi, o traçador de círculos e provavelmente um contemporâneo mais velho de *Jesus, foi um carismático fazedor de chuva. Os escritos rabínicos não contêm detalhes sobre sua vida, mas ele é idêntico a um certo hasside não identificado da aldeia de Quefar Imi, mencionado no Talmude palestino, com a localização sugerindo que fosse um galileu. Foi preservada apenas uma história relativa a ele, mas é muito interessante e significativa.

Abba Hilquiá era um interiorano simples e aparentemente anti-sociável e foi localizado trabalhando no campo pelos dois mensageiros enviados pelos rabinos para convencê-lo a fazer chover durante um período de seca. Ele não deu atenção aos enviados, terminou seu trabalho e caminhou de volta para casa com os pés descalços. Lá, sentou-se para jantar sem convidar os mensageiros à sua mesa porque não havia comida suficiente para os convidados. Após a refeição, ainda ignorando os dois aprendizes de rabinos, Abba Hilquiá pediu à esposa que subisse ao telhado da casa com ele e rezar por chuva. Ele sabia, sem que o tivessem dito, o objetivo da visita. Marido e mulher se dirigiram a Deus de cantos opostos do telhado, e as nuvens surgiram do lado da esposa, sugerindo a maior eficácia de sua oração. Assim que o milagre se completou, Abba

Hilquiá perguntou sobre a razão da chegada dos enviados, e, quando eles contaram, respondeu modestamente que sua oração já não era necessária. Os aprendizes de rabinos não se deixaram enganar: "Nós bem sabemos que esta chuva chegou por seu intermédio", declararam.

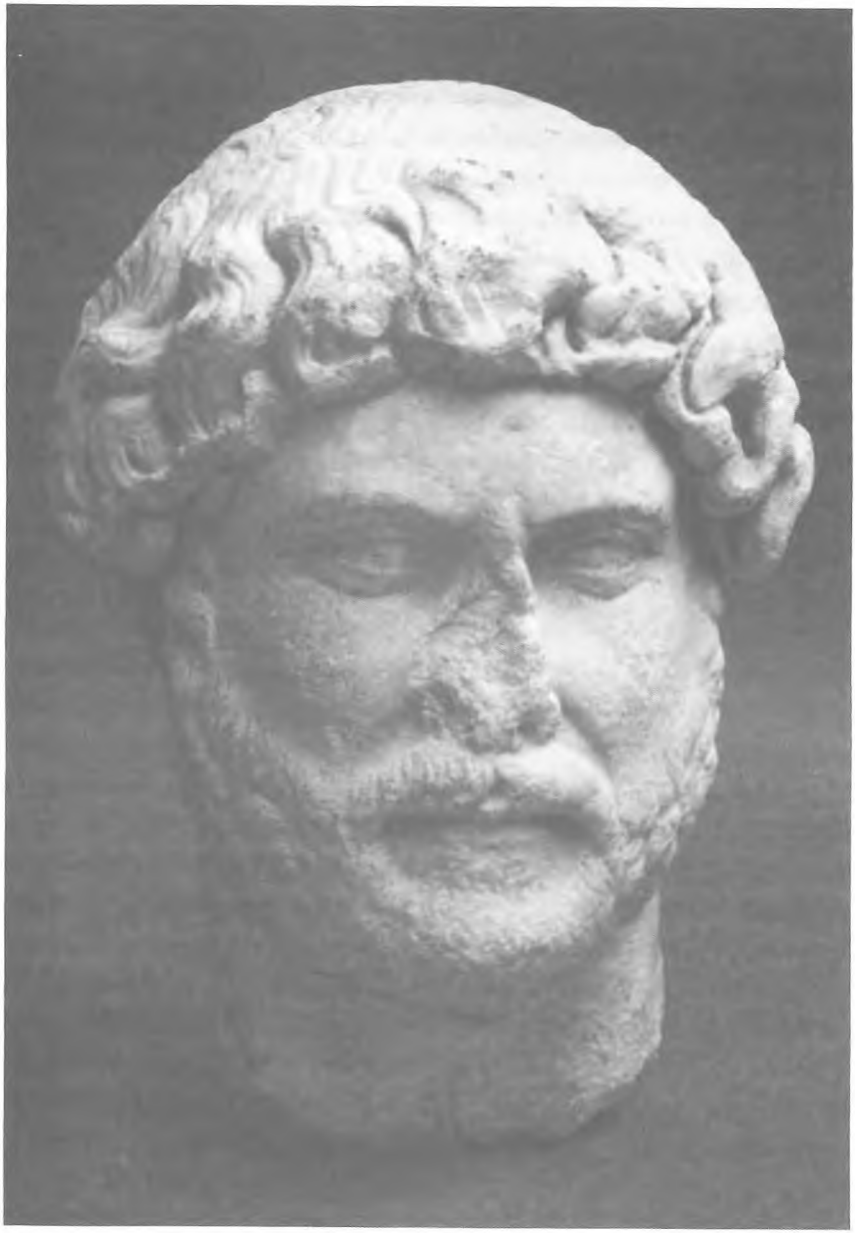
A história ilustra de forma maravilhosa a psicologia do carismático. Ele é recatado em sua humildade e sabe antecipadamente o que as pessoas esperam dele. Não atribui a si crédito pela realização da maravilha e finge que, porque ela se devia às orações de sua esposa ou porque a chuva já estava a caminho, não havia necessidade de nenhuma oração. Mas os enviados, que representam os judeus comuns da época, não tiveram dúvida de que Abba Hilquiá era o responsável pelo milagre. A história nos relembra diversas passagens dos evangelhos em que, após curar doentes, Jesus atribui a cura não a seu poder carismático, mas à fé das pessoas.

Fonte: bTaan, 23 ab.

ADRIANO

Públio Élio Adriano (76-138 d.C.), o sucessor de *Trajano, governou o mundo romano de 117 a 138 d.C. Ficou conhecido pela fortificação das fronteiras do império, que na Bretanha consistiu na construção de uma muralha defensiva de aproximadamente 120 quilômetros de comprimento, ainda conhecida como Muralha de Adriano, entre Newcastle e Carlisle. Como governante que esmagou a segunda rebelião dos judeus contra Roma, Adriano deixou uma marca profunda na história judaica. Não nutriu sentimentos hostis contra os judeus durante a maior parte de seu reinado. O conflito liderado por Bar Kokba (ver o verbete sobre Simeão bar Kosiba), conhecido como a segunda guerra dos judeus contra Roma, não ocorreria antes de 132 e durou até 135 d.C. Como essa guerra ocorreu é tema de grande controvérsia.

A explicação menos provável é a lenda judaica segundo a qual Adriano inicialmente aprovou o pedido dos judeus de reconstruir o Templo e



Imperador Adriano

depois retirou seu consentimento em função da objeção dos samaritanos. Sua recusa teria levado a um levante armado que evoluiu para uma guerra de três anos. A história é contada na midraxe rabínica chamada Gênesis Rabá, provavelmente compilada no século V, mas não é confirmada por qualquer fonte romana. A reconstrução do Templo judaico teria se chocado contra o programa construtivo do próprio Adriano.

Uma causa mais provável para a guerra, mas ainda assim questionável, teria sido a proibição da circuncisão imposta por Adriano. De acordo com o historiador romano Espartiano, o levante foi deflagrado devido ao decreto que proibia os judeus de "mutilarem seus genitais" ("*vetabantur mutilare genitalia*"). Na verdade, a legislação contra a circuncisão não era dirigida especificamente aos judeus, mas a todas as nações que praticavam o ritual, incluindo os árabes nabateus, os samaritanos e a casta sacerdotal do Egito. O decreto era fruto da suposição de que a circuncisão era uma subcategoria de castração, que em função da lei romana conhecida como *lex Cornelia* era passível de punição com o exílio ou a pena de morte. Não surpreende que os judeus vissem no decreto um ataque direto à sua religião, ao qual achavam que deveriam resistir a qualquer custo. De fato, o mais tolerante Antonino Pio, sucessor de Adriano (138-161 d.C.), embora mantendo a proibição genérica, dispensou os judeus no que dizia respeito à circuncisão de seus próprios filhos. Uma terceira razão para a guerra pode ser identificada na decisão tomada por Adriano de construir uma cidade romana a ser chamada Élia, em homenagem a seu próprio nome de família, Élio (Aelius), no local das ruínas de Jerusalém (Cássio Dio). Tendo em mente o contexto histórico geral, essa explicação parece ser a mais provável. Cássio Dio relata que a construção da cidade de Colônia Élia Capitolina — Élia, para encurtar — começou durante a estada de Adriano no Egito, na Judéia e na Síria, por volta de 130 d.C., e sabemos que a guerra, inspirada e liderada por Simeão bar Kosiba, eclodiu em 132 d.C. É plenamente concebível que os sentimentos de hostilidade deflagrados pela construção da nova cidade tivessem se combinado com o sentimento de ultraje provocado pela legislação anticircuncisão, mas é igualmente provável que esta última tenha sido

imposta aos judeus como uma medida punitiva depois de esmagada a rebelião.

A supressão da revolta foi inicialmente confiada ao governador da Judéia, *Tinéio Rufo, mas quando ele se mostrou incapaz Adriano convocou da Bretanha um de seus melhores generais, Júlio Severo, que acabou com a guerra, em 135 d.C., com a captura de Beter, a última fortaleza dos rebeldes judeus ao sul de Jerusalém.

A nova cidade erguida sobre as ruínas de Jerusalém foi inteiramente paganizada, e os judeus proibidos de entrar nela. O Templo judaico foi substituído por um dedicado a Júpiter Capitolino, e uma estátua eqüestre de Adriano dominava a paisagem. A independência política judaica tinha chegado ao fim pelos 1.800 anos seguintes.

Os cristãos se saíram melhor sob Adriano do que os judeus. Ele deu continuidade à política relativamente liberal de Trajano. Em resposta a uma carta enviada ao imperador por Quinto Licínio Silvano Graniano, procônsul da Ásia, em 121/122, que foi recebida em 122/123 por seu sucessor, Minúcio Fundano, Adriano insistia em que as acusações contra os cristãos deviam ser feitas não por petição e gritos, mas no tribunal do procônsul. Se cristãos fossem considerados culpados por violar a lei, deveriam ser sentenciados de acordo com a gravidade do crime. Mas o imperador acrescentava: "Por Hércules, se alguém tomar essa atitude de modo a fazer acusações infundadas, tome conhecimento dessa iniqüidade e avalie como puni-lo" (*Justino, Eusébio).

Fontes: Spartianus, *História Augusta: Vida de Adriano*, 14:2. Dio 69:12, 1 — 2; Justino, *Apologia* 1:68. Eusébio, *Hist. Ecl.* 4:9; Genesis Rabbah 64:8.

ÁGABO

Ágabo foi um profeta carismático judeu-cristão palestino duas vezes mencionado como estando na companhia de São *Paulo. Na primeira oportunidade, em Antioquia, na Síria, ele chegou juntamente com ou-

tros profetas e anunciou que se aproximava uma fome mundial, que de fato ocorreu nos dias do imperador *Cláudio. A fome, no que diz respeito à Judéia, também é citada por *Josefo, que a situa na época da procuradoria de Tibério Júlio *Alexandre (46-48 d.C.). A segunda atuação profética de Ágabo coincidiu com a chegada de São Paulo a Cesaréia poucos dias antes de sua prisão, em 58 d.C. O profeta tinha descido da Judéia e, pegando a faixa de Paulo, amarrou seus pés e suas mãos, simbolizando desse modo o destino do proprietário da faixa, que seria detido pelos judeus e entregue por eles aos gentios. (Para o autor dos Atos dos Apóstolos, nem Ágabo nem Paulo contam como judeus; apenas seus inimigos o são.)

O caso de Ágabo não é excepcional. Profecias e outras atividades carismáticas floresceram nas primeiras fases da Igreja judaica palestina: curas, falar línguas, primeiramente pelos apóstolos no Pentecostes e depois pelos membros da família do centurião romano *Cornélio, pelas quatro filhas profetisas solteiras de *Filipe, o Diácono, e, finalmente, pelos membros cristão-gentios da Igreja Coríntia fundada por São Paulo (1Cor 12,10; 14, 1-25). Ágabo foi um representante característico da cristandade primitiva.

Fontes: At 11, 28. 21, 10. Josefo, *Ant.* 20:101.

AGRIPA I

Agripa, ou Herodes Agripa, era filho de *Aristóbulo, o filho executado de *Herodes, o Grande, e *Berenice, filha da irmã de Herodes, *Salomé, e seu segundo marido, Costobar, igualmente executado por Herodes. Agripa nasceu em 10 a.C. e aos seis anos de idade foi enviado pelo avô para Roma, de modo a receber educação adequada. Lá permaneceu por mais de um quarto de século.

Antes de retornar ao Levante em 37 d.C., primeiramente como herdeiro da tetrarquia de *Filipe, e depois como rei da Judéia (41-44 d.C.), Agripa levou uma vida pródiga, vivendo muito além de suas possibili-



Rei Agripa I

dades na alta sociedade romana. Tornou-se amigo de Druso, filho do imperador *Tibério, e para se manter à altura desse ambiente de classe alta contraiu dívidas enormes. Quando Druso morreu, Agripa perdeu o patrocínio imperial, e a pressão dos credores o obrigou a fugir. Ele desapareceu por algum tempo em uma fortaleza da Iduméia, onde pensou em suicídio. Sua irmã, *Herodíades, na época esposa de *Antipas, o tetrarca da Galiléia, foi resgatá-lo. Agripa recebeu de Antipas uma casa na capital, Tiberíades, e um emprego de supervisor dos mercados. Contudo os dois cunhados logo se separaram e o supervisor de mercado demitido encontrou abrigo em Antioquia com um de seus antigos amigos romanos, Flaco, então governador da Síria. O acerto chegou ao fim quando

Flaco descobriu a desonestidade de Agripa. Com um empréstimo obtido por meios escusos, ele fugiu para a Itália em 36 d.C. Tibério o recebeu em sua residência em Capri após Agripa ter quitado com ele uma grande dívida, com recursos emprestados pela mãe do futuro imperador *Cláudio. Enquanto isso, ele se insinuou a Gaio *Calígula e descuidadamente expressou em público seu desejo de que Calígula sucedesse rapidamente a Tibério. A conversa foi ouvida e relatada ao imperador, e Agripa terminou na prisão.

Seis meses depois, na primavera de 37 d.C., Tibério morreu. Calígula subiu ao trono e as perspectivas de Agripa subitamente mudaram para melhor. Não apenas ele foi libertado da cadeia, como seu grande amigo, o novo imperador, deu a ele a tetrarquia de Filipe e o título de rei. Para indenizá-lo por sua detenção, Calígula trocou as correntes de ferro por uma de ouro do mesmo peso. Agripa retornou para assumir seu reino no outono de 38 d.C., e dois anos depois seu amigo imperial lhe deu a Galiléia e a Peréia, anteriormente territórios de Herodes Antipas, que tinha caído em desgraça. Em 40 d.C., Agripa, novamente em Roma, conseguiu durante algum tempo dissuadir Calígula de levar a cabo seu plano de instalar sua estátua no Templo de Jerusalém. Após o assassinato do imperador louco, ele conseguiu manobrar, no início de 41 d.C., para garantir o trono imperial para seu outro amigo de infância, Cláudio. O novo imperador, agradecido, acrescentou a Judéia e a Samaria ao antigo reino desse sortudo aventureiro de alta estirpe. Agripa I foi rei da Judéia de 41 a 44 d.C. e reinou sobre um país tão grande quanto o de Herodes, o Grande.

Como governante, Agripa seguiu os passos de seu avô Herodes, o Grande, e tentou servir tanto ao judaísmo quanto ao helenismo. No que diz respeito ao judaísmo, ele foi melhor que Herodes. Em muitas oportunidades ele se mostrou um judeu devoto. Em sua primeira visita a Jerusalém, doou ao Templo a corrente de ouro que tinha recebido de Calígula. Também fez sacrifícios de ação de graças e ajudou financeiramente judeus devotos conhecidos como nazarenos a cumprir com suas obrigações sacrificiais. De acordo com a mixná, o mais antigo código rabínico, ele participou pesso-

almente do ritual de oferecimento do primeiro fruto do Templo e, no encerramento do ano sabático em 42 d.C., leu no Templo a passagem prescrita do Livro do Deuteronômio. *Josefo também atesta sua presença constante em Jerusalém, sua obediência escrupulosa à Lei Mosaica e seu desejo de ajudar os judeus que viviam fora de seu reino.

Os fariseus estavam contentes com o governo de Agripa e o reconheciam como seu irmão apesar de seus antepassados da Iduméia. Já os romanos estavam menos satisfeitos. Cláudio interrompeu a conclusão de uma nova muralha defensiva que Agripa tinha começado a construir em Jerusalém. Também o encontro de cinco reis-aliados organizado por ele em Tiberíades foi considerado prejudicial aos interesses romanos por Marso, o governador romano da Síria, que instruiu firmemente os potentados a irem para casa imediatamente.

Embora professasse o judaísmo na Judéia, no exterior Agripa, assim como Herodes, o Grande, era um defensor do helenismo. Em Berito (Beirute), ele construiu banhos, colunatas, um teatro e um anfiteatro. Também organizou jogos em Berito e em Cesaréia. Inscrições gregas o identificam como "amigo do imperador" e "amigo dos romanos". Suas moedas cunhadas em Jerusalém não trazem uma efígie, mas outras produzidas fora do território judaico trazem a imagem do imperador e mesmo do próprio Agripa. Tanto suas atitudes pró-judaicas quanto as pró-romanas eram sinceras; Agripa era um rei judeu que tivera uma educação romana. Ainda assim, seu comportamento judaico desagradou a alguns de seus súditos não-judeus. Ao receberem a notícia da morte repentina de Agripa em 44 d.C. aos 44 anos de idade, os moradores de Cesaréia e os de Sebaste (Samaria) gritaram obscenidades e colocaram as estátuas das filhas do rei no teto dos prostíbulos. Agripa deixou três filhas e um filho, o futuro Agripa II, então com 17 anos de idade. Cláudio decidiu interromper a sucessão real e a província da Judéia foi administrada por procuradores romanos até o começo da primeira guerra judaica.

Um Agripa bastante diferente, que perseguiu com determinação a Igreja Católica, é retratado nos Atos dos Apóstolos. Sem qualquer expli-

cação, ele teria ordenado a decapitação do apóstolo *Tiago filho de Zebedeu, e como essa atitude aparentemente teria sido bem recebida pelos judeus, ele jogou *Pedro na cadeia. De acordo com os Atos, Pedro foi resgatado milagrosamente por um anjo, e Agripa descarregou sua fúria executando os guardas. O mesmo livro dos Atos também apresenta a morte de Agripa de uma forma tipicamente lendária, como uma punição adequada por seu crime. Quando, trajando uma veste esplêndida, ele discursava para uma delegação de Tiro e Sídon, a platéia, sem dúvida para bajulá-lo, disse que sua voz era a de um deus. Então um anjo o matou e seu corpo foi imediatamente devorado pelos vermes.

No relato de Josefo, Agripa vestia, durante espetáculos em homenagem ao imperador, um traje prateado reluzente que brilhava quando iluminado pelo sol nascente. A visão esplêndida provocou gritos de seus sicofantas dizendo que ele era um deus. Agripa não os censurou, e imediatamente viu o mau augúrio na forma de uma coruja. Sofreu com dores abdominais terríveis e, se dando conta de que tinha chegado ao fim do caminho, o Agripa de Josefo aceitou piamente a vontade de Deus e morreu cinco dias depois. O falecimento do rei muito amado foi chorado por toda a população.

O retrato de Agripa esboçado nos Atos dos Apóstolos dificilmente se ajusta ao homem que encontramos no relato muito detalhado de Josefo. Ele era uma pessoa gentil. Em certa oportunidade, segundo Josefo, teria perdoado e mandado embora com um presente um destacado fariseu que o tinha acusado publicamente de transgredir a lei. Após as tolices de seus primeiros anos, Agripa se transformou em um governante agradável, de bom coração e generoso tanto para judeus quanto para os não-judeus. Os judeus o chamavam de seu "irmão" (mSot. 7:8), e, para Josefo, ele era um "grande rei" (*Ant.* 20:104).

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:178-82; 206-22 *Ant.* 18:143-239; 19:274-359. At 12.

AGRIPA II

Agripa II, ou Marco Júlio Agripa, não herdou o reino de seu pai quando *Agripa I morreu, em 44 d.C. Os conselheiros do imperador *Cláudio se opuseram a entregar plenos poderes reais a um jovem de 17 anos de idade que iria continuar sua educação em Roma até 52 d.C. Em 50 d.C., ele recebeu do imperador o pequeno reino anteriormente governado por Herodes de Cálcis, juntamente com o direito de supervisionar o templo de Jerusalém e nomear ou afastar sumos sacerdotes. Em compensação, por seu pequeno território ele recebeu de Cláudio, em 53 d.C., a oferta da antiga tetrarquia de *Filipe: Gaulanites, Batanéia e Traconites, ao qual o novo imperador *Nero acrescentou os distritos galileus e da Peréia de Tiberíades, Tarichéias e Júlias.

Agripa foi influenciado por sua irmã *Berenice, com quem se dizia que vivia um relacionamento incestuoso. Ele se dedicou de todo coração a defender os interesses de seus mestres romanos, contribuindo com ajudantes para a guerra contra os partos (54 d.C.) e recebendo solenemente em 60 d.C. o procurador Pórcio *Festo quando de sua chegada à Judéia. Para homenagear o imperador Nero, rebatizou sua capital, Cesaréia de Filipe, de Neroníade, e colocou as efígies dos sucessivos imperadores em suas moedas.

Agripa II sempre buscou satisfazer seus súditos judeus cuidando de seu bem-estar e observando as exigências religiosas do judaísmo. Insistiu em que os maridos não-judeus de sua irmã Berenice se submetessem à circuncisão e é descrito como familiarizado com a Lei Mosaica, freqüentemente envolvido em discussões com professores rabínicos. Quando o templo de Herodes foi finalmente concluído na época do procurador *Albino, Agripa recontratou os 18 mil operários para mantê-los empregados e determinou que eles calçassem as ruas de Jerusalém com pedras brancas.

Com o início da rebelião contra Roma em 66 d.C., Agripa apoiou a facção pacifista dos judeus. Os belicistas triunfaram, porém, e a partir



Rei Agripa II

de então Agripa se mostrou inteiramente pró-romano. Após reveses iniciais, os romanos controlaram a Galiléia em 67 d.C., e Agripa recebeu *Vespasiano, o comandante-em-chefe, em Cesaréia de Filipe. Na companhia de *Tito, filho de Vespasiano, viajou para Roma após o suicídio de Nero em 68 d.C., mas foi chamado de volta para casa por Berenice quando os exércitos romanos do oriente proclamaram Vespasiano imperador no verão de 69 d.C.

Agripa foi companheiro constante de Tito no último ano da guerra e durante o cerco de Jerusalém. Seu pleno apoio à causa de Roma foi recompensado com a concessão de novos territórios no norte do Líbano. Novamente em Roma, com a irmã, em 75 d.C., Agripa foi elevado ao grau de pretor, enquanto Berenice continuou a ser amante de Tito até que, pressionado, o imperador a mandou para casa. Agripa morreu no terceiro ano do imperador *Trajano (100 d.C.) ou, mais provavelmente, em 92/3 d.C.

Agripa teve contato com Josefo, e escreveu para ele 62 cartas. Duas delas, nas quais elogia o relato feito pelo historiador da guerra judaica, são citadas por Josefo: "Parece-me que você escreveu com muito mais cuidado e precisão que qualquer outro que tenha abordado o tema. Envie-me os volumes restantes" (*Vida*, 365). Não se sabe se Agripa realmente recebeu os volumes pedidos. De fato, em *Contra Apião* (1:51) é dito que Josefo "vendeu" uma cópia da obra para o "admirável rei Agripa".

Os Atos dos Apóstolos mostram Agripa e Berenice em contato com São *Paulo em Cesaréia, onde o novo procurador *Festo buscou a ajuda de Agripa para entender o conflito de Paulo com as autoridades judaicas. Agripa concordou de boa vontade e Paulo apresentou-lhes sua versão. No final, Festo jocosamente disse que Paulo devia ser louco. Paulo então desafiou Agripa a dizer se acreditava nos profetas. O rei evitou o desafio observando, ironicamente: "Em pouco tempo você pensa em fazer de mim um cristão!" Com tudo o que sabemos sobre Agripa, é pouco provável que ele estivesse seriamente prestes a abraçar o cristianismo. As palavras, envolvidas em uma educada ironia real, mais provavelmente indicavam o desejo de Agripa de encerrar a longa discussão com Paulo.

Fontes: Josefo, *Ant.* 18-20, At. 25-6.

ALBINO

Lucéio Albino recebeu do imperador *Nero a procuradoria da Judéia entre 62 e 64 d.C. Era um homem ganancioso que recebia suborno de todos, do ex-sumo sacerdote Ananias aos sicários, e inescrupulosamente se apropriava de verbas públicas, bem como de propriedades particulares. Prisioneiros eram libertados quando pagavam um resgate suficiente. Todo o país estava convulsionado, e, para piorar tudo, quando chegou ao fim sua procuradoria, esvaziou as prisões executando os maiores cri-

minosos e deixando o restante dos prisioneiros se lançar sobre uma população sofrida e desamparada.

Foi pouco depois de sua chegada à Judéia que Albino teve de lidar com o caso de *Jesus, filho de Ananias, um agitado profeta do apocalipse que as autoridades judaicas tinham entregado ao procurador, já que eram incapazes de controlá-lo. Albino inicialmente o açoitou e então interrogou esse Jesus, mas, quando ele se recusou a responder a suas perguntas, declarou que o homem era lunático e o liberou.

Albino mais tarde se tornou governador da Mauritânia, no norte da África, onde colheu os frutos do que tinha feito. Foi assassinado pelos seguidores do imperador *Vitélio, rival do imperador Otônio, durante a luta pela sucessão de Nero em 69 d.C.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:272-7; *Ant.*, 20:197-215.

ALEXANDRE

Tibério Júlio Alexandre foi procurador romano na Judéia de 46 a 48 d.C. Era oriundo da abastada nobreza judaica alexandrina, sendo filho do superintendente (*alabarca*) da alfândega Alexandre, irmão do filósofo *Filo. Tibério Júlio Alexandre abandonou o judaísmo. Aparentemente, seu tio Filo debateu religião com ele, mas não conseguiu convencer o jovem a permanecer no rebanho judeu. Romanizado, Alexandre ingressou no serviço público imperial e se tornou o único governador romano da Judéia a ter origem judaica.

A agitação política continuou durante sua procuradoria, insuflada por Jacó e Simão, os dois filhos de Judas Galileu, fundador de uma facção revolucionária na época do censo organizado por *Quirino em 6 d.C. Ambos foram capturados, e Alexandre ordenou que fossem crucificados. A grande fome mencionada em relação ao reinado de *Cláudio ocorreu durante a procuradoria de Alexandre. Ele também é citado nos Atos

dos Apóstolos (11,28-30). As Igrejas de *Paulo e *Barnabé mandaram ajuda para os cristãos da Judéia, enquanto a rainha Helena de Adiabena, do norte da Mesopotâmia, que estava visitando Jerusalém, comprou comida no Egito para ajudar os necessitados habitantes judeus da Judéia.

A procuradoria da Judéia foi apenas o primeiro passo na brilhante carreira de Alexandre. O imperador *Nero o nomeou prefeito do Egito, e o rei Agripa II se apressou em ir a Alexandria para congratular-se com ele. Quando *Vespasiano foi proclamado imperador por seus soldados, Tibério Júlio Alexandre conseguiu para ele total apoio da população e das legiões no Egito. Mais tarde ele se tornou o mais fiel auxiliar, conselheiro e lugar-tenente de *Tito, sendo seu general intendente (*praefectus castrorum* ou *magister militum*) durante o cerco de Jerusalém, em 70 d.C. Alexandre construiu uma brilhante carreira para si, e vários de seus descendentes continuaram a ocupar posições importantes, incluindo consulados, na administração romana e no exército.

Fontes: Josefo, *Ant.*, 20:100-102. Filo, *On the Providence*, 2.

ALEXANDRA

Alexandra foi uma princesa asmoniana, filha do etnarca e sumo sacerdote *Hircano II. Casou com o primo Alexandre, filho de *Aristóbulo II, irmão de Hircano II. A filha deles, *Mariamna I, foi a segunda esposa de *Herodes, o Grande. A orgulhosa Alexandra considerava o plebeu Herodes uma péssima escolha para sua filha, e assim se desenvolveu uma duradoura rixa entre ela e Mariamna de um lado e Cipro e *Salomé I, mãe e irmã de Herodes, do outro. A hostilidade ficou patente quando Herodes descartou a pretensão do filho de Alexandra, *Aristóbulo III, ao sumo sacerdócio. Alexandra era amiga de *Cleópatra, rainha do Egito e esposa de Marco Antônio, o patrono romano de Herodes, e, juntas, induziram Marco Antônio a obrigar Herodes a afastar seu próprio indicado, *Ananel,

e colocar Aristóbulo, de 17 anos de idade, no posto pontifício. Mas o sucesso do estratagema teve curta duração: um acidente na piscina, encomendado por Herodes, custou a vida do jovem sumo sacerdote. A atormentada Alexandra se voltou mais uma vez para Cleópatra, e Marco Antônio convocou Herodes a se apresentar perante ele e se explicar. Mas, com a ajuda de uma grande propina, o habilidoso idumeu se safou do assassinato. Alexandra corajosamente enfrentou Herodes, mas perdeu a disposição quando sua filha Mariamna passou a lutar pela própria vida, acusada de cometer adultério com um amigo de Herodes, Soemus. Para alegar ignorância do comportamento de Mariamna, Alexandra repreendeu publicamente a filha de modo indigno, gritando com ela e puxando seu cabelo. Mariamna foi condenada à morte, mas a queda de Alexandra não estava distante. Enquanto Herodes desmoronava depois da execução de sua esposa preferida, Alexandra planejou tomar o trono para si mesma. Foi traída e executada por Herodes em 28 a.C. Quando comparada com seu pai, o gentil e nobre Hircano, e sua filha, a digna Mariamna, Alexandra demonstrou não ter o verdadeiro caráter real.

Fonte: Josefo, *Ant.* 15:23-252.

ANÃ, FILHO DE ANÁS

Anã foi o quinto filho de Anás, filho de *Séti, (6-15 d.C.), a se tornar sumo sacerdote. Isso não tinha precedente na história do pontificado judaico. Ele foi nomeado pelo rei *Agripa II em 62 d.C., após a morte do procurador romano *Festo mas antes da chegada de *Albino, sucessor de Festo. Anã, que era saduceu por filiação, ocupou o posto pontifício por apenas três meses. Era de temperamento violento e, de acordo com *Josefo, decidiu se valer da ausência de um procurador romano para se livrar de seus críticos, entre eles Tiago, o irmão do Senhor, "que era chamado de Cristo". Esses críticos de Anã foram levados ao sinédrio e apedrejados

até a morte. Josefo destaca que os judeus devotos e respeitadores da lei de Jerusalém ficaram escandalizados com o ato de Anã, relatando-o ao rei Agripa e ao novo procurador, *Albino. Albino ficou furioso e Agripa destituiu Anã do cargo pontifício.

Após a eclosão da guerra contra Roma, Anã e José, filho de Gorion, foram encarregados da defesa de Jerusalém. Durante a luta interna entre facções judaicas, Anã foi o líder do grupo pacifista e tentou acalmar a situação. Em questões políticas, Josefo o chama de "um homem de profundo equilíbrio". Anã se opôs aos rebeldes e se voltou contra Simão filho de *Giora, um dos principais revolucionários, e o obrigou a se retirar para a fortaleza de Massada por algum tempo. Contudo os sicários e seus aliados idumeus finalmente capturaram Anã e o mataram, deixando seu corpo nu insepulto para que os cães e os animais de rapina o devorassem (Josefo).

O contraste entre o retrato negativo de Anã em *Antiguidades* e a descrição favorável encontrada no livro anterior de Josefo, *Guerra Judaica*, é chocante. O personagem selvagem de *Antiguidades* contrasta com o perfil de um homem virtuoso. Em seu obituário de Anã, Josefo o descreve em termos lisonjeiros, como uma pessoa de absoluta integridade, generoso com os humildes, um homem de paz e um líder que sempre colocou o bem-estar geral acima dos interesses pessoais (*Guer.* 4:325). É difícil estabelecer se o julgamento favorável de Anã feito por Josefo em *Guerra Judaica* é fruto de seu ódio aos zelotes, inimigos mortais do sumo sacerdote, ou se a derrubada de Anás do sumo sacerdócio foi um choque profundo que realmente modificou seu caráter violento. Ao avaliar o tema, é preciso ter em mente que geralmente o Josefo de *Antiguidades* é um crítico mais duro da vida judaica do que o Josefo de *Guerra.*

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:563, 648-53; *Ant.* 20:197-203; *Vida* 193-6, 216, 309.

ANANEL

Ananel, ou possivelmente Hanamel (37/6 a.C.), foi o primeiro sumo sacerdote judaico nomeado por *Herodes, o Grande, para substituir o asmoniano *Hircano II. Hircano foi considerado incapaz de permanecer no posto quando o rei-sumo sacerdote rival, *Antígono, mutilou-o arrancando uma de suas orelhas, ou as duas. As origens de Ananel são controversas. *Josefo inicialmente o descreve como um sacerdote obscuro de origem babilônica, deliberadamente escolhido pelo inseguro Herodes porque seu caráter apagado tornava improvável que ele viesse a ser um líder de oposição. Porém mais tarde Josefo se contradiz e apresenta Ananel como membro de uma família de sumos sacerdotes e um estimado amigo do rei. Considera-se que esse Ananel é o mesmo Hanamel mencionado na mixná (mPar. 3:5). Mas Hanamel era judeu egípcio, não babilónico. Após dois anos, Herodes foi obrigado por *Marco Antônio, seu patrono romano, a afastar Ananel em benefício do neto de Hircano II, *Aristóbulo III, cuja mãe, *Alexandra, persuadiu *Cleópatra a defender o jovem príncipe asmoniano junto a seu marido, Marco Antônio. O rei, tendo considerado Aristóbulo III uma ameaça política, tramou seu assassinato em 35 a.C., e novamente convocou Ananel para o sumo sacerdócio (34-? a.C.)

Josefo descreve a deposição de Ananel como ilegal, pois o posto de sumo sacerdote era legalmente vitalício. Mas durante o período dos reis e tetrarcas herodianos, bem como sob os governadores romanos da Judéia, eram práticas comuns os freqüentes afastamentos e substituições de sumos sacerdotes. Os sumos sacerdotes foram mais influentes sob a direta administração romana do que durante o governo de Herodes e seus sucessores, já que, na ausência de um governante judeu leigo, o sumo sacerdote tinha tanto a liderança religiosa quanto a liderança secular da nação.

Fonte: Josefo, *Ant.* 15:22, 40.

ANANIAS, FILHO DE NEDEBEU

Ver em **Anás, filho de Séti.**

ANÁS (OU ANAS), FILHO DE SÉTI

Anás ou Anas (Hanã ou Hanin, em hebraico), filho de Séti (ou Set) foi o mais influente sumo sacerdote no século I d.C. e patriarca de uma dinastia pontifícia. Cinco de seus filhos, seu genro José *Caifás e um de seus netos ocuparam o sumo sacerdócio entre 16 e 66 d.C. O primeiro Anás foi nomeado sumo sacerdote por Quirino, governador romano da Síria, após o afastamento de *Joazar, filho de Boeto, em 6 d.C., por este ser excessivamente influenciado pelo populacho. Anás permaneceu no cargo durante nove anos até a chegada de *Valério Grato, que foi prefeito romano da Judéia de 15 a 26 d.C.

Após seu afastamento, Anás continuou a ser um líder ativo e influente da nação judaica. De acordo com *Lucas (3,2), no início da vida pública de *João Batista, Anás e Caifás dividiram o posto de sumo sacerdote. Contudo, como a lei religiosa judaica só reconhecia um único sumo sacerdote por vez, a explicação mais provável para o equívoco de Lucas é que o poder por trás do trono durante o pontificado de Caifás fosse seu sogro, o ex-sumo sacerdote Anás ou Anas. De acordo com o evangelho de *João, que não tem nenhuma referência a um julgamento apropriado de Jesus, ele foi inicialmente levado para interrogatório na casa de Anás (Jo 18,13-24). Após concluir um interrogatório preliminar, Anás enviou Jesus para Caifás. Anás é novamente mencionado como estando presente com Caifás e todos os membros da família de sumos sacerdotes no interrogatório dos apóstolos *Pedro e *João pelo sinédrio em Jerusalém (At 4,6). Sumos sacerdotes afastados freqüentemente desempenhavam um papel importante na vida judaica no século I d.C. Assim, a intervenção de Anás na história de Jesus e dos líderes da Igreja primitiva não é extraordinária.

Após o afastamento de Anás, Valério Grato nomeou três sumos sacerdotes em rápida sucessão. *Josefo não tem nada a dizer sobre nenhum deles. Um lamento preservado na literatura rabínica critica a casa do primeiro, Ismael, filho de Fiabi (15-16 d.C.), por sua violência (a não ser que o comentário se aplique ao segundo filho de Fiabi, *Ismael, que foi sumo sacerdote de 59 a 61 d.C.). Eleazar, filho de Anás (16-17 d.C.), permanece completamente obscuro, a não ser que a acusação de calúnia feita à casa de Hanin nas mesmas passagens rabínicas se aplique a ele. Quanto ao terceiro, Simão, filho de Camito (17-18 d.C.), é lembrado no Talmude e na midraxe por ter sido desqualificado para conduzir o serviço litúrgico no Dia da Reconciliação em função de impureza levítica provocada pelo contato com a saliva de um árabe. A instabilidade pontifícia acabou com Valério Grato, que nomeou para o sumo sacerdócio José Caifás, ocupante do posto pelo tempo recorde de 18 anos, de 18 a 36 d.C.

Fontes: Anás: Josefo, *Guer* 5:506; *Ant.* 18-26, 34. Ismael: *Ant.* 18:34. Eleazar: *Ant.* 18:34. Simão: *Ant.* 18:34; tNid. 5:3; yYom. 38d etc.

ANDRÉ

André foi um dos principais membros do círculo de 12 apóstolos aos quais Jesus confiou, na Galiléia, a missão de proclamar o Reino de Deus e realizar exorcismos. Era pescador por profissão, natural de Betsaida, junto ao lago de Genesaré, e irmão de Simão *Pedro. Durante o ministério de Jesus, ele viveu em Cafarnaum, dividindo uma casa com Pedro. De acordo com o quarto evangelho, os dois irmãos conheceram Jesus quando eram discípulos de João Batista. Afora a relação dos apóstolos e de algumas referências insignificantes, os evangelhos não contam nada sobre ele.

O historiador da Igreja Eusébio (século IV) atribui a André a evangelização da Cítia, e a lenda cristã conta que ele morreu crucificado na Acaia, na Grécia.

Fontes: Mc 3:16-19; Mt 10:2-4; Lc 6:14-16; At 1:12-14; Jo 1:40, 44; 6:8; 12:22. Eusébio, *Hist. Ecl.* 3:1.

ÂNIO RUFO

Ver em **Copônio.**

ANTÍGONO

Antígono, filho de Judas *Aristóbulo II, foi o último rei-sacerdote da dinastia asmoniana (40-37 a.C.). Embora *Josefo nunca o chame por seu nome judeu, suas moedas trazem a inscrição "Matatias Sumo Sacerdote" em hebraico e "Antígono Rei" em grego. Ele recebeu o cargo religioso e político de seu tio, *Hircano II, com a ajuda dos partos que invadiram a Palestina em 40 a.C. No mesmo ano, *Marco Antônio nomeou *Herodes rei da Judéia. Antígono passou os três anos de seu reinado efêmero combatendo Herodes. Em 37 a.C., o exército de Herodes, com uma ajuda das legiões romanas de *Sósio, governador da Síria, conquistou Jerusalém. Sósio capturou Antígono, que a ele tinha se rendido, e ironicamente o chamou de Antígona, forma feminina do nome. Antígono foi levado a Antioquia, onde foi decapitado por ordem de Marco Antônio, que tinha sido estimulado por Herodes, com uma propina, a remover o seu rival. Assim, com a primeira execução, pelos romanos, de um rei no trono, o governo secular dos sacerdotes asmonianos chegou a um fim indigno.

Fontes: Josefo, *Guer.* 1:274-375; *Ant.* 14:370-491.

ANTIPAS

Antipas, ou Herodes Antipas, foi o segundo filho de *Herodes, o Grande, com a samaritana Maltace e governou com o título de tetrarca a Galiléia e a Peréia, na Transjordânia, de 4 a.C. a 39 d.C. Em suas moedas ele se descrevia simplesmente como Herodes. Foi mais intimamente associado a personagens importantes do Novo Testamento do que qualquer outro herodiano. Seu nome aparece cerca de 25 vezes nos Evangelhos Sinópticos e nos Atos dos Apóstolos.

A carreira de Antipas foi profundamente afetada por seus problemas matrimoniais. Sua primeira esposa foi uma filha de Aretas IV, rei dos nabateus (9 a.C.-40 d.C.). Essa união foi politicamente útil, uma vez que protegeu a Peréia, território transjordaniano de Antipas, dos ataques de árabes nômades. Contudo as coisas se tornaram amargas anos mais tarde, quando Antipas decidiu se divorciar da esposa ao se apaixonar, em Roma, pela esposa de seu meio-irmão *Herodes, filho de Mariamna II, a filha do sumo sacerdote. Essa *femme fatale* era sua sobrinha *Herodíades, filha de Aristóbulo, por sua vez filho de *Mariamna I, a amada esposa asmoniana de Herodes, o Grande. Ela tinha uma filha de seu primeiro casamento, *Salomé, que posteriormente se tornou esposa do meio-irmão de Antipas, *Filipe. Portanto, Filipe era genro de Herodíades, e não seu marido, como sugerem os Evangelhos.

Os boatos acerca dos planos matrimoniais de Antipas chegaram aos ouvidos de sua esposa: a fofoca florescia nas cortes reais herodianas. A sagaz princesa nabatéia conseguiu permissão de seu ingênuo marido para deixar a Galiléia e viajar para a fortaleza de Maqueronte, no sul da Transjordânia, de onde conseguiu facilmente cruzar a fronteira para Petra, a capital dos nabateus. Com a esposa rejeitada e humilhada em segurança com seu pai, Aretas estava livre para promover uma guerra de vingança contra Antipas.

Maqueronte também era o lugar onde *João Batista tinha sido aprisionado por Antipas. *Josefo descreve João como um "bom homem" que encorajou os judeus a praticar a "justiça" e a "piedade" e se submeter a um

"batismo" de arrependimento. Mas sua popularidade e a força de sua eloqüência levantaram as suspeitas de Antipas, levando à derrocada de João. O relato de Josefo sobre o assunto é bastante diferente da história narrada nos evangelhos. O tetrarca da Galiléia teria antecipado a possibilidade de perturbações políticas como resultado da pregação do Batista e teria tomado drásticas medidas preventivas. Ele ordenou a prisão e execução de João. A derrota de seu exército pelos nabateus, em 36 d.C., foi vista pelos judeus como uma punição divina de Antipas pelo assassinato de João.

O ciúme da dominadora Herodíades finalmente arruinou Antipas. Quando o novo imperador Gaio *Calígula ordenou, em 37 d.C., a transferência dos territórios do recentemente falecido Filipe, o Tetrarca (Batanéia, Gaulinítide, Aurinítide, Traconítide e Panéias), para *Agripa I, irmão de Herodíades, e decidiu conceder a ele o título de rei, a ambiciosa mulher atormentou seu marido até ele apelar ao imperador pedindo o mesmo *status* real. A jogada deu errado. Para derrubar Antipas, o enviado de Agripa o acusou de traição. Ele mereceu crédito, e Calígula afastou o infeliz tetrarca do cargo e o exilou em Lyon (Lugdunum), na Gália. Sendo irmã do preferido Agripa, Herodíades foi poupada do degredo, mas orgulhosamente recusou o favor de Calígula. "Minha lealdade a meu marido me impede de aceitar seu generoso presente", teria dito ela antes de pegar a estrada para a Gália. Antipas morreu no exílio, provavelmente morto pelo imperador, que tinha o hábito de se livrar de próceres banidos.

Como seu pai Herodes, o Grande, antes dele, Antipas adorava grandiosos projetos arquitetônicos. E não apenas reconstruiu a cidade de Séforis, destruída durante a campanha movida por *Varo, governador romano da Síria, contra os rebeldes judeus depois da morte de Herodes, o Grande, em 4 a.C., como também construiu uma nova capital magnífica às margens do lago da Galiléia e a chamou de Tiberíades em homenagem ao imperador *Tibério. Como antigos túmulos tinham sido descobertos pelos operários no local da construção, os judeus devotos se recusaram a se instalar na nova cidade. Tiberíades, que nunca é mencionada nos Evangelhos Sinópticos, foi construída e organizada como uma

cidade grega. Era governada por um conselho de 600 homens; tinha um estádio e um palácio real decorado com imagens de animais, mas também uma grande sinagoga. Para agradar a seus súditos judeus, Antipas não cunhou nenhuma efígie humana em suas moedas, nem a do imperador nem a sua própria, e de acordo com o evangelho de *Lucas (23,7) ele foi em peregrinação a Jerusalém na festa da Páscoa.

As referências do Novo Testamento a Herodes Antipas, normalmente chamado de Herodes, o Tetrarca, são ligadas a João Batista ou a *Jesus de Nazaré. O início do ministério de João é datado da época em que Antipas era tetrarca da Galiléia, e mais precisamente ao décimo quinto ano de Tibério, ou seja, 29 d.C. (Lc 3,1). O relato da morte do Batista feito pelo Evangelho difere daquele feito por Josefo. De acordo com *Marcos e *Mateus, ele foi executado por desaprovar o casamento de Antipas e Herodíades. Embora diferente da explicação de Josefo, a história dos evangelhos é plausível. João provavelmente condenou o novo casamento de Antipas, uma vez que a união matrimonial entre um homem e sua cunhada era proibida pela Torá se o irmão ainda estivesse vivo. A interferência de João provavelmente produziu grande ressentimento por parte de Herodíades, e era natural que ela buscasse vingança. Assim, durante os festejos do aniversário do marido, ela aconselhou a filha Salomé, cuja dança tinha encantado Antipas, a pedir a cabeça do Batista. Tendo solenemente prometido, em frente a todos os convidados reunidos, dar à jovem o que ela quisesse, o fraco Antipas relutantemente concordou e, apesar de seu medo do santo homem, enviou um carrasco ao cárcere próximo para atender o pedido. O cenário do acontecimento não é apontado nos evangelhos. Maqueronte, especificada por Josefo, definitivamente não é citada, e em Marcos pelo menos uma localização na Galiléia é sugerida pela presença de "os homens importantes da Galiléia" na festa de aniversário. Estritamente falando, os relatos de Josefo e do Novo Testamento não são mutuamente excludentes. Antipas pode ter planejado se livrar ele mesmo de João porque sua eloqüência era considerada potencialmente perigosa se utilizada com objetivos revolucio-

nários, e sua decisão pode ter sido provocada pelas maquinações de Herodíades por ocasião dos festejos de aniversário. Ainda assim, se o plano de Herodíades tivesse sido conhecido — e nas cortes herodianas poucos segredos deixavam de vir à luz — seria de esperar que o bem-informado Josefo tivesse ouvido algo a respeito. De fato, esse é o tipo de história que ele adorava contar. Assim, no conjunto, a motivação política para a execução de João é a explicação mais provável.

No que diz respeito a Jesus, cada evangelista sinóptico atribui a Antipas o medo de que Jesus fosse a reencarnação de João Batista. *Lucas se refere a duas posturas contraditórias. Antipas, nos é dito, desejava conhecê-lo (Lc 9,9), mas também queria matá-lo. Quando informado disso, Jesus reagiu rispidamente e chamou Herodes de "aquela raposa" (Lc 13,31-2).

Lucas conta ainda outro episódio. Durante o julgamento de Jesus, quando Pilatos soube que Jesus era galileu, enviou-o para Antipas, supondo que o governante "judeu" da Galiléia, que estava em Jerusalém para a Páscoa, era mais qualificado do que ele para pronunciar uma sentença contra um de seus súditos. Aparentemente, Antipas ficou encantado em conhecer Jesus, e esperava que fosse feito um milagre. Jesus se recusou e o furioso Antipas, após permitir que seus soldados o humilhassem, devolveu-o a Pilatos e à cruz romana.

Fontes: Mc 6:14-29; Mt 14:1-12; Lc 9:7-9; 23:6-12; Josefo, *Guer.* 2:167-8, 181-3; *Ant* 18:27, 36-8, 101-29, 240-56.

ANTÍPATRO

Antípatro, pai de *Herodes, o Grande, foi um estadista palestino de crescente importância durante o governo dos sumos sacerdotes judeus asmonianos *Aristóbulo II e *Hircano II. Provavelmente era de origem iduméia (edomita), de acordo com *Josefo, embora o historiador grego *Nicolau de Damasco, cronista do reinado de Herodes, alegasse que este

descendia de judeus que tinham retornado da Babilônia no final do século VI a.C. Por outro lado, de acordo com Júlio Africano (*c.* 200 d.C.), o pai de Antípatro (também chamado Herodes) era um servo do templo de Apolo em Ascalon e o garoto Antípatro foi capturado pelos idumeus e por eles adotado. Josefo, por sua vez, escreve que o pai de Antípatro, que tinha o mesmo nome, era um nobre idumeu nomeado governador militar por Alexandre Janeu, deixando a mesma posição para o seu filho. Em 67 a.C., com o início da rivalidade civil entre Aristóbulo II e Hircano II, o ardiloso Antípatro, antecipando maiores oportunidades de progresso sob o fraco Hircano, abraçou sua causa e também persuadiu o rei nabateu Aretas III a se voltar contra Aristóbulo. Os exércitos combinados de Hircano, Antípatro e Aretas forçaram Aristóbulo a se retirar para Jerusalém. Com a conquista da Judéia por *Pompeu em 63 a.C., Antípatro ofereceu seus serviços aos romanos, e após a morte de Pompeu em 48 a.C. tanto ele quanto Hircano convenientemente transferiram sua fidelidade para Júlio *César. César concedeu cidadania romana a Antípatro e o nomeou procurador da Judéia, com autoridade para reconstruir as muralhas fortificadas de Jerusalém. Sob a tutela romana, os poderes de Antípatro continuaram a aumentar, até ele estar em posição de nomear seus dois filhos, *Fasael e Herodes, governadores militares de Jerusalém e da Galiléia. Após o assassinato de Júlio César, em 44 a.C., Antípatro e Herodes tentaram se aproximar de Cássio, um dos assassinos de César, que tinha se apossado da Síria. Mas quando Bruto e Cássio foram derrotados em Filipos em 42 a.C por *Marco Antônio e Otaviano, o futuro *Augusto, Antípatro e seus filhos encontraram proteção em Marco Antônio.

Tendo conseguido singrar muitas águas revoltas e garantido uma sólida posição para seu filho Herodes, Antípatro finalmente foi vítima de intrigas políticas e acabou envenenado pelo mordomo durante um banquete ao qual tinha comparecido no palácio do sumo sacerdote Hircano II em 43 a.C. Por piedade e gratidão ao pai, após sua elevação ao reino da Judéia pelos romanos, Herodes fundou uma nova cidade ao norte de Jafa e a chamou de Antípatris. São *Paulo passou uma noite lá

quando, prisioneiro sob escolta armada, foi levado pelos romanos de Jerusalém a Cesaréia para se apresentar perante *Félix, governador da Judéia (At 23:31).

Fontes: Josefo, *Guer.* 1; *Ant.* 14-16.

ARISTÓBULO II

Judas Aristóbulo II, filho mais novo de Jônatas (Ianai) ou Alexandre Janeu (103-76 a.C.), foi o penúltimo asmoniano a ocupar os cargos de sumo sacerdote e rei dos judeus, entre 67 e 63 a.C. Janeu foi sucedido por sua esposa Alexandra Salomé (Shelamzion) como rainha de 76 a 67 a.C. Porém, sendo mulher, ela não podia ocupar o posto de sumo sacerdote, que foi herdado por seu filho mais velho, João *Hircano II. O mesmo Hircano assumiu também o poder real com a morte de sua mãe, mas seu ambicioso irmão mais novo o destronou após derrotar suas forças em Jericó. A usurpação por Aristóbulo da principal função política e religiosa levou a uma demorada guerra civil entre os dois irmãos. Hircano foi apoiado pelo idumeu *Antípatro, pai de *Herodes, o Grande, e pelo rei nabateu Aretas III. Suas forças combinadas obrigaram Aristóbulo a se refugiar no Monte do Templo, em Jerusalém. Foi durante esse conflito que o carismático fazedor de chuva Honi, ou Onias, o Honrado, foi apedrejado até a morte pelos furiosos seguidores de Hircano por se recusar a lançar uma maldição sobre Aristóbulo e seus defensores. A luta mortífera chegou ao fim apenas quando o romano *Pompeu, convidado a interferir pelos representantes dos irmãos, conquistou Jerusalém no outono de 63 a.C. Ele prendeu Aristóbulo e recolocou Hircano como sumo sacerdote, mas o privou do título real. Aristóbulo, caído em desgraça, foi levado a Roma juntamente com seus dois filhos, Alexandre e *Antígono, bem como suas duas filhas e um grande número de judeus prisioneiros de guerra. Sofreu a maior humilhação quando, como líder

derrotado, desfilou frente à biga do vitorioso durante a parada triunfal de Pompeu em 62 a.C.

Cinco anos mais tarde, Aristóbulo e seu filho Antígono conseguiram escapar de Roma e organizaram uma revolta armada na Judéia, mas foram forçados pelas legiões romanas a se retirarem para a Transjordânia, e finalmente se rendem na fortaleza de Maqueronte, no alto de uma montanha, onde mais tarde *João Batista foi decapitado, e foram enviados de volta a Roma. Aristóbulo permaneceu preso lá por seis anos, mas seus filhos foram libertados pelo Senado romano. Com a eclosão da guerra civil entre Júlio *César e Pompeu em 49 a.C., César decidiu libertar Aristóbulo e planejou utilizá-lo em sua luta contra os exércitos de Pompeu na Síria. Contudo, os partidários de Pompeu frustraram o plano envenenando Aristóbulo antes que ele pudesse deixar Roma e também se livraram de seu filho Alexandre, outro partidário de César, que foi decapitado em Antioquia. O outro filho de Aristóbulo, Antígono, sobreviveu e foi o último a ocupar o posto sumo sacerdotal asmoniano de 40 a 37 a.C. Assim chegou a um triste fim a história do penúltimo rei-sacerdote da dinastia macabiana-asmoniana, que, como seus predecessores, estava mais profundamente envolvido em empreitadas políticas e militares do que em questões religiosas ou no serviço divino no Templo de Jerusalém.

Além de *Josefo, que é a principal fonte da história de Aristóbulo II (e Hircano II), os Salmos de Salomão, dos Pseudepígrafos, e alguns dos Manuscritos do Mar Morto parecem conter outras informações. Mencionados nos Salmos de Salomão 8,15-17, os governantes de Jerusalém que foram cumprimentar o implacável conquistador (Pompeu) são, inquestionavelmente, Aristóbulo II e Hircano II. Os mesmos dois líderes são identificados por A. Dupont-Sommer como os Sacerdotes Iníquos dos comentários da Bíblia de Qumrã sobre Habacuc e Naum. Também o chefe revolucionário Peitolaus, citado em Josefo, que deu continuidade à luta anti-romana após a recaptura de Aristóbulo II em 56 a.C.,

provavelmente é a pessoa citada como Ptolaus em um fragmento histórico dos Manuscritos (4Q468e 3).

Fontes: Josefo, *Guer.* 1:120-58; *Ant.* 14:1-79, mTaan. 3:8.

ARISTÓBULO III

Aristóbulo III foi o último sumo sacerdote asmoniano. Sua nomeação para o cargo foi resultado da conspiração de sua mãe *Alexandra e da rainha egípcia *Cleópatra contra *Ananel, empossado como sumo sacerdote por *Herodes, o Grande. *Marco Antônio, marido de Cleópatra e patrono de Herodes, pressionou o rei, e Aristóbulo, de 17 anos de idade, foi autorizado a envergar as vestes de sumo sacerdote em 35 a.C. Contudo a popularidade do jovem príncipe judeu levantou as suspeitas de Herodes, que urdiu um "acidente" na piscina que resultou na morte de Aristóbulo em 35/34 a.C.

Fontes: Josefo, *Guer.* 1:437; *Ant.* 15:23-64; 20:247-8.

ARQUELAU

Arquelau, filho mais velho de Maltace, a esposa samaritana de *Herodes, o Grande, foi o principal sucessor de seu pai, e governou Judéia, Iduméia e Samaria de 4 a.C. a 6 d.C. Foi nomeado herdeiro no último testamento de Herodes e deveria herdar o título de rei: partiu imediatamente para Roma a fim de conseguir o consentimento do imperador *Augusto. O mesmo fez seu irmão, *Antipas, que contestou a mudança de última hora nas disposições de Herodes, pois no testamento anterior ele tinha sido designado como principal beneficiário do pai. Muitos outros membros da família de Herodes, oponentes de Arquelau, também interferiram, bem como uma delegação de notáveis judeus, hostis a todos os herodianos e

favoráveis à administração direta de Roma. Em função das sucessivas rebeliões na Judéia e na Galiléia, às quais *Varo, o governador romano da Síria, fora enviado para esmagar, a decisão do imperador foi adiada. Finalmente, o pedido do ministro de Herodes, o famoso *Nicolau de Damasco, produziu uma vitória parcial para a causa de Arquelau. A ele foram concedidas a Judéia, a Samaria e a Iduméia, mas teve de se contentar com o título de etnarca, já que lhe fora negada a dignidade real.

As disposições de Herodes em benefício de seus dois outros filhos, Antipas e *Filipe, foram confirmadas. O primeiro se tornou tetrarca da Galiléia e da Peréia, o segundo, tetrarca de Batanéia, Traconites e Aurinites. Sua tia *Salomé, uma das principais encrenqueiras do período da vida de Herodes, herdou uma considerável quantia em dinheiro (500 mil moedas de prata), juntamente com as cidades de Jâmnia, Azoto, Fasélida e o palácio real de Ascalon.

Como seu pai, Arquelau se mostrou cruel e despótico. Também se indispôs com seus súditos tradicionalistas ao desposar, contrariamente à Lei Mosaica, Glafira, ex-esposa de um de seus irmãos, Alexandre, com quem ela tinha filhos. Tentou imitar o pai em questões arquitetônicas, restaurando o palácio real de Jericó e construindo uma nova cidade na mesma região, que chamou de Arquelaide em auto-homenagem.

Arquelau não conseguiu satisfazer nem aos judeus nem aos samaritanos, e os aristocratas dos dois grupos denunciaram sua administração ilegal a Augusto. O imperador convocou Arquelau a Roma, ouviu os acusadores do etnarca e permitiu que ele falasse em sua defesa. Entretanto sua defesa não teve efeito, e ele foi deposto e exilado em Viena, na Gália, e teve todos os seus bens confiscados.

Arquelau é citado uma vez no evangelho de *Mateus (2,22). Sua administração da Judéia é dada como explicação para *José, *Maria e *Jesus se instalarem na Galiléia e não em Belém. O evangelista equivocadamente chama Arquelau de rei, embora ele fosse apenas um etnarca.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:3-9, 111-17; *Ant.* 17:339-55, 18:1-108.

ATRONGES

Atronges, ou Atrongeu, foi um obscuro e pobre pastor de impressionante estatura e força física que, na companhia de quatro irmãos igualmente poderosos, iniciou um levante durante o caos político que se seguiu à morte de *Herodes, o Grande, em 4 a.C. Atronges se proclamou rei, usou um diadema real e atacou o exército de Herodes e os romanos. A violência contra as forças armadas judaicas e romanas, para não falar na sofrida população civil da Judéia, durou um longo tempo. Contudo, no fim, os líderes do grupo foram capturados pelo etnarca *Arquelau, e seus homens e a guerra tiveram fim.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:60-65; *Ant.* 17:278-84.

ÁTICO

Ático, provavelmente Tito Cláudio Herodes Ático, foi governador romano da Judéia de 99/100 até 102/3 d.C. Sua notoriedade no início do cristianismo deriva da afirmação feita por Eusébio de que foi sob sua administração, durante o reinado do imperador *Trajano, que o primo de *Jesus de Nazaré, Simeão, filho de Clopas, segundo bispo de Jerusalém e sucessor de *Tiago, o irmão de Jesus, sofreu seu martírio com a idade de 120 anos (*Hist. Ecl.* 3:32). De acordo com Hegesipo, que foi a fonte de Eusébio, Cleopas, ou Clopas, era o irmão de *José, ou seja, tio de Jesus.

Fonte: Eusébio citando Hegesipo, *Hist. Ecl.* 3:32.

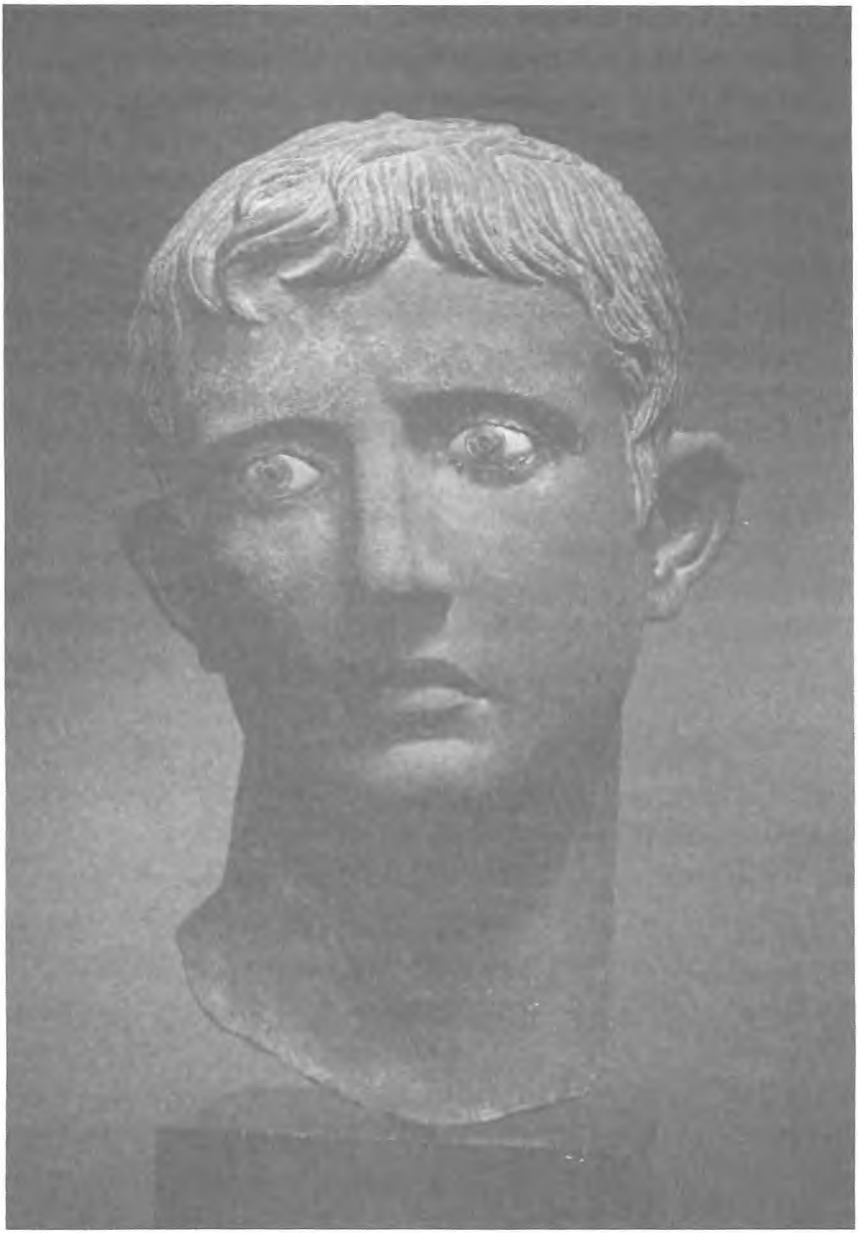
AUGUSTO

Augusto, antes chamado Caio Júlio César Otaviano (63 a.C.-14 d.C.), foi o primeiro imperador de Roma, de 31 a.C. a 14 d.C. Em geral, como governante, Augusto deu continuidade à política de Júlio *César favorá-

vel aos judeus, concedendo-lhes liberdade de praticar sua religião, autonomia para administrar seus negócios e permissão para enviar contribuições financeiras para o Templo de Jerusalém. Em troca do respeito de Augusto pelo judaísmo eram oferecidos ao imperador sacrifícios diários no Santuário de Jerusalém, um hábito mantido sob seus sucessores, até o início da primeira guerra contra Roma, em 66 d.C. As despesas dos sacrifícios eram pagas pelo povo judeu de acordo com *Josefo, mas *Filo sustenta que o próprio Augusto fornecia somas para a compra de dois carneiros e um boi por dia.

O envolvimento pessoal de Augusto em assuntos judaicos começou após sua vitória sobre *Marco Antônio em 31 a.C. Ele reconheceu *Herodes, o Grande, como um rei-aliado e amigo, apesar de sua anterior fidelidade a Marco Antônio, e concedeu-lhe novos territórios importantes nos distritos do norte de Traconites, Batanéia e Aurinites. Como gratidão, Herodes renomeou várias cidades em homenagem ao imperador (César). Panéias, no norte, onde *Pedro iria reconhecer Jesus como Messias, foi transformada em Cesaréia de Filipe; a antiga Torre de Estrato, na costa do Mediterrâneo, em Cesaréia Marítima; e a velha cidade de Samaria, que foi reconstruída por Herodes, foi a partir de então conhecida, em grego, como Sebaste (*Augusta*, em latim).

Herodes visitava freqüentemente o imperador, que o tratava como um amigo íntimo. Augusto também desempenhou um papel ativo na solução dos turbulentos problemas matrimoniais e familiares do rei da Judéia e atuou como árbitro na questão da sucessão de Herodes. Antes de sua morte, Herodes escreveu diversos testamentos, com as disposições variando em cada caso, e a confusão aumentou ainda mais quando uma delegação da Judéia pediu a Augusto que não permitisse que os filhos do rei a governassem. O imperador finalmente se recusou a reconhecer como rei qualquer dos três filhos sobreviventes de Herodes. Em vez disso, decidiu redesenhar o mapa político e administrativo do reino. Como resultado, durante os primeiros anos da vida de *Jesus, *Arquelau, o filho designado por Herodes como seu sucessor, teve negado o título



Bronze de cabeça do imperador Augusto encontrado no Sudão

real e foi rebaixado a etnarca de Judéia, Samaria e Iduméia. *Antipas e *Filipe foram nomeados tetrarcas, o primeiro de Galiléia e Peréia (Transjordânia), e o segundo, de Batanéia, Aurinites, Gaulinites, Panéias e Traconites, a nordeste da Galiléia.

Augusto mais uma vez interferiu diretamente no governo da Judéia quando depôs o etnarca Arquelau e o exilou, ordenando ao governador da Síria, *Quirino, que organizasse o registro de impostos dos habitantes de Judéia, Samaria e Iduméia quando os antigos territórios de Arquelau foram anexados, em 6 d.C., e se tornaram a nova província da Judéia administrada diretamente por Roma.

O relato de *Lucas referente a um censo universal no Império Romano ordenado por Augusto e executado na Judéia por Quirino na época do nascimento de Jesus, durante o reinado de Herodes, o Grande, é historicamente improvável (ver os verbetes sobre Quirino e Herodes, o Grande). Lucas antedatou o censo de Quirino de 6 d.C. para os últimos anos da vida de Herodes.

Fontes: Filo, *Legatio* 156-7, 311-20. Josefo, *Ant.* 16:162-73; *Guer.* 2, 197, 408-21. Lc 2:1-2.

B

BANUS

Banus foi um eremita que viveu no deserto da Judéia em meados do século I d.C. As parcas informações relativas a ele que dispomos vêm de Flávio *Josefo. Em seu *Vida* ele relata que, tendo experimentado um estilo de vida coerente com a filosofia de fariseus, saduceus e essênios, durante algum tempo se tornou pupilo desse asceta. Josefo o descreve como um homem que vivia no deserto, vestindo folhas ou cascas de árvores e comendo os

frutos da terra. Para garantir sua contínua e ritual limpeza, Banus se submetia a freqüentes abluções em água fria. Sua forma de vida não era diferente da de *João Batista, que batizava e vivia de gafanhotos e mel selvagem (Mc 1:6). Outra possível característica similar é que, como o Batista, Banus também tinha discípulos. As repetidas purificações atribuídas a Banus lembram os banhos cerimoniais dos essênios. Contudo, como ele não vivia em uma comunidade organizada, é improvável que pertencesse propriamente ao movimento.

Fonte: Josefo, *Vida* 11.

BARNABÉ

Barnabé era o sobrenome aramaico de um levita cipriota chamado José, que durante algum tempo foi o principal companheiro de São *Paulo. O nome Barnabé é equivocadamente traduzido nos Atos dos Apóstolos como "filho do encorajamento". Seu significado mais provável é "filho da profecia". Barnabé apresentou seu conhecido, Saulo de Tarso, o futuro Paulo, aos apóstolos em Jerusalém após a experiência mística de Saulo perto de Damasco. Quando Barnabé foi enviado de Jerusalém para organizar a Igreja em Antioquia, viajou para Tarso e convenceu Saulo-Paulo a se juntar a ele em sua missão. Os dois homens foram enviados a Jerusalém com o dinheiro dos donativos coletados em Antioquia para o povo da Judéia durante a grande fome que ocorreu sob o imperador *Cláudio e que tinha sido prevista pelo profeta *Agabo. Ao retornarem para Antioquia eles foram acompanhados por João, sobrenome *Marcos, primo de Barnabé. Os três partiram na primeira viagem missionária, quando a liderança foi passada de Barnabé para Paulo. No conselho de apóstolos em Jerusalém, Paulo e Barnabé defenderam conjuntamente sua missão junto aos pagãos e foram enviados de volta à Síria para dar continuidade à evangelização. Em Antioquia a amizade entre Barnabé e Paulo che-

gou ao fim quando *Pedro e Barnabé se retiraram da mesa com cristãos gentios por pressão moral dos visitantes cristãos judeus de Jerusalém, pelo que foram publicamente criticados por Paulo. Antes da segunda viagem houve outro choque e seus caminhos se afastaram. Barnabé navegou com João Marcos para Chipre, enquanto Paulo, juntamente com *Silas, viajou por terra através da Síria e da Cilícia. A partir de então Barnabé é inteiramente eclipsado por Paulo e os Atos não se referem mais a ele. A epístola assinada por um certo Barnabé, um antigo documento cristão escrito entre 70 e 135 d.C., com uma forte inclinação antijudaica, não tem nada a ver com o Barnabé dos Atos.

Fontes: At 4:36; 9:27; 11:21, 30; 12:25; 13-15; I Cor. 9:6; Gal. 2:1, 9; Col. 4:10.

BARTOLOMEU

Bartolomeu foi um dos 12 apóstolos de Jesus de acordo com as listas contidas nos Evangelhos Sinópticos e nos Atos dos Apóstolos (Mc 3,16-19, Mt 10,2-4, Lc 6,14-16, At 1,12-14). Seu nome, porém, nunca aparece no Evangelho de *João, e freqüentemente acredita-se que Bartolomeu e o Natanael de João, levado por *Filipe, o Apóstolo, a Jesus, (Jo 1,45-6) eram a mesma pessoa. Nada é dito sobre Bartolomeu no Novo Testamento nem qualquer coisa historicamente confiável em fontes posteriores.

O historiador da Igreja Eusébio (século IV) tinha conhecimento de uma tradição lendária segundo a qual Bartolomeu pregou a mensagem cristã na Índia e deixou lá uma cópia do evangelho aramaico de *Mateus.

Fonte: Eusébio, *Hist. Ecl.* 10:3.

BERENICE

Berenice, filha do rei *Agripa III e irmã do rei *Agripa II, foi um dos alvos prediletos dos fofoqueiros do mundo antigo, judaico e romano. Ela se casou três vezes. Seu primeiro marido foi Marcos Júlio Alexandre, filho do financista judeu alexandrino Alexandre, o Alabarca, e irmão de Tibério Júlio *Alexandre, procurador romano da Judéia de 46 a 48 d.C. e sobrinho de *Filo de Alexandria. Após a morte de Alexandre, como muitas das princesas herodianas, Berenice foi dada em casamento a um tio, o rei *Herodes de Cálcis. Enviuvou pela segunda vez em 48 d.C., e depois a encontramos constantemente em companhia do irmão Agripa II: espalhou-se na alta sociedade tanto da Palestina quanto de Roma o boato de que os dois eram amantes. Para desmentir a história, Berenice persuadiu Polemon, rei da Cilícia, a realizar uma cerimônia de casamento com ela, mas o divórcio se seguiu rapidamente e ela voltou a viver com Agripa. *Josefo se refere expressamente a essa ligação, bem como o poeta latino Juvenal. O renomado satirista fala de um precioso anel de diamante que ficou muito famoso no dedo de Berenice, um anel dado pelo bárbaro Agripa à sua irmã incestuosa ("*adamas norissimus et Beronices/ in digito factus pretiosior. Hunc dedit olim/barbarus incestae dedit hunc Agrippa sorori*").

A grande conquista de Berenice foi *Tito, o filho de *Vespasiano, a quem o pai, o recém-proclamado imperador, confiou em 69 d.C. a conclusão da guerra contra os judeus. De acordo com conversas romanas, o caso começou antes de 69 d.C., na Palestina. O historiador romano Tácito atribui ao "desejo apaixonado" de Tito pela rainha Berenice o imediato retorno à Judéia após sua missão em Roma, para onde tinha sido mandado pelo pai após o suicídio de Nero a fim de investigar a situação política da terra. Em 75 d.C., após o fim da guerra judaica, encontramos Berenice em Roma vivendo abertamente com Tito como sua amante. De acordo com as fofocas da cidade, Tito estava tão apaixonado por ela que os sinos do casamento estavam quase repicando ("*propterque insignem reginae Berenices amorem, cui etiam nuptias pollicitus ferebatur*"; "por sua

notória paixão pela rainha Berenice, a quem, dizia-se, ele teria mesmo proposto casamento" [Suetônio, *Divus Titus* 7:1]). De fato, Tito permitia que ela se comportasse como sua esposa (Cássio Dio). Porém, quando ascendeu ao trono em 79 d.C., com a morte de Vespasiano, Tito se deu conta de que um casamento com Berenice seria inaceitável para o povo romano. Então se obrigou a mandá-la embora de Roma "contra a vontade dela e contra a sua própria" ("*invitus invitam*", *ibid.*, 7:2).

O fato de desfrutar de absoluta liberdade sexual não impediu Berenice de observar práticas religiosas judaicas, como o cumprimento de uma promessa nazirita [consagração a Deus dos judeus] no Templo. No que diz respeito às ligações com o Novo Testamento, os Atos dos Apóstolos contam que ela participou do famoso encontro de 60 d.C. em Cesaréia em que São *Paulo expôs suas idéias religiosas ao irmão de Berenice, Agripa II, no palácio do procurador romano Pórcio *Festo.

É a heroína epônima de *Berenice*, a tragédia em versos escrita em 1670 pelo grande dramaturgo francês Jean Racine.

Fontes: At 25:13, 23; 26:30; Josefo, *Guer.* 2; *Ant.* 18-20; Tácito, *Histories* 2:2. Suetônio *Divus Titus* 7:1-2. Dio 66:15, 4. Juvenal, *Saturae* (*Sátiras*) 6:156-8.

C

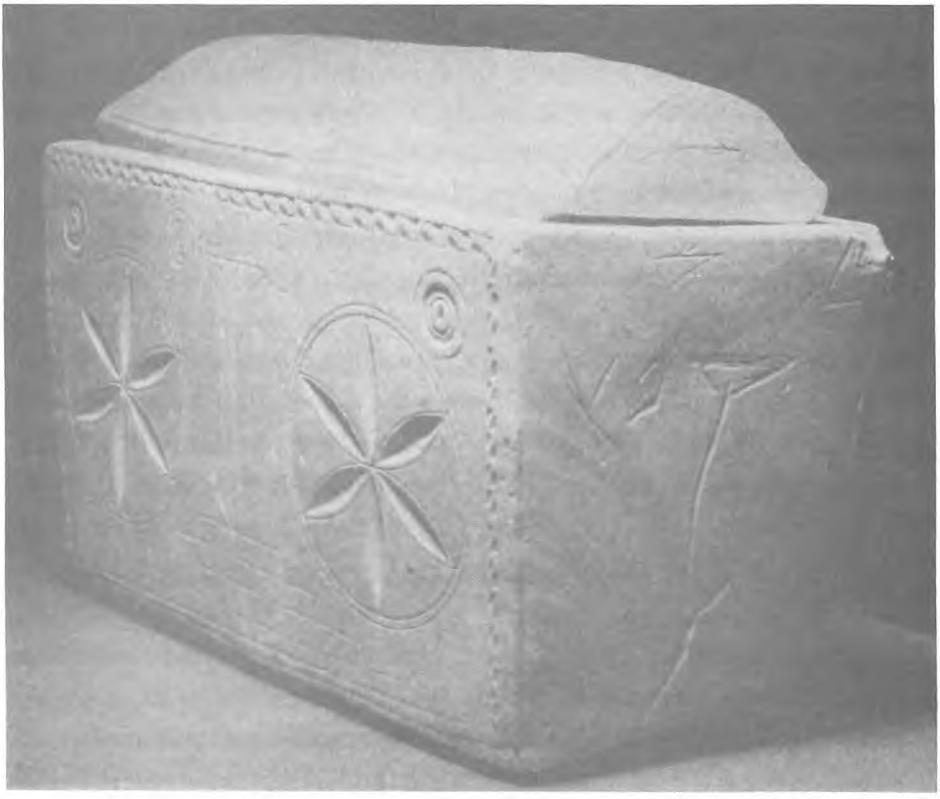
CAIFÁS

Caifás, ou José Caifás, de acordo com *Josefo, foi o mais duradouro sumo sacerdote dos judeus no século I (18-36 d.C.). Desempenhou um papel muito importante no drama que conduziu à morte *Jesus de Nazaré. As provas mais confiáveis relativas a ele vêm de Josefo; algumas das informações contidas nos evangelhos são mais questionáveis. Caifás foi nomeado sumo sacerdote por *Valério Grato em 18 d.C. e permaneceu no cargo no

tempo desse prefeito da Judéia e do sucessor, *Pôncio Pilatos. Em 36/37 d.C., tanto Caifás quanto Pilatos foram depostos por *Vitélio, o governador romano da Síria. O Evangelho de *João o descreve como o genro do ex-sumo sacerdote Anás (ou Anas), enquanto Josefo silencia sobre isso.

Nos Evangelhos de *Marcos e *Lucas o julgamento de Jesus é conduzido na casa de um sumo sacerdote não identificado, mas *Mateus especifica que ele era Caifás. No Evangelho de João não há menção propriamente a um julgamento, mas a um interrogatório de Jesus pelo ex-sumo sacerdote Anás, que então enviou Jesus para Caifás. Este, aparentemente sem outros questionamentos, o entregou ao governador romano, Pilatos (Jo 18,13-14,19-24,28). Mateus e Marcos, mas não Lucas, que se refere à não existência de um tribunal noturno, uma prática que de fato era proibida pela lei judaica, falam de uma reunião noturna do conselho na casa de Caifás, durante a qual várias testemunhas proferiram diversas acusações contra Jesus, incluindo sua ameaça de destruir o Templo de Jerusalém. Contudo, como seus testemunhos não coincidiam plenamente, não atendiam aos requisitos para satisfazer o tribunal (Mt 26,59-61; Mc 14,55-59). Os evangelistas insinuam, porém, que o sumo sacerdote e o conselho estavam previamente determinados a condenar Jesus à morte. Portanto, na ausência de qualquer prova conclusiva fornecida pelas testemunhas, Caifás decidiu confrontar Jesus diretamente perguntando se ele era "o Cristo" (Lc 22,67) ou "o Cristo, o Filho de Deus" (Mt 26,63) ou "o Messias, o Filho do Deus Bendito" (Mc 14,61).

Mateus e Lucas oferecem a habitual resposta evasiva a tal pergunta: "Tu o disseste" (Mt 26,64), declara ele, ou "Vós o dizeis: Eu sou!" (Lc 22,70); qualquer das respostas pode ser completada pelo técnico "não eu". Marcos (14,62) se afasta do estilo habitual de Jesus com um direto "Eu sou", embora leituras distintas em manuscritos reproduzam a resposta não definitiva encontrada em Mateus e Lucas. Então, o sumo sacerdote, sem hesitação, declara Jesus culpado e o conselho o condena à morte pela acusação religiosa de blasfêmia. Na verdade, não há lei judaica conhecida que declarasse blasfema a alegação de ser o Messias ou fi-



O ossuário que acreditava-se ser do sumo sacerdote Caifás

lho de Deus, no sentido estrito de que blasfêmia significa amaldiçoar o nome de Deus, o que Jesus obviamente não fez.

Assim que é feita essa dúbia acusação implicando pena de morte, a linha religiosa de procedimento penal não é mais seguida. Não há dúvida quanto à aplicação à pessoa condenada da forma de execução legalmente determinada, que era o apedrejamento. Em vez disso, o processo de Jesus é abruptamente transferido para o tribunal do governador romano sob o indiciamento politicamente motivado de fomentar a rebelião contra o imperador. Marcos, Mateus e Lucas não fazem uma tentativa de explicar essa mudança. João, contudo, a justifica afirmando que as autoridades judaicas eram legalmente incompetentes para executar sentenças de morte

estabelecidas pela lei bíblica. De fato, elas foram suficientemente impertinentes para recordar a Pilatos o Direito romano, que negava aos judeus o direito de condenar à morte qualquer homem (Jo 18,31).

As opiniões sobre a validade dessa afirmação variam muito. Aqueles que sustentam que o Sinédrio não tinha o poder de executar sentenças de morte impostas aos judeus por crimes graves justificam sua visão alegando que a legislação imperial criada em 6/7 d.C. reservava ao governador da recém-criada província romana da Judéia o poder de executar criminosos. Para eles isso significa que nenhuma sentença de morte decretada por um tribunal judaico podia ser aplicada sem autorização romana. Entretanto a visão oposta, que sustenta que o Sinédrio continuou a desfrutar de jurisdição quanto à pena capital no campo do direito penal bíblico, tem apoio igualmente forte, se não ainda mais, das provas literárias e epigráficas. Josefo afirma, e uma inscrição proclama, que um não-judeu, mesmo um cidadão romano, devia ser condenado à morte se apanhado no recinto interno do Templo. Não há menção à necessidade de aprovação romana. *Filo também afirma que a entrada no sacrário, ou seja, a área mais interna do santuário, por um judeu, ou mesmo por um sacerdote, era automaticamente punível com a morte (*Legatio* 307). Ademais, o julgamento de *Paulo perante o Sinédrio, citado nos Atos dos Apóstolos (23,6), também dá a entender que o tribunal superior judaico tinha jurisdição sobre penas capitais. Em síntese, embora Caifás, ao entregar Jesus a Pilatos, tivesse sido um instrumento de sua crucifixão, a responsabilidade final por esse erro judicial pertencia a Pôncio Pilatos e ao império romano, que ele representava.

Os relatos dos evangelhos referentes a Caifás precisam ser corrigidos em três outros pontos. De acordo com Lucas (3,2), Anás e Caifás *dividiram* o sumo sacerdócio durante e após a vida pública de *João Batista. Contudo, tal quadro estaria em contradição com o direito religioso judaico, que reconhecia apenas um sumo sacerdote por vez. A explicação mais provável para o equívoco de Lucas é que o poder por trás do trono durante o pontificado de Caifás era seu sogro, o ex-sumo sacerdote Anás.

Sua considerável influência fica clara pelo fato de que ele não apenas conseguiu fazer do genro seu sucessor imediato (Jo 18,13), mas também conseguiu assegurar o posto de sumo sacerdote para cinco de seus filhos e para um neto. João (11,49 - 18,13) descreve Caifás duas vezes como o sumo sacerdote "daquele ano" sugerindo, dessa forma, que a nomeação era anual. Essa suposição, porém, não é sustentada por qualquer prova histórica. Na época bíblica, os sumos sacerdotes hereditários permaneciam no cargo por toda a vida. Sob Herodes e seus sucessores, bem como sob os governadores romanos, a escolha do sumo sacerdote estava nas mãos da autoridade civil. É verdade que muitos deles atuaram durante períodos relativamente curtos, mas Anás e Caifás constituem exceções notáveis, ocupando seus postos por nove e 18 anos, respectivamente. João (11,50) faz Caifás proclamar um importante princípio legal judaico, aquele que diz que o bem-estar da comunidade é mais valioso que a vida de um indivíduo. A questão é discutida repetidamente pelos rabinos do período mixnaico e talmúdico em relação a casos em que as autoridades romanas exigiam a extradição de um revolucionário judeu sob a ameaça de retaliação generalizada contra a população por proteger um fugitivo. Os rabinos geralmente não se dispunham a entregar diretamente um judeu aos gentios, mas no interesse da comunidade como um todo eles tentavam persuadir o fugitivo a se entregar voluntariamente. Nesse contexto, é fácil presumir que a presteza do sumo sacerdote e do conselho em entregar Jesus a Pilatos foi motivada por sua crença, baseada no tumulto causado por Jesus no ponto dos mercadores do Templo, de que ele era um problema potencial e de que era sua obrigação como guardião da lei e da ordem proteger a população da violência romana, mesmo se isso implicasse entregar um indivíduo irresponsável ao Estado pagão. Transferir o problema não é uma invenção moderna.

No que diz respeito às relíquias materiais relativas a Caifás, uma antiga tradição cristã não passível de verificação registrada pelo chamado Peregrino de Bordéus em 333 d.C. situa sua casa na vizinhança do hoje Mosteiro Armênio de São Salvador, junto à Abadia Beneditina da Assun-

ção. De forma mais sensacional, durante trabalhos de construção realizados em 1990 na Floresta da Paz, no limite sul de Jerusalém, foi descoberto um túmulo judaico que continha quatro ossuários, entre outras relíquias. Em uma delas figura o nome Qapha, ou Caifás, e em outra, uma caixa esplendidamente decorada, é possível ler Yehoseph bar Qayapha, ou José, filho de Caifás. As letras são claramente legíveis e representam uma escrita cursiva deselegante do século I d.C. A conclusão mais plausível é a de que os ossuários vinham da tumba da família Caifás. A mais ornamentada delas continha os ossos de seis indivíduos: dois bebês, uma criança entre dois e cinco anos de idade, um adolescente, uma mulher adulta e um homem com aproximadamente 60 anos de idade. Há uma possibilidade de que esse homem mais velho fosse o sumo sacerdote que presidiu o julgamento de Jesus.

Fontes: Josefo, *Ant.* 18:35, 95, Ossuário de Caifás: W. Horbury, *Palestine Exploration Quarterly* 126 (1994), 32-48.

CALÍGULA

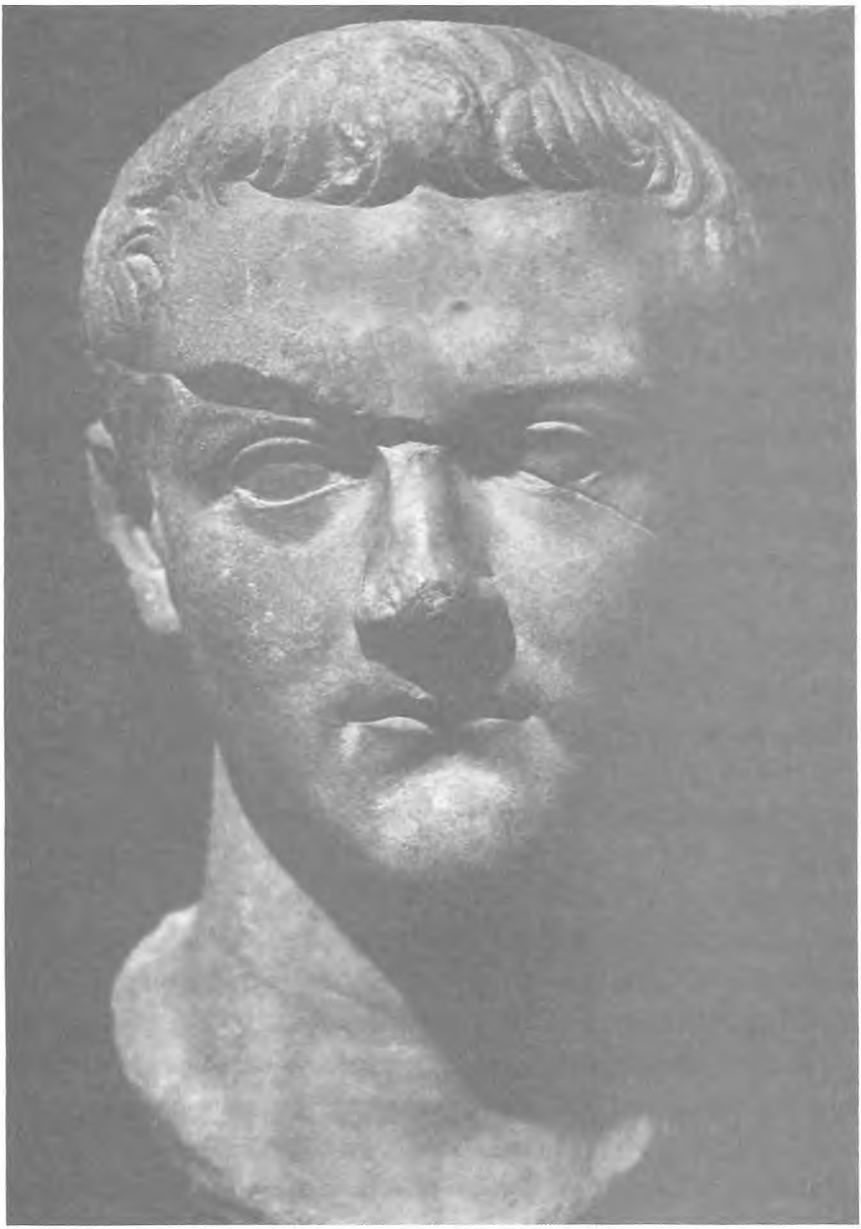
Gaio Júlio César Germânico, chamado Calígula (12-41 d.C.), ocupou o trono imperial de 27 a 41 d.C. Era filho do sobrinho de *Tibério e o sucedeu aos 25 anos de idade. Os judeus, nos é dito, foram a primeira de todas as nações do império romano a aplaudir sua ascensão, e ofereceram sacrifícios por seu bem-estar no Templo de Jerusalém (*Filo, *Legatio* 231-2). Durante seu curto reinado, Calígula repetidamente interferiu nas questões políticas e religiosas dos judeus na Judéia e em Alexandria. Começando pela política: ele derrubou Herodes *Antipas da tetrarquia da Galiléia, exilou-o em Lyon, na Gália, e concedeu o território dele, juntamente com a tetrarquia de *Filipe, a seu amigo *Agripa I, neto de *Herodes, o Grande, ao qual concedeu o título de rei.

O conflito religioso de Calígula com os judeus foi resultado de sua crença de que, como imperador romano, ele era verdadeiramente divi-

no. Conseqüentemente, a recusa a idolatrá-lo era tratada como lesa-majestade. Em função disso, irromperam violentos tumultos contra os judeus em Alexandria no ano de 38 d.C., aparentemente incentivados pelo próprio imperador. O governador do Egito, Flaco (Filo, *Contra Flaco* 8-24), não apenas não reprimiu os distúrbios como criou novos problemas ao permitir que imagens do imperador fossem colocadas em sinagogas judaicas. Flaco também privou, ilegalmente, os judeus alexandrinos de seus direitos civis (*ibid.*, 40-57) e chegou mesmo a ordenar que os anciãos do conselho judaico fossem açoitados publicamente. A perseguição continuou por vários meses até o outono de 38 d.C., quando Flaco foi primeiramente afastado de seu cargo e depois executado por ordem de Calígula (*ibid.*, 97-191). Tanto os gregos quanto os judeus de Alexandria enviaram delegações a Roma para defender suas causas. Os gregos eram liderados pelo polemista Ápio, conhecido pela polêmica obra de *Josefo *Contra Ápio*, e os judeus pelo famoso filósofo Filo de Alexandria. Contudo nenhum dos dois causou grande impressão em Calígula. Ele castigou a ambos pela descrença em sua divindade (*Legatio*, 349-373).

No ano seguinte, 39 d.C., ocorreram outros tumultos na Judéia quando Calígula decidiu entronizar sua imagem no Templo de Jerusalém. Para atingir seu objetivo, instruiu *Petrônio, governador da Síria, a utilizar metade das legiões sob seu comando para fazer a ordem ser cumprida. Petrônio, que era um homem sensível, tentou negociar uma solução de consenso com os representantes judeus, mas não obteve sucesso. Ele então tentou ganhar tempo, mas sua falta de entusiasmo em fazer vigorar o decreto imperial enfureceu Calígula, que em uma carta o instruiu a cometer suicídio. Calígula foi assassinado em janeiro de 41 d.C., e, como a notícia do assassinato do imperador viajou mais rápido que a carta contendo a sentença de morte de Petrônio, o governador da Síria se absteve de cometer o suicídio e arquivou a idéia de erigir uma estátua de Calígula em Jerusalém.

Fontes: Filo, *Legatio* 231-2, 349-73. Josefo, *Guer.* 2:178-208; *Ant.* 18-19.



Imperador Gaio Calígula

CÉSAR

Caio Júlio César (100-44 a.C.) foi um general e estadista romano. Além dos conhecedores da história romana, poucos leitores do Novo Testamento têm conhecimento do importante papel desempenhado por Júlio César na história dos judeus palestinos e da diáspora durante os últimos anos de sua vida (49-44 a.C.). O *Antiguidades judaicas* do historiador Flávio *Josefo inclui trechos de uma série dos importantes documentos oficiais relativos à política de César para com os judeus. Apesar de sua condição fragmentária, eles nos permitem perceber o essencial.

Para compreender o quadro, é preciso relembrar que a Judéia tinha sido conquistada por *Pompeu em 63 a.C. Pompeu depôs e aprisionou o então sumo sacerdote judeu *Aristóbulo II e o substituiu por seu irmão, *Hircano II. Assim, para começar, Hircano, bem como um emergente líder político palestino, o idumeu *Antípatro, pai de *Herodes, o Grande, apoiavam Pompeu. Em 49 a.C., com o início das hostilidades entre César e Pompeu, César e sua facção buscavam o apoio dos líderes judaicos. César então ordenou a libertação da prisão, em Roma, de Aristóbulo II, deposto por Pompeu, e colocou à disposição dele duas legiões para atacar Pompeu na Síria. O primeiro plano foi frustrado quando os que apoiavam Pompeu envenenaram Aristóbulo em Roma antes que ele conseguisse partir para a Síria. Ainda assim, após a morte de Pompeu, que se seguiu rapidamente à sua derrota pelas forças de César na batalha de Farsália (48 a.C.), o sumo sacerdote Hircano II e Antípatro transferiram sua fidelidade e se aliaram ao vitorioso. Antípatro, à frente de três mil soldados judeus, participou ativamente da batalha, e Hircano se congraçou com César encorajando os judeus egípcios a apoiá-lo. Como recompensa, César confirmou Hircano como sumo sacerdote e etnarca dos judeus, e conferiu a Antípatro a cidadania romana e o título de procurador da Judéia, isentando-o do pagamento de impostos. Assegurou, assim, a ascensão da dinastia herodiana, que iria governar a Palestina por cerca de cem anos.



Júlio César

Outros benefícios posteriores de César a Hircano incluíram transferir para seu território o porto de Iopa/Jafa e outras cidades que Pompeu tinha tomado dos judeus. Ele também o autorizou a reconstruir as muralhas de Jerusalém e isentou do serviço militar os judeus que viviam nas terras governadas por ele. Os judeus da diáspora também desfrutaram da boa-vontade de César. A comunidade judaica alexandrina viu confirmados seus direitos de cidadania e os judeus da Ásia Menor tiveram garantida a liberdade religiosa.

Previsivelmente, César se tornou o herói dos judeus por todo o mundo romano, e quando ele foi assassinado, nos idos de março, em 44 a.C.,

teria sido pranteado mais pelos judeus que pelas outras nações. "No auge da dor popular", escreve Suetônio, "uma multidão de estrangeiros surgiu lamentando, cada um segundo o hábito de seu país, *acima de tudo os judeus, que chegaram mesmo a comparecer à pira funerária por várias noites consecutivas.*"

Em 42 a.C. César foi deificado e, a partir de então, venerado como *divus Julius.*

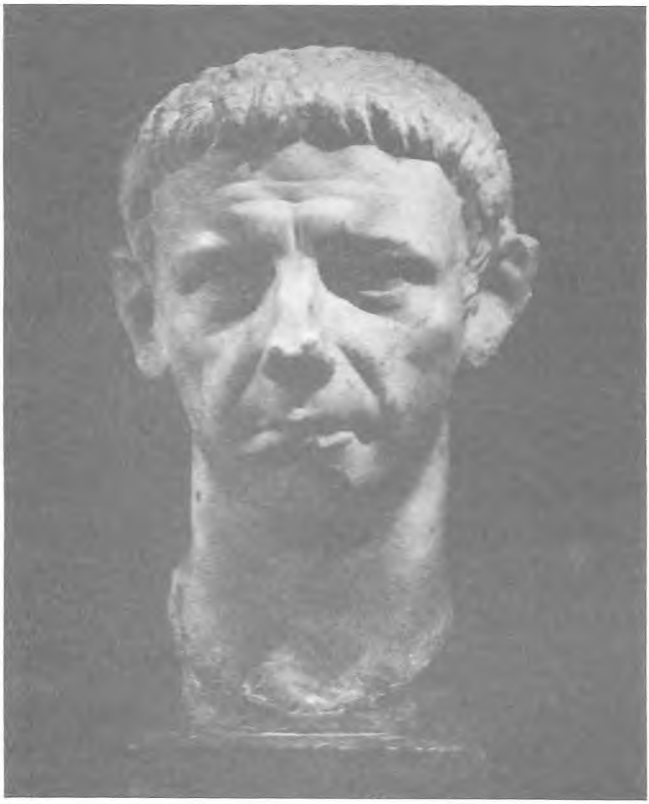
Fontes: Josefo, *Ant.* 14; Suetônio, *Divus Iulius*, 84:5.

CLÁUDIO

Cláudio Tibério Druso (10 a.C-54 d.C.), neto de *Marco Antônio, neto postiço e sobrinho-neto de Augusto, foi o quarto imperador de Roma. Elevou-o ao trono a guarda pretoriana após o assassinato de *Calígula e ele reinou de 41 a 54 d.C.

No que diz respeito às questões da Judéia, a única interferência direta de Cláudio consistiu em conceder permissão para que as vestimentas do sumo sacerdote fossem mantidas sob custódia dos judeus, não dos romanos, dessa forma ampliando a liberdade de ação do sumo sacerdote. Em oposição, desempenhou um papel significativo na solução do conflito entre gregos e judeus alexandrinos, que tinha surgido durante o reinado de seu antecessor, Calígula. Cláudio restaurou a liberdade religiosa dos judeus e condenou à morte os dois líderes egípcios dos tumultos antijudaicos. Em uma carta datada de outubro de 41 d.C., o imperador conclama as duas facções a manterem a paz, ordenando que não interfiram nos negócios dos outros. Ao mesmo tempo, recorda aos judeus seus privilégios em uma cidade que não era deles (Papyrus London 19:2). Os termos desse acordo diferem daqueles apresentados por *Josefo, que fala de direitos iguais desfrutados pelos cidadãos gregos e judeus de Alexandria (*Ant.* 19:279-65).

Cláudio é mencionado duas vezes no Novo Testamento. A primeira referência é relacionada à grande fome que devastou a Palestina durante



Imperador Cláudio

seu governo. De acordo com o profeta cristão *Ágabo, a fome afetou toda a terra (At 11,28-30), mas Josefo a limita à Judéia (*Ant.* 20:101). A segunda menção a Cláudio é relacionada à expulsão por ele dos judeus de Roma, entre os quais estavam Áquila e Priscila, companheiros de *Paulo em Corinto (At 18,2). O silêncio de Josefo acerca dessa expulsão é surpreendente. Por outro lado, o historiador romano Suetônio fala de distúrbios entre os judeus romanos, que ele atribui a um certo "Cresto". Embora Cresto fosse um nome comum, é bastante possível que seja uma distorção de "Cristo" e que a referência diga respeito a levantes entre judeus e cristãos judeus em Roma. Suetônio talvez insinuasse que esse "Cresto" era pessoalmente o instigador dos problemas. Ele carece da pre-

cisão de Tácito, que sabia que os "chrestiani" (cristãos) eram os seguidores de alguém chamado "Christus" (Cristo), que tinha sido executado por Pôncio Pilatos durante o reinado de *Tibério.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:204-48; *Ant.* 19-20. Suetônio, *Divus Claudius* 25:4. Tácito, *Anais* 15:44, 2-3.

CLEÓPATRA

Cleópatra VII (69-30 a.C.), a última rainha do Egito, esteve profundamente envolvida tanto na história romana quanto na judaica. Ela foi amante de Júlio *César, com quem teve um filho, Cesário. Depois enfeitiçou *Marco Antônio. Houve um romance entre os dois e eles se casaram em 36 a.C. Tiveram três filhos. Um deles teve uma filha que mais tarde se tornou esposa de *Félix, procurador da Judéia de 52 a 60 d.C.

Cleópatra cobiçava o território de *Herodes, o Grande, e por intermédio de sua influência sobre Marco Antônio, patrono romano de Herodes, tomou posse do distrito de Jericó. Era amiga íntima de *Alexandra, a princesa asmoniana sogra de Herodes. As duas mulheres persuadiram Marco Antônio a determinar para Herodes a nomeação de *Aristóbulo III, filho de Alexandra, como sumo sacerdote e a obrigá-lo, após a morte suspeita de Aristóbulo, a responder pelo "acidente" na piscina. Cleópatra fez uma visita real a Herodes e *Josefo menciona seu plano de iniciar um caso com o rei da Judéia. "Estando muito freqüentemente na companhia de Herodes, Cleópatra tentou ter intercurso sexual com o rei, pois por natureza estava acostumada a desfrutar desse tipo de prazer sem disfarce" (*Ant.* 15:97). Era motivada, nos conta Josefo, por "algum grau de paixão", assim como por frio cálculo político: sabia que um romance iria comprometer Herodes perante Marco Antônio. Herodes, por outro lado, imaginou que isso poderia dar a ele uma oportunidade de se livrar daquela mulher perigosa, mas, antecipando o risco de aborrecer seu mestre político, desistiu da idéia. Cleópatra involuntariamente sal-



Vaso Portland de camafeu que supostamente representava Cleópatra seduzindo Marco Antônio

vou o pescoço de Herodes quando, durante o conflito com Otaviano, o futuro *Augusto, induziu seu marido a utilizar as forças de Herodes em um ataque ao rei dos nabateus, que devia a ela uma grande quantia, em vez de ajudar Marco Antônio contra Otaviano.

Cleópatra, que o poeta latino Horácio descreve como um "monstro fatal" (*fatale monstrum*), foi utilizada por Otaviano para desacreditar seu colega triúnviro Marco Antônio. Após sua derrota na batalha de Ácio em 31 a.C., Marco Antônio e Cleópatra cometeram suicídio em 30 a.C.

Fontes: Josefo, *Guer.* 1; *Ant.* 14-15; Horácio, *Odes* 1:37, 21.

COPÔNIO

Copônio foi o primeiro governador romano da Judéia (6-8 d.C.), nomeado por *Augusto depois da deposição do etnarca da Judéia, *Arquelau, filho de *Herodes, o Grande. Copônio era um cavaleiro romano que recebeu plena autoridade administrativa e judicial, incluindo o direito de impor a pena de morte. Foi durante o governo de Copônio que *Quirino realizou o censo da Judéia. *Judas Galileu, ou Judas de Gamala, juntamente com um fariseu chamado Zadoque, criaram a facção revolucionária dos zelotes-sicários, e houve uma profanação do Templo quando um grupo de samaritanos penetrou sub-repticiamente no santuário e lançou ossos humanos nos recintos sagrados. Ao concluir seu trabalho, Copônio retornou a Roma.

Seu sucessor foi Marcos Ambíbulo, ou simplesmente Ambíbulo (9-12 d.C.), sobre cuja administração *Josefo nada fala, e depois Ânio Rufo (12-15 d.C.), em cujo governo Augusto morreu e *Tibério herdou o trono imperial, em 14 d.C.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:117-8; *Ant.* 18:2, 29, 31.

CORNÉLIO

Corneho foi um centurião romano aquartelado em Cesaréia. O autor dos Atos dos Apóstolos o descreve como um temente a Deus, ou seja, um gentio simpatizante da religião judaica. Historicamente comprovado ou não, Cornélio é um dos personagens principais no drama da recepção de não-judeus na primitiva comunidade judeu-cristã. O episódio é anunciado por duas visões: o apóstolo *Pedro é orientado em sonho a desprezar a distinção entre comida pura e impura, e Cornélio, enquanto recita a oração judaica da nona hora, é ordenado por um anjo a convidar Pedro a sua casa. Pedro foi e contou ao centurião e sua família e

amigos que Deus tinha revelado que judeus podiam se misturar com gentios. Pedro transmitiu-lhes o básico do evangelho: o batismo de João, as curas, exorcismos e a pregação de Jesus na Galiléia, sua morte e ressurreição, seu esperado retorno como o último juiz e o perdão dos pecados por intermédio da fé. Então, subitamente, Cornélio e seu grupo foram tomados pelo espírito e louvaram a Deus, falando em línguas diversas.

A lição da história era que pagãos tementes a Deus podiam receber o batismo e ingressar na Igreja não precisando de completa iniciação no judaísmo, ou seja, o fundamento da mensagem missionária de *Paulo. A história tem um viés político. Tendo em mente o conflito entre Pedro e Paulo em relação ao tratamento dado aos gentios, era do interesse da facção de Pedro atribuir essa fundamental inovação liberal a Pedro antes do concílio apostólico a que Paulo foi. Ainda assim, em benefício de alguma verdade histórica na base do episódio de Cornélio, é possível destacar detalhes concretos, como o endereço de Pedro em Iopa (a casa de Simão, o curtidor) ou a ligação de Cornélio, como centurião, à *Cohors Italica* em Cesaréia. Então, é provável que um oficial romano tenha sido admitido na comunidade cristã de Cesaréia sem primeiramente ter sido obrigado a passar por uma completa iniciação no judaísmo.

Fonte: At 10.

CUMANO

Ventídio Cumano ocupou o cargo de procurador romano da Judéia de 48 a 52 d.C. Embora a revolução estivesse fermentando sob seus dois antecessores, entrou em ebulição a partir de meados do século I.

A primeira desordem foi provocada durante a festa de Páscoa, quando um dos guardas romanos postados no teto do pórtico do Templo virou o traseiro nu para os judeus reunidos e fez acompanhar o gesto de um apropriado ruído grosseiro. Seguiram-se brados de protesto e arre-

messo de pedras, e mais tropas foram enviadas, obrigando os manifestantes a fugir, com um grande número deles perdendo a vida no tumulto. O número de 20 mil ou 30 mil apresentado por *Josefo, porém, parece um exagero.

O levante seguinte ocorreu durante uma operação punitiva realizada por soldados romanos em aldeias judaicas, em cuja vizinhança um escravo imperial tinha sido roubado por judeus. Um dos legionários, tendo tropeçado em um rolo da Torá, o rasgou e queimou. Multidões furiosas partiram para Cesaréia para pedir a Cumano que punisse o culpado. Para aplacar os judeus, o procurador ordenou a execução pública do soldado.

O terceiro distúrbio foi mais sério, levando Cumano a perder o cargo. A origem do problema foi o assassinato de um peregrino galileu a caminho de Jerusalém através de Samaria. Cumano, tendo sido subornado pelos samaritanos, não fez nada, e os judeus, tanto da Galiléia quanto da Judéia, decidiram vingar-se com as próprias mãos. Cumano então interveio e atacou os judeus, matando muitos e levando outros para Cesaréia como prisioneiros. Tanto os judeus quanto os samaritanos buscaram a ajuda do governador romano da Síria, Umídio Quadrato. Ele decidiu investigar o assunto, executou os rebeldes judeus aprisionados por Cumano e mandou para Roma os principais agitadores judeus e samaritanos, bem como o procurador. O imperador *Cláudio, aconselhado pelo rei judeu *Agripa II, colocou-se do lado dos judeus e executou os líderes samaritanos. Também afastou Cumano do cargo e o mandou para o exílio. As nuvens negras da grande rebelião estavam se formando.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:223-46; *Ant.* 103-36.

D

DOMICIANO

Tito Flávio Domiciano (51-96 d.C.), filho mais jovem de *Vespasiano, foi imperador romano de 81 a 96 d.C. Durante seu reinado antijudaico, e aparentemente também anticristão, os ânimos se inflamaram em Roma. A principal forma pela qual esses sentimentos hostis eram expressos era por intermédio do imposto para Júpiter Capitolino. O imposto de duas dracmas pago por todo judeu adulto do sexo masculino para a manutenção do Templo de Jerusalém foi transferido para o tesouro desse templo romano. Introduzido pela primeira vez por Vespasiano, esse imposto, o conhecido *fiscus iudaicus*, foi mais rigidamente cobrado sob Domiciano, depois levemente relaxado sob seu sucessor Nerva (96-98 d.C.). Suetônio oferece um relato vívido dessas mudanças. "O imposto judeu", escreve ele, "foi cobrado com o maior rigor, e eram processados aqueles que sem publicamente reconhecerem essa fé viviam como judeus, bem como aqueles que ocultavam sua origem e não pagavam o tributo imposto a seu povo. Eu me lembro de ter visto em minha juventude quando um homem de noventa anos de idade foi examinado frente ao procurador para um tribunal superlotado ver se ele era circuncidado."

A conversão ao judaísmo, identificado como ateísmo, também era severamente reprimida. O cônsul Flávio Clemente, primo do imperador, e muitos outros foram executados sob essa acusação. Aqueles que escapavam com vida tinham de abrir mão de seus bens (Cássio Dio). Eusébio, baseado em Hegesipo, o autor do século II, fala da perseguição de Domiciano aos judeus que, como os netos de Judas, irmão de *Jesus, eram vistos em círculos cristãos como descendentes do rei Davi. Contudo, a veracidade desse relato é questionável.



Imperador Domiciano

Domiciano foi suspeito, parece que injustamente, do assassinato de seu irmão e predecessor *Tito (Suetônio, Dio). Não há dúvida, porém, de que teve morte violenta em 96 d.C.

Fontes: Suetônio, *Domicianus* 12:2; Dio 66:17; 67:14, 1-12. Eusébio, *Hist. Ecl.* 3:19.

DRUSILA

Drusila foi uma princesa herodiana que, de acordo com os Atos dos Apóstolos (24,24), esteve presente em uma conversa entre seu marido *Félix, o procurador romano da Judéia (58-60 d.C.), e São *Paulo, que vinha sendo mantido preso em Cesaréia.

Drusila era filha do rei judeu *Agripa I e sua esposa Cipro, e irmã de *Agripa II e da rainha *Berenice, que tornou a vida de sua irmã mais jovem infeliz por invejar a sua grande beleza. A problemática história matrimonial de Drusila oferece uma visão interessante das regras sociais que comandavam a realeza judaica no século I d.C. Ela primeiramente foi noiva de Epifânio, filho do rei não-judeu Antíoco de Comagena, mas o noivado foi rompido por ele, que se recusou a se submeter à circuncisão, como exigido pela família de Drusila. Os herodianos se consideravam e se comportavam publicamente como judeus. Foi acertado pelo irmão, Agripa II, um novo casamento para ela, com Aziz, rei de Emesa, outro gentio, mas este não fazia objeções a se tornar judeu. A união, porém, foi rompida quando o procurador romano Antônio Félix, com a colaboração de um mago judeu, persuadiu a bela Drusila a ignorar as exigências do judaísmo e desposar um escravo romano liberto não-circuncidado que, como observou o historiador Suetônio, se tornou marido de três rainhas. Eles tiveram um filho chamado Agripa, que veio a ser uma das vítimas da erupção do Vesúvio que destruiu Pompéia e Herculano em 79 d.C.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:220; *Ant.* 19:354-5. Suetônio, *Divus Claudius* 28.

E

EGÍPCIO, O

"O Egípcio" era o apelido de um líder rebelde judeu que pertenceu a um grupo chamado por *Josefo de "mentirosos e impostores": eles fingiam ser enviados divinos encarregados de instigar a revolução. O Egípcio surgiu em cena provavelmente em 58 d.C., sob a procuradoria de *Félix (52-60 d.C.), e atraiu muitos seguidores para o deserto — cerca de 30

mil homens, segundo Josefo em *Guerra judaica.* De lá ele os levou ao Monte das Oliveiras, perto de Jerusalém, e prometeu à multidão iludida a repetição do milagre de Josué em Jericó: ao seu comando, as muralhas de Jerusalém iriam desmoronar e como rei dos judeus ele iria aniquilar as forças romanas estacionadas na cidade. O governador Félix fez abortar esse movimento: atacou os insurgentes com uma grande força e, de acordo com *Antiguidades judaicas,* matou quatrocentos homens e capturou duzentos. Os restantes, incluindo seu líder egípcio, escaparam. Na versão incluída em *Guerra judaica,* a maioria dos 30 mil foi abatida ou presa e apenas uns poucos conseguiram escapar com O Egípcio.

A história tem uma dimensão de Novo Testamento. Quando, em 58 d.C., o apóstolo *Paulo foi levado sob custódia pela guarda romana no Templo, o oficial que o prendeu, Cláudio Lísias, o confundiu com O Egípcio (At 21:38). De acordo com o autor dos Atos, o tamanho das forças rebeldes chegava a 4 mil homens, um número muito menor que os 30 mil mencionados na *Guerra judaica* de Josefo, mas maior do que os 400 mortos e os 200 capturados em *Antiguidades judaicas.*

Fontes: Josefo, *Guer.*, 2:261; *Ant.* 20:171.

ELEAZAR, FILHO DE ANÁS

Ver **Anás (ou Anas), filho de Séti**

ELEAZAR, FILHO DE BOETO

Ver **Joazar, filho de Boeto**

ELEAZAR, FILHO DE JAIRO

Eleazar, filho de Jairo, membro da família revolucionária de *Judas Galileu, possivelmente seu neto, e parente do líder dos sicários Menahem, foi o capitão do último grupo de combatentes da resistência judaica que continuou a guerra contra os romanos na fortaleza de Massada, depois da destruição de Jerusalém, em 70 d.C. A fortaleza aparentemente inexpugnável construída por *Herodes, o Grande, foi cercada pelos romanos comandados por Flávio *Silva. Antes de sua queda, provavelmente em 74 d.C., Eleazar exortou os defensores e suas famílias a escolherem a morte em vez da servidão. Em um longo discurso, sem dúvida redigido por *Josefo, persuadiu seus seguidores a se sacrificarem. Os homens mataram suas famílias e então uns aos outros, até os últimos dez. Nove destes foram abatidos pelo último, que finalmente cometeu suicídio. No total, 960 pessoas morreram. Apenas duas mulheres e cinco crianças, escondidas em passagens subterrâneas, sobreviveram para contar a história trágica e heróica.

Josefo situa o acontecimento no 15º dia de Xanticos (Nisã), isto é, na festa da Páscoa. A morte de Eleazar, a queda de Massada e o fim da primeira guerra contra Roma costumam ser datadas de 73 d.C. Contudo duas inscrições romanas provam que Flávio Silva não se tornou governador da Judéia antes de 73 d.C. e que, conseqüentemente, o cerco de Massada não poderia ter sido completado antes da primavera de 74 d.C.

A expressão filho de Jairo (*bem Yair*) aparece em um fragmento de louça encontrado durante escavações no sítio realizadas por Iigael Iadin na década de 1960. Ainda assim, Iadin acha que as mesmas duas palavras podem ser lidas como "filhos da luz" (*beney 'ôr*), título utilizado pelos membros da comunidade dos Manuscritos do Mar Morto.

Fontes: Josefo. *Guer.* 7:250-406. Y. Yadin e J. Naveh, *Massada I*, (Jerusalém, 1989), nº 437, p. 28.



A fortaleza de Massada, defendida por Eleazar, filho de Jairo

ELEAZAR, FILHO DE SIMÃO

Eleazar, filho de Simão, foi o líder de uma das facções judaicas combatendo os romanos e, em grau ainda maior, os outros grupos judaicos de Jerusalém durante a primeira rebelião anti-romana entre 66 e 70 d.C. No início do levante, Eleazar e seus homens atacaram a facção liderada por *Menahem, filho de *Judas Galileu, e assassinaram a ele e a seu tenente Absalão. Os mesmos homens foram igualmente responsáveis pelo assassinato do ex-sumo sacerdote Ananias, filho de Nedebeu, e seu irmão Ezequias. Eleazar surge novamente em 70 d.C. como um dos três capitães judeus hostis uns aos outros, sendo os outros dois *João de Gíscala e *Simão, filho de Giora. Eleazar controlava o adro interno do Templo com seus 2.400 homens; João, o Monte do Templo; e Simão a cidade alta e grande parte da cidade baixa. Eleazar foi eliminado por um ardil quan-

do, na Páscoa de 70 d.C., permitiu a entrada de peregrinos no santuário. Os combatentes de João de Giscala aproveitaram a oportunidade para penetrar no adro do Templo com suas armas escondidas e lançar um ataque-surpresa contra as forças de Eleazar, que os forçou a bater em retirada. O fim de Eleazar não é registrado por *Josefo, mas é improvável que ele tenha sobrevivido aos estágios finais do cerco.

Fonte: Josefo, *Guer.* 2:564-5; 5:5-21, 99, 250.

ELEAZAR, O EXORCISTA

Eleazar, possivelmente um essênio, foi um renomado exorcista durante a primeira guerra judaica contra Roma (66-70 d.C.). *Josefo foi testemunha ocular de uma aula de exorcismo dada por Eleazar na presença de *Vespasiano, seus filhos, oficiais e soldados, durante a qual livrou diversos homens da possessão demoníaca. Ele punha junto ao nariz do possesso um anel que continha raízes prescritas pelo rei Salomão, o maior especialista em propriedades secretas da natureza e autor de encantos curativos. O cheiro das raízes levava o possesso a espirrar, e a fórmula exorcista fazia o espírito maligno sair pelas narinas. Em seus espasmos o homem caía e, em nome de Salomão, Eleazar proibia o demônio de voltar. Para tornar tudo ainda mais dramático, antes do exorcismo Eleazar punha uma taça cheia de água diante do paciente e ordenava ao demônio que derrubasse a água ao deixar o agitado possesso.

O desempenho de Eleazar tem claras similaridades com o exorcismo praticado por *Jesus de Nazaré. Ele também ordenava ao demônio que partisse e não voltasse (Mc 1:25, 9:25), mas não se valia de encantos ou histrionismo.

A mágica literatura judaica posterior também se refere ao anel de Salomão com uma pedra preciosa (Testamento de Salomão 1:6) ou a um anel no qual estava gravado o sacrossanto nome de Deus (bGit. 68b).

Fonte: Josefo, *Ant.* 8:46-8.

ELIONEU, FILHO DE CANTERAS

Ver sob **Simão Canteras, filho de Boeto**

ELIMAS

Elimas, também conhecido como Bar Jesus, foi um mágico-profeta judeu ligado à equipe do procônsul romano Sérgio Paulo em Chipre. Na cidade de Pafos ele conheceu São *Paulo, que na companhia de *Barnabé, ele próprio cipriota, foi convidado pelo procônsul a falar sobre suas idéias religiosas. Elimas enfrentou Paulo, que ele sem dúvida considerava um rival. De acordo com o autor dos Atos dos Apóstolos, Paulo, utilizando seu próprio poder carismático, cegou o mágico. Sérgio Paulo, tendo testemunhado o poder superior de Paulo, acreditou em sua pregação.

A história pode ser apócrifa, mas revela a atmosfera carismática do cristianismo primitivo não apenas na Palestina, mas igualmente no cenário greco-romano e paulino.

Fonte: At 13:8.

ESCAURO

Marco Emílio Escauro, administrador e general romano, foi o primeiro governador da Síria durante o período de 65 a 62 a.C. Ele foi enviado à Síria por *Pompeu enquanto ainda estava em campanha na Armênia. A partir de Damasco, Escauro penetrou na Judéia, onde havia a guerra civil entre os dois filhos do rei-sumo sacerdote asmoniano Alexandre Janeu, que competiam pelo sumo sacerdócio judaico. O mais velho, *Hircano II, ajudado pelos nabateus, estava sitiando seu irmão *Aristóbulo II em Jerusalém. Os dois tentaram comprar o apoio de Escauro, mas ele optou

por Aristóbulo e seu ultimato aos nabateus encerrou o cerco da capital. Escauro, porém, não conseguiu dominar a fortaleza nabatéia de Petra, na Transjordânia, e parou de molestar os nabateus após receber uma grande soma em dinheiro negociada para ele com sucesso por seu enviado, *Antípatro, pai de *Herodes, o Grande. *Josefo não faz qualquer referência a maus-tratos aos judeus por parte de Escauro, mas um mal preservado calendário histórico da gruta 4 de Qumrã entre os Manuscritos do Mar Morto afirma duas vezes que "Emílio matou..." (4Q333 1, 4 e 8). Como outros nomes históricos, por exemplo Hircano e Xelanziou (Alexandra Salomé), indicam o mesmo período, e como nenhum outro Emílio desempenhou papel importante na conquista romana da Judéia sob Pompeu, a pessoa citada nos fragmentos de Qumrã deve ser Marco *Emílio* Escauro.

Após seu governo na Síria, Escauro voltou à Itália, onde ocupou diversos postos governamentais altos, mas terminou a vida no exílio, considerado culpado de corrupção.

Fontes: Josefo, *Guer.* 1:127-9, 132, 157, 159-60; *Ant.* 14:29, 33, 37, 79-81.

ESTÊVÃO

Estêvão foi o primeiro dos sete assistentes ou diáconos escolhidos pelos apóstolos em Jerusalém para assumir a distribuição de comida a viúvas e membros pobres da comunidade depois das queixas dos "helenistas", isto é, pessoas de origem na diáspora grega. Todos os sete diáconos tinham nomes gregos, e sem dúvida eram eles mesmos helenistas. O relato nos Atos é politicamente tendencioso, escrito do ponto de vista do cristianismo gentílico.

Estêvão, como a maioria dos líderes da Igreja primitiva, incluindo *Pedro e *Paulo, é apresentado como um milagreiro carismático, acusado no Sinédrio de Jerusalém, por judeus da dispersão grega, de blasfe-

mar contra Moisés e Deus e de falar contra a Lei e o Templo. Em sua defesa, Estêvão fez um sermão longo e irrelevante sobre a história judaica de Abraão até Davi e Salomão, terminando com a construção do Templo. Então, citando palavras proféticas críticas a uma casa de Deus feita pelo homem, se voltou contra seus acusadores: os pais deles perseguiram os profetas e eles mesmos assassinaram Jesus.

A acusação enfureceu a platéia. A situação se agravou ainda mais com a alegação feita por Estêvão de uma visão de Jesus sentado à direita de Deus. A platéia ficou louca de raiva; expulsou-o da cidade e o apedrejou até a morte, enquanto um jovem chamado Saulo, o futuro Paulo, testemunhava e aprovava plenamente o assassinato.

O relato tem a intenção de transmitir a mensagem do rompimento do cristianismo com o judaísmo e o Templo. A realidade por trás da história dos Atos provavelmente consistiu em uma provocação destemperada de um líder do movimento de Jesus que teve como resultado transformar a facilmente excitável multidão de Jerusalém em um bando de linchadores. Estêvão é descrito como um imitador de Cristo, oferecendo seu espírito a Jesus e pedindo a Deus que perdoasse seus assassinos.

Fonte: At 7:8-8:1.

EXORCISTA, ANÔNIMO

Um exorcista não identificado que não pertencia ao círculo dos apóstolos teria expulsado demônios em nome de *Jesus. O irritadiço apóstolo *João, filho de Zebedeu, e seus colegas tentaram impedi-lo. Não tendo conseguido, relataram o caso a Jesus, que, porém, jogou água fria em seu entusiasmo. Qualquer um que trabalhasse pelo Reino de Deus e combatesse Satã era um aliado de Jesus (Mc 9,38-40; Lc 9,49-50).

A história mostra que o exorcismo carismático não era um fenômeno incomum na Palestina do século I d.C. Por outro lado, parece, a par-

tir do episódio dos sete exorcistas itinerantes judeus, filhos do sumo sacerdote Ceva, de outra forma desconhecido, que exorcistas profissionais plagiavam as fórmulas de sucesso de seus rivais. De acordo com os Atos dos Apóstolos, os filhos de Ceva utilizaram o nome de Jesus em Éfeso, mas o demônio ironizou-os dizendo: "Jesus eu conheço (...) Vós, quem sois?" (At 19,13-15).

Fonte: Novo Testamento.

EZEQUIAS

Ezequias, o capitão ladrão, foi o líder de um bando de soldados que vagavam pela Galiléia quando o futuro rei *Herodes, o Grande, então com cerca de 25 anos de idade, era seu governador em meados do século I a.C. Tudo o que sabemos com certeza é que Ezequias foi capturado e condenado à morte por Herodes. Mas, em vez de ser cumprimentado por livrar a província de bandidos, Herodes foi levado perante o Sinédrio e julgado por execuções sumárias depois que as queixas das mães dos executados foram ouvidas por *Hircano II, sumo sacerdote e etnarca. Assim, pareceria que Ezequias e seus companheiros não eram criminosos comuns, mas insurgentes quase políticos que protestavam contra a crescente importância de Herodes e sua família. O termo "ladrão" (*lestes*) freqüentemente é utilizado como um sinônimo para revolucionário em *Josefo, para quem a criação da facção dos zelotes levou à proliferação dos atos de banditismo.

É razoável supor que os acontecimentos que se deram na Galiléia em 47 a.C. marcaram o início da resistência nacionalista clandestina aos romanos e seus agentes, os herodianos. A identificação do capitão ladrão Ezequias com Ezequias, o pai de *Judas Galileu, o grande líder rebelde que entrou em cena após a morte de Herodes, não pode ser definitivamente provada, mas tem um alto grau de probabilidade. Sendo assim, com os acontecimentos na Galiléia em meados do século I a.C., teste-

munhamos o nascimento do movimento zelote, que desempenhou um grande papel na história judaica durante os 100 anos seguintes, antes de chegar ao auge no grande levante judaico contra Roma em 66 d.C.

Fontes: Josefo, *Guer.* 1:204, 256; *Ant.* 14:159, 167.

F

FADO

Cúspio Fado foi o primeiro procurador da Judéia sob o imperador *Cláudio e ocupou o cargo de 44 a 46 d.C. De seus dois predecessores no cargo de governador, Marcelo (36/37 d.C.) e Marílio (37-41 d.C.), nada se sabe além dos nomes. Entre 41 e 44 d.C., *Agripa I foi feito rei de Judéia, Samaria e Galiléia por Cláudio, em cuja sucessão como imperador Agripa desempenhou um papel notável. A restauração do reino da Judéia significou que por três anos não houve necessidade de governadores romanos. A responsabilidade pelo governo do país estava nas mãos de Agripa I.

O período de Fado no cargo foi marcado por agitação política e religiosa. O povo da Peréia (Transjordânia) estava em confronto aberto com os habitantes da cidade helenista de Filadélfia (hoje Amã) por causa de suas respectivas fronteiras. Fado interferiu a favor dos moradores de Filadélfia, mas assim que a paz tinha sido estabelecida ele irritou os judeus exigindo o direito à custódia dos trajes de seu sumo sacerdote. A disputa foi resolvida por Cláudio em favor do *status quo.*

Um outro levante, que liga Fado ao Novo Testamento, logo se seguiu quando um autoproclamado profeta chamado *Teudas liderou uma multidão de judeus crédulos até o Jordão com a promessa de repetir o milagre de cruzar o rio praticado por Josué na época da conquista de Caná. A divisão das águas do Jordão permitindo a livre passagem prova-

ria que Teudas tinha sido escolhido por Deus como líder dos judeus contra os romanos. A unidade de cavalaria enviada por Fado surpreendeu os rebeldes e acabou com a facção de Teudas. O próprio líder foi capturado e morto, e sua cabeça cortada foi levada para Jerusalém. Os Atos dos Apóstolos (5,36) se referem ao episódio na fala de *Gamaliel, o Velho, que citou o caso de Teudas para provar, perante o Sinédrio de Jerusalém, que movimentos religiosos não apoiados por Deus nunca chegam a lugar nenhum.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:220; *Ant.* 19:363; 20:97-9

FALCO

Quinto Róscio Célio Pompeu Falco sucedeu o praticamente desconhecido Caio Júlio Quadrato Basso (102/103-104/105 d.C.) como governador romano da Judéia entre 105 e 107 d.C. Não há registros sobre como ele lidou com as questões judaicas durante seu governo. Contudo uma carta de recomendação endereçada a ele por Plínio, o Jovem, de Roma, onde era um alto funcionário público encarregado da manutenção do leito e das margens do Tibre e dos esgotos da cidade, ilustra de forma deliciosa o tipo de literatura epistolar praticada em círculos romanos altamente instruídos. Isso ocorreu alguns anos antes de *Trajano nomear Plínio governador do Ponto e de Bitínia, na Ásia Menor. (Sobre a correspondência de Plínio com o imperador acerca do tratamento dispensado aos cristãos, ver o verbete sobre Trajano.) A carta de Plínio sugere que tinha havido uma comunicação anterior entre ele e Falco. Nela, embora simpático ao pedido feito por Plínio de conseguir um posto no exército romano sob seu comando, na Judéia, para um amigo não identificado, Falco tinha solicitado mais informações, que estava recebendo nessa segunda carta.

> Você talvez tenha sentido que eu estava fazendo muita pressão em meu pedido para que você concedesse um tribunato militar [comando temporário de uma legião] a um amigo meu, mas ficará menos surpreso quando souber quem e o que ele é. Agora que tenho sua promessa, posso dar a você seu nome e sua descrição. Ele é Cornélio Minuciano, em posto e caráter o orgulho de meu distrito natal [Plínio nasceu em Comum, ou seja, Como, no norte da Itália]. Ele é bem-nascido e rico, mas se interessa por literatura como deveria um pobre profissional; e também é notável por sua justiça na magistratura, coragem no tribunal e lealdade na amizade. Você verá que será você quem estará recebendo o favor quando conhecê-lo mais intimamente e descobrir que ele é merecedor de qualquer cargo oficial ou distinção. Não quero fazer mais elogios ao mais modesto dos homens.

Não temos como saber se foi concedido o tribunato a Cornélio Minuciano, mas com base na carta de Plínio, deve ter sido. O grande historiador antigo *Sir* Ronald Syme expressou dúvidas acerca de Minuciano ter assumido a posição conseguida para ele por Plínio na Judéia, porque há provas escritas de um Cornélio Minuciano servindo na mesma época como tribuno militar na terceira (Augusta) legião no Norte da África. Teria ele optado por um emprego melhor ou mais seguro, mesmo correndo o risco de decepcionar seu patrono Plínio?

Fonte: Plínio, o Jovem, *Cartas* 7:22.

FÂNIAS

Fânias, filho de Samuel, também conhecido como Fâni (Pinhas), foi o último sumo sacerdote da história judaica. Os zelotes, após ocuparem o Templo em 67 d.C., o escolheram por sorteio. Era um personagem risível. Não apenas não descendia de sumos sacerdotes como era um mero pedreiro

simplório que não tinha idéia do que era o sumo sacerdócio. Seus mestres o viam como uma piada e determinavam a ele o que deveria fazer.

Assim, o trágico fim do Templo e do pontificado se tornou uma comédia.

Fontes: Josefo, *Guer.* 4:155; *Ant.* 20:227.

FASAEL

Fasael, um estadista judeu, era o filho mais velho de *Antípatro e irmão de *Herodes, o Grande. Nomeado governador de Jerusalém pelo pai, conquistou a simpatia da gente comum da cidade, mas os líderes cívicos tinham inveja de seu sucesso e do de Antípatro e se queixaram deles a *Hircano II. O ameno Hircano não estava disposto a agir contra eles, embora tivesse ordenado que Herodes se apresentasse ao tribunal do Sinédrio ao ser acusado de executar o líder rebelde galileu *Ezequias e seus homens sem julgamento. Fasael e Antípatro dissuadiram o furioso Herodes de buscar vingança e atacar Jerusalém. Em 41/40 a.C., *Marco Antônio elevou tanto Fasael quanto Herodes ao posto de tetrarcas sob Hircano, que continuou a deter a dignidade mais elevada de etnarca.

Durante a invasão da Judéia pelos partos, Herodes fugiu para junto dos nabateus, mas Fasael e Hircano II foram capturados e entregues ao último rei-sacerdote asmoniano, *Antígono. Antígono mutilou seu tio Hircano arrancando-lhe uma das orelhas, ou ambas, e condenou Fasael à morte. O corajoso Fasael tomou para si a tarefa e se matou esmagando a cabeça contra uma pedra. Em memória de seu irmão, Herodes deu a uma das torres de Jerusalém o nome de Fasael. Construiu também a cidade de Fasélida, 16 quilômetros ao norte de Jericó, e doou-a em testamento a sua irmã, *Salomé.

Fontes: Josefo, *Guer.* 1:181-275; *Ant.* 14-17.

FÉLIX

Antônio Félix, um preferido do imperador *Cláudio e do sumo sacerdote judeu *Jônatas, filho de Anás, sucedeu o afastado *Cumano na procuradoria da Judéia em 52 d.C. e ocupou o cargo pelo período relativamente longo de oito anos, até 60 d.C. Ele e seu irmão Palas eram libertos muito influentes na corte de Cláudio. Félix foi um alpinista social muito bem-sucedido que desposou três princesas reais em seqüência. Uma delas foi a neta de *Cleópatra e *Marco Antônio. Com a ajuda de um mago judeu ele persuadiu outra, *Drusila, filha do rei *Agripa I, a se casar com ele, em absoluto desrespeito à proibição mosaica de casamento com alguém não-judeu.

Félix, apesar de seu alto posto, mostrou-se um verdadeiro herdeiro de seus antepassados de nível inferior. O historiador romano Tácito o descreve como um homem que "praticava todo tipo de crueldade e lascívia, fundindo o poder de um rei com todos os instintos de um escravo" (*Histórias*). Tácito também avalia de forma contundente a administração de Félix: "Ele acreditava que podia praticar todos os atos criminosos impunemente" (*Anais*).

Reinava no país a anarquia, em grande medida provocada pelo tratamento duro dispensado por Félix aos judeus insatisfeitos. Ele capturou o líder dos zelotes, Eleazar, filho de Dineu, utilizando um ardil, e o enviou para Roma para ser julgado. Tirou vantagem dos insurrectos, conhecidos como "assassinos", ou sicários, e os subornou para que matassem seu crítico constante, o sumo sacerdote Jônatas. Esses sicários aterrorizavam a população assassinando furtivamente opositores políticos com pequenas adagas facilmente escondidas sob seus mantos. Perturbações políticas e religiosas continuaram simultaneamente. Mentirosos e impostores enganavam muitos judeus crédulos que os seguiam para o deserto a fim de testemunhar a realização da prometida libertação dos romanos, apenas para serem abatidos de forma selvagem pelas espadas dos legionários de Félix. O mais conhecido dos trapaceiros era apelidado de "O Egípcio". Ele se apresentava como profeta e persuadiu

uma multidão de judeus a segui-lo até o Monte das Oliveiras, a partir de onde pretendia forçar sua entrada em Jerusalém. A infantaria pesada de Félix fez picadinho dos seguidores do Egípcio, mas o líder conseguiu escapar. Os números relativos à magnitude da rebelião variam. *Josefo fala de 20 mil seguidores do Egípcio, a maioria dos quais foi morta (*Guer.* 2:261-3), mas os Atos dos Apóstolos (21,38) fornecem o número de 4 mil, e Josefo, em *Antiguidades* (20:171), sem dar o número total de rebeldes, observa de forma mais realista que a cavalaria e a infantaria romanas massacraram 400 homens e fizeram outros 200 prisioneiros. O terror continuou sua escalada, com fanáticos políticos e religiosos se agrupando e dirigindo sua fúria contra o odiado Félix.

O episódio do Egípcio estabelece uma ligação entre Antônio Félix e o Novo Testamento, e mais especificamente entre Félix e São *Paulo. De acordo com os Atos dos Apóstolos (21,38), o tribuno romano que prendeu Paulo no Templo de Jerusalém em meio a uma balbúrdia provocada pelo boato falso de que Paulo tinha levado um não-judeu para uma área do Templo proibida para gentios confundiu o Paulo de língua grega com o fugitivo Egípcio. Ele foi mandado para Cesaréia a fim de se apresentar ao procurador e enfrentar seus acusadores judeus. No final dos procedimentos legais, Félix adiou o julgamento e manteve Paulo preso em Cesaréia. Certo dia ele aparentemente convocou Paulo para falar a ele e sua esposa, judia, Drusila, sobre suas crenças. Embora as visões de Paulo sobre justiça, autocontrole e julgamento não fossem do gosto de Félix, ele ainda assim teria conversado freqüentemente com o apóstolo durante os dois anos em que este permaneceu preso em Cesaréia.

Fontes: At 21:38. Josefo, *Guer.* 2:247-70; *Ant.* 20:137-81. Tácito, *Histórias* 5:9, 3; *Anais* 12:54.

FESTO

Pórcio Festo foi escolhido procurador romano da Judéia pelo imperador *Nero em sucessão a *Félix. Ocupou o cargo de 60 a 62 d.C. Festo herdou os problemas em Cesaréia acerca de direitos civis entre os moradores sírios-gregos e os judeus, que começaram durante a procuradoria de seu predecessor. Os dois lados pediam a cidade para si, os sírios com base em que compunham a maioria da população, enquanto os judeus baseavam sua demanda no fato de que o fundador da cidade, o rei *Herodes, o Grande, era um judeu! Félix primeiramente se decidiu contra os judeus, mas finalmente enviou o caso a Roma, para a decisão imperial. Os delegados judeus criticaram a forma como o procurador lidou com a questão, mas Palas, irmão de Félix, ainda nas graças do imperador, conseguiu, com a ajuda do secretário de Nero para correspondência grega, que um decreto imperial desse Cesaréia aos sírios helenizados. Como resultado, a luta ganhou força e se tornou uma das principais causas da guerra judaica contra Roma em 66 d.C.

As ofensas atribuídas aos sicários aumentaram. Festo tentou contê-los, mas apenas com breve sucesso. Esgotado por seus esforços, morreu no cargo em 62 d.C. A temporária ausência de um representante do poder romano permitiu a instalação de completa anarquia. Também deu ao sumo sacerdote judeu *Anã, filho de Anás, a oportunidade de se livrar de seus oponentes, incluindo *Tiago, o irmão do Senhor, o qual ele ordenou que fosse apedrejado.

Pouco depois de sua chegada à Judéia, Festo foi defrontado com o caso do prisioneiro São *Paulo, deixado sem solução por seu antecessor Félix. Paulo se recusava a comparecer a um tribunal judaico e usou seu direito de cidadão romano de apelar ao tribunal do imperador, um apelo que o governador legalmente estava inclinado a atender. Os Atos dos Apóstolos contam que Festo apresentou Paulo ao rei visitante *Agripa II e sua irmã *Berenice, diante de quem Paulo fez uma proverbial defesa de si mesmo e suas crenças. "Estás louco, Paulo", comentou um Festo per-

plexo, e Agripa sarcasticamente acrescentou: "Ainda um pouco e, por teus raciocínios, fazes de mim um cristão!"

Fontes: At, 24:27; 25, 26. Josefo, *Guer.* 2:271-2; *Ant.* 20:182-200.

FILÊMON

Filêmon foi o destinatário de uma curta e especial epístola de *Paulo em nome de um escravo fugitivo chamado Onésimo, que pertencia a Filêmon. Onésimo é descrito como colossense (Col 4,9), Filêmon, portanto, também devia ser colossense. Ele era um membro abastado da comunidade cristã, e sua casa servia de local para reuniões da Igreja. É descrito como "colega de trabalho" de Paulo, e o bilhete enviado a ele foi manuscrito pessoalmente pelo amigo.

Ao que parece, Onésimo teria roubado algo de seu mestre e tinha conseguido escapar de Roma quando se encontrou com Paulo. Converteu-se e se tornou seu servo. Paulo teria gostado de ficar com ele, mas não sem o consentimento de Filêmon. Então, mandou Onésimo de volta a seu mestre com o pedido de que deveria ser recebido como um "irmão amado", ou seja, implicitamente pedindo que Filêmon fizesse de Onésimo um homem livre. Caso Filêmon sofresse qualquer prejuízo material como resultado disso, Paulo estava disposto a indenizá-lo. É muito duvidoso que Onésimo, bispo de Éfeso na década de 110 d.C., mencionado por Inácio de Antioquia e Eusébio, seja a mesma pessoa que o ex-escravo, mas não cronologicamente impossível.

Fontes: Epístolas a Filêmon e Colossenses. Inácio de Antioquia: Eusébio, *Hist. Ecl.* 3:36.

FILIPE, O APÓSTOLO

O apóstolo Filipe é apenas um nome em uma lista nos Evangelhos Sinópticos e nos Atos dos Apóstolos, sem desempenhar qualquer papel na história de *Jesus de Nazaré (Mc 3,16-19, Mt 10,2-4, Lc 6,14-16, At 1,12-14). Filipe ganha importância em *João. Natural de Betsaida, cidade pesqueira natal de *Pedro e *André, ele levou Natanael a Jesus e serviu de guia para alguns peregrinos da diáspora grega que queriam conhecer Jesus. Ele também foi utilizado como um tipo de parceiro de diálogo não muito inteligente quando Jesus pretendia dar ênfase a uma idéia (Jo 14,8-11).

A tradição cristã posterior, contida em uma carta do final do século II enviada por Polícrates, bispo de Éfeso, ao papa Vítor, citada pelo historiador da Igreja Eusébio (século IV), situa o apóstolo Filipe na província romana da Ásia. Filipe teria sido enterrado em Hierápolis juntamente com suas duas filhas solteiras, enquanto outras duas permaneceram em Éfeso. Parece que Eusébio confundiu o apóstolo Filipe com *Filipe, o Diácono, cujas quatro filhas profetisas são mencionadas nos Atos dos Apóstolos (At 21,8-9).

Fonte: Eusébio, *Hist. Ecl.* 3:31.

FILIPE, O DIÁCONO

Filipe foi um dos sete membros de língua grega da Igreja de Jerusalém nomeados pelos apóstolos diáconos ou ministros, de modo a cuidarem dos pobres e das viúvas em meio aos "helenistas", isto é, os cristãos judeus originários da Diáspora. Os outros seis, todos eles com bons nomes gregos, eram *Estêvão, Prócoro, Nicanor, Timão, Parmenas e Nicolau, prosélito de Antioquia (At 6,1-5).

Filipe foi pregar o evangelho aos samaritanos (naquela época a proibição original de Jesus de falar aos pagãos e samaritanos tinha sido esquecida). Sua evangelização, acompanhada de exorcismos e curas

carismáticas, foi muito eficaz, e converteu até mesmo *Simão, o Mago, que se tornou companhia constante de Filipe. *Pedro e *João chegaram de Jerusalém para levar o Espírito Santo aos samaritanos de uma forma visível pela imposição das mãos. Simão ofereceu a Pedro dinheiro para comprar um pouco desse poder, mas foi firmemente repreendido.

O segundo episódio registrado da carreira de evangelizador de Filipe se refere ao seu encontro com um etíope convertido ao judaísmo, na estrada de Jerusalém a Gaza. Esse tesoureiro da rainha da Etiópia estava voltando de sua peregrinação ao Templo. O funcionário estava lendo Isaías 53, a passagem sobre o sofrido servo do Senhor, e, incapaz de compreendê-la, pediu uma explicação a Filipe. Filipe disse ao etíope que as palavras tinham se tornado verdade em Jesus, e imediatamente o batizou na primeira fonte de água pela qual passaram.

Filipe é encontrado mais tarde em 58 d.C., quando Paulo presta seus respeitos a ele ao chegar a Cesaréia, quando se dirigia para Jerusalém pela última vez. Paulo ficou na casa de Filipe e conheceu suas quatro filhas, que eram profetisas carismáticas.

Fontes: At 8,5-6,12-13,26-40; 21,8.

FILIPE, O TETRARCA

Filipe, filho de *Herodes e Cleópatra de Jerusalém, herdou as regiões ao nordeste e a leste de Galiléia, Batanéia, Gaulinites, Aurinites, Traconites e Panéias, bem como a Ituréia, de acordo com Lucas 3,1. Ele governou a população basicamente gentílica (grega e síria) de 4 a.C. a 33/34 d.C. Filipe é o único filho de Herodes sobre o qual o relato de *Josefo é inteiramente positivo. As únicas realizações ligadas ao seu nome são projetos de construção. Ele reconstruiu a velha cidade de Panéias, na nascente do Jordão, e a renomeou como Cesaréia em homenagem a *Augusto. No Novo Testamento, ela é conhecida como Cesaréia de Filipe. Filipe também reformou Betsaida, a cidade dos apóstolos *Pedro, *André e *Fili-



Filipe, o Tetrarca, filho de Herodes, o Grande

pe, situada na margem norte do lago da Galiléia, e dedicou a renovada aldeia pesqueira a Júlia, filha de Augusto, chamando-a de Júlias. Ele desposou *Salomé, filha da esposa de Herodes *Antipas, Herodíades. De acordo com os evangelhos, mãe e filha foram fundamentais para conseguir a decapitação de *João Batista. Filipe é louvado por sua bondade e seu amor à justiça. Era muito acessível, e seus servos sempre levavam um banco de julgamento para onde quer que ele fosse, de modo que pudesse ouvir casos e pronunciar sentenças sempre que fosse solicitado a fazê-lo. Encarregado de uma população majoritariamente não-judia, ele cunhou moedas com as efígies de Augusto e *Tibério, e sua própria ima-

gem figura em uma delas. Como morreu sem filhos no vigésimo ano de Tibério (33/34 d.C.), seu território foi anexado à província romana da Síria, mas depois, em 37 d.C., foi devolvido pelo imperador *Calígula ao sobrinho de Filipe, o rei judeu *Agripa I, filho de *Aristóbulo e neto de *Mariamna, ambos assassinados por Herodes, o Grande.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:167-8, 181; *Ant.* 18:27-8, 106-8, 237.

FILO

Filo de Alexandria foi o maior filósofo do judaísmo helenista. Foi também teólogo e estadista. Nasceu por volta de 20 a.C. em uma importante família judia de Alexandria, sendo seu irmão, Alexandre, o Alabarca, superintendente da alfândega romana, e seu sobrinho o procurador da Judéia, Tibério Júlio *Alexandre (46-48 d.C.). Em 39/40 d.C., Filo liderou a delegação de judeus alexandrinos que se encontrou com Gaio *Calígula. Cidadão romano e grande admirador do imperador *Augusto, Filo esteve profundamente envolvido no conflito entre gregos e judeus em Alexandria, exacerbado pelas inclinações antijudaicas do governador romano Flaco antes de cair em desgraça, ser banido e, posteriormente, executado por ordem de Calígula no ano de 38 d.C. Nem os embaixadores gregos nem os judeus conseguiram conquistar o imperador para sua causa, pois Calígula estava mais interessado em "ser reconhecido como um deus" (*Legatio* 371).

Filo foi um autor extremamente produtivo, e o principal de suas obras foi preservado. A maioria delas é dedicada a uma interpretação alegórica do Pentateuco, especialmente do Gênesis, e a uma exposição sistemática com toques de filosofia e alegoria da lei mosaica, particularmente de seus quatro livros sobre as *Leis especiais*. Em *Todo homem justo deve ser livre* e em *Da vida contemplativa*, ele deixou importantes descrições das seitas judaicas e dos *therapeutae*, ou curandeiros místicos, as primeiras concentra-

das basicamente na Palestina e os segundos nas vizinhanças de Alexandria. Eusébio preservou muitos fragmentos da defesa feita por Filo da religião judaica sob o título de *Hipotética, ou uma apologia dos judeus.*

A obra de Filo é o testemunho de um feliz casamento entre o pensamento helenista e a religião judaica. Seu amplo conhecimento da filosofia grega, acima de tudo de Platão, seguiu de mãos dadas com a fidelidade à Bíblia, que ele utilizava na tradução dos Setenta, sendo seu limitado conhecimento de hebraico revelado nas etimologias de nomes bíblicos. Como filho de dois mundos, ele pôde propor aos judeus que Moisés tinha ensinado a eles a essência da filosofia grega e aos gregos que suas idéias mais queridas tinham sido aprendidas e assumidas de Moisés. Sua influência sobre o judaísmo rabínico é pequena. Por outro lado, ele deixou uma marca profunda nos primórdios do cristianismo, da epístola aos Hebreus e do prólogo do quarto evangelho aos primeiros Padres da Igreja, especialmente Clemente de Alexandria, Orígenes, Ambrósio e Jerônimo.

A popularidade de Filo em círculos cristãos inevitavelmente levou a lendas ligando-o à Igreja primitiva. O historiador da Igreja Eusébio de Cesaréia conta que Filo conheceu e debateu com São *Pedro em Roma, e que os *therapeutae* de seu *Vida contemplativa* eram judeus cristãos ascetas do Egito (*Hist. Ecl.* 2:17). A tradição posterior da Igreja não se contentou em fazer de Filo um simpatizante do cristianismo, transformando-o em um cristão pleno que foi batizado pelo apóstolo *João e escreveu o livro grego da Sabedoria de Salomão, entre os Apócrifos.

Fontes: Filo (edição Loeb); HJP III, 2, 809-89.

FLORO

Géssio Floro (64-66 d.C.) foi o último procurador romano da Judéia, e seu mandato terminou com a eclosão da grande guerra dos judeus contra Roma. Era um grego da Ásia Menor e devia sua nomeação à amizade

entre sua intrigante esposa Cleópatra e a imperatriz Popéia, esposa de *Nero. Floro foi, de longe, o mais corrupto de todos os governantes romanos da Judéia. De fato, *Josefo destaca que, comparado com ele, mesmo o desonesto *Albino era um parâmetro de virtude, que os judeus poderiam considerar como seu benfeitor! Enquanto Albino tentava disfarçar sua desonestidade, Floro exibia abertamente sua vilania. A grande rebelião explodiu no segundo ano de seu governo.

A explosão final se deu por dois atos de Floro particularmente odiosos. Josefo relata que, em maio de 66 d.C., o procurador deflagrou o massacre de 3.600 homens, mulheres e crianças, entre eles judeus de nível superior que eram cidadãos romanos. O banho de sangue, que nem as repetidas interferências da rainha *Berenice, irmã do rei *Agripa II, conseguiram impedir, foi a vingança de Floro contra um grupo de judeus que tinha organizado uma coleta simulada de centavos para sustentar o procurador sem vintém depois de ter ilegalmente retirado uma quantia substancial do tesouro do Templo. Agripa II se esforçou por acalmar a situação, mas não obteve sucesso e a crueldade provocativa de Floro e seu desrespeito à lei inevitavelmente levaram ao caos da primeira guerra dos judeus contra Roma. De acordo com Josefo, mesmo o governador da Síria, *Céstio Galo, pôs a culpa pelas hostilidades nos ombros de Floro, e o historiador romano Tácito resumiu a situação em seu característico estilo lacônico: "A paciência dos judeus durou até Géssio Floro se tornar governador; nesse momento a guerra começou." ("*Duravit tamen patientia Iudaeis usque ad Gessium Florum procuratorem: sub eo bellum ortum.*")

Fontes: Josefo, *Guer.* II: 277; *Ant.* 20:252-3. Tácito, *Histórias* 5:10, 1.

G

GABÍNIO

Aulo Gabínio foi governador romano da Síria de 57 a 55 a.C. Embora o principal responsável pela conquista da Judéia sob Pompeu tivesse sido *Escauro, primeiro governador da Síria, o esmagamento da rebelião fomentada por *Aristóbulo II e seu filho *Alexandre e a reorganização administrativa da nova província foram obra do terceiro sucessor de Escauro, Gabínio. Ele dividiu o território atribuído a si em cinco conselhos ou *synedria.* Eram centros de governo, dos quais Jerusalém e Jericó ficavam na Judéia, Séforis, na Galiléia, e os dois restantes, Gadara e Amatus, na Transjordânia, a não ser que Gadara seja na verdade Adora, na Iduméia. Os habitantes não-judeus das cidades que os romanos tinham tomado de *Hircano II, o governante asmoniano — entre elas Citópolis, Samaria, Jâmnia e Gamala —, tinham uma grande dívida de gratidão para com Gabínio por ele ter devolvido a eles sua antiga glória independente. Em sua campanha contra o Egito, Gabínio recebeu ajuda militar de Hircano e *Antípatro, pai de *Herodes, o Grande. Gabínio foi inocentado do crime de conspiração ao voltar a Roma em 55 d.C., mas depois foi condenado por extorsão, embora *Pompeu tivesse testemunhado a seu favor e Cícero tivesse sido seu advogado de defesa.

Fontes: Josefo, *Ant.* 14:92-104; *Guer.* 1:60-178. Dio 39:59-63.

GALIÃO

Lúcio Júnio Aneu Galião foi procônsul romano em Acaia entre 51/52 e 52/53 d.C. Antes de ser adotado pelo abastado Lúcio Júnio Galião, de quem recebeu o nome, ele se chamara Aneu Novato. Era filho do retórico Marcos Aneu Sêneca. O irmão mais velho de Galião, o famoso filósofo

Sêneca, foi tutor do imperador *Nero. Galião aparece no Novo Testamento como chefe da administração romana em Corinto, perante quem São *Paulo teve de se apresentar. O encontro foi provocado pela tentativa do apóstolo de convencer judeus de Corinto a se juntarem ao movimento de Jesus. Paulo foi fundamentalmente malsucedido, e os judeus locais o acusaram a Galião por perturbar a paz comunal defendendo um tipo de religião que aos olhos deles era contrário à Lei. O procônsul, porém, se recusou a investigar as acusações, pois em sua opinião isso não correspondia *prima facie* a um crime penal. Galião se declarou incompetente para julgar a questão e por isso não convidou Paulo a apresentar sua defesa. Como a questão dizia respeito à sua religião, Galião aconselhou os queixosos judeus a resolverem o problema entre si. Tal política de não-envolvimento com as peculiaridades do direito judaico parece, em geral, ter sido adotada pelos magistrados romanos. Galião se mostrou um juiz justo e perspicaz. Pouco depois de seu encontro acidental com Paulo ele voltou a Roma, onde se tornou cônsul em 58 d.C. Sua vida terminou de forma trágica. Tanto ele quanto seu irmão mais famoso, Sêneca, enfrentaram acusações de conspiração contra Nero e foram obrigados a cometer suicídio.

Fontes: At 18:12-16. Dio 62:25.

GALO

Céstio Galo foi governador romano da Síria de 63 a 66/67 d.C. e desempenhou um papel significativo nos primeiros momentos da rebelião judaica, iniciada em maio de 66. Vários meses mais tarde Galo comandou uma grande força de Alexandria para a Judéia. De Lida, onde chegou na festa do Tabernáculo (setembro/outubro), ele lançou um ataque a Jerusalém, mas, dando-se conta de que não tinha forças suficientes para capturar a cidade, decidiu recuar. Sua retirada se transformou em debandada quando foi surpreendido por combatentes judeus perto de Bet-Horon.

Com as forças romanas desbaratadas abandonando todo o equipamento, Céstio Gálio voltou a Antioquia. Morreu em 67 d.C. de forma natural ou por vergonha, nas palavras de Tácito, tendo conhecido a derrota mais freqüentemente do que a vitória.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:499-555. Tácito, *Histórias* 5:10, 1.

GAMALIEL, O VELHO

Gamaliel, o Velho, neto, ou possivelmente o filho de *Hilel, foi um importante fariseu da primeira metade do século I d.C. Pouco se sabe sobre sua vida ou seus ensinamentos. A literatura rabínica atribui a ele cartas ditadas no Monte do Templo e enviadas para os judeus na Galiléia, no Sul, na Babilônia e na Média, instruindo-os sobre as complexidades do momento do dízimo e do ano bissexto. Tinha uma reputação de gentileza e preocupação para com as mulheres, autorizando, por exemplo, o novo casamento de uma viúva com base no depoimento de uma única testemunha da morte de seu marido.

Gamaliel, o Velho, aparece bem no Novo Testamento. Não apenas é citado como o professor aos pés de quem São *Paulo estudou a Torá em Jerusalém (At, 22,3), mas também fala em defesa dos apóstolos quando eles são examinados pelo Sinédrio. Cita o fracasso de *Teudas e *Judas Galileu para provar que movimentos que não são apoiados por Deus sempre fracassam e convence o tribunal a deixar os apóstolos partirem e permitir que a Providência decida o destino do novo agrupamento religioso (At 5,34-9).

Fontes: *Enc. Jud.* 7, 295-6, HJP II, 367-8.

GAMALIEL II

Gamaliel II, ou Rabã Gamaliel, era o terceiro filho de Simeão, filho de Gamaliel, e presidiu a academia de Iabne (Jâmnia) de *c.* 90 até 100 d.C. Era um autocrata e um rígido intérprete da Torá, mas não um intolerante. Não tinha escrúpulos em freqüentar os banhos dedicados a Afrodite em Acco, e, quando desafiado por um filósofo gentio, teria retrucado que tinha visitado a casa de banhos, não a estátua decorativa da deusa (bAz 44b). Teria certa vez viajado a Roma em companhia de outros rabinos.

De acordo com o Talmude, foi durante a presidência de Rabã Gamaliel que a chamada *Birkhat ha-minim* (a bênção, ou melhor, a maldição dos hereges) foi acrescentada à recitação três vezes ao dia das Dezoito Bênçãos, uma das principais orações regulamentares do judaísmo. Gamaliel pediu um voluntário para compor a bênção, ou melhor, a maldição, e Samuel, o Pequeno, inventou a fórmula de rezar pela rápida erradicação dos nazarenos e de todos os hereges e a eliminação de seus nomes do Livro da Vida (bBer, 28b). Essa formulação é confirmada na antiga versão medieval da oração encontrada na genizá do Cairo, onde os nazarenos certamente eram judeus cristãos. Acredita-se, porém, que na antiga formulação da bênção estava presente apenas o termo genérico "hereges" (*minim*). Isso significaria que a tese freqüentemente apresentada de que a introdução da *Birkhat ha-Minim* sob Gamaliel II nos anos 90 marcou a divisão de caminhos entre judeus e judeus cristãos é infundada ou, pelo menos, questionável.

Fontes: Enc. Jud. 7, 296-8; HJP II, 372-3.

H

HANÃ

Hanã, ou Hanin, apelidado *ha-Neba* ("o escondido", provavelmente "o envergonhado"), e chamado de *Abba* (Pai), como seu primo *Abba Hilquiá, era neto de Honi, o traçador de círculos. Provavelmente foi um contemporâneo mais velho de *Jesus de Nazaré. Acredita-se que a súplica de Hanã, como a de Honi e a de Abba Hilquiá, invariavelmente produzia chuva em períodos de seca. Apenas uma única história relativa a ele sobreviveu, sem outros detalhes biográficos. De acordo com o Talmude, em épocas de fome os rabinos regularmente mandavam crianças em idade escolar para Hanã, para que elas fizessem com que ele intercedesse por chuva. Como crianças de todas as idades, elas gostavam dessa atividade extracurricular e, correndo atrás do homem de Deus, agarravam a barra de seu manto e gritavam as palavras ritmadas "Pai, Pai, nos dê chuva!" ("*Abba, Abba, hav lan mitra.*") Embora o atendimento imediato da oração fosse atribuído a ele pelos agradecidos beneficiados, Hanã, em sua humildade, pedia a Deus para mandar chuva em benefício das crianças, que em seus pedidos confundiam o Abba (Hanã), que não podia mandar chuva, com o Abba (Deus), que podia. O dito, no qual Deus é chamado de Pai, é coerente com o estilo de oração regularmente atribuído a Jesus nos evangelhos.

Fonte: bTaan. 23b.

HANINA BEN DOSA

Hanina ben Dosa foi um carismático galileu do século I d.C. que viveu na cidade de Arab/Arava, ou Gabara, a cerca de 19 quilômetros ao norte de Nazaré. Era um contemporâneo mais jovem de *Jesus de Nazaré, e a literatura rabínica o apresenta como um pupilo de *Iohanã

ben Zacai, o líder espiritual de Arav por 18 anos de acordo com a tradição talmúdica.

Nada se sabe sobre o histórico familiar de Hanina. O nome grego de seu pai, Dosa, redução de Dositeu, era usado normalmente por rabinos, de modo que isso não necessariamente indica uma cultura helênica. Hanina não está ligado a qualquer acontecimento histórico datável, mas temos provas circunstanciais suficientes para situá-lo no século I d.C., e provavelmente no período anterior a 70. Ele está ligado a três personagens importantes: Iohanã ben Zacai durante o período de sua carreira na Galiléia; Neuniá, um funcionário do Templo, portanto, por definição, um personagem anterior a 70; e Gamaliel. Se esse Gamaliel for *Gamaliel, o Velho, professor de São *Paulo, mais uma vez estamos antes da queda de Jerusalém. Seja como for, não há nada registrado sobre Hanina que exija uma data posterior à destruição do Templo.

Embora a tradição talmúdica posterior retrate Hanina como um pleno realizador de milagres, a descrição inicial dos rabinos o representa como um homem de impressionante devoção, um hasside com um talento extraordinário para a cura. Sua fé era baseada em uma absoluta concentração na oração. Dizia-se que nem a chegada de um rei ou a presença ameaçadora de uma cobra podia perturbar sua devoção. De acordo com uma história contada sobre Hanina, ele continuou a orar sem ser ferido mesmo depois de uma serpente tê-lo mordido. Na verdade, foi a serpente que morreu. Essa história originou o provérbio "*lamente pelo homem que foi mordido por uma serpente, mas lamente pela serpente que mordeu Hanina ben Dosa*" (mBer. 5:1; tBer. 2:20; yBer. 9a; bBer. 33a).

Sua reputação como curandeiro espiritual era tão alta que mesmo os líderes do farisaísmo do século I d.C. teriam solicitado sua ajuda. Ele curou o filho de seu antigo mestre, Iohanã ben Zacai, fazendo seu pedido a Deus em uma posição de oração mística com a cabeça apertada entre os joelhos, imitação do milagreiro profeta Elias. Em outra história, Gamaliel, provavelmente o Velho, enviou dois de seus discípulos de Jerusalém para a distante Galiléia a fim de pedir a intercessão de Hanina em benefício de

seu filho doente. Hanina conseguiu a cura *in absentia* mesmo antes de ter ouvido o pedido de Gamaliel transmitido por seus enviados:

> Aconteceu que, quando o filho de Gamaliel caiu doente, ele mandou dois pupilos a Hanina ben Dosa para que orasse pelo filho. Quando os viu, Hanina foi para o quarto de cima e orou. Ao descer, disse-lhes: "Partam, pois a febre o deixou." Perguntaram a ele: "Você é um profeta?" Ele respondeu: "Eu não sou profeta, nem sou filho de profeta, mas é assim que sou atendido. Se minha oração é fluente em minha boca, eu sei que o doente é atendido; se não, eu sei que sua doença é fatal." Os pupilos de Gamaliel se sentaram e anotaram a hora. Quando voltaram, Gamaliel lhes disse: "Pelos céus, vocês nem diminuíram nem aumentaram, foi assim mesmo que aconteceu. Foi nessa hora que a febre o deixou e ele nos pediu água para beber" (bBer. 34b, yBer. 9d).

Hanina também era conhecido como um homem que controlava demônios, incluindo a rainha dos espíritos maléficos, Ágrate, filha de Málate, e, como *Honi e seus netos, *Hanã e *Abba Hilquiá, tinha a reputação de fazer chover. Seus contemporâneos acreditavam que ele tinha devolvido a fertilidade à natureza, e o honravam como alguém que tinha resgatado a humanidade. De acordo com a lenda rabínica, Hanina foi festejado como um "filho de Deus" com uma voz celestial proclamando diariamente: "Todo o universo é mantido graças a *meu filho* Hanina". (bTaan. 24b). A especulação religiosa foi ainda mais longe, afirmando que o mundo, e mesmo o mundo futuro, tinha sido criado por causa de Hanina ben Dosa (bBer. 61b), e que por causa de seus méritos o favor de Deus tinha sido concedido a todos os seus contemporâneos (bHag. 14a).

Homem que vivia na mais completa miséria, Hanina era mais um milagreiro que um professor, e quando morreu os "homens de [maravilhosas] obras" desapareceram, de acordo com a mixná (mSot. 9:15). Apenas alguns poucos de seus ditos sobreviveram. Ele exaltava o medo do pecado e as realizações devotas mais que as palavras de sabedoria, e prega-

va a gentileza para com as pessoas, pois "qualquer homem com quem os homens estão satisfeitos, Deus está satisfeito com ele" (mAb. 3:9-12).

Muitas das características de Hanina ben Dosa lembram as de Jesus, embora em menor escala. Especialmente a cura do filho de Gamaliel faz recordar a cura à distância do servo do centurião de Cafarnaum. A superioridade de Hanina em relação aos demônios é comparável ao retrato de Jesus como exorcista. Sua história com a serpente faz recordar um dos ditos de Jesus! "Dei-lhes o poder de pisar serpentes (...) e nada poderá lhes causar dano" (Lc 10,19). Mais interessante ainda, a voz celestial chamando Jesus, Hanina e outros, como o rabino Meir, de "meu filho", dá uma excelente visão da utilização metafórica original do conceito de "filho de Deus" no pensamento religioso judaico-palestino.

Pelo lado negativo, representantes do judaísmo convencional tentaram procurar defeitos no comportamento heterodoxo de um carismático. Hanina foi criticado por negligenciar suas obrigações rituais, por se comportar inconvenientemente para um homem de Deus, como andar só pela rua à noite. Seu anúncio de uma cura à distância provocou a pergunta sarcástica: "Você é um profeta?" E o efeito milagroso de sua oração foi atribuído aos méritos de Abraão, Isaac e Jacó.

No todo, o retrato de Hanina ben Dosa lança uma luz valiosa sobre o retrato de Jesus nos Evangelhos e sobre as linhas do desenvolvimento teológico inicial do judeu-cristianismo palestino.

Fontes: mBer. 5:1; tBer. 2:20; yBer. 9a; bBer. 33a; bBer. 34b; yBer. 9d; bTaan. 24b; bBer. 61b; bHag. 14a; mSot. 9:15; mAb. 3:9-12. Ver G. Vermes, *Jesus the Jew*, 53-60.

HERODES DE CÁLCIS

Herodes de Cálcis, irmão de *Agripa I, era neto de *Herodes, o Grande, por intermédio de seu filho assassinado, *Aristóbulo. O imperador *Cláudio fez com que ele governasse como rei de 41 a 48 d.C. sobre Ituréia e Abilene, norte da Galiléia. Como gratidão ao imperador, Herodes cha-

mou a si mesmo de "amigo de Cláudio" em suas moedas. Como a maioria dos príncipes herodianos, ele se casou com parentas próximas. Sua primeira esposa foi Mariamna, neta de Herodes, o Grande, e a segunda foi sua sobrinha *Berenice, filha de Agripa I. Herodes foi um dos cinco reis-aliados que compareceram ao encontro convocado por Agripa em Tiberíades, que foi imediatamente encerrado por Márcio, governador da Síria. Com a morte de Agripa I, em 44 d.C., Cláudio deixou Herodes de Cálcis encarregado de supervisionar o Templo de Jerusalém e deu a ele o poder de nomear sumos sacerdotes. Pouco depois de sua morte, seu sobrinho *Agripa II herdou-lhe o reino.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:221-2; *Ant.* 20:103-4.

HERODES, O GRANDE

Herodes, o Grande, filho do novo-rico idumeu *Antípatro, foi nomeado rei dos judeus pela autoridade romana e reinou de 40 (ou 37) a 4 a.C. Iduméia, o Edom bíblico, fica no sul da Palestina, na região conhecida hoje como Negueb. A fama duradoura de Herodes se deve principalmente ao fato de ter reconstruído o santuário de Jerusalém (conhecido como Templo de Herodes) e ao fato de que o nascimento de *Jesus de Nazaré ocorreu durante os últimos anos de seu reinado.

Os idumeus eram considerados judeus desde que o governante asmoniano João *Hircano I (134-104 a.C.) os convertera ao judaísmo, impondo-lhes a circuncisão e a observância da Lei de Moisés. Embora legalmente fossem judeus, aos olhos da aristocracia da Judéia não passavam de religiosos de segunda classe. O próprio Herodes era chamado de "meio-judeu" por seu arrogante rival, o rei-sacerdote asmoniano *Antígono. Fontes rabínicas o rebaixam à posição de um escravo (bBB 3b; bSanh. 19a).

Herodes alegava ser judeu quando estava entre judeus. Mantinha boas relações com os fariseus, mas não atendia plenamente a seus pedidos.

Como resultado, eles por duas vezes se recusaram a fazer um juramento de fidelidade a Herodes e a seu mestre, o imperador *Augusto. Mas, em função do respeito de Herodes por alguns dos líderes fariseus, eles não foram punidos. Os essênios também receberam tratamento preferencial, pois Herodes relembrava com gratidão a previsão do profeta essênio *Menahem de que ele um dia iria ocupar o trono real.

Anos antes de sua nomeação, primeiramente como tetrarca, e em 40 a.C. como rei, por seu patrono romano *Marco Antônio, o cargo de governador da Galiléia já tinha sido conferido a Herodes por seu pai, *Antípatro. Herodes derrotou, capturou e executou *Ezequias, o capitão ladrão revolucionário galileu, e alguns de seus seguidores. Herodes foi convocado perante o sinédrio por execuções ilegais, mas escapou impune graças à interferência do sumo sacerdote *Hircano II. Após sua nomeação como rei, foi necessária uma luta de três anos para que superasse o último rei-sacerdote asmoniano *Antígono, mesmo com a substancial ajuda oferecida por *Sósio, governador romano da Síria. Ele finalmente conseguiu a vitória quando, por ordem de Marco Antônio, que tinha sido subornado por Herodes, o último governante asmoniano foi decapitado em 37 a.C. Herodes decidiu fortalecer seu direito ao trono desposando a princesa asmoniana *Mariamna, neta de Hircano II. O laço matrimonial com a realeza judaica ajudou a melhorar seu *status*, mas pouco ajudou os asmonianos. Em menos de dez anos após seu casamento com Herodes, não apenas Mariamna, mas também sua mãe *Alexandra (sogra de Herodes), seu avô, o ex-sumo sacerdote Hircano, e seu irmão mais novo, o sumo sacerdote *Aristóbulo III (cunhado de Herodes), tinham sido executados por ordem do rei da Judéia.

Herodes passou os primeiros 12 anos de reinado fortalecendo sua posição através da conquista de amigos e da eliminação de oponentes. Conquistou o apoio de dois importantes fariseus, *Polião (possivelmente Abtalião) e *Samaias (Xemaiá ou Xamai), que não apenas o defenderam durante seu julgamento pelo Sinédrio judaico em *c* 47 a.C devido à execução ilegal de rebeldes da Galiléia durante seu governo na região, como

também, mais tarde, convenceram as pessoas comuns da Judéia a aceitar Herodes como seu governante. As classes altas da Judéia, ligadas aos asmonianos, resistiram a ele, mas foram obrigadas a se curvar quando Herodes executou 45 dos mais destacados e abastados cidadãos de Jerusalém. A expropriação de suas posses tornou Herodes enormemente rico.

O velho asmoniano Hircano II, tendo se tornado incapacitado para a função de sumo sacerdote depois de seu sobrinho usurpador Antígono ter arrancado uma de suas orelhas, ou as duas, foi substituído por Herodes, que nomeou um obscuro judeu babilônico chamado Ananel. Contudo, sua sogra, Alexandra, filha de Hircano, considerou essa nomeação inaceitável, por desejar o posto para seu filho de 17 anos, *Aristóbulo III. Alexandra se valeu dos préstimos de sua amiga, a rainha egípcia *Cleópatra, para assegurar que o marido desta, Marco Antônio, patrono de Herodes, exigisse o cargo para o jovem Aristóbulo. Inicialmente bem-sucedida, a manobra terminou em tragédia. A popularidade do jovem sumo sacerdote levantou as suspeitas de Herodes, e quando Aristóbulo estava se divertindo com os companheiros em uma piscina de Jericó, o rei executou o afogamento "acidental" do novo sumo sacerdote. Acusado de assassinato pela mãe da vítima, Alexandra, que era apoiada por Cleópatra, Herodes conseguiu comprar sua fuga e foi inocentado por Marco Antônio quando convocado a se apresentar perante ele no Egito e se justificar.

A principal ameaça a Herodes era a rainha do Egito, Cleópatra. Ela era não apenas amiga de Alexandra, a sogra que não gostava de Herodes e o desprezava, mas era também uma soberana interessada em se apossar de seu território. Além disso, era esposa de Marco Antônio, patrono romano de Herodes. Por intermédio de sua influência sobre o marido, ela conseguiu a transferência para seus domínios da maior parte do litoral palestino e fenício, além da região fértil de Jericó. Herodes era obrigado por ofício a dar suntuosa hospitalidade a Cleópatra quando ela viajava pela Judéia. A rainha, louca por sexo, tentou seduzir Herodes, possivelmente visando comprometê-lo perante Marco Antônio. O rei, por



A fortaleza de Herodeion, onde o rei Herodes, o Grande, foi enterrado

sua vez, estava acalentando a idéia de utilizar o leito para conseguir se livrar dela. Contudo amigos o persuadiram a se distanciar daquela mulher e, dessa forma, conservar as boas relações com seu patrono.

Com o início da guerra civil romana entre Marco Antônio e Otaviano, o futuro Augusto, as habilidades diplomáticas de Herodes foram subme-

tidas a um duro teste. Ele devia lealdade a Marco Antônio, e isso poderia significar o fim de sua carreira. Mas, como de hábito, ele teve sorte. Marco Antônio, pressionado por Cleópatra, instruiu Herodes a atacar os nabateus em vez de utilizar suas forças contra Otaviano. Ainda assim, a derrota de Marco Antônio na batalha de Ácio, em 31 a.C., poderia tê-lo exposto à fúria do vitorioso. Portanto, o inteligente e calculista Herodes correu o risco e visitou Augusto em Rodes, mas antes de fazê-lo ordenou que o inofensivo e envelhecido Hircano II, que ele ainda considerava um pretendente potencial ao título real da Judéia, fosse executado sob uma falsa acusação.

A perigosa viagem a Rodes também precipitou o fim de Mariamna, esposa predileta de Herodes. Considerando intolerável a idéia de que ela pudesse se casar novamente caso Augusto decidisse eliminá-lo, Herodes renovou as ordens secretas, que já tinham sido dadas na época de sua visita a Marco Antônio, para que Mariamna fosse executada caso ele não retornasse. Nos dois casos os homens instruídos para matar a rainha revelaram as instruções de Herodes e pagaram por isso com suas vidas. Na primeira ocasião, José, tio e cunhado de Herodes, acusado pela irmã do rei, *Salomé, de ter tido um romance com Mariamna, foi executado imediatamente, sem uma audiência. O segundo protetor de Mariamna, na época da visita de Herodes a Augusto, um certo Soemo, também foi acusado por Cipro e Salomé, mãe e irmã de Herodes, de ter cometido adultério com Mariamna. Elas ainda acusaram a mulher de planejar o envenenamento de seu marido. Mariamna e a mãe dela, Alexandra, foram condenadas à morte por Herodes, a primeira em 29 e a segunda em 28 a.C. Mariamna foi para a morte "com uma aparência inteiramente calma e sem mudança de cor", de acordo com *Josefo, dessa forma demonstrando essa mulher seu verdadeiro caráter real asmoniano. Sua mãe Alexandra, por outro lado, se comportou de modo lamentável ao tentar salvar seu pescoço. Repreendeu a filha por comportamento vergonhoso em relação ao marido e a humilhou, agarrando-a e puxando-lhe os cabelos em público. Alexandra escapou do carrasco por pouco tempo. No ano seguinte ela planejou derrubar Herodes e tomar o trono para si.

Como de hábito, nenhum segredo podia ser guardado na corte, e a sogra ingressou na lista longa, mas longe de ser completa, de membros da família real executados por Herodes.

A perda da esposa pela qual ele era apaixonado verdadeiramente perturbou o rei, que tentou sem sucesso afogar sua dor em banquetes e caçadas — ele era um grande cavaleiro e um arqueiro e lanceiro campeão —, mas ficou seriamente doente, apresentando sinais de loucura temporária.

As relações familiares de Herodes foram bastante complicadas. Ele teve dez esposas. A primeira foi a iduméia Dóris, que deu a ele o primeiro filho, *Antípatro. A segunda foi a asmoniana Mariamna, com quem teve três filhos, Alexandre, Aristóbulo e um terceiro que morreu em Roma, e duas filhas. Sua terceira esposa, também chamada Mariamna, era filha de um sumo sacerdote e foi mãe de outro filho, Herodes. Entre suas esposas seguintes, a samaritana Maltace deu à luz *Arquelau e *Antipas, ambos mencionados nos evangelhos, que foram sucessores de Herodes. Quanto a *Filipe, também mencionado no Novo Testamento, era filho de Cleópatra de Jerusalém. Os três filhos mais velhos, Antípatro, Alexandre e Aristóbulo, passaram anos em Roma; os dois últimos foram educados lá e desfrutaram da hospitalidade do estadista romano Asínio Pólio, ou possivelmente Védio Pólio, amigo de Augusto. A corte real de Herodes era uma estufa de intrigas, e o ciúme entre o ramo idumeu da família (Cipro, a mãe do rei, Feroras e Salomé, seu irmão e sua irmã, e Antípatro, o filho mais velho) e o lado asmoniano resultou na execução por estrangulamento de Alexandre e Aristóbulo em 7 a.C. Finalmente, mesmo o idumeu Antípatro iria ter o destino de seus irmãos meio-asmonianos: foi executado por Herodes cinco dias antes de sua própria morte, em 4 a.C.

O modo pelo qual Herodes lidou com suas questões familiares não justifica o título "o Grande" que ele freqüentemente recebe na literatura moderna. É interessante notar que o epíteto grandioso (*ho mégas*) é utilizado apenas uma vez em *Josefo. Pareceria que o título "o Grande" teria fundamentalmente o objetivo de distingui-lo de seus sucessores menores.

Ainda assim, certos aspectos de seu reinado são marcantes. O período intermediário (25-13 a.C.) foi caracterizado pelo esplendor de sua impressionante atividade construtiva, tanto internamente quanto no exterior. Em Jerusalém e vizinhanças, Herodes ergueu um teatro, um anfiteatro e um novo palácio real, bem como a fortaleza Antônia, que ele assim chamou em homenagem a seu primeiro patrono, Marco Antônio. Ele construiu a cidade de Samaria e a chamou Sebaste em homenagem a Augusto (*Sebastós* em grego). Em 22 a.C. ele deu início à construção de uma nova cidade com um excelente porto no local da antiga cidade de Torre de Straton, e, ao concluí-la, 12 anos mais tarde, dedicou-a a César Augusto chamando-a de Cesaréia. Outro templo em honra do imperador foi construído em Cesaréia de Filipe, a nordeste do lago da Galiléia, local onde *Pedro iria proclamar *Jesus de Nazaré o Cristo. As cidades de Antípatris e Fasaélis festejam o pai de Herodes, Antípatro, e seu irmão Fasael. Também construiu uma fortaleza e a chamou de Herodeion em homenagem a si mesmo, e fortificou outras, destacando-se, entre elas, Maqueronte, onde mais tarde *João Batista foi decapitado, e Massada, a última fortaleza dos rebeldes judeus durante a primeira guerra contra Roma. Tanto Maqueronte quanto Massada foram transformadas em residências reais. Seus palácios eram cercados de parques, piscinas e estatuária, e ele construía pombais para seus pombos "herodianos" especialmente criados.

Sem sombra de dúvida, a empreitada arquitetônica mais famosa de Herodes foi a reconstrução do Templo de Jerusalém, que começou em 20 a.C. O trabalho continuou durante o restante de seu reinado e muito após a sua morte. Foi concluído apenas durante a procuradoria de *Albino (62-64 d.C.), pouco antes de sua destruição pelos romanos no ano 70 d.C. Algumas partes do Templo de Herodes, especialmente o Muro Ocidental, ou das Lamentações, ainda existem hoje. Na reconstrução do Templo, Herodes teve o cuidado de satisfazer seus súditos judeus e confiou a supervisão dos trabalhos a sacerdotes dessa religião. Nenhuma imagem foi exibida dentro dele e Herodes nunca entrou na área do santuário. Nenhuma de suas moedas preservadas exibe uma efígie. Não existe

nenhuma estátua dele, embora, de acordo com uma inscrição em grego gravada no pedestal remanescente, uma estátua de Herodes um dia esteve em Fia, Aurinites, ao sul de Damasco. Contudo Herodes instituiu jogos atléticos não apenas em Cesaréia, mas também em Jerusalém, o que incomodou judeus conservadores.

Ainda foi responsável pela nomeação de oito sumos sacerdotes judeus. Além de Ananel e Aristóbulo, já mencionados, a lista inclui os nomes de *Jesus, filho de Fiabi; *Simão, filho de Boeto; *Matias, filho de Teófilo; José, filho de Ellem; e *Joazar, filho de Boeto.

Fora de seu próprio território, Herodes financiou templos luxuosos e edifícios públicos em Rodes, Antioquia e até mesmo em Atenas. Mais perto de casa, Tiro, Sídon, Biblos, Berito e Damasco testemunharam sua generosidade.

Embora se considerasse um monarca judeu, Herodes estava preocupado principalmente com a promoção da cultura grega. Nas cidades não judaicas de seu reino, Herodes se comportava como um governante gentio, chegando ao ponto de financiar locais de culto pagão. Cercou-se de helenistas cultos, dos quais o mais famoso foi o polímata *Nicolau de Damasco, tutor de Herodes em filosofia, retórica e história, e que também foi nomeado seu embaixador junto ao imperador. A grande obra histórica de Nicolau foi a fonte principal do longo relato feito por *Josefo da história de Herodes em *Antiguidades*, 15-17.

A política externa de Herodes foi um grande sucesso, pois ele era cidadão romano, como seu pai Antípatro, e Augusto sempre o tratou com deferência. Herodes desfrutava do *status* privilegiado de rei aliado (*rex socius*), um amigo e aliado do povo romano. Seu território quase dobrou durante seu reinado, com a anexação das cidades não judaicas da Palestina e os territórios de Galiléia, Traconites, Batanéia, Aurinites, no nordeste, e os distritos de Ulata e Panaias. De acordo com Josefo, a estima que Augusto sentia por Herodes só estava atrás da que tinha por seu melhor amigo, Marcos Agripa. Contudo, no fim, até mesmo Augusto perdeu seu respeito pelo rei dos judeus.

Embora fosse um déspota protegido por mercenários da Gália, da Germânia e da Trácia, Herodes foi capaz de demonstrar preocupação e mesmo magnanimidade para com seus súditos judeus. O porto construído por ele em Cesaréia estimulou o comércio da nação, e ele sustentou os pobres durante a fome de 25 a.C. Para ajudar a recuperar a economia, reduziu os impostos, nos anos de 20 e 14 a.C., em 33% e 25%. A vida não era ruim no seu reino, a despeito da mão de ferro desse idumeu helenizado que se fingia judeu.

Estando gravemente doente, e tendo matado três de seus filhos mais velhos, Herodes, aos 70 anos, acabou nomeando Antipas como seu herdeiro, mas alguns dias antes de morrer reescreveu o testamento em favor de Arquelau. Augusto, porém, não confirmou a indicação de Arquelau como rei e o rebaixou à condição de etnarca. Antipas foi nomeado tetrarca da Galiléia, e Filipe tetrarca de Gaulinites, Traconites, Batanéia, Panaias e Aurinites. Para garantir que seus súditos chorassem quando ele fosse enterrado, Herodes instruiu seu cunhado Alexas e sua irmã Salomé a, no dia de sua morte, conseguirem o assassinato de vários judeus importantes que eram mantidos prisioneiros no hipódromo de Jericó. Felizmente, seu último desejo horrível não foi atendido. Herodes morreu em Jericó em 4 a.C. sem ser pranteado por sua família nem pelo povo judeu, e foi enterrado em Herodeion.

Herodes tinha uma personalidade profundamente dividida. Por um lado, era muito generoso e caritativo, mas, por outro, era bárbaro e altamente vingativo, tanto para com seus súditos quanto para com seus parentes mais próximos. Na visão de Josefo, tanto a generosidade como a crueldade nele eram fruto da fome insaciável por honrarias. Sua liberahdade em relação a seus súditos e sua família tinha o objetivo de gerar respeito e bajulação. Contudo seu fracasso em conseguir isso deflagrava sua amarga vingança. Conseqüentemente, ele era odiado pelos judeus apesar de sua magnanimidade, e seu comportamento bárbaro em relação a sua família afastou até mesmo seus patronos romanos. Basta citar o dito sarcástico atribuído a Augusto: "É melhor ser um porco de Herodes

que um filho de Herodes" (Macrobius, *Saturnália* 214, 11). Herodes acreditava que sempre tivera boa sorte. Josefo discordava: "Em minha opinião, ele de fato foi muito infeliz."

A fama mundial de Herodes deve-se, em grande medida, ao acidente histórico de Jesus de Nazaré ter nascido no final de seu reinado, e seu nome é registrado nos Evangelhos do Novo Testamento, os de *Mateus (2,1-22) e *Lucas (1,5). O nascimento de Jesus é equivocadamente relacionado ao censo de *Quirino, que aconteceu em 6 d.C., dez anos após a morte de Herodes (ver os verbetes sobre Quirino, Maria e José). A história do massacre dos bebês do sexo masculino ordenado por Herodes na região de Belém é calcada no relato do assassinato de recém-nascidos israelitas por Faraó, rei do Egito, de acordo com o Êxodo. A bem conhecida crueldade de Herodes para com seus próprios filhos deu à lenda considerável verossimilhança. Como última referência a Herodes, Mateus destaca que José e sua família voltaram do exílio e se instalaram na Galiléia quando receberam, no Egito, a notícia da morte de Herodes, o Grande.

Fontes: Josefo, *Guer.* 1:347-673; *Ant.* 15-17.

HERODÍADES

Herodíades foi a segunda mulher de Herodes *Antipas. Era filha de Aristóbulo, filho de *Herodes, o Grande, com Mariamna I, e foi uma estranha mistura de brutalidade e orgulho, tendo herdado a primeira de seu avô e o segundo de sua avó real asmoniana. Herodíades era irmã do rei *Agripa I e foi casada primeiramente com seu tio, também chamado Herodes, filho de Mariamna II, filha do sumo sacerdote *Simão, filho de Boeto. Antipas conheceu Herodíades quando estava visitando seu meio-irmão (Herodes). Apaixonou-se imediatamente por ela, e, após se divorciar rapidamente de sua esposa, a filha do rei nabateu Aretas IV, casou-se com Herodíades. O desprezo à princesa nabatéia provocou uma guerra entre seu pai Aretas e seu ex-marido Antipas, que perdeu a batalha. A

ambição de Herodíades provocou a ruína de Antipas. Aborrecida pela elevação de seu irmão Agripa I à realeza pelo imperador *Calígula em 37 d.C., Herodíades instou o marido a pedir ao imperador o mesmo privilégio. A jogada deu errado. Antipas foi deposto por Calígula em 39 d.C. e banido para Lyon, na Gália. Herodíades foi autorizada a permanecer na Galiléia, mas, orgulhosa, dispensou esse favor imperial e se juntou a seu marido no exílio.

De acordo com o Novo Testamento, Herodíades foi responsável pela execução de *João Batista. João, já feito prisioneiro por Antipas por criticar seu casamento com Herodíades, foi decapitado a pedido de *Salomé, cuja dança durante a festa de aniversário do rei tinha agradado tanto a Antipas que ele prometeu à jovem qualquer coisa que ela quisesse. Por sugestão de sua mãe vingativa, Salomé pediu a cabeça do Batista em uma bandeja de prata. *Josefo oferece uma explicação diferente para a execução de João: sua eloqüência o tinha tornado politicamente perigoso no clima revolucionário da época. O historiador situa o acontecimento na fortaleza elevada de Maqueronte, na Transjordânia, enquanto os Evangelhos não especificam onde teria acontecido o assassinato do Batista e dão a impressão de que teria ocorrido na Galiléia.

Fontes: Mc 6,17-29; Mt 14,3-12. Josefo, *Ant.* 18:116-19.

HILEL

Hilel, o Velho, foi o principal mestre judeu nas últimas décadas do século I a.C. e nas primeiras décadas do século I d.C. Ele é conhecido como "o Velho" (*ha-Zaken*), porque o termo técnico "rabino", aplicado a especialistas na Bíblia e no direito tradicional, não foi adotado senão na segunda parte do século I d.C. Esse mestre muito famoso, que de acordo com a tradição talmúdica moldou os futuros ensinamentos do judaísmo rabínico, foi um contemporâneo de *Jesus de Nazaré.

Como acontece com a maioria dos primeiros mestres rabínicos, muito pouco se sabe sobre o histórico de Hilel. Nem mesmo o nome de seu pai foi registrado. É dito, sem provas sólidas, que ele era originário da Babilônia e pertencia, assim como Jesus, de acordo com as genealogias de *Mateus e *Lucas, à família real de Davi. Aparentemente Hilel ganhou a vida como diarista, provavelmente levando para casa um denário por dia como as mãos de aluguel da parábola do Evangelho. No tratado da mixná "Ditos dos Pais", ele e *Xamai formam a última das "duplas", ou *zuggot*, na série de mestres judeus que começa no princípio do século II a.C. e segue por toda a época de *Herodes, o Grande, até o início da era cristã. Apesar da fama de Hilel, *Josefo não o menciona, embora a "dupla" *Xemaiá e Abtalião, que antecede imediatamente a Hilel e Xamai, seja citada como *Samaias e Pollion em *Antiguidades judaicas* (14:175; 15:3). Esses foram os dois únicos mestres que Herodes poupou em 37 a.C. quando se vingou dos membros do sinédrio que em 47 a.C. tinham criticado sua conduta ilegal na Galiléia.

De acordo com a tradição rabínica, a influência de Hilel sobre os posteriores desenvolvimentos do direito tradicional, ou halacá, foi enorme. Em particular, três importantes inovações estão ligadas a seu nome. O Talmude sustenta que ele se tornou conhecido quando argumentou, em nome de seus mestres Xemaiá e Abtalião, que o sacrifício do cordeiro da Páscoa tinha de ser realizado mesmo quando a festa da Páscoa caía em um sabá (bPes 66a).

Hilel mais tarde introduziu a disposição jurídica chamada *prozbul* (em grego, *prosbolé*), uma ficção legal tornada necessária pelo quadro econômico da época. O direito bíblico cancelava todas as dívidas existentes a cada sétimo ano, ou ano sabático (Dt 15,1-11). Essa cláusula em benefício do devedor tornava muito difícil levantar um empréstimo perto do final do ciclo sabático, pois aquele que emprestava não tinha nenhuma garantia de que teria tempo suficiente para receber a dívida. Hilel salvou o sistema e o emprestador autorizando-o a incluir no acordo de empréstimo apresentado aos juízes a ressalva de que poderia receber seu dinheiro "a qualquer

momento", mesmo em um ano sabático (mSheb 10:4). Um documento legal aramaico datado do segundo ano de Nero (55/56 d.C.), descoberto em uma gruta no deserto da Judéia, exemplifica um costume semelhante ao *prozbul*. Nele, é a pessoa que toma o empréstimo que se compromete a pagar sua dívida mesmo quando cobrado em um ano sabático.

No campo mais teórico, a criação dos sete princípios legais (*middot*), segundo os quais novas regras podiam ser deduzidas da legislação existente, é atribuída a Hilel. Seus sete *middot*, e sua ampliação pelo rabino Ixmael para 13, formam a base da maior parte do desenvolvimento legal rabínico posterior.

Como moralista, Hilel foi reconhecido por sua doçura e gentileza para com as pessoas: "Seja um discípulo de Aarão, amante da paz e mantenedor da paz; ame os homens e os aproxime da Torá" (mAb 1:12) é citado como seu dito predileto. Freqüentemente é sugerido que Jesus, que pôs o amor a Deus e o amor ao próximo no alto de suas exigências morais, foi influenciado por Hilel. Essa hipótese faria sentido se pudesse ser provado que Jesus, em geral, tinha o perfil doutrinário e religioso dos fariseus. Contudo tal teoria se choca com dois grandes fatos. Primeiramente, Jesus viveu e exerceu seu ministério itinerante na Galiléia, onde não há provas de uma significativa presença de fariseus antes de 70 d.C. Em segundo lugar, a natureza do judaísmo farisaico era essencialmente legal (*halakhic*), ao passo que a religião de Jesus pertencia basicamente à categoria moral e carismática.

O princípio ético conhecido como Regra de Ouro é outro ponto que liga Hilel a Jesus, bem como a *Filo, o filósofo judeu helenista alexandrino. Hilel e Filo formularam a regra na forma negativa tradicional, na qual ela foi incluída na literatura judaica. "O que alguém detestaria sofrer, não deve fazer aos outros", escreveu Filo (*Hipotética* 7:6). Palavras semelhantes são atribuídas a Hilel: "O que é odioso para você, não o faça a seu companheiro", mas com o comentário adicional: "Essa é toda a Torá" (bShab 31a). Jesus transformou o comentário negativo em positivo: "Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o

vós a eles", e em palavras impressionantemente semelhantes àquelas atribuídas a Hilel, declarou: "Pois esta é a Lei e os Profetas" (Mt 7,12; Lc 6,31). O contexto da história acerca da fala de Hilel, especificamente que essa foi sua resposta ao pedido de um gentio irritante que queria aprender toda a Torá de pé em uma só perna, certamente pode ser ignorado.

Outra doutrina de Hilel lança uma luz sobre uma questão formulada por fariseus no Evangelho de Mateus em relação ao direito de um marido deixar sua esposa "por qualquer motivo" (Mt 19,3). Hilel tinha uma postura bastante indulgente em relação a isso e declarou que qualquer tipo de ruptura matrimonial, mesmo uma provocada pela incompetência da esposa como cozinheira, poderia servir como justificativa válida para o divórcio (mGit. 9:10). A explicação desinteressada de Josefo para seu próprio divórcio tinha base similar: ele estava insatisfeito com o comportamento de sua esposa (*Vida* 426). Enquanto Jesus bania de forma absoluta o divórcio no período que antecedia a iminente chegada do Reino de Deus (Mc 10,2-9), Mateus inseriu uma cláusula de exceção permitindo a dissolução da união no caso de "prostituição" da companheira (Mt 5,32; 19,9). Agindo assim, Mateus reflete a doutrina mais rígida de Xamai, oponente de Hilel, para quem o divórcio só era permitido como resultado de alguma espécie de comportamento sexual impróprio por parte da companheira (mGit. 9:10).

Os debates entre as escolas de Hilel e Xamai dominaram o desenvolvimento da lei judaica e da interpretação da Bíblia ao longo de todo o século I d.C. Os ensinamentos das duas escolas eram considerados definitivos e tratados como sendo "as palavras de Deus vivo" (yBer. 3b). Contudo em geral prevaleceram as visões da escola de Hilel, porque, de acordo com uma lenda rabínica posterior, uma voz celestial (*bat qol*) como aquela que, segundo os evangelhos, teria sido ouvida durante o batismo de Jesus, proclamou que a verdadeira doutrina era "de acordo com as palavras da escola de Hilel" (yBer. 3b).

Embora ele provavelmente tenha sido o maior e mais influente mestre judeu da antiguidade, sua vida e sua morte permanecem na obscuri-

dade. O fato de que Josefo deixou de se referir a um personagem da estatura de Hilel, ou de *Iohanã ben Zacai, mostra como foi um acaso feliz que ele tivesse se referido, mesmo que rapidamente, a *João Batista, Jesus e seu irmão Tiago.

Fontes: Enc. Jud. 8:482-5. HJP II, 363-7.

HIRCANO II

João Hircano II (111-30 a.C.) foi o mais patético, na verdade trágico, de todos os sumos sacerdotes e etnarcas judeus asmonianos (63-40 a.C.). Filho mais velho de Alexandre Janeu e sua esposa Xelamzion Alexandra Salomé, ele herdou o cargo de sumo sacerdote com a morte do pai em 76 a.C. e o ocupou durante o reinado de sua mãe, que terminou em 67 a.C. Deveria unir a dignidade sacerdotal e a real com a morte da mãe, mas foi privado de ambas por seu agressivo irmão mais novo, *Aristóbulo II. Tendo sido derrotado por Aristóbulo, o fraco e manipulável Hircano se tornou uma marionete nas mãos do ambicioso idumeu *Antípatro, pai de *Herodes, o Grande, e do rei árabe nabateu Aretas III, os quais, desempenhando o papel de protetores de Hircano, esperavam controlar o cenário político. Suas forças combinadas obrigaram Aristóbulo a se retirar para o Monte do Templo em Jerusalém, onde foi sitiado. Foi durante esse conflito que o carismático fazedor de chuva *Honi, ou Onias, o Honrado, foi apedrejado até a morte pelos furiosos seguidores de Hircano ao se recusar a lançar uma maldição sobre Aristóbulo e seus seguidores. Em 63 a.C., o romano *Pompeu conquistou Jerusalém, afastou Aristóbulo do cargo e deu apoio a Hircano, ao qual renomeou como sumo sacerdote, mas o privou do título real. De fato, o poder administrativo foi retirado dele e permaneceu nas mãos dos romanos até Júlio *César restaurar o poder político de Hircano ao confirmá-lo como etnarca da Judéia, com Antípatro ocupando o cargo de procurador. Na

verdade, as rédeas do governo estavam nas mãos da família de Antípatro, cujos dois filhos, *Fasael e *Herodes, eram encarregados de Jerusalém e da Galiléia. A violência disseminada de Herodes na Galiléia o colocou em conflito com o Sinédrio judaico, mas com a conivência de Hircano e o apoio dos romanos Herodes escapou da condenação. A nomeação de Fasael e Herodes como tetrarcas da Judéia por *Marco Antônio simplesmente reafirmou o *status quo*: Hircano era governante apenas no nome.

Em 40 a.C. os partos invadiram a Judéia e, utilizando *Antígono, filho de Aristóbulo II e sobrinho de Hircano, como marionete, o nomearam rei e sumo sacerdote. Herodes fugiu para Petra, na Arábia, mas Hircano e Fasael foram entregues ao novo governante. A fim de desqualificar seu tio para o sumo sacerdócio, Antígono o mutilou. De acordo com uma das versões da história, um sumo sacerdote arrancou com os dentes uma das orelhas, ou ambas, de outro sumo sacerdote!

O fim de Hircano foi trágico como sua vida. Herodes, embora fosse marido de Mariamna, neta de Hircano, decidiu se livrar de seu último rival potencial e, com base na falsa acusação de conspiração com o rei nabateu, ordenou a execução por estrangulamento do último governante asmoniano, então com 81 anos de idade.

Os Salmos de Salomão, dos Pseudepígrafos, e alguns dos Manuscritos do Mar Morto parecem conter algumas informações adicionais sobre Hircano II (e Aristóbulo II). Eles são, inquestionavelmente, os governantes de Jerusalém mencionados nos Salmos de Salomão 8,15-17 que foram saudar o impiedoso conquistador (Pompeu). Os mesmos dois líderes são identificados por A. Dupont-Sommer como os Sacerdotes Iníquos dos comentários da Bíblia de Qumrã sobre Habacuc e Naum.

Fontes: Josefo, *Guer.* 1:159-273; *Ant.* 14:80-369.

HONI

Honi, o traçador de círculos, ou Onias, o Honrado, foi um famoso carismático palestino do século I a.C. O ponto principal de sua história, retirado de uma combinação de fontes judaicas e de *Antiguidades judaicas*, de Flávio *Josefo, é que, por intermédio de sua oração todo-poderosa, ele pôs fim a um longo período de seca. Assim, Honi adquiriu fama nacional e foi festejado como um famoso homem santo carismático, ou hasside.

Cronologicamente, tanto os rabinos quanto Josefo situam o feito de Honi no início dos anos 60 a.C. Os rabinos o fazem associando-o a *Simeão ben Xetá, irmão da rainha Alexandra Salomé (76-67 a.C). Josefo, por sua vez, insere o episódio de Onias na história da guerra civil entre os dois filhos de Alexandra, *Aristóbulo II e *Hircano II. Os acontecimentos citados se seguiram à morte de Alexandra (67 a.C.) e provavelmente se deram perto da festa da Páscoa em 65 a.C., dois anos antes da conquista de Jerusalém por *Pompeu. O jovem Aristóbulo, que tentava tomar o posto de sumo sacerdote de Hircano, foi sitiado no Templo por seu irmão e o aliado desse irmão, o rei árabe nabateu Aretas III. Para conseguir uma vitória instantânea, os partidários de Hircano pediram ao renomado Onias que destruísse Aristóbulo e seu grupo lançando sobre eles uma maldição. O santificado Onias se recusou a utilizar seu poder carismático para ajudar uma facção política judia contra outra, e a falta de vontade de interferir custou-lhe a vida: os fanáticos partidários de Hircano apedrejaram Honi até a morte (*Ant.* 14:22-4). Josefo sugere que os assassinos foram punidos por seu crime com uma dura carência de alimentos devido à destruição de plantações por todo o país (*Ant.* 14:25-8), que tornou sem efeito o anterior milagre da chuva de Honi.

O fato de a história de Honi/Onias ter sido preservada tanto na literatura rabínica quanto em Josefo torna possível comparar a forma de apresentação judaica teologicamente embelezada com o estilo helenista mais sóbrio de Josefo. Tanto ele quanto os rabinos consideram a fama de Honi/Onias resultado da crença popular de que ele era um milagroso

fazedor de chuva. Desde a antiguidade bíblica o poder de fazer chover era considerado privilégio de homens de Deus como o grande profeta Elias, que anunciou: "Não haverá nestes anos nem orvalho nem chuva, a não ser quando eu o ordenar" (1Reis 17,1).

Josefo, para quem Onias é um "homem correto" e o "amado de Deus", relata de modo prosaico que ao fim de uma prolongada seca "Deus ouviu sua [de Onias] prece e mandou chuva" (*Ant.* 14:22). O acontecimento não é descrito como estritamente milagroso. Ainda assim, Onias é visto como objeto de veneração popular. O relato rabínico, preservado na mixná (mTaan 3:8), conta basicamente a mesma história, mas nela o natural se funde com o sobrenatural. Deus é retratado como se estivesse brincando com Honi, e o provoca até atender seu pedido. Primeiramente o carismático reza, mas não vem chuva. Então, como uma criança mimada, Honi desenha um círculo ao redor de si e ameaça Deus de não sair dele até que sua prece seja atendida. Deus responde com um leve chuvisco torturante. Honi insiste no pedido de uma chuva decente, mas em vez disso recebe um aguaceiro devastador. Finalmente, faz sua súplica com palavras humildes e vem uma "chuva de graça" verdadeiramente benéfica à natureza.

Como de hábito, Josefo se exime de reconhecer o caráter sobrenatural do acontecimento. Os rabinos são menos reticentes. Para eles, o feito de Honi mostra que o relacionamento entre ele e Deus é aquele de filho e pai. De fato, o comportamento caprichoso de Honi o faz parecer uma criança mimada. A tradição rabínica o apelida de "traçador de círculos", uma expressão que tem conotações místicas. Simeão ben Xetá, o líder dos fariseus na época de Honi, é apresentado como impressionado com a intimidade do fazedor de chuva ao se dirigir a Deus. Mas, tendo testemunhado a eficácia de suas palavras, Simeão só podia suspirar e ceder: "Se você não fosse Honi, eu o teria excomungado! Mas que posso fazer? Você importuna Deus, mas ele faz a sua vontade, como no caso do filho que importuna o pai e, ainda assim, o pai lhe faz a vontade" (mTaan 3:8). Aqui, como em outras histórias rabínicas, o

carismático leva o título de "filho de Deus", assim como *Jesus de Nazaré nos Evangelhos.

Honi também se tornou líder de uma dinastia carismática. Dois de seus netos, *Hanã e *Abba Hilquiá, também pertenceram à classe dos antigos hassides.

O poder carismático de Honi, revelando uma proximidade especial com Deus, levou os rabinos a especular sobre seu papel na história religiosa dos judeus e da humanidade. Simeão ben Xetá, embora o criticasse por se dirigir a Deus de modo inadequado, ainda reconhece que ele era um "filho de Deus" no qual as palavras das Escrituras "Que teu pai (...) se alegre" (Pr 23,23) se realizavam. Outra antiga fonte judaica afirma que os membros do grande sinédrio aplicaram a Honi um verso de Jó (22:28), "*Decidir-te-ás por um projeto e ele se realizará*" [e interpretaram]: "Você pediu na terra e Deus atendeu sua palavra no céu" (bTaan 23a). Uma correspondência estrita entre prece celestial e terrena é reforçada na comunidade de Qumrã, e os Evangelhos falam de perdão simultâneo dos pecados na Terra e no Céu. Ainda mais significativo, Honi é apresentado como um imitador do profeta Elias, o modelo especial do hasside no que diz respeito a produzir arrependimento: "Não houve homem comparável a Elias e a Honi, o traçador de círculos fazendo a humanidade servir a Deus" (Genesis Rabá 13,7).

Deve ser enfatizado que a teologia rabínica investe Honi de grande e, possivelmente, universal influência sobre o destino de todos os judeus e talvez até mesmo de toda a humanidade. Muitas das características de Honi reaparecem na personalidade de outro renomado hasside galileu, *Hanina ben Dosa, no século I d.C. Tanto Honi quanto Hanina são paralelos significativos para Jesus, o mais famoso dos antigos homens santos carismáticos judeus.

Fontes: Josefo, *Ant.* 14:22-9. MTaah. 3:8; bTaan. 23a; Genesis Rabbah 13:7. Ver G. Vermes, *Jesus the Jew*, 51-3.

I

IOHANÃ BEN ZACAI

Iohanã ben Zacai, normalmente intitulado Rabban, "nosso rabino", isto é, rabino chefe, foi o líder religioso que reorganizou o judaísmo depois da queda de Jerusalém e o colapso das instituições judaicas em 70 d.C. Poucos detalhes referentes à sua vida anterior ao cerco de Jerusalém foram preservados na tradição rabínica, fora a afirmação de que *Hilel e *Xamai foram seus mestres e de que antes de ir para Jerusalém ele tinha morado na cidade galiléia de Arav, ou Gabada, onde os provincianos incultos não tinham apreciado muito sua educação. Isso provocou, a se crer no Talmude, a exclamação desiludida: "Galiléia, Galiléia, você odeia a Torá!" (yShab. 15d). Em Arav, Iohanã teria sido mestre do famoso carismático *Hanina ben Dosa.

Uma lenda rabínica, provavelmente com alguma base histórica, confirma a presença de Iohanã em Jerusalém durante o cerco e sua fuga de lá. Teria ele permanecido imóvel, fingindo ser um corpo numa maca, e foi levado para fora da cidade, até o acampamento romano, por dois de seus pupilos. Lá ele saudou *Vespasiano em latim: "*Vive Domine Imperator*", e profetizou — como também *Josefo alega ter feito (*Guer.* 3:401) — que o comandante-em-chefe do exército romano logo se tornaria imperador (bGit. 56ab). A profecia se realizou em 69 d.C. Como recompensa pelo bom augúrio, Iohanã foi autorizado a instalar sua academia rabínica em Iabne (Jâmnia). Lá é que os mestres que sobreviveram à primeira guerra judaica lutaram para reorganizar, sob a liderança de Iohanã, uma religião judaica sem Templo nem oferendas sacrificiais. Algumas das inovações litúrgicas determinadas pela destruição do santuário, como carregar a *lulab* (ramo de palmeira) para fora de Jerusalém durante sete dias na festa do Tabernáculo ou soprar o chifre de carneiro (*shofar*), são expressamente atribuídas a Iohanã (mRSh 4:1, 3).

A substituição do templo pela sinagoga garantiu uma rápida transição nas práticas religiosas judaicas. A mudança relativamente indolor se deveu à sabedoria e à perspicácia de Iohanã ben Zacai. Mas, apesar de seus enormes méritos, Josefo não registra sequer o nome desse seu impressionante contemporâneo.

Fontes: Enc. Jud. 10:148-54, HJP II, 369-70.

ISMAEL, FILHO DE FIABI

Ver **Anás (ou Anã), filho de Séti.**

ISMAEL, FILHO DE FIABI II

Ismael, filho de Fiabi (59-61 d.C.), que não deve ser confundido com o pontífice de mesmo nome e membro da mesma família que ocupou o cargo em 15-16 d.C., foi o primeiro nomeado do rei *Agripa II (50-92/3). Ocupou o posto em um período difícil. As famílias sacerdotais entravam em choque com os sacerdotes comuns e o povo, e começaram a apedrejar-se umas às outras. Também entraram em conflito com Agripa quando ordenaram que fosse construído um muro para impedir o rei de assistir às cerimônias de seu palácio e a guarnição romana de ficar de olho nos acontecimentos dos recintos sagrados. O rei expressou sua insatisfação e *Festo, o procurador romano (60-62 d.C.), emitiu uma ordem para demolir o muro. O sumo sacerdote Ismael liderou uma delegação a Roma para conseguir a revogação da ordem de Festo. O imperador *Nero aceitou o pedido após a intervenção de sua esposa Popéia, que, porém, manteve o sumo sacerdote detido em Roma, como refém. *Josefo relata, sem qualquer explicação, que Ismael foi condenado à decapitação em Cirene (*Guer.* 6:114).

A conseqüência do ato da imperadora de detê-lo em Roma foi o afastamento dele pelo rei Agripa do posto de sumo sacerdote e sua substituição por José Kabi, filho do sumo sacerdote *Simão Canteras, filho de Boeto (41 d.C.). Não sobreviveu nenhuma história sobre este José, a não ser a de que ele foi um dos líderes judeus que se entregaram aos romanos durante o cerco de Jerusalém.

A literatura rabínica preservou várias histórias sobre Ismael, filho de Fiabi. Ele foi um dos poucos sumos sacerdotes a sacrificar a novilha vermelha (ver verbete sobre Simão Canteras, filho de Boeto). Ismael, ou sua casa, é acusado de comportamento violento em relação ao povo (mPar. 3:5; mSot. 9:15; bPes. 57a). Também é dito que sua mãe lhe deu uma túnica cara, o que pode estar na base do ditado de que quando Ismael, filho de Fiabi, morreu, o esplendor do sacerdócio cessou.

Fontes: Ismael: Josefo, *Ant.* 20:179, 194-5. José Kabi: Josefo, *Guer.* 6:114; *Ant.* 20:196.

IZATES E HELENA DE ADIABENA

Izates foi, em meados do século I d.C., governante do pequeno reino de Adiabena, situado na margem oriental do rio Tigre, junto ao reino de Pártia, no Irã. *Josefo relata que, durante o reinado do imperador *Cláudio (41-54 d.C.), um mercador judeu chamado Ananias persuadiu Izates a abraçar a fé judaica. A mãe de Izates, Helena, também foi convertida ao judaísmo, por outro judeu. Tanto Ananias quanto Helena preveniram Izates contra a circuncisão, que a eles não parecia politicamente sábia, sendo mesmo perigosa, e insistiam em que uma pessoa pode louvar Deus mesmo sem se submeter a esse ritual. Contudo Izates, pressionado por outro missionário, um rígido judeu galileu, foi circuncidado e levou toda a família real para o rebanho judaico. Cinco de seus filhos receberam educação judaica em Jerusalém. Depois da fome que devastou a Judéia na época de Cláudio, mencionada por Josefo e pelos Atos dos Apóstolos

(11,28), a rainha Helena viajou para Jerusalém e conseguiu que fosse importada comida do Egito e de Chipre para os habitantes da cidade; seu filho Izates também contribuiu com uma grande soma para ajudar os judeus famintos.

Esse caso de conversão de gentios à religião judaica é de enorme interesse para a compreensão da atividade de evangelização cristã paralela conduzida por São *Paulo e seus companheiros entre os povos dos países greco-romanos, especialmente em relação ao problema da circuncisão, na qual, se o exemplo de Ananias é típico, os missionários judeus liberais não insistiam.

Helena e seu outro filho, Monobazus, sucessor de Izates, tinham palácios em Jerusalém e, de acordo com a mixná (mYom. 3:10), deram presentes preciosos para o Templo. Helena construiu um esplêndido mausoléu na cidade e ela e Izates foram enterrados lá por Monobazus. Acredita-se que as chamadas "Tumbas dos Reis" em Jerusalém são os túmulos da família real de Adiabena, e a inscrição "Rainha Zada", ou "Rainha Zadã", gravada em seu sarcófago, preserva o nome aramaico da rainha Helena.

Fonte: Josefo, *Ant.* 20:17-96.

J

JACÓ DE QUÉFAR SECANIÁ

Jacó de Quéfar Secaniá (ou Quéfar Sama) foi um carismático curandeiro judeu-cristão citado diversas vezes na literatura rabínica. As personalidades às quais ele está ligado sugerem que esse Jacó atuou na virada do século I para o século II d.C. Jacó prometia realizar curas em nome de *Jesus de Nazaré e transmitia seus ensinamentos.

Uma história o liga ao rabino Eleazar ben Dama e seu tio, o rabino Ixmael ben Elixa. Jacó, em nome de Jesus, quis curar Eleazar, que tinha sido picado por uma cobra venenosa. O rabino Ixmael vetou a oferta. Eleazar, desejando ser curado, tentou argumentar com seu tio, mas morreu antes de conseguir fazê-lo. Uma segunda história põe Jacó em contato com o rabino Eliezer ben Hircano, discípulo de *Iohanã ben Zacai. Eliezer foi preso por heresia, mas posteriormente libertado. Ainda assim, ficou perturbado com a prisão e especulando sobre se teria feito algo errado. O rabino Áquiba levantou a idéia de que Eliezer poderia ter gostado de algo que um herege tivesse dito a ele. E então se lembrou de que certo dia, na cidade galiléia de Séforis, Jacó de Quéfar Secaniá tinha dado a Eliezer a interpretação de um verso bíblico feita por Jesus e que Eliezer tinha alegremente concordado.

Essas histórias indicam que um judeu-cristão galileu do final do século I d.C. estava se dedicando, como os apóstolos e seus seguidores imediatos nos Atos dos Apóstolos, a curar e pregar em nome de Jesus. Os textos rabínicos mostram que o mundo oficial rejeitava essas práticas, mas que judeus e até mesmo rabinos não necessariamente se opunham a elas na sociedade judaica palestina do fim do século I d.C.

Fontes: tHul. 2:22-24; yShab. 14d; bAZ 27b; bAZ 16b-17a.

JESUS DE NAZARÉ

Jesus de Nazaré (*c.* 6/5 a.C.-30 d.C) foi um profeta, curandeiro, exorcista e carismático mestre judeu cuja mensagem era baseada na chegada iminente do Reino de Deus. Sua vida é contada com substanciais variações nos quatro Evangelhos do Novo Testamento. Um pequeno volume de antigas provas adicionais é fornecido por *Josefo e pelo historiador romano Tácito. Apenas poucos detalhes estão definidos. Jesus foi crucificado durante o governo de Pôncio *Pilatos, prefeito romano da Judéia

entre 26 e 36 d.C. Os evangelhos o retratam como um galileu que tinha como centro de seu ministério a região do lago de Genesaré. O Evangelho de *Mateus, que relata sua infância (2,1), situa seu nascimento no fim do reinado de *Herodes, o Grande, que morreu em 4 d.C. (ver também Lc 1,5). Afora uma história sem dúvida ficcional relativa a Jesus aos 12 anos de idade (Lc 2,41-52), os evangelistas não falam nada sobre sua infância e juventude.

O início da vida pública de Jesus, que é também o ponto de partida do Evangelho de *Marcos, o mais antigo, coincidiu com o ministério do pregador eremita *João Batista, datado do 15º ano do imperador *Tibério (29 d.C.), de acordo com a cronologia de *Lucas (3,1). Enquanto se submetia ao batismo de arrependimento administrado por João, o próprio Jesus teve uma visão e ouviu uma voz celestial declarando que ele era o filho que Deus amava (também Mc 1,10-11 e Lc 3,21-22). Mas, de acordo com Mateus (3,16-17) e *João (1,32-34), o sujeito da experiência sobrenatural não foi Jesus, mas o Batista, que em seguida proclamou a todos os presentes a escolha divina de Jesus.

Jesus começou sua própria missão de pregação na Galiléia após a prisão de João pelo tetrarca Herodes *Antipas. A duração exata da atividade pregadora de Jesus não é definida em lugar nenhum. Se seguirmos a cronologia dos antigos Evangelhos Sinópticos, nos quais é mencionada apenas uma Páscoa que coincide com a crucifixão, a vida pública de Jesus é limitada a um máximo de 12 meses, e possivelmente não mais de meio ano (outono de 29 à primavera de 30 d.C.). O Evangelho de João, mencionando duas ou três páscoas, permite uma duração entre dois e três anos para a pregação de Jesus.

Antes de se juntar a João Batista, que estava fazendo batismos no vale do Jordão, Jesus tinha vivido na pequena cidade de Nazaré, na Galiléia, com sua família, ou seja, seus pais *José e *Maria, seus irmãos *Tiago, *Judas, José e Simão, e pelo menos duas irmãs. Ele era, de acordo com Marcos e Mateus, carpinteiro ou construtor, embora quase nada nas imagens de sua pregação confirme que se tratasse de um artesão. A lin-

guagem de suas parábolas sugeriria mais um pequeno proprietário. O Evangelho de Marcos, o mais antigo, seguido por Mateus, nos leva a acreditar que a família de Jesus se opôs a sua nova vocação e se esforçou por interromper sua atividade carismática. Parece ter se aberto um abismo entre Jesus e seus parentes mais próximos, inclusive sua mãe, e nenhum membro da família desempenha qualquer papel na história do Evangelho contada pelos sinópticos. A estranheza da situação reforça a autenticidade do relato. Contudo o autor do quarto evangelho propõe um quadro parcialmente diferente. Pouco depois do início de sua vida pública, Jesus, sua mãe e seus irmãos foram a um casamento na aldeia de Caná, na Galiléia, e no fim do mesmo livro sua mãe reaparece aos pés da cruz.

Desde o início, Jesus estava consciente de sua missão de proclamar e preparar a chegada iminente do Reino dos Céus e levar seus contemporâneos a esse reino por intermédio do arrependimento e da entrega a Deus. Escolheu um grupo de pessoas, um círculo íntimo de 12 apóstolos e um conjunto maior de setenta discípulos, para ajudá-lo na realização de sua tarefa. Apenas os judeus, "as ovelhas desgarradas da casa de Israel", eram o alvo. Seus enviados eram orientados especificamente a não abordarem gentios ou samaritanos. Durante todo o ministério de Jesus, como está descrito nos Evangelhos, essa orientação exclusivamente judaica se manteve de pé. Jesus praticamente não saiu das fronteiras do território judaico. Nas duas ou três oportunidades em que Jesus se aventurou nas regiões vizinhas de Tiro e Sídon, no Líbano, em Cesaréia de Filipe, em Golã e em Decápolis, na Transjordânia, aparece curando ou exorcizando, mas nunca anunciando a chegada do Reino de Deus. O quarto evangelho leva Jesus a Samaria em seu caminho para Jerusalém, mas Lucas (17,11), com maior verossimilhança histórica, indica que Jesus preferiu se desviar do país dos samaritanos em sua peregrinação ao Templo, e escolheu o caminho mais longo, porém mais seguro, através do vale do Jordão.

Jesus era um pregador itinerante e transmitia sua mensagem em si-

nagogas, ruas e praças, no deserto ou, algumas vezes, de um barco na margem de um lago. Falava para grandes grupos, pequenos grupos de passantes ou mesmo para indivíduos sozinhos. Seu apelo era magnético, na maior parte das vezes tomando a forma de vigorosos ditos de sabedoria ou parábolas vívidas e poéticas. Sua mensagem religiosa era genuinamente judaica, centrada na Lei de Moisés, com particular insistência no significado interno dos mandamentos e em sua espiritualidade interna. Diferentemente dos escribas judeus tradicionais, ele não costumava se basear em textos bíblicos: em vez disso, pregava "com autoridade", que se manifestava em feitos carismáticos, curas espirituais, normalmente por intermédio do contato corporal, e em exorcismos por simples comando. Abstinha-se de recitar fórmulas estabelecidas. Naqueles dias os judeus acreditavam que as doenças e a possessão demoníaca eram conseqüências dos pecados. Assim, a cura e a expulsão de espíritos maléficos precedidas de arrependimento revelavam perdão divino e salvação. Sua recorrência dia após dia persuadia o povo de que a era messiânica da redenção estava se aproximando ou tinha mesmo começado.

A atividade religiosa de Jesus seguia a linha estabelecida pelos profetas bíblicos, especialmente Elias e Eliseu, que tinham sido atuantes cerca de oitocentos anos antes, nas províncias do norte distantes do centro de Jerusalém. O historiador Josefo e os autores da literatura rabínica conheciam alguns outros judeus carismáticos dos séculos I a.C. e I d.C: *Honi, seus netos, *Abba Hilquiá e *Hanã, e o galileu *Hanina ben Dosa, um contemporâneo mais jovem de Jesus. Todos eles foram festejados como milagrosos fazedores de chuva, mas Hanina também era um renomado curandeiro. Sua cura à distância do filho do líder fariseu Gamaliel oferece um impressionante paralelo com Jesus curando o servo do centurião romano em Cafarnaum. Josefo, em sua famosa passagem conhecida como *Testimonium Flavianum*, descreve Jesus como um "homem sábio" e um "realizador de feitos extraordinários", ou seja, como professor e milagreiro. Josefo oferece, assim, uma confirmação externa do retrato geral de Jesus nos Evangelhos.



Ruínas da sinagoga de Cafarnaum, provavelmente construída em um antigo ponto adoração freqüentado por Jesus

A pregação e as curas de Jesus foram recebidas de duas formas na Galiléia. Não levando em consideração sua família aborrecida e com uma única exceção em Lucas, em que os habitantes de Nazaré de forma irracional teriam tentado apedrejar Jesus por curar os doentes fora de sua cidade (Lc 4,25-29), a única hostilidade demonstrada para com Jesus na Galiléia vinha de limitados funcionários de sinagogas e escribas de aldeia. Eles se opunham à sua atividade de cura durante o sabá, o que a seus olhos violava a lei referente à pausa sabática, e consideravam uma blasfêmia sua afirmação de que os pecados de um homem paralítico tinham sido perdoados, sendo o perdão dos pecados uma prerrogativa divina. As duas acusações são falsas. Curar os doentes por princípio se sobrepunha à lei do sabá, e como se acreditava que a doença era conseqüência do pecado, quando al-

guém recuperava a saúde, seus pecados, causa da doença, estavam implicitamente perdoados. O carisma curativo de um profeta ou de um homem de Deus significava libertação do pecado.

As queixas dos vaidosos líderes locais eram insignificantes comparadas com a entusiasmada aprovação do ministério de Jesus pelos galileus comuns. Multidões se reuniam para ouvir sua pregação e doentes eram levados em macas para onde quer que se esperava que ele passasse. Considerava-se que mesmo sua sombra tinha um efeito terapêutico. Ele era louvado como "o profeta Jesus de Nazaré". Apenas no Evangelho de João os judeus, uma expressão depreciativa coletiva para os oponentes de Jesus, ou os sumos sacerdotes buscaram sua morte antes de sua única — ou, em João, sua última — visita a Jerusalém. A principal acusação contra ele era a de que tinha violado o sabá e chamado Deus de seu Pai (Jo 5,18). Na verdade, nenhuma das acusações se sustenta: o estilo de Jesus de curar pela fala e pelo toque não correspondia a trabalho, e, na época e desde então, todos os judeus se dirigiam a Deus como seu Pai, implicitamente se proclamando seus filhos, sem cometerem blasfêmia. Os Evangelhos Sinópticos, que são historicamente mais confiáveis que o de João, não incluem nenhuma explicação prévia para a súbita perda de popularidade de Jesus em Jerusalém durante a semana de sua última Páscoa.

Mesmo sua visita à cidade sagrada tinha começado de modo auspicioso. Os evangelistas descrevem a entrada de Jesus em Jerusalém como triunfal (embora em Lucas as "multidões" que o saudavam consistissem dos discípulos galileus de Jesus). Ainda mais revelador, as autoridades do Templo não queriam prender Jesus abertamente em função de sua popularidade (Mc 11,18, 14,1-2; Mt 26,3-5; Lc 19,47-48, 22,2). Sem obstáculos, ele estava pregando diariamente no Templo nos dias anteriores à festa, e quando as autoridades decidiram detê-lo, acharam melhor fazê-lo furtivamente no meio da noite. O desaparecimento de simpatizantes no relato do julgamento e da crucifixão de Jesus e sua substituição por uma malta inimiga não têm explicação nos evangelhos.

O único acontecimento que possivelmente poderia justificar as sus-

peitas e a hostilidade oficial para com ele é o tumulto provocado no Templo um ou dois dias após sua chegada a Jerusalém. O impetuoso profeta rural parece ter ficado profundamente chocado com a visão do quarteirão dos mercadores à entrada do santuário, e em sua raiva virou barracas de vendedores de animais para sacrifícios e mesas de cambistas. Embora ele mesmo não fosse um revolucionário, Jesus criou dessa forma um tumulto em uma época revolucionária. Jerusalém, superlotada de peregrinos com a proximidade da Páscoa, era um barril de pólvora. Os nervos das autoridades judaicas responsáveis pela manutenção da lei e da ordem estavam sendo testados até o limite, e os romanos, presentes em grande força, estavam prontos para retaliar e esmagar a menor perturbação da paz. Os líderes do Templo se sentiram compelidos a interferir.

O grupo formado por sumos sacerdotes, escribas e anciãos que interrogou Jesus sobre com que autoridade ele agira no incidente do Templo sem dúvida tinha sido enviado para acalmar a situação. Mas a resposta provocativa de Jesus — "Responderei se vocês me disserem o que pensam de João Batista" — não ajudou muito. Assim, dois dias antes da Páscoa os sumos sacerdotes e anciãos (curiosamente, os fariseus nunca são mencionados na história da Paixão) decidiram deter Jesus discretamente. Uma boa oportunidade surgiu certa noite, quando receberam de *Judas Iscariotes, um membro do círculo íntimo galileu, a informação de que Jesus iria se retirar para um jardim fora da cidade. Eles enviaram um grupo de policiais do Templo para capturá-lo e levá-lo à presença dos sumos sacerdotes.

Os quatro evangelhos contêm três relatos diferentes e inconciliáveis sobre os acontecimentos. A primeira divergência, distinguindo João dos Sinópticos, diz respeito à data. Nos Sinópticos a prisão de Jesus ocorre após a refeição da Páscoa, quer dizer, após o início da festa da Páscoa, na noite de 15 Nisã. Nessa versão, o julgamento e a execução de Jesus ocorreram durante a própria festa, algo muito improvável, já que os tribunais judaicos não se reuniam, investigavam ou pronunciavam sentenças em um dia festivo ou um sabá. Em João, com maior probabilidade, tudo é datado de

24 horas antes. A Última Ceia de Jesus com seus apóstolos não é descrita como uma refeição de Páscoa, e afirma-se especificamente que Jesus foi levado aos sumos sacerdotes na manhã do dia *anterior* à festa, em 14 Nisã.

Os quatro Evangelhos coincidem no estágio final do julgamento de Jesus. Na manhã seguinte à sua prisão os sumos sacerdotes entregaram Jesus ao governador da Judéia com a acusação de sedição, e um Pilatos nada entusiasmado ordenou que ele fosse crucificado. Quanto a todo o resto, a discordância é total.

Em João, Jesus é levado pela polícia à casa do ex-sumo sacerdote *Anás ou Anã. Lá, ele foi interrogado à noite, mas não sentenciado. Anás o enviou para *Caifás, o sumo sacerdote do dia, que, sem outra investigação, entregou Jesus a Pilatos para ser julgado como revolucionário.

Os três evangelistas sinópticos falam de um julgamento em tribunal judaico antes do julgamento romano. De acordo com Marcos e Mateus, o tribunal chefiado pelo sumo sacerdote foi convocado à noite e Jesus foi acusado de algum crime religioso contra o Templo. Contudo o depoimento das testemunhas não atendeu às exigências legais para um veredicto de culpado. Caifás, querendo encerrar o caso, fez a Jesus uma pergunta direta: ele era ou não o Messias? E, considerando sua resposta evasiva uma admissão, o condenou à morte por blasfêmia. Na manhã seguinte, o tribunal se reuniu novamente e decidiu entregar Jesus aos romanos como inimigo do imperador. Em Lucas não há julgamento noturno; o Sinédrio se reúne apenas pela manhã; não são chamadas testemunhas e Jesus é sentenciado por não negar seu messianismo. O relato sinóptico do julgamento religioso é intrinsecamente falho. Nenhuma lei judaica podia considerar blasfêmia a alegação de alguém de ser o Messias e nem há nos evangelhos qualquer referência à pena de morte por apedrejamento, punição prescrita pela Bíblia para blasfemos. Finalmente, a mudança de indiciamento de blasfêmia para fomentar uma rebelião contra Roma permanece sem explicação. Jesus foi transferido para os romanos como um revolucionário potencial. A tentativa de explicação dada por João de que nenhum tribunal judaico podia executar uma sen-

tença de morte é altamente questionável (ver o verbete sobre Pilatos). Jesus foi crucificado por um crime que não cometeu. A frase aramaica "*Eloi, Eloi, lama sabachthani?*" ("Senhor, Senhor, por que me abandonaste?"), que Jesus pronuncia na cruz, é a prece de uma pessoa que não compreende o que está acontecendo consigo (Mc 15,34; Mt 27,46).

Por causa da proximidade do sabá, Jesus foi enterrado rapidamente em uma tumba de pedra. Ao amanhecer do terceiro dia, três mulheres galiléias foram até lá para concluir as cerimônias fúnebres, mas descobriram que o corpo de Jesus tinha desaparecido. De acordo com Marcos, elas fugiram aterrorizadas e não contaram nada a ninguém. Em Lucas, elas informaram aos apóstolos, mas eles apenas as rejeitam: tolices de mulher, disseram os chauvinistas. Em Mateus, elas foram instruídas por uma pessoa na tumba a dizer aos apóstolos que fossem à Galiléia, onde Jesus iria encontrá-los. Em João, *Maria Madalena questionou um homem que ela pensou que fosse o jardineiro, mas que aparentemente era o Jesus renascido não-reconhecido, se ele tinha transferido o corpo para outro túmulo. O testemunho nada confiável foi verificado e confirmado por dois homens, sendo um deles *Pedro.

Contudo, para os evangelistas, a principal corroboração da ressurreição foi a experiência pessoal, consistindo em uma série de visões. Dois discípulos, viajando para Emaús, encontraram um estranho que revelou a eles ser Jesus. Os 11 apóstolos tiveram uma experiência semelhante em Jerusalém; o fantasma que viram se declarou Jesus. De acordo com Mateus, ocorreu uma aparição em uma montanha da Galiléia. A última palavra foi de *Paulo, que alegou que Jesus tinha aparecido a não menos de quinhentos irmãos antes de se mostrar a ele. A convicção da Igreja de que Jesus se ergueu dos mortos é baseada no efeito cumulativo dessas repetidas visões.

Para os discípulos, que tinham perdido a coragem e desaparecido depois da prisão de seu Mestre, a prova concreta de que Jesus não estava morto e enterrado, mas continuava entre eles e agia por seu intermédio, foi a persistência do carisma na Igreja primitiva. Ele reapareceu

pela primeira vez com a manifestação do Espírito no Pentecostes e depois na renovação, em nome de Jesus, da cura efetiva e do exorcismo pelos apóstolos. O Jesus que tinha dado a eles poderes tão milagrosos não estava morto: estava vivo e ativo através de seus discípulos na Igreja. Foi com a ajuda do Jesus ressuscitado que eles levaram em frente sua missão carismática.

São dois os ensinamentos associados a Jesus. Parte consiste de sua pregação, sua autêntica mensagem anterior aos acréscimos feitos a ela no Novo Testamento e desde então. A outra parte, bastante diferente da primeira, diz respeito às doutrinas que apresentam o que Jesus fez pela humanidade, doutrinas que são basicamente fruto das epístolas de Paulo e do Evangelho de João. Elas fornecem a base para a religião cristã.

Cinco temas principais resumem a mensagem religiosa de Jesus. Dizem respeito ao Reino de Deus, à obediência à Torá no estágio final, à devoção escatológica, aos ensinamentos de Jesus sobre a oração e à sua visão de Deus.

O Reino de Deus se refere a uma nova realidade na qual o governo de Deus sobre Israel e o restante do mundo será verdadeiramente efetivo. Como no restante da literatura judaica da época, a descrição do Reino sempre é feita por meio de comparações. Por Jesus, ela normalmente é relacionada às realidades deste mundo, embora, significativamente, nunca haja nada de cunho político ou militar. O Reino parece uma rica colheita, ou um arbusto de mostarda particularmente alto nascido da menor das sementes. É comparado com um pouco de fermento, com um tesouro escondido no campo ou com uma pérola preciosa cuja aquisição justifica qualquer sacrifício. Os detalhes não têm importância: Jesus só está interessado nas ações que levam ao objetivo. O Reino é o maior valor espiritual, e a verdadeira preocupação de Jesus é mostrar os meios pelos quais é possível assegurar a admissão nele.

A devoção de Jesus era centrada na Torá, a essência da religião judaica. Tendo adotado uma perspectiva fervorosamente escatológica e esperando a chegada iminente do Reino, ele compreendia e praticava a Lei

em sua própria forma característica, que de tempos em tempos o punha em conflito com seus correligionários mais convencionais. De seu ponto de vista, mesmo as menores regras da Torá relativas à vida cotidiana tinham um significado espiritual interno. Assim, Jesus insistia na necessidade de obedecer a todos os detalhes das regras mosaicas.

A convicção de Jesus de que a chegada do Reino estava no horizonte criava uma sensação de extrema urgência. Ele detestava procrastinação e exigia completa devoção à causa. Em sua visão, um caminho árduo levava à estreita porta do Reino, e o avanço na direção dele exigia sacrifício contínuo. A renúncia à riqueza material tinha de seguir de mãos dadas com o desejo de romper com todos os laços de parentesco em prol do Reino. O espírito de sacrifício e o sentimento de extrema pressão inspiravam a virtude positiva da generosidade. O doador pródigo tinha a promessa de recompensa especial. Inimigos odiosos deviam ser desarmados com amor.

A prece estava no centro da religião de Jesus. Era marcada por três características essenciais: confiança, disposição para perdoar e ausência de ostentação. Para receber a absolvição divina dos pecados, o penitente precisava estar preparado para perdoar aqueles que o tinham ofendido. A exigência de orar em recolhimento era típica da religião privada pregada por Jesus, que insistia com seus discípulos: deviam falar com Deus, fazer donativos e jejuar em segredo, sem serem vistos pelos homens.

Não faria sentido esperar de Jesus uma definição teórica da divindade; ele não era um filósofo, sequer um teólogo. Para ele, Deus é o que Deus faz. Em outras palavras, Deus se revela no que Jesus e seus seguidores reconhecem como intervenções divinas em suas próprias vidas no tempo presente, que logo irá se tornar a era do Reino.

A imagem que Jesus tem de Deus é simples. Diferentemente da tradição judaica, o título real só é aplicado a Deus em parábolas que podem não ser autênticas. Para Jesus, Deus é "Abba", ou "Pai", alguém que se preocupa com flores silvestres, pássaros e raposas, e por aqueles humanos que nEle depositam sua fé. Aos olhos de Jesus, preocupação e

ansiedade são a negação de Deus. Para o rebanho de seus filhos, Deus é como um pastor amoroso, que não poupa esforços para encontrar as ovelhas que estiverem perdidas e fica feliz quando elas são devolvidas ao rebanho em segurança (Mt 18,12-14; Lc 15,4-7). O Deus de Jesus é um solícito páter-famílias, consciente das necessidades de todos os membros da família. Mas esse Deus também é superior a Jesus e todas as criaturas. É, acima de tudo, o Mestre que, sozinho, determina o momento do advento do Reino.

Em última instância, o Deus de Jesus é um Pai amoroso. Faz o sol se erguer e a chuva cair em benefício de todos. Dá a seus filhos seu pão diário. Protege os pequenos da tentação e os afasta do mal. Perdoa a todos, mesmo os publicanos e as meretrizes, e os recebe em seu Reino. Em síntese, dureza ou severidade não estão presentes no retrato do Deus de Jesus. Isso implica que ele se sentisse otimista quanto ao resultado bem-sucedido de sua missão. Jesus esperava que os filhos de Deus encontrassem sua própria salvação no Reino de seu Pai celestial.

A religião pregada por Jesus era positiva e esperançosa; aqueles que a abraçavam seguiriam em frente em alta velocidade. Pode ser comparada a uma corrida que exigia dos corredores a última dose de energia, com uma medalha esperando por todos os participantes na linha de chegada.

Contra essa religião teocêntrica, escatológica e existencial pregada e praticada por Jesus está o cristianismo cristocêntrico, que dá ênfase aos feitos sobrenaturais de um Deus encarnado. O cristianismo não insiste fundamentalmente no esforço dos humanos em obedecer aos ensinamentos e seguir o exemplo de Jesus. É caracterizado pela crença no poder de redenção do sofrimento, da morte e da ressurreição de Cristo, um ser humano divinizado. Essa é uma nova religião, construída não a partir do evangelho simples e terreno do profeta de Nazaré, mas com base na visão mística do autor do quarto Evangelho e de São Paulo, que foi transformada no cristianismo pleno pelas várias Igrejas ao longo dos séculos até hoje.

Fontes: Evangelhos; Josefo, *Ant.* 18:63-4.

JESUS, FILHO DE ANANIAS

Jesus, filho de Ananias, foi um santo homem rural que teve problemas com as autoridades durante a festa do Tabernáculo em 62 d.C. *Josefo registra que esse Jesus, percorrendo as ruas da cidade dia após dia, proclamava desgraças para Jerusalém e o santuário em altos brados: "Uma voz do oriente, uma voz do ocidente, uma voz dos quatro ventos; uma voz contra Jerusalém e o santuário, uma voz contra o noivo e a noiva, uma voz contra o povo!" Essas palavras proféticas de mau augúrio, que lembram Jeremias, capítulo 7, provocaram tumultos. Os magistrados judeus prenderam Jesus e deram nele uma surra violenta para fazê-lo recuperar a razão. Não fez qualquer diferença; Jesus continuou a gritar. Temendo que ele pudesse ser inspirado por Deus — nisso Josefo acreditava —, em vez de tomarem eles mesmos medidas mais drásticas para silenciá-lo, os magistrados o transferiram para o governador romano, *Albino. Albino ordenou outra flagelação, pior que a primeira, antes de examinar o acusado. Mas quando Jesus, filho de Ananias, se recusou a responder a suas perguntas, ele concluiu que o homem era lunático e o libertou. Jesus continuou com seu lamento diário até a eclosão da primeira guerra contra Roma em 66 d.C. Tudo isso durou sete anos e cinco meses. Ele só parou quando uma pedra arremessada por uma catapulta romana o matou, em 69 d.C.

A história de Jesus, filho de Ananias, lembra a de *Jesus de Nazaré. Os evangelhos não trazem nenhum indício de que *Caifás e seus companheiros imaginavam que Jesus fosse divinamente inspirado, mas é concebível que uma mistura de medo supersticioso e verdadeiro desinteresse inato de ordenar a execução de Jesus de Nazaré tenha desempenhado um papel subconsciente na sua decisão de entregar Jesus a Pôncio *Pilatos.

Fonte: Josefo, *Guer.* 6:300-309.

ansiedade são a negação de Deus. Para o rebanho de seus filhos, Deus é como um pastor amoroso, que não poupa esforços para encontrar as ovelhas que estiverem perdidas e fica feliz quando elas são devolvidas ao rebanho em segurança (Mt 18,12-14; Lc 15,4-7). O Deus de Jesus é um solicito páter-famílias, consciente das necessidades de todos os membros da família. Mas esse Deus também é superior a Jesus e todas as criaturas. É, acima de tudo, o Mestre que, sozinho, determina o momento do advento do Reino.

Em última instância, o Deus de Jesus é um Pai amoroso. Faz o sol se erguer e a chuva cair em benefício de todos. Dá a seus filhos seu pão diário. Protege os pequenos da tentação e os afasta do mal. Perdoa a todos, mesmo os publicanos e as meretrizes, e os recebe em seu Reino. Em síntese, dureza ou severidade não estão presentes no retrato do Deus de Jesus. Isso implica que ele se sentisse otimista quanto ao resultado bem-sucedido de sua missão. Jesus esperava que os filhos de Deus encontrassem sua própria salvação no Reino de seu Pai celestial.

A religião pregada por Jesus era positiva e esperançosa; aqueles que a abraçavam seguiriam em frente em alta velocidade. Pode ser comparada a uma corrida que exigia dos corredores a última dose de energia, com uma medalha esperando por todos os participantes na linha de chegada.

Contra essa religião teocêntrica, escatológica e existencial pregada e praticada por Jesus está o cristianismo cristocêntrico, que dá ênfase aos feitos sobrenaturais de um Deus encarnado. O cristianismo não insiste fundamentalmente no esforço dos humanos em obedecer aos ensinamentos e seguir o exemplo de Jesus. É caracterizado pela crença no poder de redenção do sofrimento, da morte e da ressurreição de Cristo, um ser humano divinizado. Essa é uma nova religião, construída não a partir do evangelho simples e terreno do profeta de Nazaré, mas com base na visão mística do autor do quarto Evangelho e de São Paulo, que foi transformada no cristianismo pleno pelas várias Igrejas ao longo dos séculos até hoje.

Fontes: Evangelhos; Josefo, *Ant.* 18:63-4.

JESUS, FILHO DE DAMNEU

Jesus, filho de Damneu, foi nomeado sumo sacerdote pelo rei *Agripa II após o pontificado de três meses de *Anã, filho de Anás. Ocupou o cargo em 62/63 d.C. Não há nenhum registro de como foi seu pontificado. Sua deposição e substituição por *Jesus, filho de Gamaliel, pode ter se devido à insatisfação de Agripa com as críticas do povo à sua generosidade em terra estrangeira. Nos anos anteriores à primeira guerra judaica e durante a própria guerra, o cargo sagrado de sumo sacerdote degenerou. *Josefo destaca que Jesus, filho de Damneu, não queria abandonar o cargo e os partidários arruaceiros dos dois Jesus se enfrentaram com pedras nas ruas de Jerusalém.

Fontes: Josefo, *Guer.* 6:114; *Ant.* 20:203, 213.

JESUS, FILHO DE GAMALIEL

Jesus, filho de Gamaliel, ou Joshua ben Gamla, foi escolhido sumo sacerdote por *Agripa II em 63 d.C. em substituição a *Jesus filho de Damneu. De acordo com a mixná, ele vinha da família sacerdotal de Boeto por intermédio de casamento: sua esposa era Marta, filha de Boeto. Como Jesus, filho de Damneu, não estava preparado para ser substituído, os partidários dos pontífices rivais partiram para a luta nas ruas de Jerusalém. De acordo com o Talmude, Jesus, filho de Gamaliel, introduziu a educação primária para meninos a partir da idade de seis ou sete anos. Foi deposto por Agripa II em 64 d.C. em benefício de *Matias, filho de Teófilo, mas continuou no centro da política após a eclosão da guerra. Embora Jesus fosse amigo íntimo de *Josefo, é acusado, juntamente com outro ex-sumo sacerdote, *Anã, filho de Anás, de tentar limitar o poder de Josefo na Galiléia. Ele também criticou os zelotes pela escolha do último sumo sacerdote, Fanias, filho de Samuel, em 67 d.C. Mais tarde,

Jesus, filho de Gamaliel, tentou em vão pacificar os aliados idumeus dos zelotes: finalmente foi vítima deles, juntamente com Anã, filho de Anás.

Matias, filho de Teófilo, foi o último sumo sacerdote feito por Agripa II em 64/65 d.C. Era filho de Teófilo, filho de Anã e neto de *Anás, filho de Séti, cujos quatro filhos o antecederam no trono pontifício. Nada se sabe sobre ele.

Fontes: Jesus: Josefo, *Guer.* 4:160, 238, 360; *Ant.* 20:213, 222; *Vida* 193, 204. mYeb: 6:4; mYom. 3:9; bBB 21a. Matias: Josefo, *Guer.* 6:114; *Ant.* 20:223.

JESUS, FILHO DE FIABI

Jesus, filho de Fiabi, foi sumo sacerdote sob *Herodes, o Grande. Pertencia a uma importante família sacerdotal, que deu dois outros pontífices: Ismael, filho de Fiabi (15-16 d.C.) e um segundo sumo sacerdote de mesmo nome (59-61 d.C.). Nada se sabe de Jesus, filho de Fiabi, além da observação feita por *Josefo de que ele foi substituído por *Simão, filho de Boeto. Este deveu sua promoção à beleza de sua filha, que Herodes iria desposar. A família Boeto teve vários ocupantes do cargo pontifício além de Simão.

Fonte: Josefo, *Ant.* 15;322.

JESUS, FILHO DE SEE

Ver em **Joazar, filho de Boeto.**

JOÃO BATISTA

João Batista foi o pregador asceta judeu que construiu a plataforma de lançamento para a vida pública de *Jesus de Nazaré. *Josefo se une aos quatro evangelistas ao retratar João como um personagem significativo na vida religiosa judaica do século I d.C. O Batista é o ponto de partida do principal relato do Evangelho. Tornou-se conhecido pela primeira vez, conta *Lucas, no nono ano do imperador *Tibério (29 d.C.), durante o governo de Pôncio *Pilatos (26-36 d.C.). Os evangelistas sinópticos o apresentam como um líder religioso independente com uma missão especial, mas no Evangelho de João, posterior, seu ministério é visto desde o início como secundário e preparatório para o de Jesus. A lendária narrativa de infância feita por *Lucas também inclui um relato do nascimento do Batista, e afirma que havia uma ligação familiar entre ele e Jesus: o pai de João, o sacerdote Zacarias, era casado com Isabel, parente da mãe de Jesus, que concebeu milagrosamente em idade avançada. A história do Novo Testamento pode ser complementada pelo esboço que Josefo faz da missão de João e de seu relato independente da morte do Batista.

*Marcos, *Mateus e Lucas apresentam João Batista como um asceta e um profeta cuja tarefa dada por Deus era pregar o arrependimento e deixar seus contemporâneos judeus palestinos prontos para o iminente advento do Reino de Deus. Acreditava-se que cumpria a segunda predição de Isaías, de uma voz que, no deserto, iria preparar a chegada de Deus (Is 40,3; Mc 3,3; Lc 3,4). Arrependimento e conversão eram temas proféticos comuns na religião do judaísmo escatológico. Diferentemente da entrada anual já liturgicamente estabelecida nas convenções por intermédio do batismo espiritualmente purificador dos sectários do Mar Morto, a imersão pregada e praticada por João era um acontecimento único especial. A proclamação sumária transmitia urgência, "Arrependei-vos, pois o Reino dos Céus está próximo!" (Mt 3,2), uma proclamação que posteriormente Jesus tomou por empréstimo (Mt 4,17, Mc 1,15). A

quintessência de sua exortação, relembrando as palavras dos profetas, repousava em uma sincera conversão. A consciência de ser descendente de Abraão não era suficiente: eles precisavam partilhar seus bens com os pobres. Coletores de impostos e soldados deviam cumprir suas tarefas com correção e humanidade (Mt 3,7-10, Lc 3,7-14). Na época messiânica em que viveu, João estava fadado a ser questionado sobre o Messias, se era ele. O Batista negou com firmeza, mas garantiu a seus ouvintes que o Messias estava perto.

Em seu primeiro encontro às margens do rio Jordão, nada sugere que João e Jesus se conhecessem, menos ainda que fossem parentes. Os Evangelhos discordam acerca da questão do reconhecimento de Jesus como o Messias. De acordo com Marcos e Lucas, Jesus, como todos os outros judeus arrependidos, foi simplesmente batizado por João, e durante a cerimônia teve uma visão e ouviu uma voz celestial declarando que ele era o filho amado de Deus (Mc 1:9-11; Lc 3: 21-2). João Batista não percebeu nada de extraordinário. Mesmo mais tarde, quando, na prisão, tomou conhecimento da fama crescente de Jesus, ele ainda estava indeciso quanto à condição final dele (Mt 11,3; Lc 7,19).

Diferentemente de Marcos e Lucas, Mateus e *João indicam claramente que o Batista sabia quem era Jesus. De acordo com Mateus, foi João, não Jesus, quem viu a pomba descendo do céu e ouviu a frase "Esse é meu filho amado" (Mt 3,17). O mesmo é verdadeiro em relação ao relato equivalente do quarto Evangelho.

Após Herodes *Antipas ter aprisionado João, Jesus começou a pregar na Galiléia a mensagem de seu Mestre sobre arrependimento e a iminência do Reino de Deus (Mc 1,14-15, Mt 4,12-17, Lc 4,14-25). O quarto Evangelho se refere, nesse primeiro estágio, a sentimentos de ciúme e rivalidade entre os discípulos do Batista e os de Jesus (Jo 3,25-30). Uma leitura cuidadosa dos Evangelhos pode ajudar a esclarecer a confusão. Jesus parece nunca ter feito qualquer observação crítica a João. Pelo contrário, sempre falou dele nos melhores termos. Para ele, João era a

reaparição do profeta Elias, o maior de todos os homens, no qual culminaram a Lei e os Profetas (Mt 11,11, Lc 16,16). Alguns até mesmo especulavam se Jesus não seria a reencarnação do Batista (Mc 6,14; Mt 14,2,16,14; Lc 9:7).

De acordo com os evangelistas, Herodes Antipas se ressentiu com a condenação de seu novo casamento pelo Batista e, estimulado por sua mulher *Herodíades, aprisionou João, mas evitou condená-lo por sua fama e popularidade. Enquanto preso, João Batista tomou conhecimento da crescente fama de Jesus, mas permaneceu na dúvida sobre seu *status* (Mt 11,3, Lc 7,19). A ardilosa Herodíades, segunda esposa de Herodes Antipas, querendo se vingar de João, conseguiu sua própria solução: disse à sua filha *Salomé, a quem Herodes Antipas tinha prometido qualquer coisa com que ela sonhasse como recompensa por sua esplêndida dança no aniversário do rei, para pedir a cabeça de João Batista em uma bandeja. Salomé o fez, e João Batista foi decapitado.

A historicidade, importância e as circunstâncias da morte de João são plenamente confirmadas por Josefo, que dá a ele o sobrenome de "Batista", assim como também fala do Jesus de "sobrenome" Cristo. (*Ant.* 20:200). Em *Antiguidades judaicas* João Batista é retratado como um "bom homem" que encorajou seus compatriotas a se submeter ao batismo e demonstrar justiça uns com os outros e devoção a Deus. Sua eloqüência atraía multidões que estavam prontas a fazer o que quer que lhes dissesse. Essa popularidade levou à sua derrocada na época revolucionária em que vivia. O ansioso Antipas, temendo um levante potencial, decidiu prender João, trancá-lo na fortaleza de Maqueronte, na Transjordânia, e executá-lo. Josefo destaca duas vezes que o povo judeu ficou chocado com o assassinato, e viu a derrota de Antipas para os nabateus alguns anos mais tarde como uma punição divina pelo crime que ele tinha cometido contra o Batista. Tanto o relato dos Evangelhos quanto o testemunho de Josefo referente à execução de João são

plausíveis isoladamente, mas também podem ser somados. Ainda assim, caso haja necessidade de escolher uma delas, a de Josefo parece ser a fonte mais confiável.

O grau do impacto de João Batista sobre seus compatriotas é difícil de avaliar. Sabemos, pelos Atos dos Apóstolos, que, durante o ministério de Paulo na Ásia Menor, ele e seus auxiliares cruzaram com judeus que tinham sido batizados por João. O mais conhecido deles é o eloqüente judeu alexandrino Apolo, que Paulo encontrou em Éfeso, mas outros também são mencionados no mesmo local. É improvável, porém, que os companheiros do Batista tenham sobrevivido tanto após a morte de João na grandiosa fortaleza herodiana elevada de Maqueronte, em 29 ou 30 d.C.

Fontes: Novo Testamento. Josefo, *Ant.* 18:116-19.



Fortaleza de Maqueronte, onde João Batista foi decapitado

JOÃO DE GÍSCALA

João de Gíscala, da cidade da Alta Galiléia de Gush Halab (daí o helenizado Gíscala), foi um dos principais líderes da rebelião contra Roma, primeiramente na Galiléia e, a partir de 67 d.C., em Jerusalém. Como devemos seu perfil a *Josefo, de quem ele definitivamente não era amigo, não surpreende que seja retratado com um personagem antipático: inescrupuloso, ardiloso e malicioso, um mentiroso e um tratante. Naturalmente, Josefo deve ser visto aqui com ressalvas.

Cercado de um pequeno exército particular de quatrocentos "desordeiros", o despossuído João, motivado por um espírito belicoso tipicamente galileu, estava saqueando o distrito norte, do qual Josefo era o comandante-em-chefe no início da rebelião. Enquanto reconstruía as muralhas de sua cidade natal de Gíscala e praticava uma espécie de monopólio na exportação de azeite de oliva da região, o ex-pobre enriqueceu consideravelmente. Josefo relata maliciosamente que João era um escroque: comprava quatro ânforas de azeite por quatro dracmas áticas, mas vendia meia ânfora pelo mesmo preço!

João instigou uma revolta contra Josefo na cidade de Tarichéias, junto ao lago da Galiléia, e quase conseguiu se livrar dele. A resistência judaica na Galiléia não durou muito, e *Tito, encarregado por seu pai *Vespasiano de concluir a conquista da província, ocupou Gíscala facilmente e forçou João e seus zelotes a fugirem para Jerusalém no início de novembro de 67 d.C. Na capital, João se tornou um dos dois principais líderes revolucionários até a primavera de 69 d.C., sendo, de acordo com Josefo, um tirano, responsável pela luta fratricida entre facções judaicas. Ele comandava uma força de vinte oficiais e seis mil homens. Por um breve tempo, *Eleazar, filho de Simão, um renegado da facção de João, se tornou capitão de um terceiro grupo, mas na Páscoa de 70 d.C. os partidários de João conquistaram o setor controlado por ele, e a defesa da capital foi mais uma vez dirigida pelo duunvirato João de Gíscala e *Simão, filho de Giora, o primeiro defendendo a fortaleza Antônia, o segundo, a

cidade alta. A insensata resistência sangrenta continuou até agosto de 70 d.C. No final, fugindo dos romanos, João de Gíscala se refugiou em túneis subterrâneos, mas a fome o obrigou a se render. Juntamente com Simão, filho de Giora, ele foi obrigado a desfilar em frente a Tito no desfile da vitória em Roma, no ano de 71 d.C. Com mais sorte que Simão, que foi cerimonialmente executado no fim da festa, João recebeu a sentença de prisão perpétua por sua participação na rebelião contra o poderoso império romano.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2, 4-7; *Vida.*

JOÃO, O APÓSTOLO

João, filho de Zebedeu, irmão de *Tiago, foi um dos principais apóstolos de *Jesus e considerado pela tradição cristã como o autor do quarto Evangelho. Ele e Tiago, ambos pescadores, foram convocados por Jesus imediatamente depois de *Pedro, e os três formaram o círculo íntimo de apóstolos. Apenas eles testemunharam a filha de Jairo sendo ressuscitada e a Transfiguração. Os três questionaram Jesus sobre a futura destruição do Templo e foram convocados a permanecer junto a ele no Jardim de Getsêmani, mas adormeceram.

João e seu irmão são retratados como galileus típicos com temperamento selvagem. Daí o apelido aramaico de "filhos do trovão" (*Boanerges*) dado a eles por Jesus (Mc 3,17). O temperamento esquentado de João é indicado por sua firme intervenção contra o exorcista que usava o nome de Jesus para expulsar demônios sem ser um membro do grupo. Juntamente com o irmão, ele ameaçou uma aldeia samaritana inamistosa com o fogo dos céus, e acrescentando ambição à impetuosidade, João e Tiago pediram para si os melhores lugares na mesa do banquete messiânico.

No quarto Evangelho, nem Tiago nem João são mencionados pelo nome, embora haja uma única referência aos filhos de Zebedeu e a tra-

dição cristã considere ser João a pessoa citada como "o discípulo que Jesus amava", que se sentou junto a Jesus na Última Ceia e o acompanhou à cruz. A ele foi confiado o cuidado da mãe e ele ultrapassou Pedro para conferir o relato sobre o túmulo vazio. É estranho que essa pessoa tão importante permaneça anônima, mas o quarto Evangelho também não menciona o nome da mãe de Jesus.

Nos Evangelhos Sinópticos João desaparece, juntamente com os outros apóstolos, após a prisão de Jesus, e faz sua reentrada na história do Novo Testamento nos Atos dos Apóstolos (3,1-4;11;4,13.19;8,14). Nos Atos, ele é relacionado entre os discípulos de Jesus e é o parceiro constante de Pedro. Ambos foram juntos ao Templo para orar; João testemunhou a cura de um aleijado por Pedro; ambos foram os porta-vozes dos apóstolos perante o sinédrio e foram classificados de "homens comuns, ignorantes" pelas autoridades. Mais tarde João foi enviado, juntamente com Pedro, para concluir a evangelização dos samaritanos. Esse papel de destaque de João na comunidade cristã primitiva é confirmado por Paulo, que o cita, juntamente com Tiago, o irmão do Senhor, e Cefas, entre os "pilares" da Igreja (Gl. 2,9). Com essa menção ele desaparece do Novo Testamento, se descartarmos o autor do Apocalipse, também chamado João, cuja identificação com o filho de Zebedeu é bastante improvável. Nem as três epístolas atribuídas a "João" podem ser creditadas ao apóstolo com qualquer grau de certeza.

Irineu, bispo de Lyon, afirmou, por volta de 180 d.C., e Eusébio repetiu, que João tinha se instalado em Éfeso, lá vivendo até idade avançada. Nenhuma tradição anterior sustenta essa afirmação. Na verdade, ela é implicitamente contradita por Inácio, bispo de Antioquia, que, em carta escrita aos efésios, por volta de 110 d.C., os descreve como o povo de *Paulo, sem se referir à presença de João em meio a eles apenas alguns anos antes.

Quanto à autoria do quarto Evangelho atribuída a João, as evidências são bastante frágeis. Pápias silencia sobre o tema, e a mais antiga testemunha é Irineu, que relatou que João tinha escrito seu Evangelho em

Éfeso. O próprio Evangelho não revela a identidade de seu autor. Um trecho no último capítulo, que é claramente um acréscimo posterior, insinua que "o discípulo que Jesus amava" escreveu "estas coisas" (Jo 21,24). O glosador também sabia que o autor do Evangelho já tinha morrido (Jo 21,23). Embora João seja retratado como ativo na comunidade apostólica desde o início do ministério de Jesus, ninguém é identificado como o discípulo amado antes da Última Ceia. Assim, não há motivo para identificar os dois. O discípulo amado podia ser qualquer um dos apóstolos, menos Pedro e *Judas. Por outro lado, o único amigo que explicitamente teria sido amado por Jesus é Lázaro, mas ele não era um apóstolo, nem qualquer tradição o identifica como um evangelista.

O conteúdo do quarto Evangelho também não ajuda. Se, com base na mensagem doutrinária altamente desenvolvida, culminando no prólogo filosófico-místico, concluímos que o Evangelho de "João" é mais recente que os sinópticos — muitos acreditam que ele é datado entre 100 e 110 d.C. —,torna-se altamente improvável que seu autor seja um contemporâneo de Jesus. O quarto Evangelho difere fundamentalmente daqueles de *Marcos, *Mateus e *Lucas tanto em sua estrutura narrativa quanto em sua substância doutrinária. Com exceção de alguns trechos do relato da Paixão (sua datação no dia anterior à Páscoa judaica e sua omissão de um julgamento religioso no Sinédrio) e um pequeno número de histórias mais ou menos semelhantes registradas nos outros Evangelhos, a história em "João" segue seu próprio caminho, de tal modo que se "João" está certo, os sinópticos estão errados e vice-versa. No quarto Evangelho a vida pública de Jesus é estendida para dois ou três anos, contra os seis meses ou até um ano dos sinópticos. Não há motivo para as testemunhas anteriores reduzirem tanto a história. Contra a confiabilidade histórica do quarto Evangelho pesa a ausência de todos os relatos de exorcismo e de todas as parábolas típicas dos três primeiros. Outra diferença característica de "João" em relação aos sinópticos é retratar os judeus como inimigos mortais de Jesus desde o início de sua atividade. Essa hostilidade disseminada, combinada com a familiaridade do evan-

gelista com a filosofia e o misticismo helenistas, levantam a questão: "João" era judeu ou não. Nenhum outro autor do Novo Testamento chega ao ponto de descrever os judeus como os filhos sequiosos de sangue de seu pai assassino, o Diabo (Jo 8,44). O problema permanece sem solução, com os argumentos contra e a favor tendo basicamente a mesma força. Contudo é óbvio que o público visado por "João" era não-judaico, já que os termos hebraicos mais simples, como messias e rabino, precisaram ser acompanhados de seus equivalentes em grego.

O Evangelho de "João" não conta a história de um profeta carismático galileu, mas de um Estranho do Paraíso, a eterna Palavra (*Logos*) criativa de Deus que por pouco tempo se fez carne para redimir a humanidade, antes de retornar de seu exílio terreno para se juntar novamente ao Pai em seu lar celestial.

Fontes: Evangelho de João. Irineu em Eusébio, *Hist. Ecl.* 3:23.

JOÃO, O ESSÊNIO

João, o Essênio, foi um general judeu durante a primeira rebelião contra Roma (66-70 d.C.). Diferentemente dos outros três essênios citados por *Josefo (Judas, *Menahem e *Simão), João não é retratado como um profeta carismático, mas como um dos líderes militares da guerra, a quem foi confiado o comando da região de Tamna, sul da Judéia, juntamente com as cidades de Lida, Iopa e Emaús. Em companhia de dois outros generais de impressionante coragem e habilidade, Níger de Peréia e Silas de Babilônia, João atacou a cidade helenista de Ascalon. Contudo as forças judaicas foram derrotadas pelos romanos, e João, juntamente com Silas e 10 mil de seus homens, tombaram no campo de batalha. A presença de um essênio no alto comando judaico implica que alguns membros da seita, contrariando as idéias de pacifismo que geralmente se acredita que eles professavam, tomaram parte do levante nacional. A sobrevivência de um manuscrito de Qumrã, a Liturgia Angélica, na forta-

leza zelote de Massada, também pode indicar que alguns sectários continuaram a luta até o final com *Eleazar, filho de Jairo, e sua companhia naquela fortaleza do deserto. Isso implicaria que a extrema devoção religiosa e o zelo revolucionário podiam andar de mãos dadas, como também pode ter sido o caso entre alguns dos seguidores de Jesus que partilhavam as aspirações dos judeus nacionalistas.

Fonte: Josefo, *Guer.* 2:566-8; 3:9-21.

JOÃO, O VELHO

João, o Velho, ou o Presbítero, foi um discípulo de Jesus, de acordo com Pápias, bispo de Hierápolis, na Ásia Menor, que viveu entre *c.* 60 e 130 d.C. Pápias, citado pelo historiador da Igreja Eusébio de Cesaréia, faz a distinção entre este João, o Velho, e *João, o Apóstolo. Embora os dois tenham vivido na província romana da Ásia e tenham sido enterrados em Éfeso, Pápias teve contato direto apenas com os discípulos do apóstolo, ao passo que ouviu pessoalmente a pregação do Velho. A existência de João, o Velho, é importante na discussão sobre a autoria do quarto Evangelho e da literatura joanina. Em especial, é importante ter em mente que o autor da segunda e da terceira epístolas tradicionalmente atribuídas a João simplesmente se identifica como "o Velho", sem qualquer nome próprio mencionado no título de qualquer epístola.

Fontes: 2 e 3 João. Eusébio, *Hist. Ecl.* 3:39.

JOAZAR, FILHO DE BOETO

Joazar, filho de Boeto, foi o último sumo sacerdote nomeado por *Herodes (4 a.C.). Era cunhado do rei, irmão de *Mariamna II, e substituiu *Matias, filho de Teófilo, que Herodes afastou em função de seu envolvimento em tumulto que levou à remoção de uma águia de ouro do Tem-

plo. Joazar teve uma carreira tumultuada. Acusado de apoiar a revolta que se seguiu à morte de Herodes, foi deposto em 4 a.C. pelo etnarca *Arquelau, filho de Herodes, e substituído por seu irmão, Eleazar, filho de Boeto. Eleazar permaneceu no cargo por um período curto, e Jesus, filho de See, sobre o qual não sabemos nada, foi nomeado para substituí-lo. Por razões igualmente desconhecidas, Joazar foi reconvocado por Arquelau, e como sumo sacerdote convenceu muitos de seus compatriotas a aceitar o censo organizado por *Quirino, governador romano da Síria. Após a derrubada de Arquelau do cargo em 6 d.C. ele não permaneceu nas graças de Quirino por muito tempo. Influenciado pelo povo, Joazar seguiu uma linha nacionalista, e Quirino, já não o considerando útil, nomeou em 6 d.C. um novo e poderoso sumo sacerdote, Anás, ou Anã, filho de Séti*, líder de outra importante dinastia pontifícia, que de acordo com o Evangelho de *João iria mais tarde interrogar *Jesus após sua prisão e antes de entregá-lo a seu genro, o sumo sacerdote José *Caifás.

Fontes: Joazar: Josefo, *Ant.* 17:164. Eleazar: Josefo, *Ant.* 17:339.

JÔNATAS, FILHO DE ANÁS

Jônatas foi o segundo filho de *Anás (ou Anã), filho de Séti, a ser nomeado sumo sacerdote. O primeiro foi Eleazar (16-17 d.C.), escolhido pelo prefeito romano da Judéia, *Valério Grato. Jônatas deveu sua promoção ao legado da Síria *Vitého, e ocupou o cargo de 36 a 37 d.C. Vitélio afastou Jônatas em favor de seu irmão Teófilo, filho de Anás, do qual não temos qualquer registro. Talvez tenha ocupado a posição até a nomeação de *Simão Canteras, filho de Boeto, pelo rei *Agripa I, em 41 d.C.

Ainda assim, Jônatas continuou a ser influente mesmo depois de perder o sumo sacerdócio. Ele foi um dos líderes da delegação judaica que se encontrou com o governador romano da Síria, Umídio Quadrato, para se queixar dos samaritanos pelo assassinato de viajantes judeus galileus e contra o procurador romano da Judéia, *Cumano, por não

interferir. O imperador *Cláudio condenou os líderes samaritanos à morte, enviou Cumano para o exílio e o substituiu, a pedido de Jônatas, por Antônio *Félix em 52 d.C. O governo do novo procurador foi intolerável, e Jônatas foi um crítico constante de sua administração. Para silenciá-lo, Félix se associou aos revolucionários judaicos chamados sicários, que assassinaram Jônatas. Os sicários penetraram em Jerusalém fingindo ser peregrinos, mas escondendo adagas sob as túnicas. O sumo sacerdote Jônatas foi a primeira de suas muitas vítimas.

Jônatas, filho de Anás, sem dúvida é o João ou Jônatas mencionado após Anás e *Caifás, na história do interrogatório dos apóstolos *Pedro e *João pelo tribunal superior judaico (At 4,5-6).

Fontes: Jônatas: Josefo, *Guer.* 2:240-43, 256; *Ant.* 18:95, 123; 19:313; 20:163. Teófilo: Josefo, *Ant.* 18:123.

JOSÉ

José foi o marido de *Maria e pai, ou, de acordo com a tradição cristã, suposto pai, de *Jesus de Nazaré. A iconografia natalina representa São José como um homem de idade considerável acompanhado de uma jovem em adiantado estágio de gravidez, conduzindo um burro de Nazaré a Belém. Esses detalhes pitorescos não figuram nos livros do verdadeiro Novo Testamento e surgiram nos acréscimos lendários dos Evangelhos Apócrifos posteriores.

Os quatro Evangelhos canônicos nos dizem pouco sobre ele. As chamadas narrativas de infância referentes ao nascimento e à infância de Jesus constituem a principal fonte de informação. Apenas dois dos quatro evangelhos, *Mateus e *Lucas, abrem com a história do nascimento. O fato de *Marcos, o mais antigo dos Evangelhos, não conter nada assim, sugere que as narrativas de infância são criações secundárias adicionadas por Mateus e Lucas à história principal da vida de Jesus. Seu objetivo é demonstrar a crença da Igreja no caráter messiânico de Jesus,

descendente legítimo do rei Davi, e a doutrina de sua concepção e nascimento sobrenaturais. José ocupa o papel principal no argumento da genealogia davídica de Jesus, mas na formulação final do Evangelho tradicional é negada a ele a verdadeira paternidade. A concepção de Jesus é obra do Espírito Santo, e, conseqüentemente, ele é "filho de Deus".

Na tradição religiosa judaica, o rei-Messias precisa ser um descendente do rei Davi, e essa descendência precisa ser provada de pai para filho na linha masculina. Por esse motivo, Mateus e Lucas inserem em seus Evangelhos uma genealogia detalhada de Jesus. Mateus (1,1-17) relaciona os ancestrais de Jesus de Abraão a José, passando por Davi, enquanto Lucas (3,23-34) dá uma versão ainda mais longa em ordem inversa, de José a Adão, passando por Davi e Abraão. Os nomes dos antepassados mais velhos são tomados de várias tabelas genealógicas bíblicas, mas aquelas que se seguem ao exílio babilônico (após 540 a.C.) não são apenas desconhecidas, mas completamente diferentes nas listas de Mateus e Lucas até o pai de José: Jacó em Mateus (1,16) e Eli em Lucas (3,23). Nenhuma das duas árvores genealógicas é confiável.

Mateus chama José de "marido" (*anér*) (Mt 1,16), a quem Maria foi prometida em casamento (Mt 1,18). Esse detalhe implica que ela era legalmente menor, já que a lei judaica só permitia contratos de casamento para meninas menores de idade. A maioridade era atingida aos 12 anos, ou com o início da puberdade, o que acontecesse primeiro. Mateus situa o nascimento de Jesus no reinado de *Herodes, o Grande, mas não faz referência a Nazaré como local de residência de José e Maria na época. Ele não menciona nenhuma viagem antes do parto, o que implica que José e Maria viviam em Belém, em "uma casa" (Mt 2,11). De acordo com Mateus, na forma presente, o Jesus milagrosamente concebido não era filho de José (Mt 1,20-21), que teria evitado "conhecer" sua esposa, isto é, ter intercurso sexual com ela. O que aconteceu depois do nascimento de Jesus não é especificado, mas o texto não sugere que essa contenção temporária — "até o dia em que ela deu à luz um filho" (Mt 1,25) — foi transformada em abstinência sexual permanente. Na narrativa sobre a

infância de Jesus por Mateus, o protagonista é José. Alertado por um anjo em um sonho, José organiza a fuga da família para o Egito a fim de escapar do plano assassino de Herodes (Mt 2,13-14). É ele o instruído por um anjo em diversos sonhos após a morte do rei (4 d.C.), a não retornar à Judéia, que era governada por um filho de Herodes (*Arquelau), e a se estabelecer em Nazaré, na Galiléia (Mt 2,19-23). O fato de a Galiléia também ser administrada por outro filho de Herodes (*Antipas) é ignorado.

Em Lucas, José nunca é chamado de marido de Maria: é apenas seu noivo ou o *suposto* pai de Jesus (Lc 3,23). Ambos são moradores de Nazaré (Lc 1,26-7) e a viagem de José a Belém é provocada por um decreto imperial de registro para impostos, editado em Roma por *Augusto e implementado na Palestina por *Quirino, governador da Síria. O censo mencionado por Lucas não tem base histórica (ver o verbete sobre Quirino). A viagem para Belém garante que Jesus, o futuro Messias, tenha nascido na cidade de Davi, de acordo com a tradição profética. Lucas não sabe nada sobre o massacre de bebês ordenado por Herodes, sobre a visita dos magos (*magi*) ou a fuga de José, Maria e Jesus para o Egito. Pelo contrário, toda a família é retratada seguindo serena e estritamente em Belém e Jerusalém as regras religiosas judaicas relacionadas ao nascimento de um filho (Lv 12,1-8): a circuncisão no oitavo dia após o nascimento (Lc 2,21) e uma oferenda de purificação feita no Templo de Jerusalém no quadragésimo dia (Lc 2,22-24). Em resumo, na narrativa de Lucas, José e sua família permanecem serenos na Judéia até que seja o momento de voltarem para casa em Nazaré e viverem em obscuridade durante as três décadas seguintes (Lc 2,39). O pai de Jesus surge novamente no relato de Lucas da peregrinação da família a Jerusalém para a Páscoa, quando Jesus tinha 12 anos. Ao perderem o garoto na Jerusalém superlotada, os pais procuraram ansiosamente por ele e finalmente o encontraram entre os mestres no Templo (Lc 2,41-50). Maria, ao passar uma reprimenda em Jesus, se refere a José como "seu pai".

Na versão final editada de suas genealogias, tanto Mateus quanto Lucas insinuam que, apesar de todas as aparências em contrário, José

realmente não era o pai do filho de Maria. A redação do texto tradicional de Mateus (1,16) tenta evitar o problema: "Jacó gerou José, o esposo de Maria, *da qual nasceu Jesus*, chamado Cristo." Ainda assim, vários testemunhos textuais, alguns manuscritos gregos e a tradução síria sinaica afirmam que José era o pai de Jesus: "José, a quem foi dada em casamento Maria, *gerou* Jesus que foi chamado o Cristo." O "Diálogo de Timóteo e Áquila", grego, do século V, representando uma discussão entre um judeu e um cristão, afirma sucintamente que "José gerou Jesus, que foi chamado o Cristo". Lucas não apresenta nenhuma variação textual em sua relação genealógica, mas insere uma ressalva: "Ao iniciar seu ministério, Jesus tinha mais ou menos trinta anos e era, *conforme se supunha*, filho de José." (Lc 3,23) A tentativa de alguns dos primeiros editores da genealogia de Mateus de enfraquecer ou eliminar qualquer referência direta a José como pai revela esforços especiais para corrigir a impressão de que José poderia ser o pai de Jesus. As afirmações substitutas "Jesus nasceu da virgem Maria" ou "a virgem Maria deu à luz Jesus" foram inseridas em prejuízo da prova da descendência davídica do Senhor. Incidentalmente, a visão de que José era o pai normal de Jesus foi professada pela antiga comunidade judeu-cristã dos ebionitas.

Na principal parte do Evangelho que fala da vida pública de Jesus, ele é simplesmente o filho de José, ou o filho do carpinteiro (Mt 13,55, Lc 4,22, Jo 6,42, Mc 6,3). De fato, ainda se insinua que José e Maria eram também os pais dos quatro irmãos mais novos de Jesus, *Tiago, José, Simão e *Judas, e de suas várias irmãs (Mc 6,3, Mt 13,55). É possível chegar à mesma conclusão a partir da tradição dos ebionitas judeu-cristãos, relatada por Irineu, Padre da Igreja, no fim do século II, e — caso autêntico — do conteúdo da inscrição do ossuário de "Tiago, filho de José, irmão de Jesus" (ver verbete sobre Tiago, irmão do Senhor).

A doutrina da Igreja relativa à virgindade perpétua de Maria, que se desenvolveu progressivamente a partir do século II, naturalmente influenciou a representação cristã de José. A fonte mais antiga e influ-

ente é o lendário Evangelho Apócrifo, o Proto-Evangelho de Tiago, cujo original grego pode retroceder às últimas décadas do século II. Esse apócrifo é a fonte da maioria das histórias tradicionais relativas à ligação de Maria e José.

O Proto-evangelho, de origem gentio-cristã, conta a improvável história de que, com a aproximação da puberdade de Maria, que passou sua infância no Templo de Jerusalém, confiada aos sacerdotes, o sumo sacerdote decidiu escolher um viúvo como seu guardião, tirando a sorte. A escolha recaiu sobre José, que tinha quatro filhos e duas filhas de seu primeiro casamento, os meio-irmãos e irmãs de Jesus. A idade avançada de José no Proto-Evangelho ajuda a justificar o "casamento" assexuado e a virgindade perpétua de Maria.

Os últimos anos da vida de José e sua morte são desconhecidos, embora alguns detalhes ficcionais possam ser encontrados na "História de José, o carpinteiro", uma lenda escrita em copta não antes do século IV d.C. De acordo com esse relato, José tinha quarenta anos de idade quando se casou pela primeira vez. Esse casamento produziu quatro filhos e duas filhas. Outros 49 anos se passaram antes que Maria fosse confiada a José, então com 89 anos de idade, e ele viveu com ela 22 anos. Tinha 111 anos de idade quando morreu e foi enterrado por Jesus, que tinha então vinte anos.

Fontes: Os Evangelhos, "Proto-Evangelho de Tiago", em M.R. James, *The Apocryphal New Testament*, 38-49; "The History of Joseph the Carpenter", *ibid.*, 84-6.

JOSÉ, FILHO DE ELLEM

Ver em **Matias, filho de Teófilo I.**

JOSÉ, FILHO DE CAMEI

O rei *Herodes de Cálcis (44-48 d.C.), tendo recebido do imperador *Cláudio o direito de supervisionar o Templo de Jerusalém, nomeou dois sumos sacerdotes. Primeiro Herodes afastou *Elioneu, filho de Canteras, em 44 d.C. e o substituiu por José, filho de Camei ou Camidus (possivelmente da mesma família de *Simão, filho de Camidus, que foi sumo sacerdote em 17-18 d.C.). José permaneceu no cargo por três anos, mas nada foi registrado sobre suas atividades.

Seu sucessor foi Ananias, filho de Nedebeu, que permaneceu na ativa pelo período atipicamente longo de 12 anos (47-59 d.C.). Ananias se envolveu nos problemas entre judeus e samaritanos e foi um dos líderes judaicos presos pelo governador da Síria, Umídio Quadrato. Enviado a Roma, teve de se apresentar perante o imperador Cláudio, juntamente com *Cumano, o procurador da Judéia caído em desgraça. Tudo isso aconteceu imediatamente antes da Páscoa do ano de 52 d.C. O sumo sacerdote Ananias e seus companheiros foram libertados depois que o rei *Agripa II interferiu em favor deles, e foram autorizados a voltar à Judéia, onde Ananias continuou no posto por mais sete anos. O Talmude o reprova por gula. Com a eclosão da revolta, em 66 d.C., Ananias e outros líderes se refugiaram no palácio de Herodes, na cidade alta de Jerusalém, mas foram capturados e assassinados pelos rebeldes liderados pelo zelote *Menahem, um descendente de Judas *Galileu.

De acordo com os Atos dos Apóstolos (23,2;24:1), como sacerdote Ananias chefiou a investigação do caso de São *Paulo a pedido do tribuno romano que tinha prendido o apóstolo. Com a típica hostilidade atribuída pelo autor dos Atos às autoridades judaicas que lidaram com Paulo, Ananias é apresentado como um juiz ordenando ilegalmente o espancamento do acusado. Quando a reunião do conselho se transformou em desordem, tendo Paulo conseguido conquistar a simpatia dos membros fariseus do sinédrio e fazer com que eles se voltassem contra os saduceus, os militares romanos o retiraram do tumulto e o enviaram para Cesaréia,

a fim de ser julgado pelo procurador da Judéia, *Félix. O sumo sacerdote Ananias liderou uma delegação a Cesaréia e utilizou um advogado chamado Tértulo para processar Paulo. O pedido das autoridades judaicas para que o caso fosse devolvido à sua jurisdição foi superado pelo pedido de Paulo de ser julgado pelo próprio imperador.

Fontes: José: Josefo, *Ant.* 20:16, 103. Ananias: Josefo, *Guer.* 2:243; *Ant.* 20:103, 131.

JOSÉ KABI, FILHO DE SIMÃO CANTERAS

Ver em **Ismael, filho de Fiabi II**

JOSEFO

Josefo, ou Flávio Josefo, como ficou conhecido depois de adotar um dos nomes de seu patrono imperial, *Tito Flávio Sabino Vespasiano, foi o mais importante historiador judeu da antiguidade. José, o filho de Matias, nasceu de uma ilustre família sacerdotal em Jerusalém no primeiro ano do imperador *Calígula (37/38 d.C.). Sua árvore genealógica remonta ao tempo do sumo sacerdote asmoniano *Hircano I, e um de seus antepassados desposou a filha do rei-sumo sacerdote Alexandre Janeu (103-75 a.C.). Josefo foi educado em Jerusalém e exibiu um precoce conhecimento da Lei. Estudou os ensinamentos de fariseus, saduceus e essênios aos 16 anos de idade e depois passou três anos com um asceta, o eremita *Banus. Aos 19 anos de idade ele escolheu a facção dos fariseus. Sem dúvida aprendeu grego quando criança ou ainda jovem, mas no início de seu trabalho de escritor seu conhecimento da língua grega não era suficiente, então ele escreveu o *Guerra Judaica* em aramaico e depois utilizou assistentes para preparar a edição grega da obra. Em 64 d.C. Josefo navegou para Roma, onde se tornou um favorito de Popéia, esposa do imperador *Nero.

Com a deflagração do levante contra Roma em 66 d.C., Josefo, então com 29 anos, opôs-se à guerra, como muitos judeus de classe alta. Mas logo mudou de idéia e foi nomeado comandante-em-chefe das forças rebeldes na Galiléia. Sua liderança inglória terminou em 67 d.C. com a queda de sua fortaleza em Jotapata e sua captura pelos romanos. Levado perante *Vespasiano, ele previu ao comandante do exército romano sua elevação ao trono imperial. Quando sua profecia se realizou dois anos depois, em 69 d.C., o agradecido Vespasiano libertou seu prisioneiro. Josefo o acompanhou a pontos distantes, como Alexandria, na viagem a Roma do recém-proclamado imperador. De Alexandria ele retornou a Jerusalém, e ajudou *Tito, filho de Vespasiano, que tinha sido encarregado das operações em Jerusalém até o fim de toda resistência, em 70 d.C. A tarefa particular de Josefo era parlamentar com os defensores da cidade e os persuadir a se renderem. Conta ele ter conseguido a libertação de muitos prisioneiros judeus, incluindo seu irmão, e mesmo que resgatou três conhecidos já crucificados, dos quais um conseguiu sobreviver após tratamento médico. Josefo então acompanhou Tito a Roma após a vitória. Recebeu a cidadania romana e uma ajuda financeira do imperador Vespasiano, o que lhe permitiu dedicar o resto da vida a objetivos literários. Também desfrutou do patrocínio dos filhos de Vespasiano, os imperadores Tito (79-81 d.C.) e *Domiciano (81-96), e permaneceu em Roma até a morte, por volta de 100 d.C.

O histórico matrimonial de Josefo foi característico de um judeu de classe alta nos dias difíceis da primeira revolução. Sua primeira esposa estava em Jerusalém durante o cerco, mas enquanto Josefo era prisioneiro de guerra, recebeu de Vespasiano a ordem de desposar uma judia cativa de Cesaréia. Essa mulher o deixou quando ele viajou para Alexandria com o futuro imperador. No Egito, Josefo voltou a casar imediatamente, e teve três filhos com a nova esposa. O casamento acabou em divórcio, e em Roma Josefo conseguiu uma quarta esposa na pessoa de uma judia de Creta que vinha de uma família ilustre, e que deu a ele mais dois filhos. Três de seus rapazes, Hircano, do terceiro casamento, e Justo e

Simonide, do quarto, nascidos respectivamente em 73, 76 e 78 d.C., estavam vivos quando Josefo escreveu sua autobiografia.

A maioria dos trabalhos de Josefo sobreviveu. Escritos em grego, eles foram transmitidos por copistas cristãos. O historiador se dirigia basicamente a leitores greco-romanos educados, com a intenção explícita de glorificar o povo judeu. Sem dúvida, seu objetivo apologético enfático pretendia compensar a má impressão criada entre alguns de seus compatriotas pela mudança de lado de Josefo durante a guerra.

Sua primeira grande obra, *Guerra judaica*, em sete volumes, foi concluída no final dos anos 70 d.C., parte final do reinado de Vespasiano, a quem os volumes foram dedicados. Eles contêm um relato completo das hostilidades, precedido por uma versão resumida da história judaica desde a perseguição dos judeus por Antíoco Epífanes (175-164 a.C.) até o início da rebelião contra Roma em 66 d.C. Josefo conta, orgulhoso, que tinha aprovação escrita do imperador Tito e do rei judeu *Agripa II sobre a confiabilidade de sua *História* (*Vida* 363-6). Agripa declara: "A mim parece que você escreveu com muito maior cuidado e precisão do que qualquer outro que abordou o tema" (*Vida* 365).

A maior obra de Josefo, *Antiguidades judaicas*, em vinte volumes, é um *tour de force* descrevendo a história bíblica e judaica desde a criação do mundo até a eclosão da revolta contra Roma em 66 d.C. Foi concluída em 93/94, quando Josefo tinha por volta de 55 anos de idade. Os primeiros dez livros, até o cativeiro babilônico dos judeus no século VI a.C., acompanham o relato da Bíblia grega dos Setenta, e freqüentemente faz acréscimos a ela com a ajuda de livros não-bíblicos e tradições interpretativas populares judaicas. A segunda metade de *Antiguidades*, de Ciro e Alexandre, o Grande, até a guerra, se baseia em várias fontes: em parte gregas (Políbio, Estrabão, *Nicolau de Damasco, professor e conselheiro de *Herodes, o Grande, documentos oficiais da época de Júlio *César e *Augusto), em parte judaicas (Carta de Aristéias, 1 Macabeus, e um documento relativo aos sumos sacerdotes judeus). *Antiguidades judaicas* oferece uma visão única da história judaica do período romano (63 a.C.-

66 d.C.). Graças a Josefo, a era de Herodes, o Grande, e de seus herdeiros, ou seja, a era de Jesus, no sentido amplo, é mais bem conhecida do que qualquer outro período da história judaica antiga.

Sua obra *Vida* sucedeu a *Antiguidades judaicas.* Não é uma verdadeira autobiografia, mas um relato de sua atuação como comandante das forças revolucionárias na Galiléia de 66 a 67 d.C., e faz uma apologia obviamente tendenciosa de como ele lidou com as maquinações de seu oponente *João de Gíscala e com as acusações feitas por *Justo de Tiberíades em seu relato rival da guerra judaica. A substância de *Vida* está imprensada entre detalhes biográficos sobre a família de Josefo e sua história doméstica, incluindo uma menção a uma queda de cavalo que resultou em um punho quebrado. *Vida* foi escrita em algum momento após 93/94 d.C.

A última obra preservada de Josefo é uma defesa da religião judaica e do povo judeu em dois volumes, intitulada *Contra Ápio ou Sobre a antiguidade dos judeus.* Ápio foi um gramático egípcio que liderou a delegação antijudaica de gregos alexandrinos que foi ao imperador *Calígula, com *Filo de Alexandria liderando a contra-embaixada judaica. Ápio foi apenas um dos muitos oponentes dos judeus repreendidos por Josefo, que habilidosamente rebateu as distorções ridículas de Ápio e seus colegas da história dos judeus no Egito e de sua religião, como a alegada idolatria da cabeça de um asno. *Contra Ápio* contém o primeiro resumo curto e sistematizado da lei de Moisés (2:164-119).

Várias outras obras de Josefo se perderam. Seu importante projeto intitulado *Sobre os costumes e suas causas,* no qual ele pretendia discutir "as opiniões sustentadas pelos judeus em relação a Deus e sua essência, bem como em relação às leis" (*Ant.* 20:268), parece nunca ter amadurecido.

As opiniões quanto à confiabilidade de Josefo como historiador variaram muito. Ele não é plenamente confiável em assuntos em que ele mesmo é alvo de controvérsia. Da mesma forma, tanto em *Guerra* quanto em *Antiguidades,* encontramos, nos lábios de personalidades históricas, longos discursos claramente apócrifos. Josefo dá um tom filosófico

grego às escolas de pensamento judaicas, comparando os fariseus aos estóicos e os essênios aos seguidores de Pitágoras. Busca atribuir toda a responsabilidade pela guerra a uma minoria revolucionária e, por motivos políticos, reduz a importância do messianismo, que teria sido visto com suspeitas pelos romanos. Contudo, no conjunto, é avaliado favoravelmente pelos estudiosos de hoje. Um dos principais historiadores de Roma, Fergus Millar, chamou o *Antiguidades* de Josefo de possivelmente "o mais significativo trabalho isolado escrito no império romano" (JJS 38, 1987, 147).

Josefo tem um papel único no esclarecimento da história do Novo Testamento. Fornece uma base sólida e estruturada para a história de *Jesus e da Igreja palestina primitiva. Sem ele, teríamos apenas trechos e peças fragmentados sobre esse período. Para coroar sua contribuição, Josefo forneceu três referências a personalidades do Evangelho: *João Batista, *Tiago, o irmão do Senhor, e o próprio Jesus. As duas primeiras geralmente são consideradas genuínas. João Batista é descrito como um "bom homem" que exortou os judeus "a levar uma vida correta" e foi decapitado por Herodes *Antipas sob a acusação de ser um revolucionário potencial (*Ant.* 18:117-18). Quanto a Tiago, "o irmão de Jesus chamado o Cristo", Josefo conta que foi apedrejado até a morte em 62 d.C. por ordem do sumo sacerdote Anã, filho de Anás. O ato recebeu a desaprovação da maioria dos judeus imparciais e estritamente devotos de Jerusalém. Eles se queixaram a Agripa II e conseguiram o afastamento do sumo sacerdote (*Ant.* 20:200). A terceira referência, o famoso *Testimonium Flavianum*, ou a nota de Josefo sobre Jesus, é mais problemática, já que certamente contém elementos que não podem ser autênticos (por exemplo, "se de fato alguém puder chamá-lo de um homem"; "ele era o Messias" e uma referência à ressurreição). Por outro lado, a descrição de Jesus como "um homem sábio", realizador de "proezas paradoxais", soa genuína e típica do estilo de Josefo, que também menciona a crucifixão de Jesus por Pôncio *Pilatos. Vistas em conjunto, as três passagens de Josefo fornecem a mais importante informação externa para o estudo da his-

tória do Novo Testamento. Portanto, não surpreende que ele seja visto quase como um evangelista em círculos cristãos. De acordo com o historiador da Igreja Eusébio (*Hist. Ecl.* 3:9), foi erguida uma estátua em homenagem a Josefo na cidade de Roma, quase certamente por cristãos.

Fontes: Josefo (edição Loeb) e Tessa Rajak, *Josephus: The Historian and his Society* (2002).

JUDAS

Judas foi um dos quatro irmãos de *Jesus de Nazaré, dos quais *Tiago é o mais famoso, e os outros dois, José (ou Joset) e Simão, são completamente desconhecidos (Mc 6,3; Mt 13,55). Judas não é mencionado em nenhum outro ponto dos evangelhos. Se o incluirmos entre os parentes de Jesus, ele partilharia com os outros a culpa de se opor a Jesus (Mc 3,21) e teria conhecido a mesma recepção fria que Jesus deu a sua mãe e seus irmãos (Mc 3,32-34; Mt 12,46-50; Lc 8,20-21). Sem ser citado nominalmente, Judas deve ser incluído entre os irmãos de Jesus que, juntamente com Maria, se juntaram à comunidade primitiva depois da primeira Páscoa (At 1,14).

De acordo com as tradições questionáveis registradas pelo historiador da Igreja Eusébio em nome da autoridade do século II Hegesipo, os netos de Judas, ou seja, os sobrinhos-netos de Jesus, ainda eram considerados suficientemente importantes no final do século I para figurarem na lista negra do imperador *Domiciano (81-96 d.C.). Como a ascendência davídica de Jesus é mais teológica que histórica — para ser proclamado o Messias ele precisava ser um filho de Davi —, a história provavelmente é lendária.

A atribuição da curta epístola de Judas (24 versículos) no Novo Testamento a este irmão de Jesus é igualmente duvidosa. O testemunho indireto no próprio escrito descreve o autor como um "servo de Jesus Cristo, irmão de Tiago" (verso 1). O grego da epístola é bom demais para ser fruto de um galileu não instruído. Em função de sua preocupação com os movimentos heréticos cristãos e sua semelhança com a segunda epís-

tola de Pedro, a epístola de Judas freqüentemente é datada do início do século II d.C. O autor certamente foi um judeu particularmente interessado em literatura não-canônica hebraica e aramaica, como fica claro em sua alusão ao trabalho apócrifo de *Assunção de Moisés* e a referência explícita ao primeiro *Livro de Enoque.*

Fontes: Novo Testamento; Eusébio, *Hist. Ecl.*, 3:20-21.

JUDAS, FILHO DE SAFOREU

Judas, filho de Saforeu, e Matias, filho de Margalotus, foram dois professores educados, provavelmente fariseus, que estiveram por trás de um levante religioso em Jerusalém no ano 4 a.C. A causa do conflito foi a instalação do símbolo romano da águia dourada em um dos pórticos do Templo recém-reconstruído pelo rei *Herodes, o Grande. Quando se tornou público que Herodes tinha uma doença fatal, Judas e Matias, que lideravam uma escola de jovens entusiasmados, concluíram que era hora de um ato de bravura em defesa da Lei ancestral, mesmo correndo risco de vida. Então, quando correu o boato falso de que o rei tinha morrido, eles exortaram seus pupilos a agir, e os jovens escalaram o teto do Templo, derrubaram a águia e a despedaçaram à vista dos passantes. Os dois professores e quarenta dos baderneiros foram presos e levados para Jericó, onde o moribundo Herodes, deitado em um divã, pois não conseguia mais se sentar, julgou e condenou os dois professores e os pupilos que tinham pessoalmente derrubado a águia a serem queimados vivos e o restante dos prisioneiros a serem executados. Todos eles estavam entusiasmados para sofrerem o martírio por sua crença na santidade da Lei de Moisés. O episódio demonstra que na época de *Jesus a rebelião contra as autoridades civis freqüentemente continha um amálgama de religião e motivação política.

Fontes: Josefo, *Guer.* 1:648-50, 655; *Ant.* 17:149-57, 167, 206, 214.

JUDAS GALILEU

Judas Galileu, ou Judas de Gamala, uma cidade do Golã, foi o co-fundador da facção revolucionária dos zelotes-sicários. Ele sem dúvida é o mesmo Judas, filho de *Ezequias, que tinha se envolvido em atividades revolucionárias após a morte de *Herodes, o Grande. Seu pai Ezequias deve ser identificado com o capitão ladrão executado por Herodes em 47 a.C. Em 4 d.C. Judas Galileu recrutou um pequeno exército e capturou o arsenal de Séforis, na Galiléia. Bem equipados com as armas roubadas, seus homens aterrorizavam a região. Naquele estágio o boato era o de que Judas Galileu tinha aspirações reais. A chegada de *Varo, o governador romano da Síria, forçou os revolucionários a caírem na clandestinidade e esperar por outra oportunidade favorável. A chance surgiu em 6 d.C, quando, após a deposição do etnarca *Arquelau, filho de Herodes, o governador da Síria, *Quirino, começou a realizar um censo imperial dos judeus necessário para controlar os impostos na nova província romana da Judéia. O sumo sacerdote *Joazar, filho de Boeto, se esforçou por acalmar a população ultrajada, mas continuou a haver muito desconforto, o que foi explorado por Judas. Ajudado por um fariseu chamado Zadoque, ele fundou uma facção revolucionária com o objetivo de produzir uma revolução religiosa e politicamente motivada.

Embora o "zelotismo" fosse mais que uma forma extrema de nacionalismo e tivesse elementos intelectuais e doutrinários, *Josefo, embora politicamente oposto a ele, chega a bajular os seguidores de Judas, descrevendo-os como representantes de uma escola filosófica. Essa escola, afirma o autor, concorda no conjunto com os ensinamentos dos fariseus, mas alega que, sendo Deus o único mestre de Israel, os judeus só podiam servir a Ele, não tendo senhores terrenos. Assim, Judas criou um movimento de extremo chauvinismo impulsionado por fanatismo religioso, que permaneceu continuamente ativo durante as seis décadas do século I d.C. e culminou na guerra que acabou com a vida judaica institucional na Palestina por 19 séculos.

Judas Galileu não foi um rebelde solitário, mas o fundador de uma dinastia de revolucionários. De fato, sendo o filho do Ezequias que foi morto por Herodes, ele mesmo seguiu os passos do pai. Seus filhos Jacó e Simão foram crucificados como rebeldes anti-romanos por Tibério Júlio *Alexandre, o sobrinho romanizado de *Filo de Alexandria que foi procurador da Judéia de 46 a 48 d.C. Outro de seus filhos, ou possivelmente um neto, *Menahem, esteve entre os principais líderes nacionalistas em Jerusalém na eclosão da guerra contra Roma em 66 d.C. Finalmente, o último descendente destacado de Judas Galileu foi *Eleazar, filho de Jairo, o capitão de Massada, fortaleza em que a resistência judaica aos romanos continuou até 73/74 d.C.

Judas Galileu figura no Novo Testamento. *Gamaliel, o Velho, o menciona em seu discurso quando os apóstolos de *Jesus foram investigados pelo Sinédrio (At 5,34-9). Judas é introduzido para ilustrar o princípio de que, se um movimento não é aprovado por Deus, está fadado ao fracasso. Gamaliel afirma que Judas pereceu após o levante inspirado por ele, fato não confirmado por Josefo. Anacronicamente, o autor dos Atos dos Apóstolos situa Judas Galileu após *Teudas, outro líder revolucionário. Na verdade, Judas Galileu surgiu na época do censo, em 6 d.C., enquanto Teudas apareceu cerca de 40 anos depois. O erro se deve mais a Lucas do que a Gamaliel.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:118, 443; *Ant.* 18:4-10, 23-5.

JUDAS ISCARIOTES

Judas Iscariotes é apresentado no Novo Testamento como o vilão infiltrado entre os apóstolos de *Jesus que o traiu entregando-o às autoridades sacerdotais judaicas. A etimologia de Iscariotes é incerta. A interpretação mais comum é que diz respeito a seu local de origem, "o homem de Querito ou Cariot", mas como Quiriá significa "cidade", isso ajuda pouco. Uma derivação de *sicarius*, sicário, o título de um terrorista anti-ro-

mano, também foi aventada, mas nada nos relatos dos Evangelhos sobre Judas aponta nessa direção. De acordo com *João (12,6), Judas era o tesoureiro da comunidade apostólica, o que sugere que seria um membro importante do grupo. Mas ele é descrito como um ladrão e um homem que vendeu seu líder por trinta moedas de prata.

O fim trágico de Judas é apresentado de duas formas diferentes no Novo Testamento. No Evangelho de *Mateus (27,5), Judas se arrepende e devolve as trinta moedas de prata, mas, sendo dinheiro sujo de sangue, elas são declaradas inadequadas pelo sumo sacerdote para o tesouro do Templo, podendo ser utilizadas apenas para a compra de um terreno para o enterro de estrangeiros. Judas então comete suicídio por enforcamento. Nos Atos dos Apóstolos (1,18-19) não há arrependimento. Judas compra um campo com seu dinheiro da iniqüidade, e lá morre em uma queda acidental que fez sua barriga se romper. Parece que as duas histórias servem para explicar o nome de um campo em Jerusalém conhecido como Hacéldama (*haqal dema*), ou "Campo de Sangue".

Como Judas, se ele era um malversador de fundos, poderia ter sustentado sua posição entre os 12 até o fim da vida de Jesus é algo não explicado nos Evangelhos. As muitas especulações acerca de sua motivação honrada, como seu desejo de obrigar Jesus a revelar seu messianismo, ou forçá-lo a uma rebelião aberta, dessa forma precipitando a chegada do Reino de Deus, carecem inteiramente de bases sólidas.

Fonte: Novo Testamento.

JUSTO DE TIBERÍADES

Justo de Tiberíades foi um político, historiador e escritor judeu do século I d.C. É particularmente infeliz quanto à posteridade, pois tudo o que sabemos dele vem de seu arqui-rival e terrível inimigo Flávio *Josefo. Uma parcela substancial da *Vida*, de Josefo, é dedicada a polemizar com Justo, e mais precisamente a demonstrar que a *Guerra judaica* dele, Josefo, é

uma fonte histórica mais bem-informada e confiável do que o trabalho perdido de Justo sobre o mesmo tema.

Justo e seu pai Pisto eram cidadãos de destaque em Tiberíades. Justo recebeu uma completa educação helenística. Mesmo Josefo admite que Justo não era "ignorante em cultura grega" e tinha dons de retórica (*Vida* 40). Essa ênfase especial na educação helenista mostra que isso não era comum entre judeus, mas privilégio de cidadãos de classe alta. A idéia amplamente sustentada hoje em certos círculos acadêmicos de que os galileus eram inteiramente helenizados e bilíngües, falando aramaico e grego, não tem fundamento real.

Josefo e Justo consideravam um ao outro culpado de incitar os habitantes de Tiberíades a se rebelarem contra Roma. Justo chega mesmo a ser acusado de liderar o ataque dos moradores a localidades na Transjordânia ligados às cidades de Hipos e Gadara, na Decápolis. Na realidade, porém, Justo, como Josefo, era um político moderado que se juntou ao movimento revolucionário apenas por necessidade. Na verdade, sua família sofreu nas mãos dos rebeldes da Galiléia e de Gaulinites, que assassinaram o cunhado de Justo e cortaram a mão de seu irmão como punição por falsificar uma carta (*Vida* 177). Antes que os romanos concluíssem a conquista da Galiléia, Justo partiu para Berito (Beirute) e se juntou ao rei *Agripa II, cuja irmã *Berenice intercedeu por ele junto a *Vespasiano, conseguindo que sua sentença de morte fosse anulada. Depois Justo prosperou na corte real de Agripa II, e após a guerra chegou mesmo a ser nomeado secretário do rei. Mas Josefo não perde a oportunidade de citar, mais tarde, o afastamento de seu oponente, por incompetência. Justo manteve sua *História* guardada por vinte anos, publicando-a apenas após a morte dos protagonistas dos acontecimentos, Vespasiano, *Tito e Agripa II. Josefo insinua que a versão de Justo dos acontecimentos teria desagradado às autoridades, e se vangloria de que em uma carta Agripa endossa de todo coração a sua própria versão da guerra: "Rei Agripa ao querido Josefo (...) A mim você parece ter escrito com muito maior cuidado e precisão do que

qualquer outro que abordou o tema. Envie-me os volumes restantes" (*Vida* 365).

Justo deve ter vivido até o início do século II, uma vez que seu livro aparentemente mencionava a morte de Agripa. E, de acordo com os depoimentos dos historiadores da Igreja, Eusébio, Jerônimo, o bizantino Suda e Fótio, Justo de Tiberíades foi autor de três obras (hoje perdidas): *História da Guerra Judaica, Crônicas dos reis judeus* (de Moisés a Agripa II) e, a crer em Jerônimo, *Comentários sobre as Escrituras.*

Fontes: Josefo, *Vida*, 175-8; 336-67. Eusébio, *Hist. Ecl.* 3:10, 8. Jerônimo, *De viribus illustris* 14. Suda, sob "Justo de Tiberíades". Fótio, *Biblioteca* 33.

L

LUCAS

Lucas foi o autor do terceiro evangelho, e a tradição também atribui a ele os Atos dos Apóstolos. Acredita-se que ele é o mesmo Lucas mencionado três vezes no conjunto das epístolas de São *Paulo: uma vez sem especificação em 2 Timóteo 4,11, a segunda vez como "colega de trabalho" em Filêmon 24, e a terceira como "o médico amado" em Colossenses 4,14. Como não é relacionado como um dos "homens de circuncisão" entre os companheiros colossensses de Paulo, Lucas parece ter sido um gentio, natural de Antioquia, de acordo com Eusébio, possivelmente o único autor não-judeu do Novo Testamento. Não é citada por Eusébio nenhuma referência ao Evangelho de Lucas por Pápias, que tinha escrito sobre *Mateus e *Marcos. Os mais antigos testemunhos referentes à sua autoria do terceiro Evangelho e dos Atos vêm do cânone muratoriano e de Irineu, bispo de Lyon, de *c.* 180 d.C. A mesma visão é confirmada por Eusébio em sua *História Eclesiástica.* O historiador afirma ainda, sem evi-

dências, que Lucas traduziu para o grego a epístola de Paulo aos Hebreus, cujo original estava em hebraico ou aramaico. As principais razões para contestar a atribuição do terceiro Evangelho e dos Atos a Lucas, companheiro de Paulo, vêm das muitas contradições entre as afirmações autobiográficas nas epístolas de Paulo, dos relevantes comentários de Lucas sobre a sua biografia nos Atos dos Apóstolos e a ausência da teologia paulina nas obras atribuídas a Lucas, embora a apresentação da instituição da Eucaristia no terceiro Evangelho e em 1 Coríntios aponte na direção oposta.

No que diz respeito ao início e ao fim do Evangelho de Lucas, eles são mais desenvolvidos do que as narrativas equivalentes em Mateus. A genealogia do Evangelho da infância vai em sentido retroativo de *Jesus até Adão, e os nomes dos ancestrais que não são tirados diretamente da Bíblia diferem inteiramente daqueles em Mateus. Apenas Lucas equivocadamente relaciona o nascimento de Jesus com um censo ordenado pelo imperador *Augusto e implementado por *Quirino, governador da Síria (ver verbete sobre Quirino), e, ao contrário de Mateus, esboça uma viagem de *José e *Maria de Nazaré a Belém e seu retorno via Jerusalém, mas sem um desvio pelo Egito. Lucas também acrescenta um relato sobre o nascimento de João Batista e uma história sobre Jesus, aos 12 anos de idade, revelando seu conhecimento precoce aos mestres da Lei no Templo. Seu material especial doutrinário inclui muitos ditos de Jesus não registrados em outras fontes e cerca de 14 parábolas, incluindo a do Bom Samaritano e a do Fariseu e o Publicano, desconhecidas em Marcos e Mateus. Sua narrativa das aparições da ressurreição é consideravelmente enriquecida se comparada com o relato de Mateus.

Lucas, ele mesmo um gentio e se dirigindo a leitores quase que exclusivamente não-judeus, omitiu deliberadamente qualquer referência à restrição da missão de Jesus e de seus discípulos originais apenas quanto à casa de Israel. Também elimina os comentários chauvinistas de Jesus sobre não-judeus serem "cães" ou "porcos". Um perfil universalista inicia e encerra o seu Evangelho. O ancião Simeão, após conhecer o menino

Jesus no Templo, fala da salvação preparada por Deus para "todas as nações", e a ordem de pregar o arrependimento e o perdão a todo o universo está presente no fim do terceiro Evangelho. Por outro lado, os Atos dos Apóstolos dão grande importância à hostilidade dos judeus para com os apóstolos e a Igreja nascente. O exagero mais chocante surge na afirmação de que uma segunda emboscada com o objetivo de assassinar Paulo tinha sido tramada pelos "sumos sacerdotes e os principais homens entre os judeus" (At 25,2). A lógica interna de todo o relato é a de que o Sinédrio pretendia julgar Paulo por um crime capital, não queria assassiná-lo.

Além do mais, há no Evangelho de Lucas uma tendência a diluir a urgência escatológica da mensagem de Jesus. O apelo inicial de Jesus ao arrependimento por causa da proximidade do Reino de Deus é omitido. Ditos escatológicos tendem a ser suavizados e imagens apocalípticas são sucessivamente abandonadas. Lucas gentilmente abre as portas para uma Igreja com um longo futuro.

Fontes: Novo Testamento. Eusébio, *Hist. Ecl.* 2:22; 3:4.

LUCÍLIO BASSO

Ver em **Silva**.

M

MARCELO

Ver em **Fado**.

MARCO ANTÔNIO

Marco Antônio (*c.* 83-30 a.C.) foi um general e estadista romano. Ele foi triúnviro com Otaviano (o futuro *Augusto) e Lépido, e marido da rainha egípcia *Cleópatra VII. Foi o governante do Oriente romano, mas ao mesmo tempo era dominado por sua esposa. Seu envolvimento com a história judaica consistiu em nomear *Herodes e seu irmão *Fasael tetrarcas do território judaico, e mais tarde, em 40 a.C., em fazer de Herodes rei. Depois ele interferiu com a integridade da Judéia ao doar as plantações de bálsamo de Jericó a Cleópatra. Subornado por Herodes, também deu a ordem para a decapitação do último rei-sacerdote as-



Marco Antônio

moniano *Antígono, em Antioquia. Influenciado por Cleópatra, ele obrigou Herodes a nomear o jovem príncipe asmoniano *Aristóbulo III para o posto de sumo sacerdote e, após o jovem ter se tornado vítima de um acidente de piscina forjado, recebeu muito dinheiro de Herodes, permitindo que ele escapasse das conseqüências de seu crime. Marco Antônio foi derrotado por Otaviano primeiramente na batalha de Ácio em 31 a.C. e finalmente em Alexandria, no ano seguinte. Pouco depois, ele e Cleópatra se suicidaram.

Fontes: Josefo, *Guer.* 1; *Ant.* 14-15.

MARCOS

Marcos, ou João Marcos, era filho de uma judia de Jerusalém chamada Maria, que era ligada a *Pedro. Marcos, primo de *Barnabé (Cl 4,10), juntou-se a ele e a *Paulo na primeira viagem missionária a Chipre. Contudo, quando o trio partiu para continuar a pregação na Ásia Menor, Marcos os abandonou, irritando Paulo. Na ocasião da sua segunda expedição, Barnabé insistiu em levar Marcos com eles, e a violenta discussão que se seguiu entre Paulo e Barnabé acabou definitivamente com a amizade entre ambos. Ainda assim, Marcos mais tarde renovou sua ligação com Paulo e permaneceu com ele mesmo depois da prisão do apóstolo em Roma (Fm 24). O autor pseudônimo da primeira epístola de Pedro se refere a um companheiro dele como "meu filho Marcos" (1Pd 5,13). Essa referência é a base da tradição que apresenta Marcos como o autor do Evangelho pregado por Pedro. Pápias, o bispo de Hierápolis do século II, citado por Eusébio, declara que Marcos era o "intérprete de Pedro", que "escreveu cuidadosamente, mas não em ordem, tudo de que se lembrava dos ditos e feitos do Senhor". Pápias afirma claramente que Marcos não ouviu ou seguiu *Jesus, não sendo, conseqüentemente, uma testemunha ocular dos acontecimentos do Evangelho. De acordo com Eusébio, Marcos se tornou o primeiro bispo de Alexandria, e como tal

responsável pelos ascetas monásticos que conhecemos como os *therapeutae* do livro de Filo *A vida contemplativa.*

O Evangelho de Marcos é considerado o mais antigo entre os canônicos, possivelmente escrito durante a rebelião judaica contra Roma (66-70 d.C.), porém mais provavelmente pouco depois dela. Marcos já traz a idéia do Segundo Advento de Cristo, cuja iminência é antecipada pela destruição do Templo ao fim de uma guerra terrível (Mc 13). O Evangelho de Marcos é independente das obras dos outros três evangelistas; de fato, a comparação literária mostra que *Mateus e *Lucas se baseiam na estrutura narrativa de Marcos. Ele é o mais curto dos Evangelhos Sinópticos por duas razões: contém menos material doutrinário; Mateus e Lucas foram aumentados acrescentando-se a Marcos extratos de uma hoje perdida coletânea de ditos, ou *logia*, de Jesus. Seu quadro cronológico é menor que o de Mateus e Lucas, pois começa sem o preâmbulo de um Evangelho da infância e não tem o final feliz das aparições da ascensão do Senhor. De fato, Marcos encerra com o retrato desconcertante das três mulheres aterrorizadas e atônitas fugindo de um túmulo vazio. O final mais longo (Mc 16,9-20) está ausente de todos os manuscritos mais antigos do Evangelho.

Como convém à mais antiga de todas as fontes, Marcos apresenta menos sinais de revisão doutrinária do que Mateus e Lucas. Passagens referentes a emoções, ignorância ou imperfeições de Jesus não foram tocadas. Por exemplo: antes de curar um leproso, o Jesus de Marcos é movido por *piedade* para com o doente, ou, de acordo com uma variação do manuscrito, por *ira* (Mc 1,41). Nem Mateus nem Lucas se referem ao estado de espírito do Senhor. Mais uma vez, em Marcos, Jesus vê seus críticos com *ira* (3,5). Lucas omite "com ira" (Lc 6,10) e Mateus elimina toda a frase (cf. Mt 12,12-13). O comentário dos parentes de Jesus de que *ele enlouqueceu*, registrado em Marcos (Mc 3,21), é inteiramente ignorado por Mateus e Lucas. Em Marcos, Jesus suspira antes de responder ao pedido dos fariseus de um sinal dos céus (Mc 8,12); Lucas insinua que Jesus não deu qualquer resposta (Lc 11,16) e Mateus ignora o suspi-

ro indigno (Mt 16,2). O Jesus de Marcos freqüentemente demonstra ignorância: pede informações, por exemplo, sobre o nome de um demônio (5,9). Em vez de curar "muitos" doentes como em Marcos (1,34; 3,10), Jesus cura "todos" em Mateus (8,16) e Lucas (4,40). Em Marcos, Jesus foi incapaz de realizar "milagres" em Nazaré, além de "poucas" curas (Mc 6,5); em Mateus, "ele não fez *muitos* milagres lá" (13,58). Lucas silencia sobre o assunto.

Uma característica particular de Marcos, seu gosto pela citação de palavras aramaicas nos ditos de Jesus, merece ser olhada com especial carinho. Apenas ele relata que Jesus apelidou os nervosos apóstolos Tiago e João de *Boanerges*, "filhos do trovão" (3,17), ou usa a palavra *Éfata*, "Abre-te", ao curar um surdo-mudo (7,34). Marcos chama um presente sacrificial de *Corban*, para o qual é dada a paráfrase grega "oferta sagrada" (7,11). O cego de Jericó tem o nome aramaico de *Bartimeu*, corretamente explicado como "filho de Timeu" (10,46), e Bartimeu chama Jesus de *Rabbuni*, que não é traduzido, já que se esperava que todos soubessem que significava "Meu Mestre". Mateus e Lucas evitam a utilização de tais palavras. *Talitha cum* é a ordem de Jesus à filha de Jairo, "Menina [literalmente pequena ovelha], eu te digo, levanta-te" (Mc 5,41). Essas palavras são ignoradas em Mateus (9,25) e aparecem em Lucas, apenas em grego, como "Criança, levanta-te" (Lc 8,54). Em Marcos, Jesus se dirige a Deus em aramaico como *Abba* (14,36). Mateus o substitui por "Meu Pai" (Mt 26,39) e Lucas por "Pai" (Lc 22,42), ambos em grego. Finalmente, Marcos reproduz inteiramente em aramaico o grito de Jesus na cruz, "*Eloi, Eloi, lama sabactáni*" ("Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?") (Mc 15,34). Mateus substitui o hebraico *Eli, Eli* pelo aramaico *Eloi, Eloi* (Mt 27,46).

O Evangelho de Marcos nos aproxima mais do Jesus da história que qualquer outro texto do Novo Testamento. Ademais, Marcos é o único evangelista que permite ao leitor ouvir um eco eventual de quais teriam sido as palavras de Jesus em sua própria língua.

Finalmente, um equívoco freqüentemente repetido acerca do Evangelho de Marcos deve ser eliminado de uma vez por todas. O estudo do

Novo Testamento no fim do século XIX e início do século XX criou a idéia de um "segredo messiânico" em relação às repetidas instruções dadas pelo Jesus de Marcos a seus discípulos, ou às pessoas curadas por ele, de não revelar que ele era o Messias. Uma explicação melhor para essa proibição era que Jesus considerava o conceito político tradicional do Messias real inadequado e equivocado como definição para sua missão, e por esse motivo desencorajava sua utilização.

Fontes: Novo Testamento. Eusébio, *Hist. Ecl.* 2:16-17; 3:39; 6:14.

MARCOS AMBÍBULO

Ver em **Copônio**.

MARIA

Maria, mãe de *Jesus e esposa de *José, viveu na cidade de Nazaré, na Galiléia, durante a época da carreira pública de seu filho Jesus. As esparsas evidências sobre ela no Novo Testamento podem ser divididas em três categorias: em *Marcos, *Mateus e *Lucas, lidando com Jesus na Galiléia; em *João, descrevendo Jesus na Galiléia e aparecendo na cena da crucifixão; e em Mateus e Lucas apresentando o nascimento e a infância de Jesus. O retrato de Maria varia grandemente de acordo com as fontes.

Deixando de lado as narrativas de infância de Mateus e Lucas, Maria é citada pela primeira vez nos Evangelhos Sinópticos por conhecidos e vizinhos em sua cidade natal de Nazaré (Mc 6,3; Mt 13,55). Ambos identificam Maria como mãe de Jesus e esposa de José, o carpinteiro (ver também Jo 1,45-6,42). Quatro outros filhos (*Tiago, Joset ou José, *Judas e Simão) e várias filhas não identificadas também são mencionados por eles. Nada no texto sugere que Maria não era mãe de cinco filhos, dos quais Jesus era o mais velho, e de duas ou mais filhas. A referência se-

guinte à mãe de Jesus, seus irmãos e, de acordo com algumas variações do manuscrito, suas irmãs aparece na passagem em que eles surgem sem avisar e exigem que Jesus interrompa sua pregação e vá vê-los. A partir da reação pouco cortês de Jesus — "Quem são minha mãe e meus irmãos?" — e sua descrição de seus pupilos como "minha mãe e meus irmãos", fica óbvio que a família não era bem-vinda. Os membros da família representavam a atitude dos parentes determinados a impedi-lo de seguir sua missão carismática (Mc 3,21). Vários ditos posteriores de Jesus com observações depreciativas sobre pais ("Aquele que ama pai e mãe mais que a mim" ou "qualquer um [que] não odeia seu próprio pai e sua mãe" não merece ser meu discípulo) claramente indicam um sério desentendimento entre ele e seus mais próximos e estimados. De fato, nem sua mãe nem qualquer outro membro de sua família são mencionados novamente nos Evangelhos Sinópticos. Várias mulheres da Galiléia identificadas viram Jesus morrer na cruz, mas Maria não estava entre elas.

João oferece um retrato um pouco diferente. Insinua, com a história das bodas de Caná, que havia calor e compreensão entre mãe e filho, apesar da aparente falta de interesse de Jesus em utilizar seus poderes carismáticos para fornecer mais vinho aos imprevidentes organizadores da festa. Maria sabia que, apesar da resposta ríspida de Jesus ("O que você quer comigo?", sem dúvida alguma significando "Por que você não me deixa em paz?"), seu filho iria atender a seu pedido. Durante o restante do ministério de Jesus Maria desaparece do relato de João, para reaparecer apenas com *Maria Madalena e duas outras mulheres da Galiléia aos pés da cruz, onde Jesus moribundo a deixa aos cuidados de seu amado discípulo (Jo 19,25-27). Finalmente, a mãe (e os irmãos) de Jesus ressurge subitamente nos Atos dos Apóstolos em companhia dos discípulos, antes do primeiro Pentecostes (At 1,14). Nesse ponto, Maria desaparece para sempre do Novo Testamento. A única referência indireta a ela em *Paulo é que Cristo nasceu de mãe judia não identificada ("nascido de mulher, nascido sob a Lei", Gl 4,4).

As histórias do nascimento de Jesus em Mateus e Lucas incluem um

outro tipo de evidência em relação a Maria: introduzem uma mãe virgem que milagrosamente, com a ajuda do Espírito Santo, produz um filho sem um pai humano. Na tradição religiosa judaica e não-judaica, o nascimento de heróis freqüentemente é cercado de sinais e prodígios. A chegada de Noé ao mundo foi marcada por luz brilhante; e os patriarcas Isaac, Jacó e José, bem como o profeta Samuel, foram concebidos, por intermédio da intervenção divina, por mães idosas anteriormente estéreis. Jesus, filho de mãe virgem, supera com isso a todos eles. A palavra "virgem" só aparece uma vez ligada a Maria em cada um dos dois Evangelhos da infância. Em Lucas, a concepção virginal de Jesus é anunciada em uma visão por um anjo, que explica à desconcertada jovem que ela irá gerar o filho de Deus (Lc 1,26-35). O assunto não é abordado novamente em Lucas. Mateus lida com o tema de um modo mais sinuoso, citando o profeta Isaías (7,14): "Eis que a virgem [*parthénos*] conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel [Deus está conosco]", e aplica a previsão a Maria na forma de interpretação de realização (Mt 1,22-23). Deixando de lado a tradução equivocada do hebraico *almah* de Isaías ("uma jovem mulher") para o grego "virgem", a idéia de Maria como mãe virginal parece ser esquecida no restante do Evangelho de Mateus. Para leitores da Bíblia hebraica, a passagem de Isaías significava que o nome Emanuel (Deus está conosco) dado ao filho de uma jovem em uma época de guerra ameaçadora simbolizava proteção divina prometida à assediada terra de Israel. Apenas na atmosfera cultural do cristianismo gentio helenizado o nascimento de um "Deus está conosco" milagrosamente concebido se torna teologicamente significativo.

A história do nascimento virginal em Mateus e Lucas constitui o trampolim para a especulação religiosa cristã sobre Maria. Os Evangelhos Apócrifos produzidos pela Igreja primitiva mais tarde desenvolveram essa especulação, dando ênfase à santidade e à perpétua virgindade da mãe de Jesus. A fonte mais antiga e influente é o lendário Proto-Evangelho falsamente atribuído a *Tiago, o irmão do Senhor. Seu original grego não é anterior às últimas décadas do século II d.C. Ele é a fonte da

maioria das idéias tradicionais relativas ao nascimento e infância de Maria e sua ligação com José.

O Proto-Evangelho, obra de um autor não-judeu, conta que Maria, de três anos de idade, foi entregue por seus pais idosos, Joaquim e Ana, aos sacerdotes de Jerusalém para ser criada na atmosfera sagrada do santuário da região. A história é infundada, porque a presença de meninas jovens no Templo não passa de criação da imaginação do autor gentio. Mais tarde, quando Maria se aproximou da idade de 12 anos, e com isso da puberdade, os sacerdotes tiveram de removê-la do recinto sagrado para evitar a contaminação ritual do Templo. Assim, o sumo sacerdote decidiu procurar um viúvo, a ser escolhido por sorteio, para tomar conta dela. Esse viúvo foi José, pai de quatro filhos e duas filhas do primeiro casamento, mais tarde conhecidos como os irmãos e irmãs de Jesus. O Proto-Evangelho descreve José como um homem idoso, uma idéia que servia convenientemente para o casamento assexuado e a perpétua virgindade de Maria. O evangelista apócrifo também resolveu o problema da ascendência messiânica de Jesus enraizada no rei Davi, ainda que José não fosse seu legítimo pai. No Proto-Evangelho, não apenas José, mas também Maria, é de origem davídica. O autor não sabia que, para herdar o título messiânico, o direito judaico exigia prova de descendência pela linha paterna.

O processo teológico e religioso que por volta do século IV evoluiu para a doutrina da perpétua virgindade de Maria culminou com a definição, pelo Concílio de Éfeso (431 d.C.), da doutrina de Maria ser a "Mãe de Deus" (*theotokos*). No século VI, a crença em sua assunção aos céus também se tornou parte da crença cristã. Chegou mesmo a ser proclamada dogma da Igreja Católica Romana em 1950. A doutrina da Imaculada Conceição, ou Concepção, ou seja, de que Maria nasceu sem pecado original, ainda tema de discussão na Idade Média, foi oficialmente definida pelo papa Pio IX em 1854 — com base nas parcas informações preservadas no Novo Testamento.

Fontes: Novo Testamento. Proto-Evangelho de Tiago.

MARIA MADALENA

Maria Madalena, natural da cidade pesqueira de Magdala, no mar da Galiléia, foi uma companhia íntima de *Jesus. Nenhum dado familiar, como o nome de seu pai ou marido, é fornecido pelos evangelistas. O Evangelho de Lucas (8,2) a descreve antes do relato da crucifixão como uma das mulheres que cuidaram de Jesus e dos discípulos durante seu ministério itinerante. Isso implica que Maria Madalena era uma mulher de posses que se devotou a Jesus, que a tinha curado e exorcizado. A observação de que ela tinha sido libertada de sete demônios sem dúvida é responsável pela associação, sem isso infundada, em alguns níveis da tradição cristã, de Maria Madalena com uma prostituta arrependida, "uma mulher da cidade, uma pecadora" (Lc 7,37). Sua identificação com outra Maria, irmã de Marta e de Lázaro, é igualmente forçada.

No relato do Evangelho da crucifixão de Jesus, *Marcos e *Mateus primeiramente relacionam Maria Madalena entre as mulheres da Galiléia que observaram a cruz à distância (Mc 15,40-41; Mt 27:55-56). Em *João, Maria Madalena é a última no grupo formado ainda por *Maria, mãe de Jesus, e Maria, esposa de Clopas.

Maria Madalena é também a principal testemunha da ressurreição de Jesus. Ela é identificada em primeiro lugar por Marcos e Mateus como uma das mulheres que foram ao túmulo para concluir os ritos fúnebres. De acordo com Mateus e *Lucas, ela e suas companheiras deram a notícia da ressurreição aos discípulos de Jesus. Também em João, Maria Madalena é a principal testemunha da ressurreição. Apenas ela vai ao túmulo vazio e leva a notícia aos apóstolos. Também ela é a primeira a receber uma visão do irreconhecível Jesus ressuscitado que ela confunde com um jardineiro encarregado dos túmulos.

A tradição do Evangelho insinua, sem oferecer uma explicação, uma ligação muito forte entre Jesus e Maria Madalena. A tradição cristã posteriormente elaborou a história. A Igreja do Oriente a leva a Éfeso com a

mãe de Jesus e com São João, enquanto na Igreja do Ocidente, Maria, juntamente com sua irmã Marta e seu irmão Lázaro, teriam chegado a Marselha e fundado a Igreja Católica na Gália.

Fonte: Evangelhos.

MARIAMNA I

Mariamna I, que deve ser diferenciada de Mariamna II, filha do sumo sacerdote *Simão, filho de Boeto, e terceira esposa de *Herodes, o Grande, foi uma princesa que se ligou a Herodes em 42 a.C. e se casou com ele durante o cerco feito a Jerusalém por seu marido, *Sósio, o governador romano da Síria, em 37 a.C. Essa união entre uma representante da realeza asmoniana e um homem de origem iduméia comum prometia ser gloriosa, mas afinal se revelou um completo desastre. Enquanto Herodes a adorava, Mariamna não tinha respeito algum pelo marido, e, ajudada e instigada por sua mãe *Alexandra, filha de *Hircano II, envolveu-se em ardilosas intrigas na corte real com os principais membros do sexo feminino da família do marido, Cipro, a mãe, e *Salomé, irmã. O ciúme possessivo do rei levou o casamento ao fim. Em duas oportunidades, quando Herodes teve de partir em viagens politicamente perigosas para visitar seu patrono *Marco Antônio e depois Otaviano, o futuro imperador *Augusto, deixou instruções secretas com o tio José no primeiro caso e com o amigo Semo no segundo para matar Mariamna caso ele não voltasse, para garantir que ela não iria desposar outro homem. Nos dois casos o segredo foi revelado a Mariamna, e ela não escondeu a raiva e o ressentimento do marido. Nas duas ocasiões, Salomé, irmã de Herodes, piorou ainda mais as coisas inventando uma falsa acusação de adultério contra a cunhada. A primeira tentativa fracassou, mas a segunda foi bem-sucedida, e em 29 a.C. Herodes, louco de ciúmes, ordenou a execução de sua adorada esposa. Mariamna morreu como uma verdadeira princesa.

Bonita, orgulhosa e serena, encontrou seu fim sem qualquer mudança de aparência, revelando sua "origem nobre" (*Josefo). Sua natureza irracional e belicosa contribuiu para sua tragédia. A morte de Mariamna deixou Herodes perturbado. Nos dias seguintes à execução, seu desejo por ela aumentou e ele chamava pela mulher que tinha mandado matar tão tolamente.

Mariamna deu a Herodes três filhos e duas filhas. O filho mais novo morreu em Roma, onde estava sendo educado, e os dois mais velhos tiveram o mesmo destino da mãe: como Mariamna, ambos foram assassinados pelo brutal pai.

Fontes: Josefo, *Guer.* 1. *Ant.* 15.

MARÍLIO

Ver em **Fado**.

MATEUS

Mateus foi um dos doze apóstolos de *Jesus e a tradição atribui a ele a autoria do primeiro Evangelho. O Novo Testamento dá poucas informações sobre ele. Seu nome é Mateus nas relações dos apóstolos (Mc 3,18; Mt 10,3; Lc 6,15 e At 1,13) e em um dos relatos de quando foi chamado por Jesus (Mt 9,9), mas na história paralela nos outros sinópticos ele é conhecido como Levi, filho de Alfeu (Mc 2,14; Lc 5,27.29). Por profissão Mateus era coletor de impostos empregado por Herodes *Antipas, e estava sentado no escritório quando Jesus o convidou a ser seu discípulo. Os evangelistas sinópticos contam que Mateus deu uma festa para Jesus, à qual compareceram vários coletores de impostos, e que os fariseus ou escribas se opuseram a que Jesus comesse com tais pessoas. Esse banquete

e outros episódios semelhantes que ilustram a simpatia de Jesus por pessoas socialmente desprezadas valeram-lhe o título depreciativo de "amigo de coletores de impostos e pecadores" (Mt 11,19; Lc 7,34). Nada mais há no Novo Testamento sobre Mateus; dar-lhe a autoria do Evangelho de Mateus é antiga tradição da Igreja, mas é questionada por um grande número de estudiosos modernos.

A mais antiga referência a Mateus como evangelista vem de uma obra perdida de Pápias, bispo de Hierápolis (morto *c.* 130 d.C.), citada pelo historiador da Igreja Eusébio: "Mateus organizou de forma ordenada os ditos no dialeto hebraico [isto é, em aramaico], e todos os interpretaram (ou traduziram) como ele o fez" (*Hist. Ecl.* 3:39). Se esses ditos aramaicos se referem a passagens doutrinárias de Mateus, em oposição a passagens narrativas, é questionável, mas na segunda metade do século II (por volta de 180 d.C.), Irineu, bispo de Lyon, fala claramente de um Evangelho registrado em manuscrito durante o ministério apostólico de *Pedro e *Paulo em Roma. A maioria dos especialistas contemporâneos atribui o trabalho em sua forma final a um autor judeu-cristão ou cristão gentio das últimas décadas do século I (80-100 d.C.). Talvez a melhor forma seja vê-lo como um judeu cristão de língua grega.

O autor do Evangelho de Mateus foi o primeiro a acrescentar um Evangelho da infância altamente teológico à história principal de Jesus tomada de *Marcos. Consiste esse Evangelho da infância em uma genealogia de Jesus demonstrando sua descendência do rei Davi por intermédio de *José e um relato de seu nascimento, mais a fuga para o Egito e a volta da família a Nazaré, na Galiléia. A citação de Isaías 7,14 sobre o nascimento de Emanuel de uma virgem (*parthénos*), baseada na Bíblia grega, tem o objetivo de anunciar, já no início do livro, o conceito do século I d.C. de Jesus como um Messias milagrosamente concebido, Filho de Deus (Mt 1-2). Ademais, o Evangelho de Mateus é o primeiro a oferecer uma descrição rudimentar de uma visão de Jesus pelas mulheres que encontraram o túmulo vazio, seguida por uma única aparição do Cristo ressuscitado aos 11 apóstolos em um

monte da Galiléia, aparição na qual alguns acreditaram e outros não (Mt. 28,9-10; 16-17).

No que diz respeito à postura de Jesus em relação a judeus e pagãos, as provas de Mateus apresentam contradição interna. Por um lado, há em seu Evangelho mais elementos judaicos do que em qualquer dos outros evangelistas. Mateus tem o maior número de textos proféticos aplicados a Jesus e dedica grande parte do espaço a discussões relativas a leis e costumes judaicos. Restringe enfaticamente a missão de Jesus e seus apóstolos e discípulos às "ovelhas perdidas da casa de Israel", excluindo dessa missão gentios e samaritanos (Mt 10,6; 15,24).

Lado a lado com o exclusivismo judaico, o Evangelho de Mateus exibe fortes, até mesmo violentas, idéias antijudaicas. O mesmo Jesus que se declarou preocupado apenas com os judeus declara mais tarde que não-judeus se sentarão à mesa do banquete messiânico, enquanto os judeus serão postos para fora, nas trevas (Mt 8,11-12). Sua última ordem aos 11 apóstolos é fazer discípulos em todas as nações (Mt 28,19). O ocasional veneno antijudaico de Mateus é impressionante. Quando estão julgando Jesus, as autoridades judaicas lançam *falso* testemunho contra ele (Mt 26,59), e Mateus faz *todo o povo* gritar "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos!" (Mt 27,25), Para justificar essas contradições no mesmo Evangelho, é melhor presumir que, depois de um início altamente otimista, a missão cristã entre os judeus da Palestina e da Diáspora passou a enfrentar crescentes dificuldades e terminou com a idéia de que o próprio Jesus escolheu os não-judeus e proclamou a rejeição a Israel.

A tradição cristã não tem nada a dizer sobre Mateus fora da época do Novo Testamento. De acordo com Eusébio, o erudito alexandrino Pateno afirma ter encontrado, durante sua visita à Índia, o Evangelho de Mateus escrito em caracteres aramaicos e levado para lá pelo apóstolo *Bartolomeu quando evangelizou o país.

Fontes: Evangelho de Mateus. Irineu, *Contra os hereges* 3:1, I, citado em Eusébio, *Hist. Ecl.* 5:8, 2.

MATIAS

Ver em **Tiago, filho de Alfeu.**

MATIAS, FILHO DE ANÁS

Ver em **Simão Canteras, filho de Boeto.**

MATIAS, FILHO DE MARGALOTE

Ver em **Judas, filho de Saforeu.**

MATIAS, FILHO DE TEÓFILO I

Matias, filho de Teófilo I, sucedeu a *Simão, filho de Boeto, como sumo sacerdote no fim do reinado de *Herodes, o Grande (5/4 a.C.). Nada sabemos sobre ele além do episódio registrado por *Josefo e pelo Talmude, que afirma que por causa da impureza ritual provocada por um sonho erótico na noite anterior em que ele deveria celebrar um jejum, Matias foi deposto por Herodes e substituído durante um dia como sumo sacerdote por um parente seu, o fora isso desconhecido *José, filho de Ellem, ou filho do Mudo. Matias foi afastado por Herodes por ser parcialmente responsabilizado pela remoção de uma águia de ouro que decorava o Templo reconstruído.

Fontes: Matias: Josefo, *Ant.* 17:78, 164-6. José: Josefo, *Ant.* 17:166.

MATIAS, FILHO DE TEÓFILO II

Ver em **Jesus, filho de Gamaliel.**

MENAHEM

Menaliem, filho ou neto de *Judas Galileu, foi um dos líderes da rebelião contra Roma em 66 d.C. Antes de se juntarem à luta em Jerusalém, ele e seus parceiros tinham invadido o arsenal criado por *Herodes, o Grande, em Massada, armando a si mesmos e seus aliados. Cercado por uma guarda tão poderosa, Menahem entrou em Jerusalém e, comportando-se como um rei, assumiu a liderança da revolução e atacou o palácio de Herodes. A guarnição judaica foi autorizada a deixar a fortaleza sitiada, enquanto os romanos recuaram para as torres reais. As tropas de Menahem massacraram alguns romanos, bem como o ex-sumo sacerdote Ananias, filho de Nedebeu (47-59 d.C.), e seu irmão Ezequias. O sucesso subiu à cabeça de Menahem, e ele se tornou um tirano. Outro líder rebelde, *Eleazar, filho de Simão, atacou-o no Templo, onde Menahem desfilava vestindo trajes reais, fingindo ser o rei-Messias. Após breve resistência, Menahem e seus companheiros fugiram. Alguns, entre eles um parente de Menahem, *Eleazar, filho de Jairo, futuro capitão do último centro de resistência judaica aos romanos, conseguiram chegar em segurança a Massada. Menahem se abrigou no Ofel em Jerusalém, mas foi descoberto e morto após prolongada tortura, juntamente com um de seus tenentes, Absalão. Foi o penúltimo líder rebelde descendente de Judas, filho de Ezequias, sendo o último Eleazar, filho de Jairo.

Como Judas Galileu, Menahem é chamado por *Josefo de sofista, falso mestre que o historiador desaprovava. É concebível que a memória de Menahem e seus sonhos messiânicos esteja preservada na tradição rabínica, segundo a qual o nome do Messias será Menahem, filho de Ezequias (bSanh. 98b). Em uma teoria levantada nos primeiros dias da pesquisa dos Ma-

nuscritos do Mar Morto, mas agora descartada, Menahem era visto como o Mestre da Honradez, e seu vice Absalão era ligado à Casa de Absalão, mencionada nos Comentários sobre Habacuc da Gruta I.

Fonte: Josefo, *Guer.* 2:433-48.

MENAHEM, O ESSÊNIO

Menahem foi um membro da seita dos essênios em meados do século I a.C. que *Josefo festejou como um homem que tinha o dom da profecia. Um de seus antecessores, Judas, o essênio, antecipou, no final do século II a.C., a morte de Antígono, irmão do sumo sacerdote Aristóbulo I. É apresentado por Josefo como um mestre cercado por um grande grupo de pupilos dedicados ao estudo de como prever o futuro (*Ant.* 13:311-13; *Guer.* 1:78-81). Menahem comprovou sua capacidade profética quando saudou o jovem *Herodes como futuro "rei dos judeus". Herodes, sem saber se Menahem o estava confundindo com outra pessoa ou apenas brincando, disse que era um cidadão comum, apenas para levar no traseiro uma palmadinha gentil de Menahem, que reafirmou sua futura elevação ao reino da Judéia. Foi aconselhado a amar a justiça e a religião, e a ser gentil para com seus súditos, mas também foi alertado de que sentiria falta dessas características e no final da vida seria punido por Deus. De início Herodes não deu atenção à previsão de Menahem, mas quando ela se realizou, perguntou sobre a duração de seu futuro reinado. Menahem primeiramente ficou em silêncio, mas quando pressionado, previu que Herodes poderia permanecer no trono por vinte ou trinta anos. Herodes o tratou com gentileza e também demonstrou simpatia para com todos os outros essênios, enquanto tratava duramente seus críticos fariseus. Josefo atribuía o conhecimento sobrenatural de Menahem e outros essênios às suas vidas virtuosas.

Fonte: Josefo, *Ant.* 15:373-9.

N

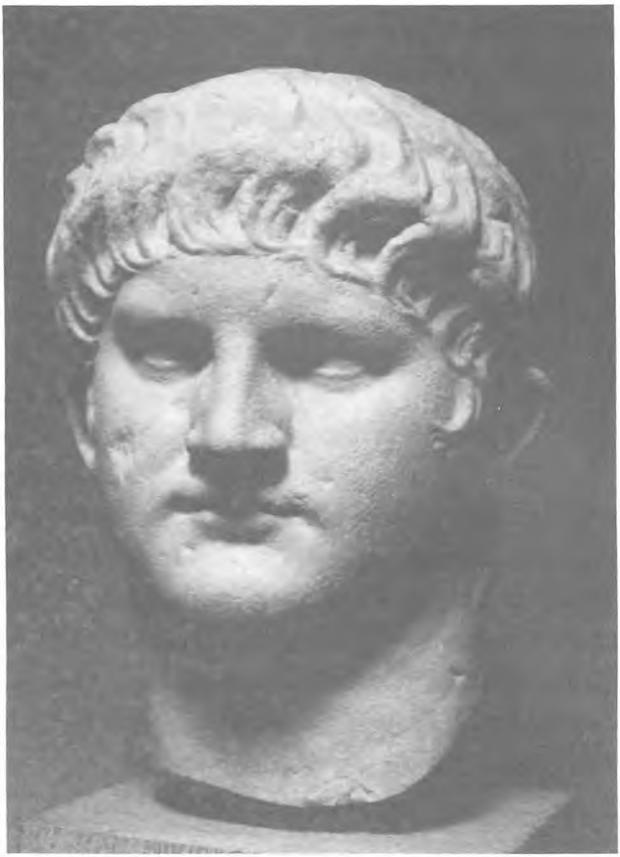
NERO

Caio César Germânico Nero, o quinto imperador romano da dinastia júlio-claudina (54-68 d.C.), nasceu Lúcio Domício Aenobarbo. Era filho de Agripina, bisneta de *Augusto e esposa de *Cláudio. Cláudio adotou Nero como filho e herdeiro. Sob a influência da esposa de Nero, Popéia Sabina, que era simpatizante do judaísmo (*Ant.* 20:195; *Vida* 16), os judeus desfrutaram da simpatia imperial durante a primeira parte do reinado de Nero. Seus últimos anos, porém, coincidiram com o conflito político cada vez mais grave na Palestina e terminaram com a eclosão, em 66 d.C., da primeira rebelião judaica contra Roma.

O governo de Nero também marcou o início das hostilidades entre o Império Romano e o cristianismo nascente. O cristianismo era visto em Roma como um movimento judaico. Os cristãos ganharam evidência após o grande incêndio da capital, que destruiu grande parte de Roma em 64 d.C. O povo suspeitava que o imperador tinha dado início ao fogo, e sabemos por Tácito que, para fugir da acusação, Nero decidiu utilizar a impopular nova seita dos cristãos como bode expiatório.

> Nero substituiu como culpados, e puniu com o maior refinamento de crueldade, uma classe de homens, abominados por seus vícios, que a multidão chamava de *Chrestianis*. Cristo, o fundador da seita, tinha sido condenado à pena de morte no reinado de Tibério, por sentença do procurador Pôncio Pilatos, e a superstição perniciosa foi contida por algum tempo, apenas para ressurgir mais uma vez, não apenas na Judéia, origem da doença, mas na própria capital do império, onde todas as coisas horríveis ou vergonhosas do mundo se reúnem e entram em voga.

Muitos dos cristãos foram crucificados e queimados vivos "para servirem como lâmpadas à noite". A tradição cristã, registrada por Eusébio,



Imperador Nero

historiador do século I, relaciona o martírio dos apóstolos *Pedro e *Paulo na perseguição aos cristãos iniciada por Nero: "No reinado de Nero, Paulo foi decapitado na própria Roma, e Pedro foi crucificado, e o registro é confirmado pelo fato de que os cemitérios lá ainda levam os nomes de Pedro e Paulo" (Eusébio).

Em 68 d.C., enquanto se desenrolava a primeira guerra judaica, os exércitos romanos da Hispânia e da Gália se voltaram contra Nero e o malfadado imperador cometeu suicídio.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2-4; *Ant.* 20. Tácito, *Anais* 15:44, 2-4, Eusébio, *Hist. Ecl.* 2:25, 1.

NICOLAU DE DAMASCO

Nicolau de Damasco, historiador, filósofo e estadista, nascido *c.* 64 a.C., vinha de uma importante família não-judia de Damasco. Seu pai, Antípatro, teve uma importante carreira pública. Nicolau recebeu uma educação grega completa e se tornou um seguidor da filosofia de Aristóteles.

Consta que Nicolau teria sido tutor dos filhos de *Marco Antônio e *Cleópatra antes de se tornar cortesão de *Herodes, o Grande, em algum momento antes de 14 a.C. Nicolau foi professor de Herodes de filosofia e retórica, seu conselheiro político e eventualmente seu embaixador. Em 14 a.C. ele negociou em prol dos judeus da Ásia Menor com Marcos Agripa, o representante de *Augusto, e em 8 a.C. com o próprio Augusto em Roma, após Herodes ter caído em desgraça junto ao imperador como resultado de seu conflito com os nabateus. Nicolau foi o principal conselheiro do rei em seus problemas com os filhos Alexandre, Aristóbulo e Antípatro, todos executados por Herodes. Após a morte do rei, em 4 a.C., Nicolau acompanhou *Arquelau, o filho de Herodes, a Roma e persuadiu Augusto a confirmar o último testamento de Herodes, que fazia de Arquelau seu sucessor, embora sem conseguir para ele o título de rei.

A obra mais conhecida de Nicolau é sua *História Universal* em 144 volumes, nos quais ele aborda longamente a história judaica na época de Herodes. As importantes seções dessa *História* são a principal fonte do relato muito detalhado do reinado de Herodes nas obras *Guerra judaica* e *Antiguidades judaicas*, livros 15-17, de Josefo.

Fontes: Josefo, passim; B.Z. Wacholder, *Nicolau de Damasco* (1962).

P

PAULO

Paulo, ou Saulo de Tarso, para utilizar seu nome judaico original, é o mais influente e conhecido personagem do Novo Testamento depois de *Jesus de Nazaré. Escreveu pelo menos oito epístolas autênticas (Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, Filêmon, 1 e 2 Tessalonicenses), e seus pupilos e imitadores produziram seis outras epístolas (1 e 2 Timóteo, Tito, Éfesos, Colossenses, Hebreus). As epístolas autênticas incluem passagens autobiográficas nas quais Paulo descreve sua vida passada. Além disso, metade dos Atos dos Apóstolos, atribuídos a seu companheiro *Lucas, contém um relato da carreira e atividade missionária de Paulo. Os dois conjuntos de provas em sua maioria suplementam e complementam, mas ocasionalmente também contradizem, um ao outro. Infelizmente, seu contemporâneo *Josefo nunca se referiu a ele.

Paulo nasceu em Tarso, cidade da Cilícia (sul da Turquia). Os Atos afirmam que ele era cidadão romano de nascimento e jovem quando testemunhou o apedrejamento do diácono *Estêvão, provavelmente em meados da década de 30 d.C. Paulo nos conta que sua família pertencia à tribo de Benjamim e que ele se uniu ao movimento fariseu. Estudou em Jerusalém com o famoso *Gamaliel, o Velho (At 22:3). Sua formação de fariseu é revelada pela habilidade em lidar com argumentos bíblicos em suas epístolas e por sua crença na ressurreição do corpo, que serve como pedra fundamental de seu ensinamento sobre o Cristo crucificado e ressuscitado. Contudo a posterior desenvoltura de libertar a si mesmo e seus irmãos judeus das obrigações alimentares das Escrituras na companhia de cristãos não-judeus sugere que suas convicções farisaicas não eram tão sólidas quanto as de *Tiago, o irmão do Senhor, e sua "facção da circuncisão".

Paulo tinha o grego como língua materna; ditou suas epístolas em grego, mas algumas vezes acrescentou às epístolas saudações autografa-

das. De acordo com os Atos, também era capaz de fazer um discurso improvisado em aramaico. Sofria de uma doença indeterminada, e sabia que sua presença física não era impressionante e que seus dons de retórica eram limitados. Não conseguia impressionar filósofos, mas sua influência sobre ouvintes simples e sem instrução era impressionante.

As epístolas de Paulo e os Atos dos Apóstolos atestam sua violenta hostilidade inicial ao movimento de Jesus. Aparentemente, agia contra Jesus e seus partidários e a favor das autoridades sacerdotais encarregadas de manter a paz comunal. Uma vez foi dado como enviado especial do sumo sacerdote, despachado para limpar a comunidade judaica de Damasco dos hereges cristãos. Se isso for verdade, só poderia ter agido na qualidade de conselheiro, pois fora da Judéia o sumo sacerdote não tinha poder executivo, especialmente em Damasco, que estava sob o controle do rei nabateu.

No caminho para Damasco, Paulo teve uma visão que transformou inteiramente sua vida: o feroz inimigo dos cristãos foi imediatamente metamorfoseado em um discípulo de *Jesus e pediu para ser batizado. De acordo com os Atos dos Apóstolos, o novo convertido imediatamente enfureceu os judeus damascenos com sua pregação a favor de Jesus de tal forma que precisou fugir para salvar a vida. Foi para Jerusalém, onde *Barnabé o apresentou aos apóstolos. *Barnabé, posteriormente, foi seu companheiro missionário. Tendo imediatamente voltado seu fogo contra os judeus de língua grega da cidade, Paulo mais uma vez teve de fugir, dessa vez para sua cidade natal, Tarso. O relato do próprio Paulo desses acontecimentos é bastante diferente, e sem dúvida mais confiável. Sua fuga repentina de Damasco se deveu não à hostilidade judaica, mas ao governador do rei nabateu, que viu em Paulo um criador de casos indesejável na comunidade judaica local. E não foi diretamente para Jerusalém, mas para o deserto árabe da Transjordânia, onde desfrutou de outras experiências místicas. Então retornou a Damasco e três anos depois viajou para Jerusalém a fim de se apresentar a *Pedro e *Tiago, o irmão do Senhor, mas não aos outros apóstolos. Essa história, mostrando a independência de Paulo, é mais plausível que a do autor dos Atos, cujo objetivo é sempre eliminar diferenças entre os líderes da Igreja.

Referindo-se a seu relacionamento com os discípulos originais de Jesus, Paulo sempre se preocupou em insistir em seu igual *status* apostólico. Regularmente, enfrentou oposição. Aos olhos dos primeiros participantes do movimento de Jesus, Paulo era um arrivista e não tinha o direito de se intitular apóstolo. Incapaz de argumentar com eles em seus termos, Paulo baseou sua alegação de igualdade em relação a Pedro e Tiago na sua visão direta de Jesus, efetiva fonte de sua missão apostólica junto aos pagãos. O incidente em Antioquia, descrito no capítulo 2 da epístola aos Gálatas, e citado implicitamente em Atos 15,1, prova que o último apóstolo agregado não temia enfrentar, e mesmo criticar, o líder da Igreja. De fato, a política de evangelização dispensando potenciais gentios convertidos de circuncisão prévia e da observância de toda a lei judaica foi sustentada pelo conselho dos apóstolos reunido em Jerusalém em 49 d.C., presidido por Tiago, o irmão do Senhor.

Paulo freqüentemente esteve no centro dos conflitos. A comunidade coríntia se dividiu em três facções, as de Cefas, Apolo e Paulo. Na verdade, os crentes que estavam fartos da discórdia entre o grupo diziam ser da quarta facção de Cristo (1Cor 1,12). Como Paulo normalmente começava sua pregação na sinagoga local, freqüentemente entrava em choque também com os líderes comunais judaicos, que utilizavam contra ele seus poderes legais de prisão, punição física (39 chibatadas em cinco oportunidades) e, sem dúvida ilegalmente, uma tentativa fracassada de apedrejamento (2Cor 11,23-25). De acordo com os Atos (16,19-39), Paulo também foi açoitado e preso por magistrados gregos em Filipos, mas libertado recebendo pedidos de desculpas quando tomaram conhecimento de sua cidadania romana.

Paulo dedicou a vida à propagação do evangelho durante três viagens missionárias que o levaram a Chipre, a várias regiões da Ásia Menor e à Grécia continental, onde estabeleceu igrejas em Tessalonica, Filipos e Corinto. Sua atuação em Corinto pode ser datada graças a uma referência quando se apresentou a *Galo (At 18,12-16), que foi procônsul de Acaia entre 51 e 53 d.C. Paulo planejou viajar para Roma e até para a Hispânia, extremidade ocidental do mundo romano. Chegou a Roma não

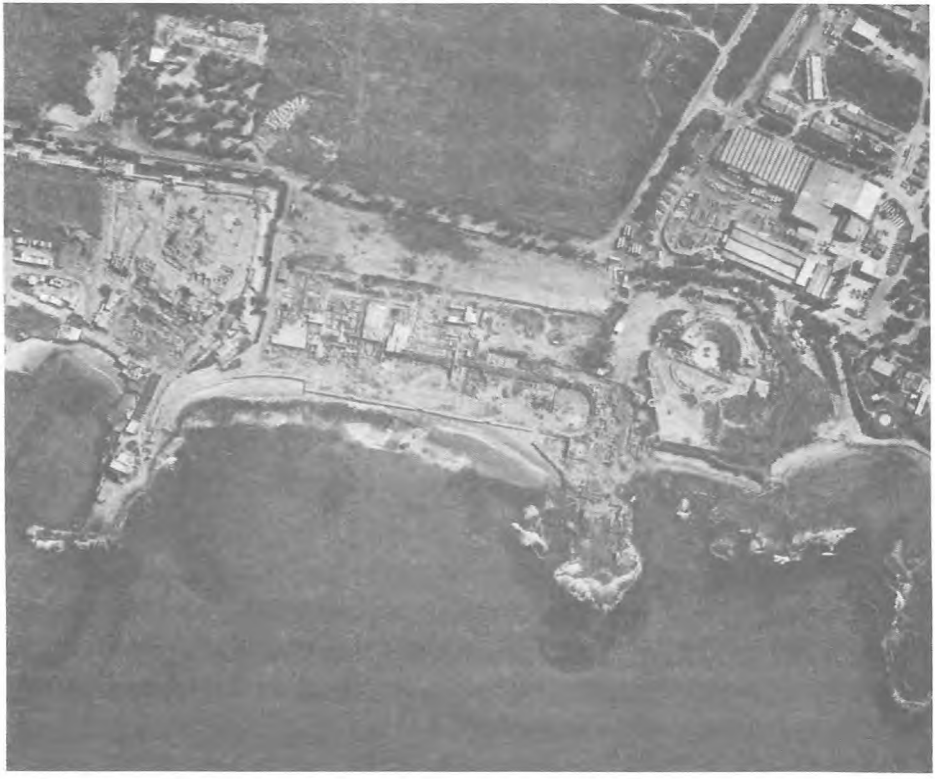
inteiramente por vontade própria, mas como prisioneiro aguardando julgamento pelo tribunal judicial do imperador *Nero.

Em 58 d.C., ao fim de sua terceira viagem missionária, Paulo viajou para Jerusalém com vários de seus seguidores (ver At 21,18). Quando estava na cidade, foi acusado por judeus da Diáspora de ter pregado no exterior contra a Lei e de ter introduzido um não-judeu, o éfeso Trófimo, na área do Templo que os gentios deviam evitar sob pena de morte. A acusação aparentemente carecia de fundamento, mas foi suficiente para produzir um tumulto que resultou na intervenção das forças militares romanas que estavam de olho no Templo. Paulo foi preso sob a suposição equivocada de que era o famoso revolucionário apelidado de *"o Egípcio". O tribuno romano pretendia extrair a verdade do suspeito chicoteando-o, mas rapidamente pensou melhor ao descobrir que Paulo era cidadão romano.

No dia seguinte, um confronto entre Paulo e o sumo sacerdote *Ananias, filho de Nedebeu, e seu conselho acabou em tumulto — caso o relato dos Atos possa ser aceito como historicamente verdadeiro. (O autor dos Atos adora retratar os judeus, mesmo as mais altas autoridades judaicas, quando opostas aos cristãos [judeus], como uma multidão sedenta por sangue.) Paulo, aparentemente, conseguiu colocar com facilidade fariseus do sinédrio contra os saduceus declarando que estava perante o tribunal por causa de sua crença na ressurreição dos mortos. Os fariseus imediatamente se colocaram do lado dele contra os saduceus, que rejeitavam a doutrina da ressurreição. Quando os membros do Sinédrio — mais uma vez de acordo com o autor dos Atos — estavam a ponto de trocar socos, o comandante romano pôs Paulo em segurança por trás dos muros da fortaleza da guarnição de Jerusalém.

Tendo tomado conhecimento, por intermédio do sobrinho de Paulo, que um bando de judeus fanáticos estava planejando emboscar e assassinar seu tio no caminho para o tribunal, Cláudio Lísias, o tribuno romano, conseguiu que Paulo fosse transferido para Cesaréia sob forte escolta militar, para levá-lo perante o procurador da Judéia, Antônio *Félix (52-60 d.C.). Félix convidou as autoridades judaicas a apresentar suas acusações contra Paulo, e aparentemente o próprio sumo sacerdote

Ananias, com vários anciãos e um advogado com o nome latino de Tértulo, deu-se ao trabalho de viajar de Jerusalém a Cesaréia para acusar Paulo de ser o líder de uma seita herética que tinha tentado profanar o Templo. As autoridades solicitaram a extradição de Paulo para sua jurisdição religiosa com o objetivo de aprovar uma sentença de morte contra ele. No final o governador não aceitou o pedido de Tértulo, mas também não libertou Paulo, que foi mantido em prisão domiciliar. Em uma oportunidade, Félix e sua esposa judia *Drusila ouviram Paulo expor sua fé em Jesus Cristo. A palestra não convenceu Félix; ainda assim, ele se encontrou freqüentemente com Paulo, esperando, de acordo com os Atos, conseguir uma propina adequada, uma atitude nada incomum entre governantes provinciais romanos.



Cesaréia com o Pretório no primeiro plano onde Paulo esteve preso de 58 a 60 a.C.

O dilema legal sobre qual tribunal deveria julgar Paulo durou mais de dois anos. Pórcio *Festo, que em 60 d.C. substituiu Félix como governador da Judéia, herdou o caso não resolvido. Os sumos sacerdotes e líderes judeus, aparentemente não tendo nada mais importante a fazer, imediatamente pediram ao procurador que lhes entregasse Paulo. O autor dos Atos afirma que as próprias autoridades estavam planejando assassinar Paulo no caminho — como se depois de uma primeira tentativa facilmente frustrada pelos romanos uma segunda tivesse qualquer chance de dar certo! Festo recusou o pedido peremptoriamente e ordenou que eles fossem a Cesaréia se ainda quisessem apresentar sua acusação contra Paulo. Uma delegação enviada de Jerusalém se apresentou prontamente e renovou sua tripla acusação que, reconstruída a partir da resposta de Paulo, dizia respeito a crimes contra a Lei, o Templo e o imperador. Festo, sem dúvida querendo resolver o problema de uma vez por todas, sugeriu a Paulo que concordasse com um julgamento em Jerusalém pelo Sinédrio. De modo a garantir justiça durante os procedimentos, Festo prometeu ir pessoalmente à audiência. Paulo, não querendo enfrentar um tribunal judaico mesmo na presença de Festo, apelou com sucesso ao supremo tribunal de César em Roma. Quando o rei judeu *Agripa II e sua irmã *Berenice foram visitar o novo procurador em Cesaréia, tiveram a oportunidade de ouvir Paulo. Festo contava com Agripa, com sua maior compreensão dos assuntos judaicos, para ajudá-lo a preparar para o imperador *Nero uma súmula do caso contra Paulo. Paulo contou sua história a eles. Festo concluiu que Paulo era louco, e Agripa, polidamente e sem dúvida com ironia, observou, depois do fim da audiência, que se Paulo tivesse continuado um pouco mais, poderia até mesmo convertê-lo ao cristianismo!

A caminho da Itália, no outono de 60 d.C., o navio que levava Paulo e outros prisioneiros navegou sob uma grande tempestade junto a Creta (ver At 27,18). Os marinheiros fizeram de tudo para resolver a situação — os Atos contêm talvez a mais detalhada descrição que temos da antiga tecnologia de navegar um navio incapacitado —, mas a embarcação e seus ocupantes permaneceram inteiramente a reboque dos elementos.

Tendo sido sacudido pelo mar furioso por mais de duas semanas, milagrosamente, assim acreditava ele, o navio encalhou em Malta. Paulo e seus companheiros de viagem foram salvos, conseguindo Paulo até mesmo escapar de uma víbora que se enroscou em seu braço após ele ter pisado em terra.

Finalmente Paulo chegou a Roma, onde foi autorizado a se instalar em um quarto alugado, vigiado por um guarda. Podia receber visitantes e pregar o evangelho. O relato dos Atos termina abruptamente dois anos depois da chegada de Paulo a Roma, quando ele ainda aguardava julgamento pelo imperador. Não foi registrado se o julgamento chegou a ocorrer, nem o Novo Testamento conta como Paulo morreu. De acordo com a tradição que ficou para a Igreja, transmitida pelo historiador Eusébio, ele foi decapitado em Roma no final do reinado do imperador Nero, em algum momento antes de 68 d.C.

A história incompleta da vida de Paulo precisa ser complementada por uma sinopse de seus ensinamentos e um perfil de sua contribuição para o estabelecimento da Igreja cristã. Quais eram as fontes do evangelho de Paulo aos gentios? Não tendo conhecido Jesus vivo, Paulo não nega que algumas de suas informações são de segunda mão, como os ensinamentos relativos à morte, o enterro e a ressurreição de Jesus, a expectativa da volta iminente do Cristo, a proibição de divórcio seguido de novo casamento (que Paulo revisou em benefício de um cristão cuja esposa pagã se recusava a continuar com a união matrimonial) e o direito do pregador de ser sustentado pela comunidade (embora Paulo, pessoalmente, preferisse ganhar a vida como fabricante de tendas). A instituição da eucaristia freqüentemente é citada entre as doutrinas que Paulo herdou da tradição, mas parece mais provável que, quando ele declarou tê-la recebido do Senhor, quisesse dizer do Senhor por intermédio de uma revelação pessoal.

Paulo não estava interessado no Jesus histórico. Nunca menciona a Galiléia, *Herodes e seus filhos, qualquer dos sumos sacerdotes ou mesmo Pôncio *Pilatos. Os pais de Jesus e *João Batista são ignorados, mas *Tiago,

irmão de Jesus, é citado duas vezes. Entre os apóstolos, encontramos apenas *Cefas, *Tiago e *João. Por outro lado, Paulo menciona muitos de seus próprios pupilos e ajudantes: *Barnabé, *Timóteo, *Tito, *Lucas, o médico, *Silvano, Sóstenes, Apolo de Alexandria, Áquila e Priscila, refugiados de Roma, Marcos, Aristarco, Demas e outros. Isso indicaria que seu silêncio sobre os contemporâneos de Jesus era deliberado.

Paulo não estava preocupado com a atuação e os ensinamentos do Jesus vivo, mas com os feitos do Cristo morto e ressuscitado para os crentes. Para ele, Jesus não era Deus, mas um verdadeiro ser humano muito elevado que foi "estabelecido filho de Deus com poder" após sua ressurreição dos mortos (Rm 1,3). A história de mistério central em Paulo é interpretada por dois atores, o primeiro Adão, e Jesus, o segundo Adão. O primeiro Adão introduziu o pecado no mundo; o último Adão, o inocente Cristo, ao se oferecer em sacrifício, expiou todos os pecados e potencialmente revivificou a humanidade por intermédio de sua morte e ressurreição. A mensagem básica de Paulo era a de que a união mística com o Cristo morto e ressuscitado por intermédio do ato simbólico do batismo purifica o novo cristão do pecado e permite a ele partilhar a vida sobrenatural do Senhor ressuscitado.

Na nova existência do batizado, todas as diferenças entre ricos e miseráveis, livres e escravos, homem e mulher, judeu e gentio desaparecem. A proclamação de tal igualdade universal em Cristo foi muito bem recebida e ouvida com alegria pelas classes pobres e oprimidas do mundo greco-romano, que formavam a platéia principal de Paulo.

A Parúsia, ou Segunda Vinda, era o centro da visão religiosa de Paulo e estabeleceu o quadro de sua atividade apostólica e sua perspectiva moral. A brevidade do futuro estimulava seu dinamismo: como apóstolo dos gentios, ele tinha de levar o Evangelho de Jesus à Hispânia, o limite ocidental do universo habitado. Esse futuro de curto prazo também determinava sua perspectiva moral. Fique onde está era uma principal regra: se você for circuncidado, não tente esconder; se não for circuncidado, mantenha seu prepúcio. Se for um homem liberto, considere-se escravo de

Cristo. Se for um escravo, Cristo irá garantir a você a liberdade. As condições do mundo logo irão mudar. As Igrejas estavam em um frenesi. Paulo precisou mesmo jogar água fria no entusiasmo de alguns de seus crentes em Tessalonica que espalharam o boato de que Cristo já tinha retornado.

A ardente expectativa da nova era, quando os mortos iriam se erguer e, junto com os vivos, encontrar o Cristo descendente e seus anjos no meio do céu ameaçava as Igrejas paulinas com o caos universal. Visionário e sábio, Paulo tomou medidas preventivas nomeando bispos locais, presbíteros e diáconos para cuidar do rebanho, controlar os excessos e providenciar alimento espiritual para todos. Os antigos cristãos nas cidades gregas eram um saco de gatos: entusiastas carismáticos falando em várias línguas e profetizando (1Cor 14) lado a lado com irmãos culpados de imoralidade e cobiça, idólatras, mentirosos, bêbados e ladrões (1Cor 5,11). Paulo não hesitou em excomungar um cristão que partilhou a cama da mulher de seu pai e "entregar [esse homem] a Satanás para a perda de sua carne" (1Cor 5,1-5). A forte organização social estabelecida para a segurança espiritual das comunidades cristãs de gentios religiosa e moralmente ignorantes se revelou uma bênção quando a iminência do retorno de Cristo deixou de ser sentida e a influência equilibrada e protetora da Igreja se tornou uma necessidade.

A completa dedicação de Paulo à causa da evangelização dos gentios e sua luta contra os cristãos judaizantes não o tornou antijudaico. Ele tentou agradar a todos os homens em tudo (1Cor 10,33). Ele concebeu sua missão bem-sucedida no mundo não-judaico como parte de uma manobra divina para levar Israel até Cristo. Estava convencido de que o antigo povo escolhido por Deus não iria assistir passivamente à tomada pelos pagãos de sua herança religiosa. A competição iria provocar seu ciúme e os levar a avançar rapidamente, de modo que na época em que a totalidade dos pagãos estiver unida em um, os judeus também serão salvos (Rm 11,25-26).

Paulo nunca chegou à Hispânia; a Segunda Vinda ainda não ocorreu e judeus e cristãos ainda estão divididos. Mas a Igreja continua graças à

poderosa visão teológica e à capacidade de organização e à sabedoria do judeu de Tarso, o verdadeiro fundador da religião mundial que leva o nome de cristianismo.

Fontes: Novo Testamento. Eusébio, *Hist. Ecl.* 2:25.

PEDRO

Simão, filho de Jonas ou de João, chamado Pedro (a pedra, em aramaico *Kefa*, Cefas), é sempre relacionado como o primeiro dos 12 apóstolos escolhidos por *Jesus de Nazaré. Simão Pedro era natural de Betsaida, junto ao lago da Galiléia. Era líder de um grupo de pescadores e proprietário de um barco. Na época de sua ligação com Jesus, vivia junto com o irmão *André na pequena cidade de Cafarnaum, junto ao lago, onde tinha uma casa. Pedro era casado, e sua sogra, que morava com o casal, foi curada por Jesus (Mc 1,29-30). De acordo com *Paulo, Pedro foi acompanhado pela esposa nas suas viagens missionárias (1Cor 9,5). Não é mencionado nenhum filho.

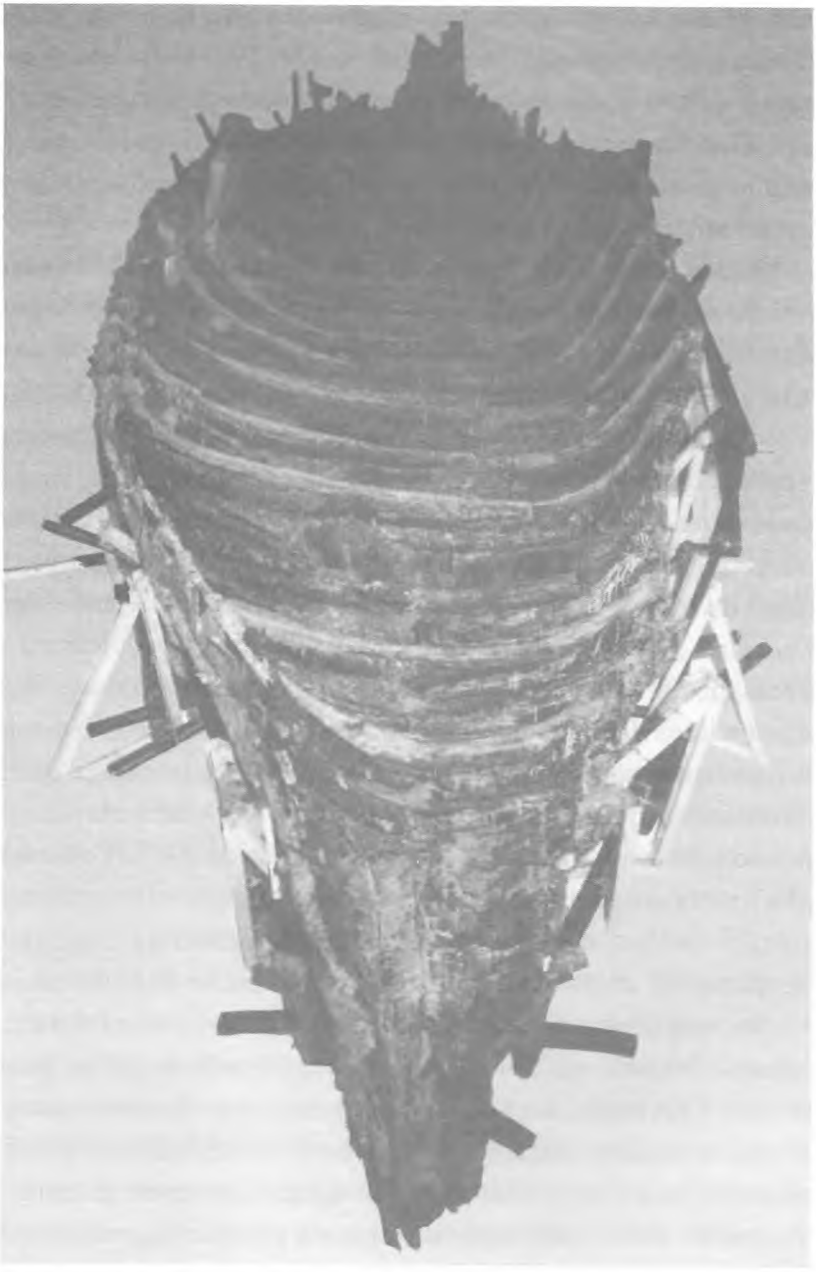
Pedro foi o líder do círculo íntimo dos seguidores de Jesus, e freqüentemente Jesus se dirigia a ele quando, na verdade, a questão era dirigida a todos os apóstolos. Inversamente, Pedro era o porta-voz do grupo junto a Jesus. No Evangelho de *Mateus, Pedro declara em nome de seus colegas que Jesus não era *João Batista ressuscitado, Elias de volta ou qualquer outro profeta, mas o Messias. Ele era plenamente devotado a Jesus e, de acordo com o quarto Evangelho, estava pronto para protegê-lo com a espada. Mas sua devoção não o impediu de se comportar de modo covarde na hora em que Jesus mais precisava. Quando desafiado no pátio do sumo sacerdote, Pedro negou que fosse seguidor de Jesus e jurou que sequer conhecia "aquele homem". Pouco depois desapareceu, como todos os seus colegas apóstolos pusilânimes. Apenas algumas mulheres da Galiléia demonstraram coragem bastante para

permanecer com Jesus até o fim, de acordo com o testemunho dos Evangelhos Sinópticos.

As aparições da ressurreição contadas nos Evangelhos ampliam o papel de Pedro entre os apóstolos. De acordo com *João, ele correu para conferir os relatos sobre o túmulo vazio e corrigiu a avaliação inicialmente equivocada dos apóstolos sobre o "desvario" das mulheres (Lc 24,11). Também *Lucas (24,24) e *Paulo (1Cor 15,5) afirmam que Pedro foi o primeiro a ter uma visão particular do Jesus ressuscitado antes dele ser visto pelos outros apóstolos.

O primado de Pedro sobre seus colegas também se manifesta nos primeiros capítulos dos Atos dos Apóstolos, em que são esboçados os primórdios do movimento cristão. Foi por proposta sua que a vaga aberta pela traição de Judas foi preenchida. Mais uma vez, foi Pedro que falou sobre Jesus à multidão de judeus reunida no primeiro Pentecostes, e, mais tarde, no tribunal do Templo, falou em nome dos apóstolos quando eles estiveram perante o Sinédrio. Em resumo, Pedro se comportava como o líder do novo movimento de Jesus tanto no que dizia respeito ao mundo exterior quanto aos assuntos internos, como a coleta de bens dos líderes da Igreja quando a comunidade de Jerusalém vivia de um fundo comum, como os membros da seita dos essênios. Aos olhos dos sumos sacerdotes e de seus aliados saduceus, a posição social de Pedro não era alta; para eles, Pedro era um homem comum ignorante (At 4,13).

Desde o início Pedro foi a pessoa encarregada de pregar o Evangelho apenas aos judeus. A exclusividade judaica, negando aos gentios o acesso ao movimento de Jesus, era dada como certa nos primeiros anos da igreja palestina. Isso só foi questionado depois do sucesso da missão de Paulo e *Barnabé entre não-judeus, missão preparada, caso a parte de Pedro no relato seja verdadeira, pelo episódio da aceitação do centurião romano *Cornélio e sua família na confraria cristã. Esses gentios foram dispensados da exigência de primeiramente se tornarem prosélitos judeus em função dos dons carismáticos que tinham recebido. A inovação não foi bem recebida pela maioria judaica tradicional



Um antigo barco de pesca descoberto no lago de Galiléia em 1985

da comunidade primitiva. Pedro, juntamente com João, também deu início à evangelização dos samaritanos, e foi Pedro que condenou a tentativa de *Simão, o Mago, de comprar poder carismático com dinheiro. Durante o reinado de *Agripa I (41-44 d.C.), Pedro aparentemente foi detido, mas, de acordo com os Atos dos Apóstolos (12:3-17), um anjo o ajudou a fugir da prisão.

A grande mudança na carreira de Pedro foi marcada pela entrada de São Paulo na igreja primitiva. O ex-inimigo da "heresia" cristã e perseguidor dos seguidores de Jesus foi apresentado aos líderes por Barnabé, e Paulo registra explicitamente que em sua primeira visita a Jerusalém após sua "conversão" foi prestar seus respeitos a Cefas e *Tiago, o irmão do Senhor. O local do encontro pessoal seguinte entre Pedro e Paulo foi Antioquia, no norte da Síria, onde Barnabé e Paulo tinham criado uma igreja mista, formada de judeus e não-judeus, que foram os primeiros a serem chamados de cristãos. Quando Pedro foi inspecioná-los, ele desejava sentar à mesa comunal de judeus e não-judeus e partilhar a refeição. Mas quando membros da devota e estritamente observante "facção da circuncisão" de Tiago chegaram a Antioquia, vindos de Jerusalém, Pedro, não querendo ser visto comendo com pagãos, retirou-se da mesa e convenceu os judeu-cristãos, incluindo Barnabé, a fazerem o mesmo. Paulo o censurou publicamente por sua duplicidade (Gl 2,11). Como de hábito, o autor dos Atos tenta botar água na fervura e, embora registrando um conflito, não menciona a presença de Pedro (At 15,1).

Se puder ser aceita como histórica a participação de Pedro no conselho dos apóstolos em Jerusalém no ano de 49 d.C., essa foi a última oportunidade citada no Novo Testamento em que Pedro e Paulo se encontraram. O principal item na pauta do concílio era decidir se um gentio do sexo masculino podia ser batizado sem ser convertido ao judaísmo por intermédio da circuncisão como uma preliminar para se tornar um judeu-cristão. Pedro aparentemente falou em primeiro lugar na reunião. Recordando o episódio de Cornélio, ele se declarou contra colocar sobre os ombros dos gentios o fardo da cangalha da lei de Moisés que nem os

pais dos apóstolos, nem eles mesmos, tinham sido capazes de carregar (At 15,7-11). À luz da postura adotada por Pedro em Antioquia, e como ele continuava com sua missão exclusivamente entre os judeus — ele era, na divertida expressão de Paulo, o "apóstolo da circuncisão", enquanto Paulo era o "apóstolo do prepúcio" (Gl 2,7) —, a proposta de Pedro, *anterior* à de Barnabé e Paulo, é questionável. Provavelmente é uma tentativa do autor dos Atos de dissimular a rusga entre os dois líderes da Igreja apresentando Pedro como um defensor dos não-judeus. De fato, quando os apóstolos foram decidir as condições nas quais os pagãos podiam ser admitidos na Igreja, o presidente do concílio que editou o decreto não foi Pedro, mas Tiago, o irmão do Senhor, líder da comunidade de Jerusalém. Naquela época, Tiago era provavelmente a pessoa mais influente no judeu-cristianismo da Palestina. É importante notar que quando, em relação a isso, Paulo relacionou os "pilares" da Igreja, Pedro já não era o líder óbvio: Tiago foi o primeiro, Cefas (Pedro), o segundo e *João, filho de Zebedeu, o terceiro (Gl 2,9).

O apelido Pedro, significando "Rocha", que Simão deveria ter muito antes de seu encontro com Jesus, não combina bem com seu caráter. Pedro entrou em pânico no lago da Galiléia quando começou a naufragar, renegou e abandonou Jesus após sua prisão e mais tarde fez seu famoso recuo em Antioquia pelo qual o furioso Paulo o chamou de completo hipócrita. Antecipando os problemas frutos da fraqueza de Pedro, os evangelistas e o autor dos Atos tentaram esconder seus pés de barro, dessa forma buscando elevar seu *status*. A traição ao Mestre tinha sido prevista, portanto tinha de acontecer. Isso encheu Pedro de remorso e o fez chorar amargamente. *Lucas põe uma prece especial nos lábios de Jesus com a intenção de proteger a fé de Pedro e permitir a ele fortalecer seu rebanho (Lc 22,31). *Mateus, e apenas Mateus, faz Jesus proclamar Pedro a pedra fundamental da Igreja (Mt 16,18-19), e, em João, Pedro confessa três vezes seu amor por Jesus, que faz dele o pastor de seu rebanho. Também para disfarçar o conflito de Pedro com Paulo, o autor não nomeado da segunda epístola de Pedro se refere a ele como o "amado irmão Paulo"

de Pedro. Mas faz esse elogio com ironia quando acrescenta que as epístolas de Paulo contêm coisas "difíceis de entender" e perigosas para "os ignorantes e os vacilantes" (2Pd 3,15-16). Positivamente, o principal pescador de homens é retratado como um curandeiro carismático, um amigo dos não-judeus e uma personalidade amorosa, devota e entusiasmada.

Após o conflito em Antioquia e o concílio de Jerusalém, Pedro desaparece dos registros do Novo Testamento. As duas epístolas que levam seu nome são vistas quase que unanimemente pelo estudo crítico como apócrifas; 1 Pedro é datada de cerca de 100 d.C. e 2 Pedro de 125 d.C. ou depois disso, muito depois da morte do apóstolo Simão Pedro.

A tradição cristã, registrada principalmente pelo historiador da Igreja Eusébio, afirma que, após deixar Jerusalém, Pedro se tornou o primeiro bispo de Antioquia. De Antioquia ele foi para Roma durante o reinado de *Cláudio (41-54 d.C.), em perseguição a seu adversário dos tempos samaritanos, Simão, o Mago. Em Roma, destruiu tanto o homem quanto a influência do Mago. Na capital imperial, Pedro pregou a mensagem cristã e seus convertidos romanos induziram Marcos, companheiro de Pedro, a escrever os ensinamentos de Pedro no que hoje é conhecido como o Evangelho de Marcos. Eusébio ainda relata que Pedro também conheceu *Filo de Alexandria em Roma e que Pedro e Paulo lá foram executados pelo fim do reinado de *Nero (54-68 d.C.): Paulo, o cidadão romano, foi decapitado, e o judeu Pedro, como Jesus, morreu na cruz.

Fontes: Novo Testamento. Eusébio, *Hist. Ecl.* 2:14, 17; 3:36.

PETRÔNIO

Públio Petrônio, governador da Síria (19-41/2 d.C.), foi um sábio e decente alto funcionário romano que se descobriu na nada invejável posição de ser o intermediário entre o insano imperador *Calígula e os judeus furiosos. O levante começou na cidade costeira de Jâmnia (Iabne), onde a maioria judaica destruiu o altar erguido pelos moradores gentios em

homenagem ao imperador. Calígula foi célere em se vingar, ordenando que sua estátua fosse instalada no Templo de Jerusalém. Para garantir o cumprimento da ordem, Calígula instruiu Petrônio a partir para a Judéia no inverno de 39/40 d.C. e levar consigo metade das legiões estacionadas na Síria. Petrônio, o diplomata, tentou negociar com os representantes judeus, mas eles não aceitaram nenhum acordo. Protestos de massa se seguiram em Ptolemaida, quartel-general do governador, e ele, convencido por um pedido dos judeus, tentou postergar a questão. Seguiram-se outras negociações que levaram Petrônio a pedir ao imperador o cancelamento da ordem. O pedido foi apoiado pelo rei judeu *Agripa I, que estava visitando seu amigo Calígula em Roma. A intervenção provocou um alívio temporário, mas Calígula logo mudou de idéia e ordenou que uma nova estátua fosse feita em Roma e embarcada para a Judéia. E em uma carta endereçada a Petrônio, o imperador ordenava a ele que cometesse suicídio. O mau tempo atrasou a entrega da carta, que Petrônio recebeu 27 dias depois de ouvir a notícia do assassinato de Calígula. Assim, o romano decente e gentil escapou com vida e não se sentiu obrigado a erguer a estátua no Templo. A justiça de Petrônio em relação aos judeus também se manifestou na reafirmação da liberdade religiosa na cidade helenista de Dora, ao norte de Cesaréia. Sua atitude cautelosa em relação aos judeus da Mesopotâmia foi determinada mais por considerações estratégicas que por um sentimento de amizade.

Fontes: Filo, *Legatio* 576-84. Josefo, *Ant.* 18:261-309; 19:299-311.

PILATOS

Pôncio Pilatos é o mais conhecido de todos os governadores romanos da Judéia. Ocupou o cargo de 26 a 36 d.C. Uma inscrição latina descoberta em 1961, em Cesaréia, revela que ele tinha oficialmente o título de "prefeito" (*praefectus*), e não o de "procurador", como fontes posteriores, inclusive o historiador romano Tácito, asseveram. O desempenho de

Pilatos na Judéia é avaliado com alguns detalhes por *Josefo e *Filo, mas sua duradoura notoriedade inquestionavelmente se deve ao Novo Testamento, ou seja, ao papel que ele desempenhou na condenação à morte e crucifixão de *Jesus. Seu nome veio mesmo a fazer parte do Credo cristão. Há dois retratos muito diferentes de Pilatos. Um traçado pelos autores judeus do século I d.C., Filo e Josefo, e o outro pelos evangelistas e pela Igreja primitiva. Os dois claramente têm muito pouco em comum.

O Pilatos de Josefo é um funcionário rígido, insensível e cruel que mereceu plenamente seu afastamento do cargo por seu superior regional, *Vitélio, governador romano da Síria em 36/37 d.C. Aparentemente, pouco depois de sua chegada à Judéia, Pilatos rompeu com o costume de seus predecessores, que respeitavam a sensibilidade religiosa dos judeus, e ordenou que seus soldados marchassem por Jerusalém carregando estandartes romanos com a imagem do imperador, assim desnecessariamente provocando e ofendendo. Em seguida, ele gerou um levante popular quando se apropriou ilegalmente do dinheiro chamado *Corban* (oferenda) do tesouro do Templo e o utilizou na construção de um aqueduto que abastecia Jerusalém. Multidões de judeus protestaram. Embora desarmados, muitos foram massacrados pelos legionários comandados por Pilatos, enquanto outros morreram no tumulto que se seguiu. O chamado *Testimonium Flavianum*, relato de *Josefo sobre Jesus, é inserido nesse contexto de calamidades. Josefo se refere à crucifixão de Jesus como uma das violências cometidas por Pilatos. Um outro ato criminoso, que finalmente levou à demissão do governador, foi um ataque assassino a um grupo de samaritanos. Com as queixas feitas por notáveis judeus, Vitélio afastou Pilatos do cargo e ordenou que ele se apresentasse ao imperador em Roma para responder por seus abusos. Um ato seguinte de crueldade, não registrado por Josefo, mas incluído no Evangelho de Lucas (13,1), se refere ao massacre de peregrinos judeus da Galiléia viajando para Jerusalém com suas oferendas sacrificiais.

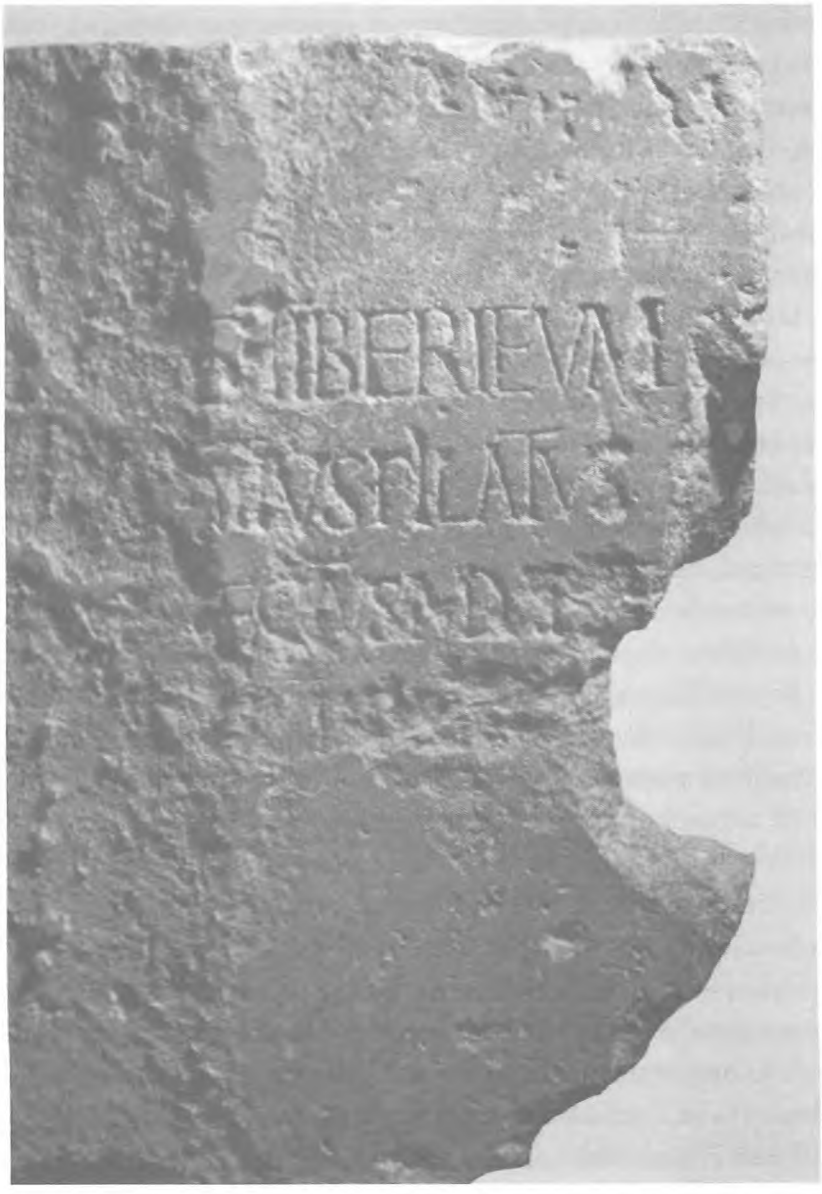
Filo, contemporâneo de Pilatos, não tem testemunho pessoal a oferecer, mas cita uma longa carta do rei judeu *Agripa I (37-41 d.C.) ao

imperador *Calígula, na qual Pilatos é descrito como teimoso, irascível e um homem vingativo. Dizia-se que ele era naturalmente inflexível, uma mistura de voluntarismo e obstinação. Como governador, era culpado de insultos, roubos, desmandos e ferimentos gratuitos, além de aceitar subornos; também era responsável por várias execuções sem julgamento, bem como por muitos atos de terrível crueldade. Seria difícil pintar um retrato mais negro.

Já o Pilatos do Novo Testamento é uma pessoa bem diferente. Surge como um covarde justo que considerou Jesus inocente das acusações feitas a ele pelos líderes judaicos. Pilatos tentou evitar a necessidade de um julgamento com uma tentativa de entregar Jesus a Herodes *Antipas, tetrarca da Galiléia, que estava em Jerusalém para a festa da Páscoa. Apenas após Antipas ter se recusado a se envolver no caso e ter devolvido Jesus a Pilatos, o governador concordou, de má vontade, contra os conselhos de sua esposa (que tinha tido um sonho com Jesus), a condená-lo à crucifixão, não sem alegar sua inocência lavando as mãos do sangue de um homem inocente.

No que diz respeito às caracterizações, o Pilatos de Josefo e Filo é inconciliável com o Pilatos dos evangelistas. Em apoio ao retrato do Evangelho é possível citar a habitual relutância das autoridades romanas de se envolverem em questões estritamente judaicas (por exemplo, se ser o Cristo-Messias correspondia a uma rebelião política). O Evangelho de *João destaca este aspecto da questão com Pilatos declarando que Jesus não tinha violado nenhuma lei romana e sugerindo que seus acusadores o julgassem de acordo com suas próprias regras e regulamentos. Apenas sua objeção de questionável validade — especificamente que tribunais judaicos não tinham o direito de executar criminosos judeus — cria uma base no quarto Evangelho para Pilatos dar continuidade ao julgamento de Jesus.

Outro detalhe no relato do Evangelho, que tem a intenção de demonstrar a simpatia de Pilatos para com Jesus, é a história do chamado privilégio pascal (*privilegium paschale*), ligado ao episódio de Barrabás. Na véspera da festa da Páscoa, era costume o governador libertar (ou era



Inscrição em latim encontrada na Cesaréia, referente à dedicatória de uma construção feita a Tibério por Pôncio Pilatos, prefeito da Judéia. Nos textos remanescentes lê-se: (...) TIBERIEVM (...) [PON]TIVS PILATVS (...) [PRAEF]ECTVS IVDA[EA]E

hábito dos judeus pedirem a libertação de) um prisioneiro. Pilatos tinha entre os presos um conhecido criminoso chamado Barrabás, que se envolvera em um assassinato durante um levante. O prefeito ofereceu à multidão de judeus a escolha entre o iníquo Barrabás e o inocente Jesus. A multidão escolheu o vilão. Contudo, a historicidade do caso é questionável. Nenhum documento antigo, histórico ou legal, judaico ou romano, confirma a anistia de Páscoa.

Costuma-se pensar que a imagem criada pelo Novo Testamento de um Pilatos gentil, hesitante e indeciso é fruto do desejo dos evangelistas de não colocarem toda a culpa pela morte de Jesus no representante de Roma. Contudo a prova mais convincente do desrespeito de Pilatos à lei é o fato de que foi por causa de sua crueldade que ele foi retirado do cargo pelo imperador e mandado para o exílio.

A tradição cristã posterior produziu dois retratos diferentes de Pilatos. De acordo com a versão negativa, ele foi executado por *Tibério ou *Nero, ou cometeu suicídio, e seu corpo, acompanhado de demônios, foi transportado para Viena, na Gália. Como o rio Ródano devolveu seu cadáver, ele finalmente foi transportado para a Suíça e enterrado num poço em uma montanha, junto ao lago Lucerna, conhecida como Monte Pilatos ou Pilatusberg. Mas também há um relato cristão favorável sobre Pilatos. Eusébio fala de um relatório lendário em que Pilatos informa Tibério sobre a ressurreição de Jesus e sobre a crença dos cristãos de que ele era Deus. O imperador relata o caso ao Senado, que rejeita a idéia. O Padre da Igreja latina, Tertuliano, acreditava que Pilatos era um criptocristão na época do julgamento de Jesus, e os lendários Atos de Pilatos, do século IV, descrevem sob uma luz favorável a forma como ele lidou com Jesus. Mas a fama póstuma de Pilatos chegou ao clímax quando a Igreja Copta Egípcia decidiu canonizar o ex-prefeito da Judéia e venerá-lo como santo.

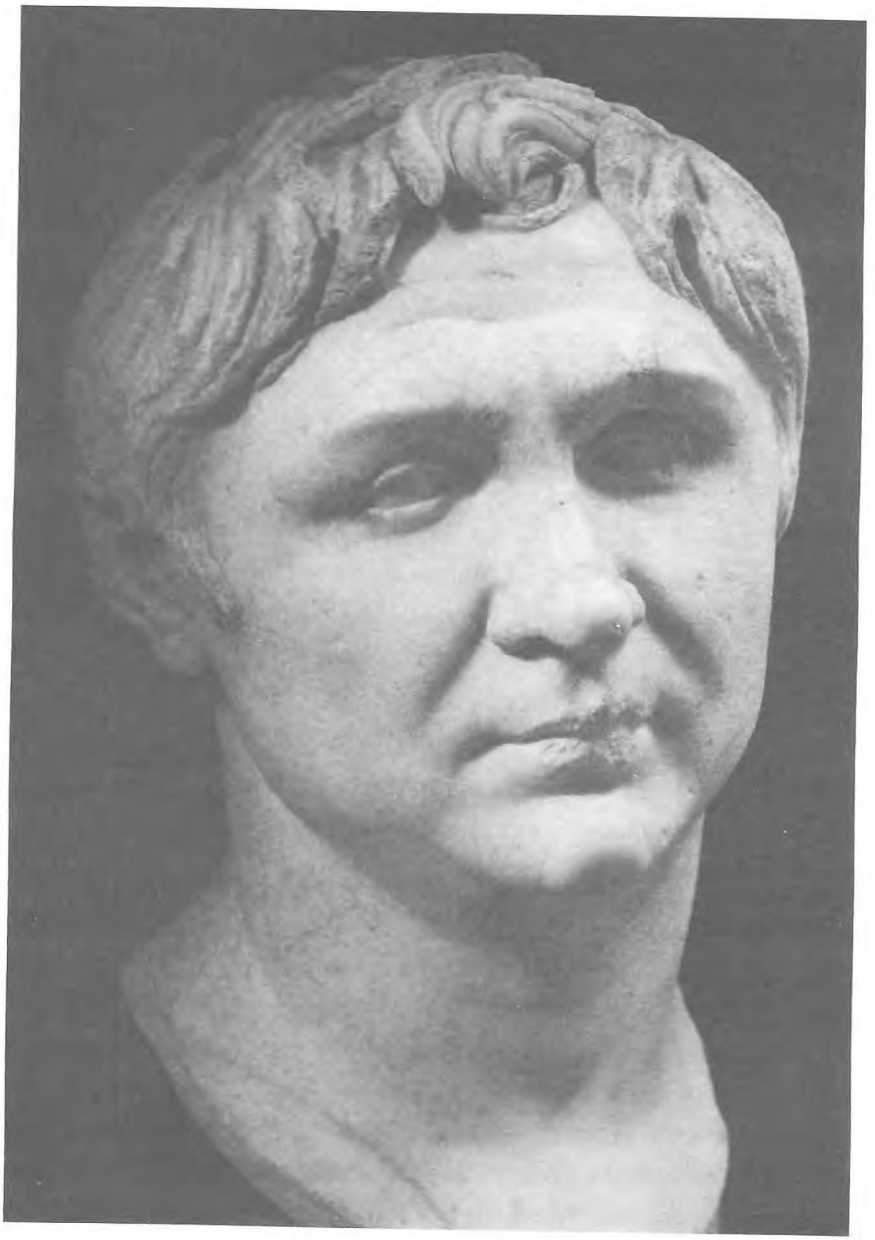
Fontes: Novo Testamento: Mc 15:2-15; Mt 27:11-26; Lc 23:2-25; Jo 18:28-19:22. Josefo, *Guer.* 2:169-77; *Ant.* 18:35-89. Filo, *Legatio* 299-305. Tertuliano, *Apologeticum* 21:24. Eusébio, *Hist. Ecl.* 2:2. "Atos de Pilatos", em M.R. James, *The Apocryphal New Testament*, 94-146.

POMPEU

Cneu Pompeu Magno, ou o Grande Pompeu (106-48 a.C.), general e estadista romano, foi um dos membros do primeiro triunvirato que governou Roma, juntamente com Júlio *César e Crasso. O nome de Pompeu lança uma sombra escura sobre a história judaica. Ele foi o conquistador romano do Oriente Próximo que em 63 a.C. acabou com a independência nacional desfrutada pelo povo judeu por quase um século sob os governantes macabeus-asmonianos (152-63 a.C.). Com exceção dos sete anos de autogoverno durante os dois levantes contra Roma (66-70 e 132-5 d.C.), os judeus precisaram esperar até a criação do Estado de Israel em 1948 pela restauração da autonomia política.

Pompeu conquistou o Ponto, na Ásia Menor, e derrotou Tigrano, rei da Armênia, que também governava a Síria. Em 65 a.C., Marco Emílio Escauro, general de Pompeu, entrou em Damasco, capital da Síria. Seu alvo seguinte era a Judéia, onde havia uma guerra civil entre *Aristóbulo II e *Hircano II, os dois filhos do sumo sacerdote-rei Alexandre Janeu. Os romanos primeiramente apoiaram Aristóbulo, que ofereceu a Pompeu como presente um cacho de uvas de ouro, mas isso não impediu o general romano de transferir seu apoio para Hircano. (Os detalhes desse jogo político são abordados nos verbetes sobre Aristóbulo II e Hircano II.) O encontro em Damasco entre Pompeu, os representantes dos dois sumos sacerdotes rivais e uma representação do povo judeu que queria o afastamento do governo asmoniano e a restauração da dinastia sumo sacerdotal anterior suplantada pelos macabeus foi inconclusivo, e em 63 a.C. Pompeu capturou Jerusalém e provocou os judeus entrando no Templo. Celebrou seu triunfo em Roma no ano de 61 a.C., quando o governante asmoniano Aristóbulo II, juntamente com sua família e muitos judeus capturados durante a campanha, tiveram de desfilar em frente ao carro de guerra de Pompeu.

Pompeu se envolveu novamente na história judaica quando, durante a guerra civil contra Júlio César, recebeu apoio do sumo sacerdote Hircano II e de *Antípatro, o administrador idumeu, pai do futuro *Herodes, o Grande. Contudo, Hircano e Antípatro logo se deram conta de que esta-



Pompeu, o Grande

vam montando no cavalo errado e imediatamente transferiram sua fidelidade para César após sua vitória sobre Pompeu na batalha de Farsália, na Grécia. À derrota de Pompeu se seguiu, não muito tempo depois, seu assassinato no Egito em 28 de setembro de 48 a.C.

Os judeus que mais tarde choraram o assassinato de César não derramaram lágrimas por Pompeu. Eles o culpavam pela perda de sua independência política e das cidades helenistas do Mediterrâneo, que Pompeu retirou do território nacional judeu. O poeta judeu do século I a.C que escreveu os Salmos de Salomão (2,29-31) descreveu Pompeu metaforicamente como um "dragão", rejeitado por Deus e morto nas montanhas do Egito. Seu corpo permaneceu lá, insepulto, o que no mundo antigo era visto como a maior desonra.

Fontes: Josefo, *Guer.* 1:127-58; *Ant.* 14:34-79. Salmos de Salomão 2; 17.

Q

QUIETO

Lúsio Quieto, um príncipe hispânico, foi governador romano da Judéia em 117 d.C. Conseguiu o cargo por sua participação no esmagamento da revolta judaica na Mesopotâmia no fim do reinado de *Trajano. O Padre da Igreja Eusébio conta que Lúsio Quieto tratou os judeus com ferocidade bárbara, massacrando um grande número deles. Como os escritos rabínicos também se referem a uma "guerra de Quieto" (mSot. 9:14; Seder Olam Rabbah), é possível que também tenha havido distúrbios na Palestina durante seu governo. Sua sorte inicial se esgotou quando surgiu a suspeita de que ele queria substituir *Adriano e se tornar imperador. Como resultado, Quieto foi afastado do exército e subseqüentemente executado.

Fontes: Eusébio, *Hist. Ecl.* 4:2, Dio 68:32, 15.

QUIRINO

Públio Sulpício Quirino foi governador romano da Síria sob o imperador *Augusto em 6 d.C. No Novo Testamento ele é relacionado a um censo universal no império romano que implementou na Síria e na Judéia. Esse censo, de acordo com *Lucas (2,1-6), levou *José e *Maria de Nazaré a viajarem para Belém imediatamente antes do nascimento de *Jesus. Historicamente, o relato de Lucas é altamente questionável. Parece antedatar o registro de impostos de Quirino, que de acordo com *Josefo ocorreu em 6/7 d.C., para o final do governo de *Herodes, o Grande, que morreu em 4 a.C. e sob cujo reinado Jesus nasceu (ver Lc 1,5; Mt 2,1).

Sendo inquestionável o censo de 6/7 d.C, é preciso perguntar se, como afirma Lucas, também houve um registro romano de propriedades no reino de Herodes cerca de dez ou 12 anos antes, um censo também organizado por Quirino. Cinco argumentos sólidos podem ser apresentados contra a alegação de Lucas: 1) Nenhuma fonte histórica romana menciona um censo mundial sob Augusto. 2) Tendo sido Herodes reconhecido por Roma como rei *aliado* (*rex socius*), a lei romana não teria permitido nenhuma interferência imperial no governo de seu território na forma de um censo (*apographé*). 3) A suposta obrigação de José de viajar para Belém, cidade de seu antepassado Davi, de modo a declarar suas terras e propriedades, teria contrariado a prática romana, que determinava que a declaração financeira fosse feita na cidade natal de José (Nazaré) ou na principal cidade de seu distrito fiscal (Séforis), e não na cidade de seu suposto ancestral tribal. 4) José não era obrigado a ser acompanhado por sua esposa, já que a declaração era feita pelo chefe da família em nome de todos os seus integrantes. 5) Indiretamente, o silêncio do historiador Flávio Josefo sobre um censo sob Herodes diminui consideravelmente a confiabilidade do relato de Lucas, pois Josefo era especialmente bem-informado sobre todos os assuntos relativos aos últimos anos do reinado de Herodes.

A historicidade do censo ordenado por Quirino em 6/7 d.C. está firmemente estabelecida. Ele é relatado por Josefo e tinha um objetivo claro. Quando o governo da Judéia foi tomado de *Arquelau, o filho de Herodes, e transferido para um administrador que respondia diretamente a Roma, uma nova avaliação das propriedades para fins fiscais se tornou necessária *ipso facto*.

Finalmente, a hipótese de dois censos consecutivos — um sob Herodes e um segundo sob Arquelau — apresenta outras dificuldades insuperáveis. O censo de Quirino em 6/7 d.C., ou seja, no trigésimo sétimo ano após a derrota de Marco Antônio para *César em Ácio (2 de setembro de 31 a.C.), é apresentado por Josefo como não tendo precedentes. De fato, tinha sido uma novidade tão chocante para os judeus que levou à grande revolta de *Judas Galileu, conhecido também como Judas de Gamala. Ademais, um registro fiscal realizado por ordem de Quirino sob Herodes seria impossível pelo fato de que não há menção a seu governo na Síria antes de 6 d.C., nem há nenhum espaço vazio na série de governadores durante os anos em questão. Os nomes e as datas dos legados imperiais na Síria no período são conhecidos: Caio Sêncio Saturnino (10/9 — 7/6 a.C.), Públio Quintílio *Varo (7/6 — 4 a.C.), Lúcio Calpúrnio Piso (4-1 a.C.), Caio Júlio César, neto de *Augusto (1 a.C.-4 d.C.) e Lúcio Volúsio Saturnino (34-5 d.C.). Assim, Quirino não poderia ter ocupado o cargo antes de 6 d.C.

Quirino deixou ainda outra marca no Novo Testamento quando, após derrubar, em 6 d.C. o nada cooperativo sumo sacerdote *Joazar, nomeou como seu sucessor *Anás, filho de Séti, que ocupou o posto até 15 d.C. Esse Anás é identificado com o ex-sumo sacerdote Anás que teria desempenhado um papel fundamental no julgamento de Jesus (Jo 18,13, 24) e em data posterior no de *Pedro e os outros apóstolos no Sinédrio de Jerusalém (At 4,6).

Fontes: Lc 2,1. Josefo, *Ant.* 18:1-2, 26.

S

SALOMÉ I

Salomé I, que não deve ser confundida com *Salomé II, filha de *Herodes e ligada à história de *João Batista, foi a irmã de *Herodes, o Grande, rei da Judéia de 37 a 4 a.C. Era uma mulher inteligente, cruel e ardilosa, responsável pela morte de muitos de seus próximos. Ela e sua mãe, Cipro, sofrendo de um complexo de inferioridade idumeu, conspiraram constantemente contra o lado real asmoneu da família de Herodes, primeiramente contra *Mariamna I e sua mãe *Alexandra, filha do etnarca e sumo sacerdote judeu *Hircano II, e depois contra os filhos de Mariamna: Alexandre e Aristóbulo. Salomé também concebeu a derrocada de dois de seus maridos. O primeiro deles foi José, que era seu tio. José foi nomeado guardião de Mariamna por Herodes, que, ao ser convocado a Roma por seu patrono romano *Marco Antônio, fez a arriscada viagem ao Egito para responder pela morte suspeita do sumo sacerdote Aristóbulo III, filho de Alexandra. Com a volta de Herodes em 34 a.C., Salomé acusou José de ter tido um caso com Mariamna durante a ausência de Herodes, e o rei executou o tio sem cerimônias. A vítima seguinte foi a própria Mariamna. Salomé, apoiada por sua mãe Cipro, repetiu a falsa acusação de adultério, especificamente que Mariamna teria se comportado mal com seu segundo guardião, um certo Soemo, enquanto Herodes estava visitando o imperador *Augusto em Rodes. O ciumento Herodes executou sua esposa, por quem tinha paixão, e seu amigo íntimo Soemo em 29 a.C. Pouco depois, Salomé se cansou de seu marido seguinte, o idumeu Costobar. Ignorando a lei judaica, que negava à esposa o direito de dar início a tais procedimentos, ela enviou a Costobar um pedido de divórcio. Mas, para garantir que iria consegui-lo de qualquer modo, também acusou o marido de deslealdade para com Herodes e imediatamente conseguiu sua execução. Finalmente, junto com o filho mais velho de Herodes, *Antípatro, ajudou a jogar o rei contra os dois filhos de Ma-

riamna. Seu plano foi bem-sucedido quando Herodes sentenciou Alexandre e Aristóbulo à morte: eles foram estrangulados em 7 a.C.

O terceiro marido de Salomé, Alexas, se saiu melhor do que os dois primeiros. De fato, ele e sua arrependida (?) esposa salvaram as vidas de um grupo de notáveis judeus presos cuja execução tinha sido confiada a eles pelo moribundo Herodes, que em sua loucura final queria estar certo de que sua morte seria acompanhada de grande lamento e luto. Mas Salomé e o marido se recusaram a executar a atrocidade e libertaram os prisioneiros.

Em seu último testamento, Herodes deixou para Salomé as cidades de Jâmnia, Azotus e Fasélida, assim como 500 mil moedas de prata. Salomé morreu *c.* 10 d.C., uma mulher rica com lembranças terríveis. Relembrando a longa amizade de seu irmão com o imperador de Roma, ela deixou parte de seu patrimônio, incluindo os famosos palmeirais de Fasélida, para a imperatriz Lívia, esposa de Augusto.

Fontes: Josefo, *Guer.* 1-2; *Ant.* 14-17.

SALOMÉ II

Salomé II, que não deve ser confundida com *Salomé I, irmã de *Herodes, o Grande, era a filha de *Herodíades e seu primeiro marido, Herodes. Salomé se casou com *Filipe, o tetrarca, e, após a morte de Filipe, com Aristóbulo, filho do rei *Herodes de Cálcis. A efígie de Salomé foi preservada em uma moeda de Aristóbulo.

No Novo Testamento, Salomé surge sem ser identificada, citada simplesmente como filha de Herodíades, mas sua fama duradoura é resultado do papel que ela desempenhou na morte de *João Batista. De acordo com o relato dos evangelhos, desconhecido de *Josefo, para recompensar Salomé por uma dança executada na sua festa de aniversário, seu padrasto Herodes Antipas deu a ela um cheque em branco, metaforicamente falando: concederia a ela o que quer que pedisse. Seguindo as instruções de sua mãe Herodíades, a jovem pediu a cabeça de João Batista em uma bandeja.

Fontes: Mc 6:21-8; Mt 14:6-11. Josefo, *Ant.* 18:136-7.



Rainha Salomé, filha de Herodíades e esposa do rei Aristóbulo de Cálcis

SAMAIAS E POLIÃO (OU XEMAIÁ E ABTALIÃO)

Samaias e Polião, como eles são chamados em *Josefo, foram mestres fariseus de meados do século I a.C., provavelmente os mesmos Xemaiá e Abtalião da mixná. Ambos ficaram conhecidos depois do julgamento e absolvição do jovem *Herodes, o Grande, pelo sumo sacerdote *Hircano II e o Sinédrio judaico em 47 a.C., quando previram que no momento certo Herodes iria se vingar dos juízes. De fato, após Herodes entrar em Jerusalém como rei em 37 a.C., de todos os membros do Sinédrio ele poupou apenas Polião e seu pupilo Samaias, que conseguiram sua proteção persuadindo o povo de Jerusalém a aceitar Herodes e, assim, expiar seus pecados. Também quando, no décimo oitavo ano de seu reinado, os fariseus se recusaram a fazer um voto de obediência a Herodes, ele os dispensou em função do que Polião tinha conseguido anteriormente.

Samaias e Polião normalmente são identificados com Xemaiá e Abtalião, a dupla de mestres fariseus que na mixná foram os sucessores imediatos de *Simeão ben Xeta, irmão da rainha Alexandra Salomé. A principal discrepância é que, em Josefo, Polião é superior a Samaias, enquanto na mixná Xemaiá sempre é citado antes de Abtalião. O principal dito de cada um deles consiste em um alerta, recomendando prudência ao lidar com as autoridades. A tradição rabínica os venera como grandes sábios e os intérpretes da Bíblia atribuem a eles a regra, popularizada por seu pupilo *Hilel, de que a Páscoa tem precedência sobre o sabá. Sua autoridade doutrinária aumentou grandemente a influência dos mestres fariseus no século I d.C.

Fontes: Josefo, *Ant.* 14:172-6; 15:3-4, 370. HJP II, 362-3.

SEXTO VETULENO CEREALE

Ver em **Silva**.

SILAS OU SILVANO

Silas, também chamado Silvano, um "profeta", foi um importante membro da comunidade judeu-cristã na época do concílio dos apóstolos, em Jerusalém, no ano de 49 d.C. Silas e Judas Barsabás foram encarregados de levar uma carta do concílio às Igrejas em Antioquia e Cilícia e anunciar o decreto apostólico liberando possíveis gentios cristãos da obrigação de abraçar o judaísmo antes de serem batizados.

Após o rompimento de *Paulo com *Barnabé, Silas se tornou o principal companheiro de Paulo na segunda expedição evangelizadora do apóstolo, com *Timóteo como parceiro mais novo de Paulo. Silas se apresentou com Paulo perante os magistrados em Filipos e partilhou a detenção. Silas e Timóteo participaram, com Paulo, da fundação da Igreja

em Tessalonica, Beroéia e Corinto, mas não o seguiram até Atenas. Após Corinto, Silas não é mais mencionado no contexto paulino, mas um certo Silvano (não necessariamente o mesmo Silas) é citado como um "irmão fiel" na primeira epístola de Pedro.

Fontes: At 15-18; 2Cor. 1:9; 1Ts 1:1; 2Ts 1:1; 1Pe 5:12.

SILVA

Lúcio Flávio Silva foi governador romano da província da Judéia de 73/4 a 81 d.C. Dos seus dois predecessores a cargo das questões judaicas palestinas muito pouco se sabe. Sexto Vetuleno Cereal foi o oficial comandante da quinta legião durante o cerco de Jerusalém e, como governador, assumiu o comando da quinta (Fretense) legião. Seu sucessor, Lucílio Basso, continuou a subjugar os judeus e ocupou as fortalezas elevadas de Herodeion, no deserto da Judéia, e Maqueronte, na Transjordânia, onde *João Batista tinha sido decapitado.

A fama de Silva na Judéia está ligada à conquista da fortaleza de pedra aparentemente inexpugnável de Massada, última cidadela dos rebeldes judeus liderados por *Eleazar, filho de Jairo, um descendente de *Judas Galileu. A engenhosidade dos engenheiros militares de Silva superou as dificuldades, inicialmente erguendo um muro para impedir fugas da fortaleza, depois construindo uma rampa, que existe ainda hoje, para permitir que as máquinas de batalha e as tropas atingissem e rompessem as muralhas fortificadas da cidadela. A segunda muralha de madeira, apressadamente improvisada pelos defensores, foi queimada por fogo provocado pelas tochas incendiárias lançadas pelos legionários romanos. Quando os romanos finalmente entraram, não encontraram resistência: os defensores estavam todos mortos, tendo feito um pacto de matar suas famílias e uns aos outros ou cometer suicídio para não serem apanhados vivos pelo inimigo. De acordo com *Josefo, os romanos contaram 960 corpos. Apenas sete judeus escaparam: duas mulheres e cinco crian-

ças encontradas vivas escondidas em aquedutos subterrâneos. Arqueólogos israelenses que escavaram Massada entre 1963 e 1965 alegam ter encontrado cerca de 25 esqueletos dos últimos zelotes judeus. Entre os restos de manuscritos descobertos está um rolo hebraico incompleto do *Livro do Eclesiástico* ou *Sabedoria de Jesus ben Sira*, um texto litúrgico sectário conhecido desde a descoberta, em Qumrã, dos Manuscritos do Mar Morto e, curiosamente, um fragmento danificado de um papiro romano, o mais antigo do tipo, contendo uma linha da *Eneida*, de Virgílio.

Fontes: Josefo, *Guer.* 7:252, 275-9, 304-15. Y. Yadin, *Masada* (1966).

SIMÃO CANTERAS, FILHO DE BOETO

O rei *Agripa I (41-4 d.C.) foi o responsável pela nomeação de três sumos sacerdotes dos quais pouco se sabe além dos nomes.

O primeiro, Simão, filho de Boeto, chamado Canteras (o "escaravelho"?), foi escolhido para substituir *Teófilo, filho de Anás, em 41 d.C.

Agripa logo mudou de idéia e sugeriu renomear Jônatas, outro filho do sumo sacerdote Anás, que tinha ocupado o cargo em 36/37 d.C. Jônatas, demonstrando um raro exemplo de humildade entre membros das famílias pontifícias, recusou a oferta e recomendou ao rei seu irmão Matias, filho de Anás, como um candidato melhor do que ele mesmo. Agripa, profundamente impressionado, seguiu o conselho de Jônatas e, como resultado, outro filho de *Anás, filho de Séti, conseguiu usar as vestes de sumo sacerdote.

O terceiro ocupante do cargo de sumo sacerdote foi Elioneu, filho de Canteras. Se esse é o mesmo Elihoenai ha-Qoph, ou ha-Qayyaph (filho de Caifás?) da mixná, ele foi um dos raros sumos sacerdotes, sendo os outros Hanamel (ou *Ananel), o Egípcio e *Ismael, filho de Fiabi, a terem a oportunidade de realizar a queima da novilha vermelha, cerimônia estabelecida em Números, 19 com relação a uma cerimônia de purificação ritual.

Fontes: Simão: Josefo, *Ant.* 19:297, 313. Matias: Josefo, *Ant.* 19:316. Elionaeus: Josefo, *Ant.* 19:342. mPar. 3:5.

SIMÃO DE PERÉIA

Simão, um gigantesco escravo da Peréia de *Herodes, o Grande, proclamou-se rei com a morte de seu mestre em 4 a.C. e, usando uma coroa, liderou um bando de insurgentes que saquearam e incendiaram palácios reais e propriedades em Jericó e outros locais. Grato, que era o comandante da infantaria de Herodes, perseguiu-o e seus soldados massacraram muitos nativos da Peréia. O próprio Grato apanhou o fugitivo Simão e o decapitou, dessa forma acabando com seu efêmero reinado.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:57-9; *Ant.* 273-7.

SIMÃO, FILHO DE BOETO

Simão, filho de Boeto, era membro de uma família sacerdotal egípcia vivendo em Jerusalém que foi nomeado sumo sacerdote por *Herodes, o Grande, em 25/24 a.C. Sua elevação ao pontificado não se deveu a suas qualidades religiosas ou a sua liderança, mas à beleza de sua filha Mariamna, que encantou Herodes. Para aumentar o *status* do pai da futura noiva, o rei afastou o sumo sacerdote que ocupava o cargo, *Jesus, filho de Fiabi, em benefício de Simão.

A nova esposa, *Mariamna II, após dar à luz Herodes Filipe, foi acusada de conspirar em um complô contra Herodes fomentado por seu filho mais velho, *Antípatro, e Herodes se divorciou dela. Como a elevação de Simão ao cargo pontifício tinha sido motivada pelo desejo de Herodes de se casar com sua filha, a desgraça de Mariamna II resultou na demissão de Simão e sua substituição por *Matias, filho de Teófilo, pouco antes da morte do rei em 4 a.C.

Quatro ex-sumos sacerdotes saíram da família Boeto.

Fontes: Josefo, *Ant.* 15:320-22; 17:78, 164-6.

SIMÃO, FILHO DE GIORA

Simão, filho de Giora — o aramaico *Giora*, assim como o hebraico *Ger*, significa prosélito —, foi um dos principais revolucionários durante o cerco de Jerusalém. Nascido em Gerasa de pai convertido ao judaísmo e de mãe judia, Simão primeiramente se juntou aos sicários de Massada. Depois partiu com seu bando de foras-da-lei para saquear a Judéia, onde ocupou Hebron e toda a Iduméia. Na primavera de 69 d.C., Simão e seus homens entraram em Jerusalém a convite do sumo sacerdote Matias, filho de Boeto. Acreditava-se, equivocadamente, que eles poderiam pôr fim ao governo tirânico de *João de Gíscala. Na verdade, com seus 50 oficiais e 10 mil homens, mais 5 mil auxiliares idumeus comandados por dez chefes, Simão se tornou um déspota e uma ameaça ainda maior a seus concidadãos do que João de Gíscala tinha sido. Atacou os abastados e matou muitos deles, incluindo seu antigo protetor, o sumo sacerdote Matias, juntamente com três de seus filhos. A vileza prevalecente na sitiada Jerusalém é revelada pela ordem de Simão de massacrar os filhos frente aos olhos do pai, que planejara desertar, e então matá-lo à vista dos romanos com o comentário: "Deixe-o ver se seus amigos para cujo lado você pretendia passar irão ajudá-lo" (Josefo, *Guer.* 5:531). Durante os últimos estágios do cerco, Simão esteve encarregado da defesa da cidade alta de Jerusalém. Foi o último líder rebelde a ser capturado pelos romanos ao sair de seu esconderijo subterrâneo. Mantiveram-no vivo para apresentá-lo como o principal chefe rebelde durante o triunfo de *Tito em Roma, no ano de 71 d.C., ao final do qual, de acordo com o antigo costume, foi chicoteado cerimonialmente e executado na prisão de Mamertino, na extremidade nordeste do Fórum romano.

Fontes: Josefo, *Guer.* 2-7; *Vida* 191-2.

SIMÃO, FILHO DE CAMITO

Ver em **Anás (ou Anas), filho de Séti.**

SIMÃO, O ESSÊNIO

Simão, o Essênio, foi um carismático intérprete de sonhos do início do século I d.C. De acordo com *Josefo, em 6 d.C. ele se ofereceu para interpretar um sonho de *Arquelau, etnarca da Judéia, que outros especialistas, adivinhos e caldeus foram incapazes de explicar. O sonho era vagamente semelhante ao de Faraó em Gênesis, 41. Nele, o etnarca viu dez grossas espigas de milho (nove de acordo com *Guer.* 2:112) sendo comidas por um boi. Simão, tendo obtido garantia de segurança independentemente da natureza de sua interpretação, explicou o sonho como a prevenção de uma mudança ao final de dez (ou nove) anos. Josefo destaca que cinco dias mais tarde um enviado de *Augusto chegou para acabar com o governo de Arquelau e o levou para julgamento em Roma perante o imperador, que resultou em seu afastamento do cargo, o confisco de todos os seus bens e seu envio para o exílio em Viena, na Gália.

O essênio Simão é descrito como um intérprete de sonhos profissional que sabia garantir sua sobrevivência quando tinha de proclamar um mau presságio. Josefo, ele mesmo de origem sacerdotal e com alguma formação essênia, também alegava ter esse dom. Simão tentou justificar sua rendição aos romanos com o conhecimento obtido em seus sonhos relativos à futura soberania de Roma sobre os judeus (*Guer.* 3:351-2).

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:111-13; *Ant.* 17:342-4.

SIMÃO MAGO

Simão foi um famoso mágico profissional entre os samaritanos nos primeiros anos do cristianismo. Era chamado de o grande poder divino e foi muito influente na Samaria até a chegada de *Filipe, o Diácono, que converteu os samaritanos ao Evangelho de *Jesus sobre o Reino de Deus. O próprio Simão teria acreditado e sido batizado. Sua conversão foi superficial, pois, quando os apóstolos *Pedro e *João levaram o Espírito Santo aos samaritanos, Simão ofereceu-lhes dinheiro querendo comprar poder carismático. Fortemente criticado, aparentemente se arrependeu (At 8:9-25).

A tradição cristã subseqüente o descreve em termos inteiramente desfavoráveis. O historiador da Igreja Eusébio (século IV) se recusou a acreditar que Simão tenha sido sincero em seu arrependimento e conversão, e o chamou de fundador de uma "seita repugnante". Pedro seguiu Simão a Roma e o destruiu e a seu poder.

De acordo com o Padre da Igreja do século II, São Justino Mártir, um certo Simão da aldeia samaritana de Gita teve influência durante o reinado do imperador *Cláudio (41-54 d.C.) e foi idolatrado em Roma, de acordo com uma inscrição dedicada a "Simão, o santo deus" (*Simoni deo sancto*). A identificação que Eusébio faz entre Simão Mago e Simão de Gita é infundada. Sua fonte, Justino, não comete o mesmo erro. Sua versão da inscrição latina na estátua de Simão também é equivocada: ela não era dedicada a Simão, mas a uma divindade Sabina chamada Semo. Ainda assim, a figura do Novo Testamento é uma importante imagem especular negativa do indivíduo carismático popularizado por Jesus e seus seguidores na comunidade cristã. A má fama de Simão foi perpetuada na palavra "simonia", significando a tentativa de comprar valores espirituais ou postos eclesiásticos com dinheiro.

Fontes: Justino, 1 *Apologia* 1:26. Eusébio, *Hist. Ecl.* 2:13.

SIMÃO, O ZELOTE

Ver em **Tiago, filho de Alfeu.**

SIMEÃO BAR KOSIBA

Simeão bar (ou ben) Kosiba, também conhecido como Bar Kokba, foi o líder da segunda revolta dos judeus contra Roma sob o imperador *Adriano, entre 132 e 135 d.C. As causas mais prováveis para a rebelião foram ou a proibição de circuncisão imposta por Adriano, como relatado pelo historiador romano Espartiano em *História Augusta*, ou a decisão do imperador de erguer uma cidade romana, Élia, nas ruínas de Jerusalém (como afirma Cássio Dio). Tendo em mente o contexto histórico geral, a segunda explicação parece a mais provável. Cássio Dio conta que a construção da cidade de Colônia Élia Capitolina — Élia, para encurtar — começou durante a estada de Adriano no Egito, na Judéia e na Síria, por volta de 130 d.C. É concebível que as hostis reações judaicas provocadas pela construção da nova cidade tenham se combinado com o ultraje sentido pelos judeus face à legislação proibindo a circuncisão. É bastante possível, porém, que a proibição da circuncisão tenha sido imposta aos judeus como medida punitiva após o fim da guerra. Sendo assim, seria a conseqüência, não a causa da rebelião.

O levante, inspirado e liderado por Simeão bar Kosiba, eclodiu em 132 d.C. Até a descoberta de documentos relativos à segunda revolta em cavernas do deserto da Judéia, nas décadas de 1950 e 1960, nem mesmo seu nome era conhecido com certeza. Os Padres da Igreja Justino e Eusébio o chamam Kochebas ou Barchochebas, e os textos rabínicos usam Ben ou Bar Kokba, significando "filho da estrela". Correspondência preservada entre líderes da rebelião e seu chefe, e entre eles, mostram que seu nome era Bar Kosba ou Kosiba e seu primeiro nome, atestado também em algumas das moedas da rebelião, era Simeão. Seu título oficial

era Príncipe (*Nasi*) de Israel, de acordo com as moedas e os novos textos. Provas numismáticas indicam que no primeiro e no segundo anos da revolta Simeão dividiu a liderança com Eleazar, o Sacerdote. Esse Eleazar pode ter sido Eleazar de Modiim, que fontes rabínicas designam como tio de Simeão. De acordo com as mesmas fontes, Eleazar foi sentenciado à morte por seu sobrinho, que equivocadamente suspeitava de traição. Além desses dados não inteiramente confiáveis, não sobreviveu nenhuma informação sobre a família e a vida de Bar Kosiba.

Foram preservadas poucas provas documentais relativas ao desenvolvimento da rebelião, que começou como guerra de guerrilha nas várias regiões, mas algumas moedas e um documento atestam que Jerusalém foi libertada pelos rebeldes. Logo todo o país estava sob seu controle, e Cássio Dio insinua que o levante se estendeu para além das fronteiras da Palestina.

Governadores militares nomeados por Simeão governavam os distritos, e as localidades tinham seus próprios líderes, ou *parnasin*, que lidavam com os comandantes distritais: eram encarregados de arrendar as terras, que em sua totalidade pertenciam ao chefe do Estado, e também coletavam o rendimento.

Como seria de esperar de um líder revolucionário, Simeão se revela em suas cartas um comandante duro e autoritário. Chegou a ameaçar um de seus tenentes, chamado Jóxua, filho de Galgula, de colocar suas pernas em ferros caso ele desobedecesse ordens. Os comandantes distritais de Engedi também enfrentariam punições se não executassem ordens. Os mesmos funcionários foram orientados a prender, desarmar e enviar para Simeão um certo Jóxua de Palmira. A falta de entusiasmo pelo combate em Engedi e Tecoa entre os irmãos, como os rebeldes se chamavam, era enfrentada com críticas duras.

A obediência absoluta ao líder ia em paralelo com a plena observância da religião judaica. Bar Kosiba fez acordos para o envio dos quatro tipos de ramos de árvores (palmeira, cidra, murta e salgueiro) necessários para a festa do Tabernáculo. O líder civil de Quiriat Arabaia devia se assegurar de que os ramos tinham sido pagos.

As cartas de Simeão estão em hebraico e aramaico, mas uma foi escrita em grego porque não havia escriba hebraico/aramaico disponível: continha ordens urgentes relativas à festa do Tabernáculo. Pelo menos uma das cartas é assinada por "[Si]men, f[ilho de]...". Se a palavra que falta for Kosiba, teremos aqui um documento autografado do chefe da segunda revolta.

O sucesso militar do levante obrigou Adriano a mobilizar forças substanciais. *Tinéio Rufo, governador romano da Judéia quando se deu a eclosão da revolta, o Tirano Rufo dos rabinos, permaneceu no posto por algum tempo, mas foi posteriormente substituído por Quintílio Certo Publício Marcelo, e no final por Sexto Júlio Severo, o famoso general de Adriano, que foi transferido de uma extremidade do império para a outra, da Bretanha para a Judéia. Sexto Júlio não tinha como enfrentar as guerrilhas de Bar Kosiba em batalha aberta e precisava procurar por eles em cavernas e esconderijos subterrâneos como aqueles encontrados no deserto da Judéia por uma equipe de arqueólogos israelenses comandada por Iigael Iadin. Jerusalém foi reconquistada pelos romanos e os restos da cidade judaica foram demolidos para abrir espaço para a nova Élia de Adriano.

O último refúgio de Simeão foi a fortaleza na montanha de Beter, cerca de dez quilômetros ao sul de Jerusalém, que foi cercada e tomada em 135 d.C. A lenda rabínica fala de um banho de sangue, e a realidade provavelmente foi essa. O líder da rebelião tombou lá, juntamente com seus últimos irmãos.

Em alguns círculos judaicos, Simeão bar Kosiba teve uma reputação messiânica e se tornou Bar Kokba, o Filho da Estrela. Em moedas cunhadas pelos rebeldes aparece acima da representação do Templo um símbolo que alguns especialistas identificam como uma estrela, embora outros numismatas prefiram descrever como uma roseta. Ademais, uma autoridade como o rabino Aquiba viu em Simeão a realização da profecia bíblica "Um astro procedente de Jacó se torna chefe" (Num. 24:17), e o proclamou o rei-Messias. Mas outros rabinos discordaram e mudaram seu título honorífico, Filho da Estrela (Bar Kokba), para a alcunha sarcástica de Filho da Mentira (Bar Koziba).

Simeão também não tinha uma boa imagem em círculos cristãos. De acordo com São Justino Mártir, os cristãos palestinos se sentiam incapazes de aderir à revolta liderada por um falso Messias sem negar seu verdadeiro Cristo. São Jerônimo acusa Simeão de fazer truques mágicos e fingir que eram milagres, e Eusébio e Justino atribuem a Bar Kokba a violenta perseguição à Igreja.

Fontes: Cartas e moedas de Bar Kokba: HJP I, 547, Dio 69:12-14, Justino, 1 *Apologia* 31:6, Eusébio, *Hist. Ecl.* 4:5-6.

SIMEÃO BEN XETÁ

Simeão ben Xetá foi um estadista e mestre judeu do século I a.C. *Josefo nada sabe sobre ele, e todas as informações relativas a Simeão vêm dos textos dos rabinos e, como tal, são de valor histórico incerto. Ben Xetá é apresentado como um personagem de grande importância tanto do ponto de vista político quanto do doutrinário. Sua atuação se deu na primeira metade do século I a.C., coincidindo com o governo do rei-sumo sacerdote asmoniano Alexandre Janeu (103-76 a.C.) e sua viúva e sucessora Alexandra Salomé (76-67 a.C.). Esses foram os últimos anos da secular independência judaica sob a dinastia macabéia-asmoniana, que terminou em 63 a.C. com a conquista de Jerusalém pelas legiões romanas de *Pompeu.

A tradição rabínica apresenta Simeão ben Xetá como o principal mestre fariseu de sua época; ele é um dos famosos *zuggot*, ou "pares", relacionados nos *Ditos dos Pais* (1:8-9), que teriam sido as principais autoridades do supremo tribunal judaico, ou Sinédrio. Mas, além do peso de seu conhecimento, a influência de Simeão se baseava também em sua ligação familiar com a casa real asmoniana. De acordo com a tradição rabínica, ele era cunhado de Alexandre Janeu, e era irmão da rainha Xelanzion ou Alexandra Salomé (Genesis Rabbah 91:3), e como tal tinha grande poder sobre rei e rainha.

Os reinados de Janeu e Alexandra, que embora fosse mulher herdou

e exerceu o governo do povo judeu, testemunharam grandes mudanças na posição das facções religiosas, saduceus e fariseus, como está relatado por Josefo e no calendário histórico rabínico conhecido como Rolo do Jejum (*Megillat Taanit*). A ascendência saducéia, que prevaleceu sob Janeu, progressivamente deu lugar ao domínio fariseu, finalmente conseguido sob Alexandra Salomé, que deu aos fariseus total apoio. Sabemos por Josefo que os fariseus insuflaram a população contra Janeu e provocaram uma guerra, que envolveu a participação do rei selêucida Demétrio III (*Ant.* 13:372-415; *Guer.* 1:88-112). Janeu triunfou, após alguns reveses iniciais, e se vingou de seus oponentes de forma cruel. Oitocentos deles foram crucificados em Jerusalém e suas esposas e filhos foram assassinados às suas vistas. Confirmação do relato horripilante de Josefo é encontrada em um dos Manuscritos do Mar Morto, o comentário sobre Naum da Gruta, 4 (4Q169, frg. 3-4, col. 1, 6-8), que se refere ao "Furioso Jovem Leão", o apelido de Janeu, como o governante que "pendurou homens vivos na árvore", uma frase explicada por muitos especialistas como significando crucifixão. Embora Josefo não identifique explicitamente os oponentes de Janeu como fariseus, ou judeus liderados por fariseus, a identidade dos antigos inimigos do rei é revelada em um conselho dado por ele em seu leito de morte à esposa Alexandra Salomé, estimulada a fazer a paz com os fariseus. De fato, durante os nove anos do governo da rainha, os fariseus assumiram as rédeas do governo ou, como diz Josefo, "Se ela governava a nação, os fariseus a governavam" (*Guer.* 1:112), e "Embora ela tivesse o título de soberana, os fariseus tinham a supremacia" (*Ant.* 13:409). Portanto, está implícito que se os fariseus eram a facção governante sob Salomé, seu irmão, Simeão ben Xetá, líder dos fariseus, era o poder por trás do trono no estado asmoniano.

O impacto doutrinário de Simeão parece ter tido equivalência em sua influência política. O número de decisões ligadas ao nome desse antigo representante do farisaísmo é impressionante. Em especial, a introdução de várias regras de procedimento judicial é creditada a ele. Também é atribuída a Simeão, embora isso seja mais questionável, a obrigação de um contrato de casamento escrito e a criação de um sistema de ensi-

no primário. Contudo a criação da educação primária entre os judeus palestinos provavelmente aconteceu mais de um século depois, em 63-5 d.C., sob o sumo sacerdote *Jesus, filho de Gamaliel.

A mixná (mSanh 6:4) relata que Simeão ben Xetá foi responsável por enforcar (ou crucificar) oitenta mulheres (bruxas) em Axquelon. Isso teria sido contrário à legislação rabínica posterior, que proibia o julgamento e a execução no mesmo dia de mais de uma pessoa acusada de crime capital. De fato, toda a história horripilante parece ter sido forjada, porque na época de Simeão a cidade helenista de Ascalon não era parte do território judaico sobre o qual ele tinha jurisdição.

A fama de Simeão ben Xetá foi muito grande entre os rabinos, e sua época, de acordo com o Talmude, teve a reputação de uma época de ouro: "Nos dias de Simeão ben Xetá chovia todas as noites de quarta-feira e de sábado, de modo que os grãos de trigo eram do tamanho de um rim, os grãos de cevada eram como azeitonas e as lentilhas como denários de ouro" (bTaan. 23a).

Fontes: Enc. Jud. 14:1563-5. HJP II, 362.

SIMEÃO, FILHO DE GAMALIEL

Simeão, filho de *Gamaliel, o Velho, foi um importante líder dos fariseus na segunda metade do século I d.C. Embora seus ancestrais *Hilel e Gamaliel, o Velho, não sejam citados, Simeão é mencionado várias vezes nos textos de *Josefo. Fora o dito atrevido atribuído a ele no tratado *Ditos dos Pais* na mixná, referente a palavras multiplicadas excessivamente pelos sábios — "Eu não encontrei nada melhor que o silêncio", teria observado ele —, pouco se sabe sobre seus ensinamentos. Acredita-se que a maioria das passagens atribuídas a Simeão, filho de Gamaliel, na literatura rabínica pertença a seu neto Simeão, filho de *Gamaliel II. Nossa melhor fonte de informações é Josefo, que retrata Simeão como um dos dois principais líderes judeus em Jerusalém na época da primeira guerra

contra Roma (66-70 d.C.), sendo o outro o ex-sumo sacerdote *Anás, filho de Anã. Juntamente com Gorion, filho de José, e o ex-sumo sacerdote *Jesus, filho de Gamaliel, eles eram os principais rivais dos zelotes na cidade. Simeão era amigo de *João de Gíscala, o líder revolucionário galileu que tentou derrubar Josefo de seu posto de comandante militar da província. Mas, apesar dessa atitude hostil para com ele, Josefo elogia Simeão nos termos mais elevados: "Esse Simeão era natural de Jerusalém, de uma família muito ilustre, e da seita dos fariseus, que têm a reputação de serem especialistas sem igual nas leis do seu país. Homem muito bem-dotado de inteligência e capacidade de avaliação, podia, pelo simples raciocínio, solucionar uma situação difícil nos assuntos de Estado."

Fontes: Josefo, *Guer.* 4:159; *Vida* 38-9, 44, 60, 191-2, mAb. 1:17-18.

SIMEÃO, FILHO DE CLOPAS

Simeão, filho de Clopas, foi o segundo bispo de Jerusalém, de acordo com o historiador da Igreja Eusébio, citando o autor do século II Hegesipo. O pai de Simeão, Clopas, era tio de *Jesus de Nazaré, conseqüentemente Simeão era seu primo. Simeão sucedeu *Tiago, o irmão do Senhor, como líder da Igreja de Jerusalém. Assim, a liderança da Mãe Igreja foi mantida na família de Jesus. Simeão teve uma morte de mártir. Eusébio, citando Hegesipo, relata que hereges cristãos denunciaram Simeão a um juiz romano como descendente de Davi e cristão, e ele se tornou mártir sob o imperador *Trajano em 106/107 d.C., crucificado após muita tortura, aos 120 anos de idade.

Se o testemunho de Eusébio for aceitável, os dois parentes de Jesus, Tiago e Simeão, foram sucedidos no trono episcopal por mais 13 bispos "da circuncisão", isto é, de origem judaica, de 106/107 até 135 d.C. Não há nenhum registro sobre eles, além de seus nomes: Justo, Zaqueu, Tobias, Benjamim, João, Matias, Filipe, Sêneca, Justo, Levi, Efres, José e Judas. Depois de 135 d.C. todos os judeus, incluindo judeus cristãos, foram banidos da cidade pagã de Élia, construída nas ruínas de Jerusalém por *Adriano.

Fonte: Eusébio, *Hist. Ecl.* 3:11, 32.

SÓSIO

Caio Sósio, governador da Síria em 38 e 37 a.C., desempenhou um papel importante na história judaica quando deu uma poderosa ajuda a *Herodes, o Grande, e fez dele rei dos judeus e governante de Jerusalém. O acontecimento se deu em 37 a.C., três anos após a nomeação de Herodes como rei por *Marco Antônio. Para conseguir isso, Sósio levou a Jerusalém um grande contingente romano e, juntamente com o exército de Herodes, atacou a cidade, que era defendida pelo último sacerdote-rei asmoniano, *Antígono, filho de *Aristóbulo II. Antígono se rendeu a Sósio e foi levado acorrentado para Antioquia, na Síria, onde foi decapitado por ordem de Marco Antônio, de acordo com o desejo de Herodes. Antígono foi o primeiro rei derrotado a ser executado pelos romanos. Com sua morte, o papel centenário da dinastia sacerdotal judaica asmoniana chegou a um fim inglório. Para celebrar sua vitória em Jerusalém, Sósio dedicou uma coroa de ouro ao Deus dos Judeus no Templo. Por seu sucesso na Judéia, foi recompensado com o título de *imperator* e uma cerimônia de triunfo em Roma, em 34 a.C.

Fontes: Josefo, *Guer.* 1:345-57; *Ant.* 14:468-9, 481, 484-8; 15:1, Dio 49:23.

T

TADEU

Ver em **Tiago, filho de Alfeu.**

TEÓFILO, FILHO DE ANÁS

Ver em **Jônatas, filho de Anás.**

TEUDAS

Teudas foi um típico revolucionário religioso judeu que atraiu um considerável grupo de discípulos durante a procuradoria de Cúspio *Fado (44-46 d.C.). Seus oponentes, conta *Josefo, o chamavam de feiticeiro ou impostor, um daqueles falsos messias que são citados no discurso escatológico dos Evangelhos. Teudas, por sua vez, se apresentava como um profeta milagreiro: levou seus crédulos seguidores, que confiando nele estavam levando consigo todos os seus bens, até o rio Jordão, e prometeu-lhes a repetição da milagrosa divisão das águas realizada por Joshua no início da conquista da terra prometida. Isso tinha o objetivo de simbolizar a libertação do país do jugo romano. Fado, o governador da Judéia, anteviu a implicação e enviou seus cavaleiros para lidar com o grupo. Muitos foram massacrados e outros feitos prisioneiros, entre eles Teudas, que foi decapitado pelos soldados; sua cabeça foi levada em triunfo para Jerusalém.

O discurso feito por *Gamaliel, o Velho, um importante membro do Sinédrio, no julgamento dos apóstolos, contém uma referência à morte de Teudas e à dispersão de seus 400 homens (At 5,36). Contudo Gamaliel, ou o autor dos Atos, erra na data do acontecimento, que teria ocorrido em meados da década de 40 d.C., ao situá-la antes do levante organizado por *Judas, o Galileu, que na verdade aconteceu na época do censo de *Quirino, em 6.C.

Fonte: Josefo, *Ant.* 20:97-8.

TIAGO, FILHO DE ALFEU

Praticamente nada se sabe sobre Tiago, filho de Alfeu; Tadeu; Simão, o Zelote; e Matias, os quatro apóstolos de *Jesus de Nazaré que figuram nos Evangelhos sinópticos e nos Atos.

Tiago, filho de Alfeu, talvez tenha sido o irmão do coletor de impostos Levi, filho de Alfeu, que se acredita ser o mesmo apóstolo *Mateus. Tiago é diferenciado por seu patronímico (filho de Alfeu) do apóstolo *Tiago, filho de Zebedeu, irmão de *João.

Tadeu ou, de acordo com variações do manuscrito, Lebeu, é citado em Mateus e *Marcos. *Lucas (6,16), diferentemente, apresenta Judas, filho de Tiago. Uma lenda contada pelo historiador da Igreja Eusébio atribui a Tadeu a evangelização do norte da Mesopotâmia e o considera útil para conseguir uma troca de cartas ficcional entre Abgar, rei de Edessa (4 a.C.-50 d.C.), e Jesus. De acordo com a lenda, ao ficar doente Abgar pediu a Jesus que o curasse e recebeu uma promessa escrita de que um discípulo de Jesus, Tadeu, iria fazê-lo e pregar o Evangelho ao povo de Edessa.

Simão Cananeu, ou o Zelote (o aramaico *qanna'ah* ou *qannay*), pode ter sido um membro do movimento revolucionário judaico dos zelotes.

Matias foi escolhido ao acaso para substituir *Judas Iscariotes no colégio dos apóstolos. Sua escolha sem dúvida se deveu mais à necessidade de restaurar a comunidade simbólica de 12, correspondendo às tribos de Israel, do que a qualquer necessidade prática. Eusébio sugere que Matias era um dos setenta discípulos de Jesus promovidos ao apostolado.

Em resumo, além de seus nomes, o Novo Testamento não tem qualquer prova sobre o que quer que seja quanto a um terço dos apóstolos de Jesus.

Fontes: Mc 3,16-19; Mt 10,2-4; Lc 6,14-16; At 1,12-14. Eusébio, *Hist. Ecl.* 1:12.

TIAGO, FILHO DE ZEBEDEU

Tiago, filho de Zebedeu, foi um pescador que se tornou apóstolo de *Jesus de Nazaré. Com seu irmão *João e possivelmente seu pai Zebedeu,

eles formaram uma parceria com *Pedro e *André (Lc 5,10; Mt 4,21). Tiago foi um dos primeiros apóstolos a ser chamado por Jesus, e Tiago e João, juntamente com Simão *Pedro, foram os líderes do grupo. Tiago estava entre os três apóstolos que testemunharam a ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,37; Lc 8,51) e fez parte do trio presente à "transfiguração" de Jesus (Mc 9,2; Mt 17,1; Lc 9,28). Apesar da posição obviamente importante ocupada por Tiago no círculo dos apóstolos, os evangelhos pouco dizem a respeito dele, e mesmo as poucas afirmações preservadas nem sempre são lisonjeiras. De acordo com *Marcos (10,35-7), Tiago e seu irmão João pediram a Jesus permissão para assumir os melhores lugares, isto é, ficarem de ambos os lados do Mestre no grande banquete do Reino dos Céus. (*Mateus [Mt 20,20-21] atribui o pedido à mãe de Tiago e João.) Tiago e seu irmão também queriam lançar o fogo dos céus sobre uma aldeia samaritana por ter sido recusada hospitalidade a Jesus e seu grupo, lá, mas foram censurados por Jesus (Lc 9,54-5), que os chamou de "filhos do trovão" (*Boanerges* em aramaico) por causa de sua irascibilidade (Mc 3,17).

A falta de informações sobre uma das pessoas mais próximas de Jesus é bastante impressionante. Ainda assim, em um ponto Tiago se saiu melhor que os outros apóstolos: teve sua morte registrada no Novo Testamento. De acordo com os Atos dos Apóstolos, Herodes, o Rei, isto é, Herodes *Agripa I (41-4 d.C.), ordenou sua decapitação. *Josefo silencia sobre o acontecimento, que não se ajusta bem à natureza generosa e amigável de Agripa.

A antiga tradição cristã ainda transmite a história lendária de que o homem que denunciou a Agripa que Tiago era um membro da Igreja se arrependeu imediatamente, tornou-se cristão e foi executado juntamente com Tiago pelo monarca herodiano (Eusébio). De acordo com uma lenda posterior, Tiago viajou para a Espanha, onde morreu. Seu corpo teria sido enterrado em Santiago de Compostela, que se tornou um dos principais centros de peregrinação da cristandade medieval.

Fontes: At 12:1-2. Eusébio, *Hist. Ecl.* 2:9:3.

TIAGO, O IRMÃO DO SENHOR

Tiago, o irmão do Senhor, não desempenha nenhum papel nos evangelhos durante a vida de *Jesus de Nazaré, além de simplesmente ser citado em uma oportunidade. De acordo com os evangelistas, Jesus não era apoiado durante seu ministério na Galiléia por nenhum de seus irmãos. Eles e *Maria, mãe de Jesus, surgem pela primeira vez na companhia dos apóstolos apenas no capítulo de abertura dos Atos dos Apóstolos (1,14). São *Paulo também relata que os irmãos do Senhor, acompanhados de suas esposas, foram mais tarde atuantes no trabalho missionário cristão (1Cor 9,5). Mas os Atos dos Apóstolos e a tradição cristã posterior afirmam que o anteriormente apagado Tiago se tornou uma das principais figuras, se não *a* principal da Igreja primitiva. Significativamente, Tiago é a única personalidade do Novo Testamento, depois de *João Batista e do próprio Jesus, que o historiador *Josefo menciona em suas *Antiguidades judaicas.*

Tiago, com o epíteto de "o irmão do Senhor", ou de Jesus, aparece em São Paulo (Gl 1,19) e Josefo (*Ant.* 20:200). Nos Atos dos Apóstolos, onde claramente é o líder da Igreja de Jerusalém e presidente do conselho dos apóstolos, ele é simplesmente Tiago, sem referência a seu parentesco com Jesus, apesar dos dois outros homens de mesmo nome, *Tiago, filho de Zebedeu, e *Tiago, filho de Alfeu, figurarem na relação dos 12 apóstolos. No título da epístola de Tiago no Novo Testamento ele é descrito como o "servo [não o irmão] do Senhor Jesus Cristo" (Tg 1,1). O autor da epístola de Judas, por outro lado, é "um servo de Jesus Cristo e *irmão* de Tiago", o que revela a importância deste.

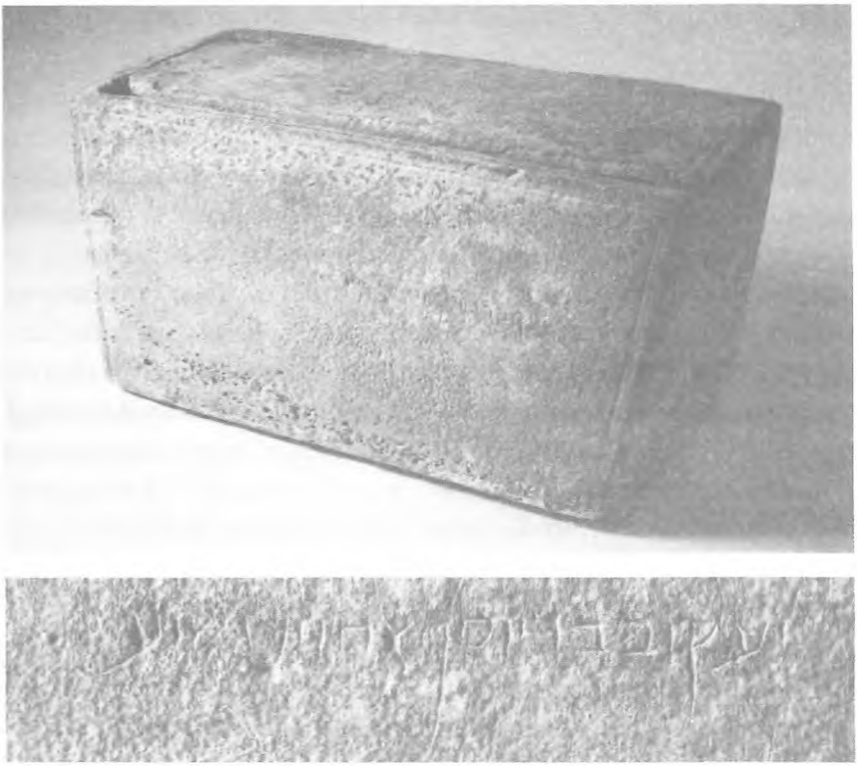
É possível acompanhar a ascensão progressiva de Tiago na hierarquia de Jerusalém durante as primeiras décadas do nascente cristianismo. A principal fonte é a epístola de Paulo aos Gálatas. Quando Saulo de Tarso, após sua dita conversão, decidiu visitar os líderes do movimento de Jesus em Jerusalém, entrou em contato primeiro com Cefas (*Pedro), líder da comunidade, e com Tiago, "o irmão do Senhor" (Gl 1,19). Quatorze anos após o acontecimento de Damasco (Gl 2,1), por ocasião do concílio dos apóstolos em Jerusalém (49 d.C.), Pedro ainda era o primeiro orador no encontro para permitir a aceitação de gentios não-circunci-

dados na Igreja, mas a decisão formal foi tomada por Tiago, o presidente do conselho. Foi ele que ofereceu a avaliação de que, caso certas condições fossem atendidas, os pagãos poderiam ser aceitos na Igreja sem primeiramente se tornarem judeus (At 15,6-20).

A superioridade de Tiago em relação a Pedro também é indicada quando ele se identifica como o primeiro dos três pilares da Igreja: Tiago, Cefas e *João (Gl 2,9). Essa nova ordem de precedência é posteriormente confirmada pelo comportamento hipócrita de Pedro em Antioquia após a chegada dos enviados de Tiago, um rígido seguidor da Lei: na presença deles, Pedro parou de comer com os cristãos gentios, cuja mesa anteriormente tinha partilhado (Gl 12,11-13). Na oportunidade da última visita de Paulo a Jerusalém (58 d.C.), o único líder da Igreja a quem ele prestou respeito foi Tiago, embora a não menção de Cefas possa se dever à ausência de Pedro da Cidade Santa à época (At 21,18).

O Novo Testamento não traz explicação para a ascensão meteórica de Tiago. Há dois motivos prováveis: sua santidade pessoal, confirmada indiretamente por Josefo e diretamente pela tradição cristã, e a importância de sua ligação familiar com Jesus.

A opinião de Josefo sobre o irmão de Jesus é dada em seu relato da execução de Tiago, um acontecimento não mencionado no Novo Testamento. A execução se deu em 62 d.C., no intervalo entre a morte do procurador *Festo e a chegada de seu sucessor, *Albino. O inconseqüente *Anã, pouco antes nomeado sumo sacerdote pelo rei *Agripa II, estava exercitando sua força política durante a ausência do procurador, e levou a um tribunal judaico "Tiago, o irmão de Jesus chamado o Cristo", acusando-o e a outros de transgredirem a lei, e os condenou a morte por apedrejamento. Os cidadãos de Jerusalém mais imparciais e devotos desaprovaram com firmeza o comportamento de Anã, diz-nos Josefo, e convenceram o rei Agripa a afastar o sumo sacerdote. A antiga tradição cristã, representada pelo historiador da Igreja Eusébio (entre os séculos III e IV), citando o autor do século II Hegesipo, relembra a execução de Tiago em detalhes. Primeiro ele foi lançado do pináculo do Templo, mas milagrosamente sobreviveu tanto à queda quanto ao apedrejamento posterior. Foi então executado por um pisoador que esmagou seu crânio com um bastão.



Ossuário (de autenticidade questionável) de Tiago, irmão de Jesus

Hegesipo retrata Tiago como um impressionante homem santo chamado "o Honrado", um asceta caracterizado pelos múltiplos votos de abstinência dos nazaritas. "Este [Tiago]", escreve ele, "era santo de nascimento; não bebia vinho nem bebidas tóxicas e não comia comida animal; nenhuma lâmina chegava perto de sua barba; ele não se untava com óleo e não tomava banhos (...) Ele costumava entrar sozinho no Santuário, e freqüentemente era encontrado de joelhos pedindo perdão para as pessoas, de tal forma que seus joelhos ficaram duros como os de um camelo por estarem sempre dobrados em adoração a Deus..." (Eusébio).

Foi por causa de sua "impressionante virtude" que Pedro, Tiago e João escolheram Tiago, o Honrado, e não um deles mesmos, para o venerá-

vel posto de bispo de Jerusalém. Ademais, Eusébio declara que mesmo o judeu Josefo apresentou a conquista de Jerusalém por *Vespasiano como uma punição divina pelo assassinato de Tiago. Também Orígenes atribui a mesma visão a Josefo (*v. Contra Celso* i, 47; ii. 13), mas nenhum dos manuscritos preservados das *Antiguidades judaicas* inclui tal afirmação.

Aparentemente, o segundo motivo para a ascensão de Tiago na hierarquia da Igreja era seu parentesco com Jesus. Nem Paulo nem o restante do Novo Testamento incluem nenhum indício quanto a isso, mas a antiga tradição cristã traz tais vestígios. O já citado Hegesipo descreve a escolha do sucessor de Tiago no bispado de Jerusalém em termos quase dinásticos. "Quando Tiago, o Honrado, sofreu seu martírio (...) *Simeão, o filho de seu tio Clopas, foi nomeado bispo. Sendo ele um primo do Senhor, era uma exigência universal que ele fosse o segundo" (Eusébio, *Hist. Ecl.* 4:22). Eusébio, por intermédio de Hegesipo, relata ainda que nos dias do imperador *Domiciano os netos relativamente empobrecidos de *Judas, irmão de Tiago (Judas 1:1), ou seja, os sobrinhos-netos de Jesus, foram incluídos pelos romanos na lista negra política, uma vez que, como descendentes de Davi, eram considerados potenciais rebeldes messiânicos (*Hist. Ecl.* 3:20). Assim, ao que parece, durante sessenta e até setenta anos após a morte de Jesus, a ligação familiar com o Mestre era um patrimônio significativo no que dizia respeito à liderança da Igreja. Contudo, no início do século II, com a parcela principal do movimento de Jesus tendo se afastado da Terra Santa, tais ligações deixaram de desempenhar um papel significativo na Igreja primitiva.

Se a epístola de Tiago no Novo Testamento é obra do "irmão do Senhor" isso é objeto de grande controvérsia. Vale notar que algumas autoridades, incluindo São Jerônimo, a atribuem ao apóstolo *Tiago, filho de Alfeu. Em sua atual forma, apresentando um grande domínio do idioma grego por parte do autor e grande familiaridade com o estilo da Bíblia grega (Setenta), é difícil imaginar que tinha sido escrita por um pescador galileu inculto. E, tendo em mente a reputação de Tiago de liderar a facção judaizante da Igreja, seria de esperar encontrar na epísto-

la, se ela é de Tiago, alguma referência à observância compulsória da Lei Mosaica pelos cristãos judeus. Mas não há nenhuma.

Por outro lado, embora não possa ser provada a partir daí uma relação direta com Tiago, o conteúdo da epístola reflete uma base cultural e religiosa verdadeiramente judaica. A mensagem é mais teocêntrica que cristocêntrica. Além das numerosas referências e citações bíblicas, a epístola reproduz o principal dogma da profissão de fé judaica, "Deus é um" (2,19), e insiste em que a fé é inseparável da observância da Lei (1,19-25). O autor da epístola se dirige às "doze tribos da Dispersão" (1,1) e chama a assembléia cristã de uma "sinagoga" (2,2). E fala sobre uma prolongada expectativa da volta de Cristo: a Segunda Vinda foi muito postergada, mas está próxima (5,7-9). Elementos do pietismo hassídico de Jesus reaparecem em Tiago, com o Reino de Deus sendo prometido aos pobres (2,5) e com uma recomendação aos anciãos da Igreja para utilizarem a prece carismática e o óleo para curar os doentes e conseguir o perdão dos pecados (5,14-15; cf. Mc 6,13). Os anciãos deveriam imitar a súplica milagrosamente eficiente do profeta Elias, o modelo do hasside carismático (5,17-18). Assim, mesmo sendo improvável que Tiago seja o responsável pelo estilo grego da epístola, as idéias contidas nela podem, pelo menos em parte, ter vindo dele.

Dois itens arqueológicos dúbios são associados a Tiago. Guias turísticos em Jerusalém mostram aos peregrinos em Jerusalém sua Tumba, localizada entre a chamada Tumba de Absalão e a Tumba de Zacarias, no cemitério que fica no lado oriental do Vale do Cedron, abaixo do Monte do Templo. Na verdade, uma inscrição hebraica gravada no monumento e datada do século II d.C. declara que aquele túmulo pertence não a Tiago, mas à família de sacerdotes judaica de Bene Hezir.

O segundo item ligado a Tiago é um ossuário de pedra de propriedade particular que ficou conhecido pelo público em 2002. A inscrição aramaica gravada nele alega identificar a pessoa a quem pertenciam os ossos há muito desaparecidos que estavam na caixa: um certo *YA'AQÔB BAR YÔSEPH 'AHÔY DEYESHÛA'*, ou Tiago [=Jacó], filho de José, irmão de Jesus. A inscrição em si é vista pelos especialistas como do sécu-

lo I d.C., mas a menção a um irmão é incomum, embora não inteiramente sem precedentes, nas inscrições de ossuários judaicos. Ainda assim, a incerteza em relação à proveniência do ossuário, a composição química da pátina que cobre a inscrição e apetrechos de falsificador descobertos na casa do proprietário depõem fortemente contra sua autenticidade. Se esse "Tiago, filho de José, irmão de Jesus" realmente se revelasse o irmão do Senhor, o humilde "caixão" nos levaria maravilhosamente perto do verdadeiro mundo de Jesus, e até de um membro de sua família.

Fontes: Josefo, *Ant.* 20:200-201, Eusébio, *Hist. Ecl.* 2:1, 23. André Lemaire, "Burial Box of James the Brother of Jesus", *BAR* 28/6, Nov-Dez 2002, 24-33.

TIBÉRIO

Tibério Cláudio Nero foi enteado, filho adotivo e sucessor de *Augusto. Como segundo imperador de Roma de 14 a 37 d.C. Tibério governou os judeus durante o ministério público de *João Batista e *Jesus de Nazaré. *Lucas (3,1) situa o surgimento do Batista no 15º ano de Tibério (29 d.C.). Tibério não teve envolvimento direto com a história do Novo Testamento além do fato de ser o responsável pela nomeação de Pôncio *Pilatos para governador da Judéia em 26 d.C. Ordenou Tibério que Pilatos removesse os escudos votivos com o nome do imperador que o prefeito tinha mandado afixar no palácio de *Herodes (ver o verbete sobre Herodes), e prendeu o futuro rei judeu *Agripa I por expressar o desejo de que Tibério morresse logo e fosse substituído por *Calígula (*Ant.* 18:179-204; *Guer.* 2:180). Herodes *Antipas, o tetrarca da Galiléia, fez uma homenagem especial ao imperador dando o nome de Tiberíades à sua nova capital, construída entre 17 e 20 d.C.

No que diz respeito à diáspora, Tibério é lembrado por expulsar a comunidade judaica de Roma em 19 d.C. A comunidade inteira foi obrigada a sofrer a punição merecida por alguns trapaceiros que tinham enganado uma rica prosélita romana roubando seu dinheiro, que deveria ser enviado para o Templo de Jerusalém (*Ant.* 18:84).

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:168-80; *Ant.* 18.



Imperador Tibério

TIMÓTEO

Timóteo foi provavelmente o discípulo mais próximo de *Paulo. Era filho de mãe judia-cristã e pai grego. Como Timóteo não tinha sido circuncidado ao nascer, Paulo, contrariamente aos seus princípios de não dar à circuncisão importância religiosa na Igreja e de se opor a mudanças no período que levava à Segunda Vinda, ordenou que ele se submetesse à operação ritual porque seu ministério comum estava se passando em uma região habitada por muitos judeus.

Timóteo acompanhou Paulo e *Silas durante sua missão na Macedônia (Beroéia) e se juntou a eles em Corinto. Estava com Paulo quando este escreveu a epístola aos Romanos e nela acrescentou saudações de Timóteo (Rm 16, 21). Também tomou parte esse discípulo de Paulo na pregação aos Coríntios e foi enviado para Filipos. As epístolas aos Tessalonicenses são enviadas por Paulo, *Silvano e Timóteo, e, aquela epístola aos Filipenses, por Paulo e Timóteo. A proximidade de Timóteo e Paulo aparece nos epítetos de "colega de trabalho", "irmão", "verdadeiro filho" e "amado filho". Timóteo também esteve com o Paulo cativo, mais provavelmente em Roma do que em Cesaréia, quando a epístola a Filêmon foi escrita. Duas epístolas pastorais são endereçadas a ele. A tradição da Igreja confirmada por Eusébio vê Timóteo como primeiro bispo de Éfeso.

Fontes: At; Rm; 1Cor e 2Cor; Fl; Cl; 1Ts e 2Ts, 1Tm e 2Tm, Fm. Eusébio, *Hist. Ecl.* 3:4.

TINÉIO RUFO

Quinto Tinéio Rufo era o governador romano da Judéia quando ocorreu a eclosão da segunda rebelião judaica liderada por *Simeão bar Kosiba contra Roma sob *Adriano em 132 d.C. Rufo era adversário fraco para os revolucionários, e foi claramente derrotado. Adriano precisou levar outros generais, primeiramente Caio Quintílio Certo Publício Marcelo, e finalmente Sexto Júlio Severo, chamado da Bretanha para esmagar a revolta. O conflito foi sangrento. Cássio Dio sem dúvida exagera quando fala em 580 mil judeus mortos, mas grandes perdas romanas são implicitamente admitidas quando a fórmula padrão "Eu e as legiões estamos bem" é omitida por Adriano em sua carta ao Senado romano, na qual ele anuncia a vitória sobre os judeus.

Os rabinos e Eusébio consideram Rufo responsável pela perseguição religiosa aos judeus durante e depois da rebelião, pela implementação do decreto de Adriano que os expulsou da Judéia e pela destruição do local do Monte do Templo (mTaan. 4:6, bTaan. 29a; Jerônimo sobre Zacarias 8:19). Por motivos impossíveis de adivinhar, um retrato menos

hostil de Rufo é oferecido em níveis posteriores da literatura rabínica. Ali ele é descrito como um homem familiarizado com a Bíblia judaica, que regularmente fazia perguntas cansativas e verificadoras ao famoso rabino do século II *Áquiba, como "Se Deus ama tanto a circuncisão, por que todos os homens não nascem circuncidados?". Áquiba é retratado como nunca deixando de responder, fato que naturalmente aborrecia Rufus. De acordo com uma lenda talmúdica, para chamar a atenção do rabino e fazê-lo esquecer seu marido, a esposa do governador decidiu seduzir Áquiba. Inicialmente não foi bem-sucedida, mas no fim conseguiu seu objetivo casando-se com ele depois de devidamente convertida ao judaísmo. Áquiba, assim, ganhou uma nova prosélita e uma esposa muito abastada (bAZ 20a; b Ned. 50b)!

Fontes: Dio 69:14. Eusébio, *Hist. Ecl.* 4:6.

TITO

Tito Flávio Sabino Vespasiano, filho de *Vespasiano (39/41-81 d.C.), foi imperador romano de 79 a 81 d.C. A fama de Tito, ou, aos tradicionais olhos judaicos, sua ignomínia, deriva essencialmente da continuação bem-sucedida da campanha de seu pai contra os judeus, que terminou com a captura de Jerusalém e a destruição do Templo em 70 d.C. A crer em *Josefo, Tito não foi responsável direto pelo incêndio do santuário. Pelo contrário, enquanto visitava o local sagrado durante a batalha, ele ordenou a seus soldados que apagassem o fogo, iniciado acidentalmente, que estava devorando o prédio, mas nem mesmo sua ordem conseguiu impedir o frenesi destrutivo dos legionários. Durante o triunfo em Roma em 71 d.C., festejando a vitória na guerra judaica, os despojos do Templo de Jerusalém, a mesa de ouro e o castiçal, os incensórios e as trombetas foram carregados em procissão em frente ao triunfante imperador Vespasiano e seus dois filhos, Tito e *Domiciano (*Guer.* 7:148-52). As imagens gravadas desses objetos sagrados ainda podem ser vistas no Arco de Tito em Roma.



O Arco do Triunfo do imperador Tito, em Roma, representando a menorá e outros objetos de culto pilhados do Templo de Jerusalém

O fato de não gostar dos rebeldes da Palestina não impediu Tito de agir com justiça em relação aos judeus de Antioquia, na Síria, quando recusou firmemente o pedido dos moradores gentios da cidade que pediram a cassação dos direitos civis dos judeus (*Guer.* 7:100-11).

No nível pessoal, Tito manteve relações amigáveis com *Josefo durante e depois da guerra, bem como com o rei judeu *Agripa II e com a irmã de Agripa, Berenice. Na verdade, Berenice se tornou amante de Tito. Historiadores romanos e escritores de fofocas nos dizem que, mesmo após ter se tornado imperador, Tito queria se casar com a princesa judia, mas, face à oposição romana, perdeu a coragem. Suetônio conta que Tito tinha uma "notória paixão pela rainha Berenice, a quem teria mesmo prometido casamento". Ainda assim, mais tarde a mandou embora de Roma "contra sua vontade e a dela" (cf. Tácito e Cássio Dio).

Na tradição judaica, Tito é o protótipo da crueldade. Os rabinos o acusam de violar a Lei e profanar o sacrário do Templo, onde ele teria utiliza-

do os serviços de duas prostitutas (bGit. 56b-57a). A avaliação feita pelo Talmude do vitorioso romano contrasta fortemente com a de Suetônio, para quem o maduro Tito era um impecável símbolo de todas as virtudes.

Fontes: Josefo, Suetônio, *Divus Titus* 7:1-2. Tácito, *Histórias* 2:1. Dio 66:3-4.

TITO, COMPANHEIRO DE PAULO

Tito foi um dos discípulos mais próximos de *Paulo, seu "verdadeiro filho", a quem uma das cartas pastorais dêutero-paulinas é dirigida. Ele era gentio e sua ligação com Paulo remonta ao concílio dos apóstolos em Jerusalém no ano de 49 d.C. Paulo deliberadamente levou Tito consigo como uma espécie de cobaia para mostrar que a admissão de não-judeus na Igreja não exigia proselitismo anterior: "Tito, que estava comigo, não foi obrigado a se circuncidar, embora fosse grego" (Gl, 2:3).

Tito foi empregado por Paulo como emissário em suas negociações com as Igrejas, especialmente a de Corinto (2Cor 8,6.16.23; 12,18). O apóstolo se afastou de Tito em Trôade (2Cor 2,13); reencontraram-se na Macedônia (2Cor 7,6.13-14) e depois Tito foi enviado para a Dalmácia (2Tm 4,10). Era uma espécie de embaixador itinerante de Paulo. De acordo com a carta endereçada a ele, foi confiada a Tito a Igreja de Creta e seu cansativo "partido da circuncisão" propagando "fábulas judaicas" (Tt 1,14), para não falar de seus igualmente difíceis nativos, que eram "mentirosos, animais ferozes, comilões vadios" (Tt 1,12). O historiador da Igreja Eusébio chama Tito de primeiro bispo de Creta.

Fontes: Gl; 2Cor; Tt, Eusébio, *Hist. Ecl.* 4:4.

TOMÉ

O apóstolo Tomé (o nome é a transliteração para o grego do aramaico *te'ômâ* (Mc 3,18; Mt 10,3; Lc 6,15; At 1,13) não desempenha nenhum

papel na história de Jesus nos Evangelhos Sinópticos, mas assume um papel mais importante no Evangelho de *João. Ali seu nome aramaico é normalmente apresentado em grego como "Dídimo", o Gêmeo (Jo 11,16. 20,24. 21,2). Em João, o obscuro Tomé dos sinópticos toma a seu cargo exortar seus colegas a acompanharem Jesus e morrerem com ele (Jo 11,16). Em outro ponto ele atua como porta-voz dos apóstolos ignorantes (Jo 14,5). De fato, ele se torna o protótipo da incredulidade, recusando-se a acreditar na ressurreição de Jesus a não ser que possa tocar o corpo vivo do Cristo com as próprias mãos (Jo 20,24-29). Finalmente, ele é apresentado como um dos sete discípulos que testemunharam a última aparição de Jesus no mar de Tiberíades (Jo 21,2).

No rastro do Evangelho de João, Tomé se tornou uma figura importante no pensamento gnóstico. É atribuída a ele a autoria do Evangelho de Tomé, com seus 150 ditos, que em sua forma grega original data do século II e foi preservada na íntegra em uma tradução para o copta egípcio datada dos séculos III-IV. A obra chamada Atos de Tomé, provavelmente escrita em siríaco no século III, também é ligada a seu nome. Desnecessário dizer que não há provas válidas que sustentem a atribuição de nenhum desses textos ao apóstolo.

A lenda cristã, transmitida nos Atos de Tomé, conta que Tomé evangelizou a Índia, onde teve uma morte de mártir nas mãos de um príncipe local. A tradição afirma que no século IV seu corpo foi levado para Edessa (sudeste da Turquia) para ser enterrado. Por outro lado, o historiador da Igreja Eusébio de Cesaréia sustenta que Tomé foi o apóstolo não da Índia, mas dos partos.

Fontes: Evangelho de Tomé: J.S. Kloppenborg *et al.*, *Q Thomas Reader* (1990), 75-159. Atos de Tomé em M.R. James, *The Apocryphal New Testament*, 364-438. Eusébio, *Hist. Ecl.* 3:1.

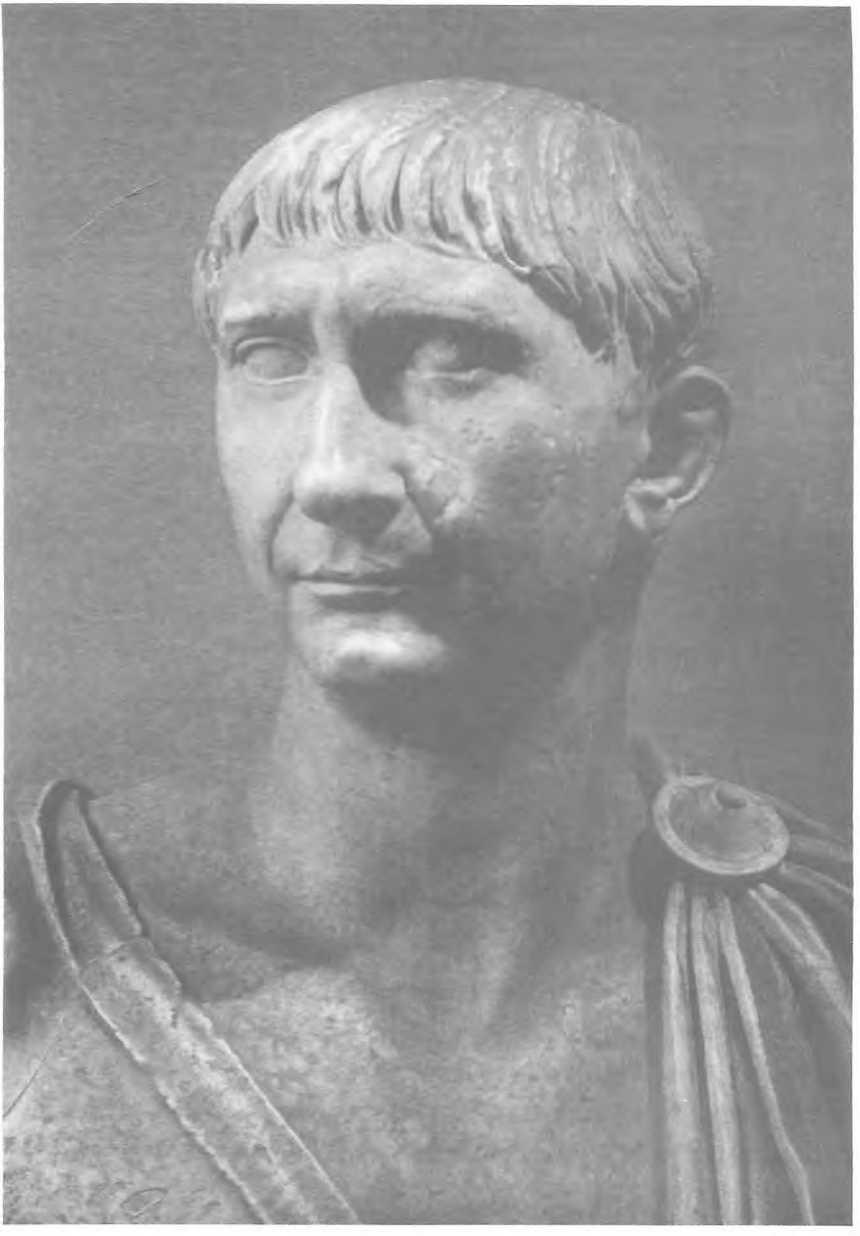
TRAJANO

Marcus Ulpio Trajano (53-117 d.C.), filho adotivo de Nerva, sucedeu-o como imperador de Roma em 98 d.C. e reinou até 117 d.C. Foi um governante muito admirado, estendendo as fronteiras imperiais desde a Dácia (Romênia), no nordeste, até a Armênia e a Mesopotâmia, no leste, e melhorando a administração das províncias. Enquanto esteve envolvido na conquista da Mesopotâmia, em 115 d.C., os judeus do Egito e de Cirene se revoltaram contra Roma. Seguiu-se um terrível conflito nos dois países — o líder judeu da rebelião em Cirene era um certo Lúcuas (Eusébio, *Hist. Ecl.* 4:2) ou Andréas (Dio) — e milhares de judeus perderam a vida durante as hostilidades, que ocorreram durante os últimos anos do reinado de Trajano.

De acordo com o historiador da Igreja Eusébio, Trajano seguiu os passos de seus predecessores *Vespasiano e *Domiciano, continuando a caçar judeus que alegavam ascendência davídica, que ele suspeitava que poderiam ser potenciais líderes revolucionários. O mesmo autor também relata a execução sob Trajano de *Simeão, filho de Clopas, um primo de Jesus, que foi o segundo bispo de Jerusalém, sucessor de *Tiago, o irmão do Senhor.

A troca de duas cartas entre Plínio, o Jovem, governador (*legatus*) da Bitínia, e o imperador lança uma luz interessante sobre o *status* legal dos cristãos durante o reinado de Trajano. Plínio perguntava se ser um cristão era ilegal em si e, como tal, passível de punição, ou se era necessário provar em cada caso uma acusação penal específica. Trajano respondeu afirmando que a simples filiação à Igreja não era motivo suficiente para processo. A punição só podia ser aplicada a pessoas consideradas culpadas, após o devido procedimento legal, de violarem a lei. Embora os cristãos fossem considerados *prima facie* suspeitos de comportamento criminoso, deviam ser perdoados caso se arrependessem e renunciassem à sua religião.

Fontes: Eusébio, *Hist. Ecl.* 3:32. Dio 68:32. Plínio, o Jovem, Cartas X: 96 e 97.



Imperador Trajano

V

VALÉRIO GRATO

Valério Grato foi o sucessor de Ânio Rufo como governador da Judéia de 15 a 26 d.C. e foi muito ativo na troca de sumo sacerdotes judeus, cuja nomeação estava entre suas atribuições. Removeu *Anás (ou Anã), filho de Séti, nomeado por *Quirino em 6 d.C., que iria desempenhar um importante papel no julgamento de *Jesus, e o substituiu por Ismael, filho de Fiabi, no período de 16/17 d.C. Valério foi então demitido em favor de Simão, filho de Camito, que não durou mais de um ano, e foi substituído por José *Caifás (27-37 d.C.), que foi encarregado do processo contra Jesus. O cargo de sumo sacerdote não era um emprego seguro no tempo dos governadores romanos: apenas Anás (Anã) e Caifás tiveram mandatos mais longos. Em 26 d.C. Valério Grato voltou a Roma, e a prefeitura da Judéia foi ocupada por Pôncio *Pilatos.

Fonte: Josefo, *Ant.* 18:33-5, 177.

VARO

Públio Quintílio Varo foi governador romano da Síria nos anos 25-27 da era de Actium, que começou em 2 de setembro de 31 a.C. Portanto, ocupou o cargo desde os anos 7/6 a.C até após a morte de *Herodes, o Grande, em 4 a.C. Seu principal papel na história judaica consistiu na violenta repressão ao levante que se seguiu à morte de Herodes. Durante o prolongado conflito entre os filhos do rei morto pela sucessão ao trono vago, várias rebeliões eclodiram. Varo interveio prontamente e restabeleceu a paz. Contudo, o procurador Sabino, enviado por *Augusto para manter a lei e a ordem na Judéia, criou outros problemas, provocando um levante armado na capital. A desordem se espalhou para Séforis, na Galiléia, onde Judas, filho de *Ezequias (provavelmente o mesmo *Judas Galileu ou Judas de Gamala), assumiu a

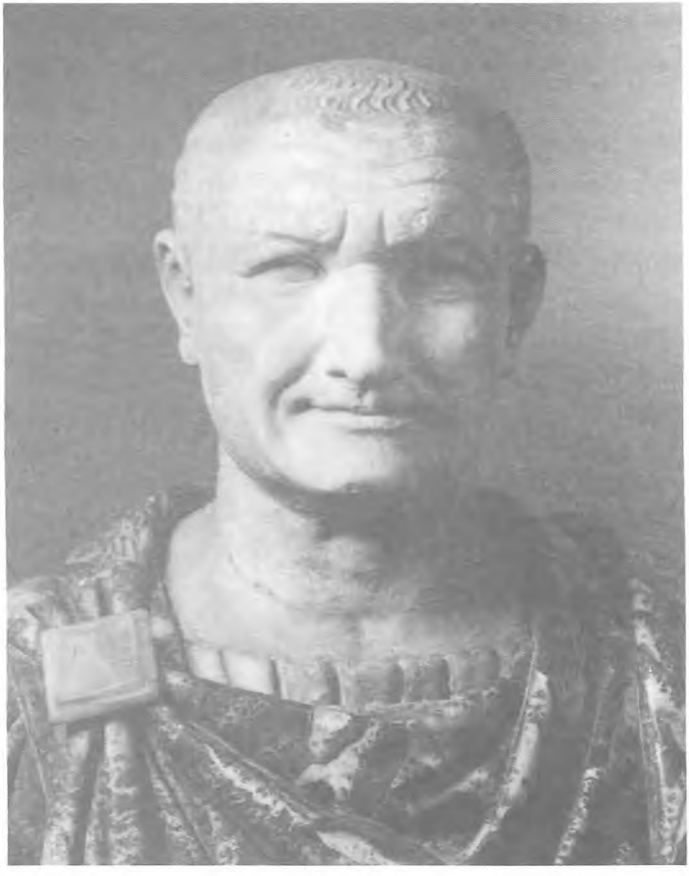
liderança da revolta. Também houve atividade revolucionária na Peréia e na Judéia. Como resultado, Varo se sentiu obrigado a intervir novamente: acalmou rapidamente a Galiléia, e quando chegou a Jerusalém com suas duas legiões e ajudantes nabateus, os rebeldes desanimaram e fugiram. Muitos foram apanhados pelos romanos. Varo crucificou dois mil deles e perdoou o restante antes de retornar a Antioquia. A partir de então, a cruz romana se tornou uma visão tristemente comum na Palestina judaica.

A Assunção de Moisés (6:8) entre os Pseudepígrafos, datados do século I d.C., provavelmente se refere a Varo quando fala de "um poderoso rei do oeste que irá conquistá-los [os judeus], fazê-los prisioneiros, queimar parte de seu templo com fogo e crucificar alguns deles ao redor de sua cidade". O mesmo episódio é lembrado também na literatura rabínica (*Seder Olam*) como a "Guerra de Varo", desde que a leitura equivocada de "Guerra de *Asverus*", que antecedeu a "Guerra de Vespasiano" em oitenta anos, seja corrigida para significar "Guerra de *Varo*".

Fontes: Josefo, *Guer.* 2:66-79; *Ant.* 17:286-98.

VESPASIANO

Tito Flávio Vespasiano (9-79 d.C.) foi o primeiro dos imperadores flavianos e reinou de 69 a 79 d.C. Em 67 ele foi enviado por Nero à Judéia para esmagar a revolta dos judeus. Tendo prontamente conquistado a Galiléia, ocupou progressivamente o resto do país, exceto a capital. Em 69 d.C., enquanto ainda estava envolvido na guerra contra os judeus, foi proclamado imperador pelos exércitos romanos no Egito, na Síria, na Palestina e em toda a parte oriental do império. Em dezembro do mesmo ano, Vitélio, seu rival na disputa pelo trono imperial, foi assassinado, e Vespasiano foi proclamado o único governante para todo o mundo romano. Voltou a Roma, deixando seu filho *Tito para concluir a campanha na Judéia. Tito o fez ao tomar Jerusalém em 70 d.C. No ano seguinte, Vespasiano e Tito celebraram o triunfo conjunto em Roma, em festa durante a qual o butim



Imperador Vespasiano

da guerra judaica, a mesa de ouro de pães e a menorá, ou castiçal de sete velas do Templo de Jerusalém, foram exibidos em desfile. Ambos são celebrados visualmente no Arco do Triunfo de Tito. A cerimônia foi encerrada, de acordo com o costume romano, com a execução de um dos principais líderes da revolta, o general dos sicários *Simão, filho de Giora.

Depois da guerra, Vespasiano transformou toda a Palestina em sua propriedade particular e transferiu para os cofres do templo de Júpiter Capitolino o imposto coletivo pago por todo homem judeu para sustentar o Santuário de Jerusalém (*Josefo, *Guer.* 7:216-18). Também or-

denou a demolição do templo judeu, construído *c.* 160 a.C. pelo suposto sumo sacerdote Onias IV em Leontópole, no Egito, para rivalizar com o Templo de Jerusalém (*Guer.* 7:421). Historicamente menos segura é a afirmação feita apenas por Eusébio, historiador da Igreja do século IV, seguindo os passos de Hegesipo, de que Vespasiano iniciou uma perseguição aos judeus no contexto de uma busca por aqueles de ascendência real davídica que ele queria executar como potenciais revolucionários messiânicos. Aparentemente, a mesma perseguição continuou também sob dois imperadores seguintes, *Domiciano e *Trajano.

Vale destacar que, de acordo com Josefo, Vespasiano foi, durante sua estada na Palestina, testemunha ocular de dois peculiares fenômenos religiosos judaicos. O primeiro deles foi a prática de exorcismo, realizada por intermédio da utilização de uma raiz de cheiro ruim acompanhada palas palavras de um feitiço. Josefo se refere a um judeu pelo nome de *Eleazar, possivelmente um essênio, que demonstrou seu poder na presença de Vespasiano, seus filhos e um grupo de oficiais (*Ant.* 8:46-8). O outro fenômeno era a profecia. O próprio Josefo alega ter previsto, na presença de Vespasiano e Tito, que ambos iriam governar Roma: "Você será César, Vespasiano", alega ter dito a ele, "será imperador, você e este seu filho" (*Guer.* 3:402). Josefo conta depois que enquanto ainda era prisioneiro de guerra, sua profecia se realizou e Vespasiano o libertou. "É uma desgraça que aquele que previu minha ascensão ao poder e foi um ministro da voz de Deus esteja no cativeiro", teria dito ele (*Guer.* 4:626). A tradição rabínica atribui o mesmo tipo de previsão a *Iohanã ben Zacai, o líder religioso dos judeus após a primeira guerra contra os romanos, que, após escapar da sitiada Jerusalém, deixou Vespasiano saber que iria se tornar "rei" de uma forma tipicamente judaica, interpretando uma profecia de Isaías anunciando a futura ascensão ao trono imperial do comandante em chefe romano. De acordo com a história talmúdica, Iohanã perguntou aos legionários: "'Onde está seu rei?' Eles foram contar [a Vespasiano], 'Um judeu quer saudá-lo'. Ele respondeu: 'Deixem que entre.' (...)Iohanã disse a ele: '*Vive Domine Imperator*! [Vida longa a meu Senhor Imperador!]' Vespasiano respondeu a ele: 'Embora eu não seja rei, você me deu uma saudação real. Se o rei

[Nero] ouvir isso, vai me matar.' Iohanã respondeu: 'Se você ainda não é rei, será mais tarde. De fato, este Templo não será destruído exceto por um rei, pois está escrito, *E Líbano* [o templo, na tradição judaica] *cairá frente a um poderoso* [um rei; Isaías 10,34]'" (*Lamentation Rabbah* 1:5 [31]; bGit. 56a-b). Os historiadores romanos Suetônio e Cássio Dio contam que oráculos judeus previram a elevação de Vespasiano, e ambos mencionam explicitamente a profecia realizada de Josefo.

Fontes: Josefo, *Guer.* 3-7; *Vida.* Suetônio, *Divus Vespasianus* 5:6. Dio 66:2-4. Eusébio, *Hist. Ecl.* 3:12.

VITÉLIO

Lúcio Vitélio, cônsul em 34 d.C. e pai do futuro imperador Vitélio (69 d.C.), foi nomeado legado na Síria por *Tibério em 35 d.C. e reconvocado por *Calígula em 39 d.C. Excelente administrador, repetidamente também se envolveu em questões judaicas. Foi particularmente responsável por afastar Pôncio *Pilatos do governo da Judéia em 36 d.C. e também afastou o sumo sacerdote *Caifás do posto, substituindo-o por *Jônatas, filho de Anás. Vitélio recebeu de Tibério a ordem de capturar o rei nabateu Aretas IV e puni-lo pela derrota que tinha infligido a Herodes *Antipas, tetrarca da Galiléia. Vitélio, que não gostava de Antipas, obedeceu à ordem imperial sem muita vontade, mas, ao receber a notícia da morte de Tibério em março de 37 d.C., quando estava a caminho da capital nabatéia, Petra, com suas tropas, interrompeu a jornada e voltou à Síria. Sua simpatia para com os judeus se manifestou no afastamento de Pilatos, como resultado das queixas recebidas dos notáveis de Jerusalém. Vitélio ainda aboliu os impostos sobre produtos agrícolas aplicados a Jerusalém por *Herodes, o Grande, e transferiu as vestes do sumo sacerdote da custódia romana para a judaica. Finalmente, no início de 37 d.C. ele decidiu não marchar com seu exército através do território da Judéia em sua campanha contra os nabateus, para evitar aborrecer os judeus com

os estandartes exibindo as imagens do imperador. Uma estátua dele erguida no Fórum de Roma celebra sua inabalável lealdade a Tibério, *Calígula e *Cláudio.

Fontes: Josefo, *Ant.* 18:88-90; 115-26. Tácito, *Anais* 6:32. Suetônio, *Vitélio* 3:1.

XAMAI

Xamai e *Hilel formam a dupla mais influente entre os antigos fariseus e cronologicamente são uma ponte entre as épocas. Cada um deles foi conhecido como o Velho, nunca como Rabi ou Rabã. O próprio Xamai, um rigoroso mestre, formou uma escola rabínica que rivalizava com a de Hilel, e tanto o fundador quanto sua escola ficaram conhecidos por sua severidade em questões legais.

Praticamente nada se sabe da biografia de Xamai, aparentemente um construtor por profissão, e de temperamento irascível. Sem dúvida, de modo a compensar essa fraqueza de caráter, ele recomendava, em seu dito predileto, que sempre era necessário receber as pessoas de maneira amistosa.

Na história do gentio que se declarou pronto para se tornar um prosélito caso alguém ensinasse a ele toda a Torá enquanto ele ficava de pé em uma só perna, o explosivo Xamai sensatamente o dispensou, mas o suave e atencioso Hilel revelou a ele a Regra de Ouro — "O que é odioso para você, não faça a seu companheiro" (bShab. 31a) — que também fez parte dos ensinamentos de *Jesus. Por outro lado, na versão de *Mateus para a doutrina de Jesus sobre o divórcio, em que é permitida a dissolução de um casamento no caso da "falta de castidade" da esposa, o evangelista reflete a doutrina mais rígida de Xamai, que autorizava o divórcio apenas no caso do mal comportamento sexual da esposa, diferentemente da regra mais liberal de Hilel, a favor do divórcio no caso de qualquer coisa que provocasse o desprazer do marido.

Fonte: HJP II, 363-7.

Tabela cronológica

Datas	História romana	História judaica
a.C.		
67		Morte da rainha Alexandra. Salomé. Aristóbulo II sumo sacerdote-rei.
65		Assassinato de Honi (Onias, o Honrado).
64	Pompeu conquista a Síria.	
63	Pompeu conquista a Judéia.	Aristóbulo é deposto. Hircano II, sumo sacerdote etnarca. Antípatro, o idumeu, administrador.
51-30	Cleópatra VII, rainha do Egito	
48	Júlio César derrota Pompeu em Farsália.	Hircano e Antípatro transferem a fidelidade de Pompeu para César. César confirma Hircano como sumo sacerdote e etnarca.
47		Antípatro nomeia Herodes governador da Galiléia. Herodes é julgado pelo Sinédrio pela execução do rebelde Ezequias.
44	César assassinado.	Menahem, o Essênio, prevê o reinado de Herodes.
41	Marco Antônio governa leste romano.	

40	Partos invadem a Judéia	Herodes é nomeado rei por Marco Antônio. Antígono Matatias é nomeado rei e sumo sacerdote pelos partos.
40-37		Disputa entre Herodes e Antígono.
37		Herodes e Sósio conquistam Jerusalém. Herodes desposa a princesa asmoniana Mariamna.
37-4		Herodes reina.
35		Herodes nomeia Aristóbulo III sumo sacerdote.
31	Otaviano derrota Marco Antônio em Áccio.	
30	Marco Antônio e Cleópatra cometem suicídio.	Hircano II executado por Herodes.
29		Mariamna executada por Herodes.
28		Alexandra, mãe de Mariamna, executada por Herodes.
27-14	Otaviano se torna o imperador César Augusto.	
23	Augusto concede a Herodes Traconites, Batanéia e Aurinites.	Herodes constrói Cesaréia.
20-19		Herodes começa a reconstrução do Templo.
10		Cesaréia é concluída.
7	Augusto consultado sobre a deslealdade dos filhos de Herodes.	Herodes executa Alexandre e Aristóbulo, seus filhos com Mariamna.
6		Primeiro testamento de Herodes: Antípatro como sucessor.
5		Segundo testamento de Herodes: Antipas como sucessor.
c. 6/5		Nascimento de Jesus.
4	Augusto consultado sobre Antípatro. Augusto reorganiza o governo do antigo reino de Herodes.	Antípatro, filho mais velho de Herodes, é executado cinco dias antes da morte de Herodes.
4-3	Varo, governador da Síria, esmaga rebelião.	Judas, filho de Ezequias, e outros se rebelam.
4 a.C-6 d.C		Arquelau etnarca da Judéia. Hilel e Xamai florescem.
4 a.C-33 d.C		Filipe tetrarca de Batanéia, Traconites etc.

4 a.C-39 d.C		Antipas tetrarca da Galiléia.
d.C.		
6	Quirino organiza censo da Judéia	Arquelau é deposto, como previsto por Simão, o Essênio. Judas Galileu se rebela.
6-15		Anã/Anás sumo sacerdote.
14	Morte de Augusto.	
14-37	Tibério imperador.	
18-36		José Caifás sumo sacerdote.
26-36	Pôncio Pilatos prefeito da Judéia.	
29		João Batista e Jesus começam suas vidas públicas.
30		Mortes do Batista e de Jesus. Começa o movimento do cristianismo. Gamaliel, o velho.
36	Pilatos afastado.	Caifás afastado. Paulo se une à Igreja.
37-41	Gaio Calígula imperador.	Paulo visita Jerusalém.
39		Antipas deposto e exilado.
40-70?		Hanina ben Dosa.
141-54	Cláudio imperador.	Agripa I rei. Tiago, filho de Zebedeu decapitado. Conselho de apóstolos em Jerusalém.
44	Cláudio nomeia Cúspio Fado como procurador da Judéia.	Agripa I morre. O rebelde Teudas é morto.
44-6	Tibério Júlio Alexandre procurador da Judéia.	Dois filhos de Judas Galileu são crucificados.
50-60?		Epístolas de Paulo.
51/2	Gálio procônsul de Acaia.	Paulo em Corinto.
52-60	Antônio Félix procurador da Judéia.	
53		Agripa II rei de Batanéia, Traconites etc.
54-68	Nero imperador.	Agripa II recebe a Galiléia e a Peréia.
58		O "Egípcio" se rebela. Paulo é preso e detido em Cesaréia. Conhece Félix e sua esposa Drusila.
60-62	Pórcio Festo procurador da Judéia.	Paulo conhece Festo, Agripa II e Berenice. É mandado a Roma para ser julgado.
62-4	Albino procurador da Judéia.	Sumo sacerdote Anás executa Tiago, o irmão do Senhor. Jesus, filho de Ananias é julgado e absolvido.

64	Incêndio de Roma.	Perseguição aos cristãos. Martírio de Pedro e Paulo.
64-6	Géssio Floro procurador da Judéia	Eclode a primeira guerra contra Roma. Cristãos migram para Pela (?).
67	Vespasiano e Tito enviados à Judéia para conter a rebelião.	Flávio Josefo, comandante rebelde da Galiléia, é capturado.
67-8		Zelotes de João de Gíscala em Jerusalém.
68	Nero comete suicídio.	Simão bar Giora e sicários em Jerusalém.
69-79	Vespasiano imperador. Tito na Judéia.	
70		Jerusalém é tomada e o Templo é destruído. Iohanã ben Zacai e Gamaliel II em Iabne.
c. 70		Evangelho de Marcos.
73/4	Flávio Silva governador da Judéia.	Tomada de Massada. Fim da guerra. *Fiscus Iudaicus* imposto a todos os judeus do império. Os cristãos retornam de Pela (?).
79-81	Tito imperador.	Josefo conclui *Guerra judaica.*
81-96	Domiciano imperador.	Evangelhos de Mateus e Lucas, Atos dos Apóstolos. Josefo conclui *Antiguidades judaicas.* Agripa II morre *c.* 92/93.
96-8	Nerva imperador.	*Fiscus Iudaicus* amenizado.
c. 100		Carta de Tiago, 1 Pedro, 1-3 João, Apocalipse.
98-117	Trajano imperador. Plínio, o Jovem, o consulta sobre o tratamento aos cristãos.	Bispo de Jerusalém, Simeão, filho de Clopas, primo de Jesus, é crucificado. Judeu-cristãos ebionitas ou nazoreus sobrevivem.
100-110		Quarto evangelho
117-38	Adriano imperador.	2 Pedro.
132-5	Segunda guerra liderada por Simeão bar Kosiba.	
135-	Élia construída sobre as ruínas de Jerusalém. Judeus expulsos de Jerusalém.	Perseguição religiosa dos judeus por Adriano.

Glossário

Altos sacerdotes: membros das principais famílias sacerdotais, das quais normalmente eram escolhidos os sumos sacerdotes pelos governantes herodianos ou os governadores romanos. Ver também **sumos sacerdotes** e **sacerdotes**.

Asmonianos ou macabeus: família de sacerdotes cujas origens normalmente são traçadas até um ancestral chamado Hasmon, que liderou a resistência judaica à helenização sob o rei selêucida Antíoco IV Epifânio (174-54 a.C). Os asmonianos governaram a nação judaica de 161 a 53 a.C.

Batanéia: território a leste da Galiléia, na Transjordânia.

Diáspora (dispersão): designação coletiva dos países habitados pelos judeus fora da terra de Israel.

Escatologia: doutrina judaica que floresceu entre o século II a.C e o século I d.C, vinculada à expectativa do final dos tempos em um futuro próximo.

Essênios: grupo religioso judaico ascético, mencionado pela primeira vez no século II a.C., do qual surgiram alguns membros que adotaram uma vida de celibato masculino e posse ou propriedade coletiva. As principais correntes de estudiosos os identificam com a comunidade que produziu os Manuscritos do Mar Morto.

Etnarca: chefe de estado abaixo do nível de rei.

Evangelhos Sinópticos: designação dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, que refletem o mesmo ponto de vista geral, seguem a mesma história e utilizam palavras muito semelhantes.

Fariseus: facção religiosa leiga (não sacerdotal) influente entre os judeus a partir de meados do século II a.C. Eram especialistas no direito tradicional e na interpretação da Bíblia. São considerados os antecessores dos rabinos da mixná e do Talmude.

Gaulanites: território a nordeste da Galiléia.

Halaca: desenvolvimento rabínico do direito bíblico.

Helenistas: defensores da cultura grega. No Novo Testamento o termo se refere a judeus de língua grega ou a cristãos judeus originários da diáspora.

Iduméia: território situado ao sul da Judéia, o Edom bíblico.

Macabeus: ver **asmonianos**.

Manuscritos de Qumrã: ver **Manuscritos do Mar Morto**.

Manuscritos do Mar Morto (ou de Qumrã): manuscritos hebraicos, aramaicos e gregos, a maioria deles datada do século II a.C. a meados do século I d.C., descobertos na região de Qumrã, junto ao Mar Morto, entre 1947 e 1956.

Messias: literalmente significa alguém ungido, um termo normalmente compreendido como a designação do rei judeu da era final. Os sectários do Mar Morto esperavam dois messias, um real e um sacerdotal, e provavelmente até mesmo um terceiro messias profético.

Mixná: o primeiro código da lei rabínica, concluído por volta de 200 a.C., mas contendo muitas tradições mais antigas.

Peréia: território a leste do Jordão (Transjordânia).

Prefeito: o governador de uma província romana (na Judéia, de 6 a 41 d.C.).

Pretor: magistrado romano subordinado ao cônsul.

Pretório: o palácio do governador romano de uma província.

Procurador: o governador de uma província romana (na Judéia, de 44 a 66 d.C.).

Rabinos: ver **Fariseus**.

Sacerdotes: membros do clã sacerdotal da tribo de Levi que tinham o privilégio de servir periódica e rotativamente no altar do templo de Jerusalém. Quando não estavam de serviço no santuário, atuavam como professores religiosos em suas cidades e aldeias por todo o país.

Saduceus: uma facção de judeus conservadores de classe alta citada pela primeira vez no século II a.C. Eram aliados dos altos sacerdotes e se opunham às inovações religiosas propostas pelos fariseus, como a crença na ressurreição.

Selêucidas: descendentes de Seleuco, um dos generais de Alexandre, o Grande, que governaram a Síria do fim do século IV a.C. até a conquista romana em 64 a.C.

Sicários (assassinos): membros da facção revolucionária fundada em 6 d.C. por Judas Galileu.

Sinédrio: do grego *synedrion*, designando um tribunal ou conselho superior presidido, durante a época romana, pelo sumo sacerdote.

Sumo sacerdote: líder do sacerdócio judeu em Jerusalém, presidente do Sinédrio e o principal mestre religioso e juiz entre os judeus. Quando Roma dirigiu o país diretamente, o sumo sacerdote também foi o líder político dos judeus da Judéia, em última instância o responsável pela manutenção da lei e da ordem. O cargo passou de pai para filho na época bíblica e também no período asmoniano. A partir de Herodes, os sumos sacerdotes foram nomeados pelos reis herodianos ou pelos governadores romanos. Ver também **altos sacerdotes** e **sacerdotes**.

Talmude: o código do direito rabínico ampliado, baseado na mixná, e na sua interpretação, compilado pela primeira vez na Galiléia por volta de 400 d.C. (Talmude palestino) e mais tarde, por volta de 500 d.C., na Babilônia (Talmude babilônico).

Tetrarca: governante de uma (quarta) parte de um território.

Traconites: território no nordeste da Transjordânia.

Bibliografia

Bammel, E. e Moule, C. D. F. (orgs.), *Jesus and the Politics of His Day*, Cambridge University Press, Cambridge, 1984.

Barclay,J. M. G., *Jews in the Mediterranean Diaspora from Alexander to Trajan*, T. and T. Clark, Edimburgo, 1996.

Bauckham, Richard, *Jude and the Relatives of Jesus in the Early Church*, T. and T. Clark, Edimburgo, 1990.

Bond, Helen, *Pontius Pilate in History and Interpretation*, Cambridge University Press, Cambridge, 1999.

——. *Caiaphas: Friend of Rome and Judge of Jesus*, Westminster John Knox Press, Louisville, Kentucky, 2004.

Borgen, P., *Philo of Alexandria*, Brill, Leiden, 1997.

Crossan, John Dominic, *The Historical Jesus*, HarperSanFrancisco, 1991.

——. *The Birth of Christianity*, T. and T. Clark, Edimburgo, 1998.

Feldman, L. H., *Josephus and Modern Scholarship*, Walter de Gruyter, Berlim, 1984.

Fredriksen, Paula, *Jesus of Nazareth, King of the Jews*, Macmillan, Londres, 1999.

Freyne, Sean, *Galilee from Alexander the Great to Hadrian 323 BCE to 135 CE*, Michael Glazier and Notre Dame University Press, Wilmington/Notre Dame, 1980.

Goodman, Martin D., *The Ruling Class of Judaea*, Cambridge University Press, Cambridge, 1987.

——. *The Roman World 44 BC-AD 180*, Routledge, Londres, 1997.

——. (org.), *Jews in the Graeco-Roman World*, Oxford University Press, Oxford, 1998.

——. (org.), *The Oxford Handbook of Jewish Studies*, Oxford University Press, Oxford, 2002.

Greenhut, Zvi e Reich, Ronny, "The tomb of Caiaphas", *Biblical Archaeology Review. 18/5*, Set-Out 1992, 28-44.

Griffin, Miriam, *Nero: The End of a Dynasty*, Duckworth, Londres, 1984.

Hazel, John, *Who's Who in the Roman World*, Routledge, Londres, 2002.

Hengel, Martin, *The Zealots*, T. and T. Clark, Edimburgo, 1989.

Hoehner, H. W., *Herod Antipas*, Cambridge University Press, Cambridge, 1972.

Hornblower, Simon e Spawforth, Anthony (orgs.), *The Oxford Classical Dictionary*, Oxford University Press, Oxford, 2003.

James, M. R., *The Apocryphal New Testament*, Clarendon Press, Oxford, 1924.

Jeremias, Joachim, *Jerusalem in the Time of Jesus*, SCM Press, Londres, 1969.

Jones, A. H. M., *The Herods of Judaea*, Oxford University Press. Oxford, 1968.

——. *Augustus*, Chatto and Windus, Londres, 1970.

Jones, B. W., *The Emperor Titus*, Routledge, Londres, 1984.

Lake, K. (trad.), *Eusebius, Ecclesiastical History*, Loeb Classical Library, Londres/Nova York, 1926.

Lemaire, André, "Burial Box of James, the Brother of Jesus", *Biblical Archaeology Review, 28/6*, Nov-Dez 2002, 24-33.

Meshorer, Y., *Ancient Jewish Coinage*, 2 vols., Nova York, 1982.

Meyers, Eric (org.), *The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East*, vols. I-IV, Oxford University Press, Nova York, 1997.

Millar, Fergus, *The Roman Near East*, Harvard University Press, Cambridge, MA/ Londres, 1993.

Murphy O'Connor, Jerome, *Paul: His Story*, Oxford University Press, Oxford, 2004.

Neusner, Jacob, *The Rabbinic Traditions about the Pharisees before 70*, 2 vols., Brill, Leiden, 1971.

Painter, John e Moody Smith, D., *Just James: The Brother of Jesus in History and Tradition*, Augsburg Fortress, Mineápolis, 1999.

Rajak, Tessa, *Josephus: The Historian and his Society*, Duckworth, Londres, 1983, 2002.

——. *The Jewish Dialogue with Greece and Rome*, Brill, Leiden, 2001.

Richardson, Peter, *Herod: King of the Jews and Friend of the Romans*, Continuum, Londres, 1999.

Roth, Cecil (org.), *Encyclopedia Judaica*, 16 vols. Jerusalém, 1972

Safrai, S. e Stern, M., *The Jewish People in the First Century*, 2 vols. Van Gorcum, Assen, 1974-6.

Sanders, E. P., *Jesus and Judaism*, SCM Press, Londres, 1985.

——. *The Historical Figure of Jesus*, Allen Lane, Londres, 1993.

——. *Paul and Palestinian Judaism*, SCM Press, Londres, 1977.

Schäfer, Peter, *The History of the Jews in the Greco-Roman World*, Routledge, Londres, 2003.

Shalit, Abraham, *König Herodes: Der Mann und sein Werk*, Walter de Gruyter, Berlim, 1969.

Shanks, Hershel e Witherington, Ben, *The Brother of Jesus*, HarperSanFrancisco, 2003.

Schiffman, H. L. e VanderKam, J.C. (orgs.), *Encyclopedia of the Dead Sea Scrolls*, 2 vols. Oxford University Press, Nova York, 2000.

Schürer, Emil; Vermes, Geza; Millar, Fergus e Goodman, Martin, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ*, 3 vols, T. and T. Clark, Edimburgo, 1973-1987.

Schwartz, D. R., *Agrippa I: The Last King of Judaea*, J. C. B. Mohr, Tübingen, 1999.

Schweitzer, Albert, *The Quest of the Historical Jesus*, SCM Press, Londres, 2000.

Sherwin-White, A. N., *Roman Society and Roman Law in the New Testament*, Clarendon Press, Oxford, 1963.

Smallwood, E. M., *The Jews under Roman Rule*, Brill, Leiden, 1976.

Schneemelcher, W. e Wilson, R. McL., *New Testament Apocrypha*, 2 vols., Westminster John Knox Press, Filadélfia, 1991-2.

Stern, Menahem, *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism*, Israel Academy of Sciences and Humanities, Jerusalém, 1974-84.

Suetonius, *The Twelve Caesars*, Penguin Classics, Londres, 2003.

Syme, Ronald, *The Roman Revolution*, Oxford University Press, Oxford, 1939, 1989

Vermes, Geza, *Jesus the Jew*, Collins/SCM Press, 1973, 2001.

——. *As várias faces de Jesus*, Record, 2006.

——. *O autêntico evangelho de Jesus*, Record, 2006.

——. e Goodman, Martin, *The Essenes in the Classical Sources*, Sheffield Academic Press, 1989.

Williamson, G. A., *Eusebius, The History of the Church*, Penguin Classics, Harmondsworth, 1965.

Winter, Paul, *On the Trial of Jesus*, Walter de Gruyter, Berlim, 1961, 1973.

Yadin, Yigael, *Masada: Herod's Fortress and the Zealots' Last Stand*, Weidenfeld & Nicolson, Londres, 1966.

——. *Bar-Kokhba*, Weidenfeld & Nicolson, Londres, 1971.

Fontes clássicas

Cássio Dio, *Roman History with an English Translation*, by E. Cary, Loeb Classical Library, Londres e Nova York, 1916.

Filo de Alexandria, *in Philo with an English Translation*, de F. H. Colson e G. H. Whitaker, Loeb Classical Library, 10 vols. 1962.

Josefo, Flávio, *Josephus with an English Translation*, 9 vols. de H. St J. Thackeray e L. H. Feldman, Loeb Classical Library, 1926-65.

Juvenal, *Satires with an English Translation*, de G. G. Ramsay, Loeb Classical Library, 1918.

Suetônio, *The Twelve Caesars with English Translation*, de J. C. Rolfe *et al.*, Loeb Classical Library, 1998.

Tácito, Cornélio, *Annals with an English Translation*, de J. Jackson, Loeb Classical Library, 1937.

——. *Histories with an English Translation*, de C. H. Moore, Loeb Classical Library, 1925-32

Fontes judaicas

The Complete Dead Sea Scrolls in English, Revised Edition, trad. e introd. G. Vermes, Penguin Classics, Londres, 2004.

The Mishnah, trad. H. Danby, Oxford University Press, 1933.

The Tosefta, vols. I-VI, trad. J. Neusner, KTAV, Nova York, 1977-80.

The Babylonian Talmud, org. I. Epstein, 18 vols., Soncino Press, Londres, 1935-52.

Abreviaturas

Ant.	Josefo, *Antiguidades judaicas*
bAZ	Talmude babilônico Abodah Zara
bBB	Talmude babilônico Baba Batra
bBer.	Talmude babilônico Berakhot
bGit.	Talmude babilônico Gittin
bHag.	Talmude babilônico Hagigah
bNed.	Talmude babilônico Nedarim
bPes.	Talmude babilônico Pesahim
bSanh.	Talmude babilônico Sanhedrin
bShab.	Talmude babilônico Shabbat
bTaan.	Talmude babilônico Taanit
Enc. Jud.	*Encyclopaedia Judaica*, 16. vols.
Guer.	Josefo, *Guerra judaica*
Hist. Ecl.	Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica*
HJP	*History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ*, de E. Schürer, G. Vermes, F. Millar e M. Goodman, 3 vols.
JJS	*Journal of Jewish Studies*
Legatio	Filo, *Legatio ad Gaium*

Índice de nomes e topônimos

Aarão, 142
Abba Hilquiá, 34, 43-44, 126, 128, 148, 156
Abgar, 262
Abraão, 106, 129, 169, 180
Absalão (Bíblia), 268
Absalão (revolucionário), 102, 214
Abtalião, 131, 141, 245-246
Acaia, 36, 63, 122, 220
Ácio, 93, 134, 200, 242
Acco, 125
Adão, 180, 197, 225
Adiabena, 57, 151-152
Adora, 122
Adriano (Públio Élio Adriano), 25, 38, 44-47, 240, 253-255, 259, 271
Afrodite, 125
Ágabo, 47-48, 77, 91
Ágrate, filha de Málate, 128
Agripa I, 29, 29, 36, 48-52, 79, 85, 99, 101, 112, 129, 139, 178, 230, 234, 248, 269
Agripa II (Marco Júlio), 29, 35, 51, 53-55, 57, 58, 79, 96, 99, 114, 130, 150, 166, 184, 187, 195, 223, 273
Agripina, 215
Albino (Lucéio), 55-56, 58, 165, 265
Alexandra Salomé, 26, 63, 146, 246, 256
Alexandra, 30, 57-58, 71, 92, 131, 134, 208, 243
Alexandre (filho de Aristóbulo II), 57, 70, 122
Alexandre (filho de Herodes), 30, 72, 209, 243
Alexandre (Marcos Júlio), 79
Alexandre (o alabarca), 56, 79, 119
Alexandre (Tibério Júlio), 35, 48, 56, 79, 119, 193
Alexandre Janeu (Jônatas), 26, 68, 69, 144, 185, 238, 256
Alexandre, o Grande, 25, 187
Alexandria, 34, 56, 79, 85, 87, 123, 186, 200, 225, 232
Alexas, 138, 244
Amã, 108
Amatus, 122
Ambrósio, 120
Ana, 206
Anã, filho de Anás, 36, 58-59, 114, 167, 265-266
Ananel, 60, 71, 132, 137, 248
Ananias, 151
Ananias, filho de Nebedeu, 55, 61, 102, 185, 213, 221

Anás, 24, 33, 61, 100, 150, 160, 166, 178, 242, 251
Anás, filho de Séti, 24, 58, 61, 100, 167, 242
André, 62-63, 116, 227, 263
Andreas, 276
Aneu Novato, 122
Ânio Rufo, 94, 278
Antígona, 63
Antígono (irmão de Aristóbulo I), 214
Antígono (Matatias), 28, 60, 63, 70, 130, 145, 200, 260
Antíoco de Comagena, 99
Antíoco Epífanes, 26, 187
Antioquia, 47, 63, 70, 77, 115, 124, 137, 174, 196, 200, 220, 230
Antipas (Herodes), 24, 25, 32-35, 49-50, 64-67, 71, 72, 76, 85, 118, 138-140, 169, 181, 189, 209, 235, 244, 268
Antípatris, 68, 136
Antípatro (filho de Herodes), 30, 135, 243
Antípatro (pai de Herodes), 27, 67, 69, 88, 105, 122, 144, 238, 249
Antípatro (pai de Nicolau de Damasco), 217
Antonino Pio, 46
Ápio, 87, 188
Apolo, 68, 220
Áquiba, 39, 153, 255, 272
Áquila, 91, 225
Araba (Arav), 126, 127, 149
Arábia, 145
Aretas III, 27, 68, 69, 144, 146
Aretas IV, 64, 139, 282
Aristarco, 225
Aristóbulo (filho de Herodes), 30, 48, 64, 135, 139, 200, 244
Aristóbulo (Judas) II, 27-28, 57, 63-68, 69-70, 88, 104, 122, 144, 145-146, 238, 260
Aristóbulo de Cálcis, 245
Aristóbulo III, 30, 57, 60, 71, 92, 131-132, 200, 243
Armênia, 104, 238, 276
Arquelaide, 72
Arquelau, 32-33, 71-72, 73-74, 93, 135, 138, 178, 192, 242, 251
Ascalon (Ashkelon), 68, 176, 258
Ásia Menor, 36, 89, 120, 177, 200, 217, 220, 238
Ásia, 47, 116
Asínio Pólio, 135
Asmoneu(s), 24-25, 28-30, 60, 70, 92, 104, 110, 122, 130-131, 134, 144, 185, 200, 238, 243, 256, 260
Atenas, 137, 247
Ático (Tito Cláudio Herodes), 73
Atronges (Athrongaeus), 32, 73
Augusto, 24, 30, 32-34, 68, 73-76, 90, 93-94, 117, 119, 132-138, 181, 187, 197, 199, 208, 215, 217, 241, 243-244, 251, 269, 278
Aurinites, 74, 76, 117, 137-138
Aziz, 99
Azotus, 244

Babilônia, 68, 124, 141
Banus, 76-77, 185
Bar Jesus, 104
Bar Kokba (Barchochebas), 37, 40, 44, 253, 255
Barnabé (José), 36, 57, 77-78, 200, 219, 225, 228, 246
Barrabás, 235
Bartolomeu, 78, 211
Basso (Júlio Quadrato), 109
Batanéia, 35, 53, 65, 74, 76, 117, 136
Belém, 32, 72, 179, 180, 197, 241
Bene Hezir, 268

Beroéia, 247
Berenice (filha de Salomé I), 48
Berenice (irmã de Agripa II), 53-55, 79-80, 99, 120-122, 130, 195, 223, 273
Berito (Beirute), 51, 137, 195
Beter, 40, 47, 255
Bet-Horon, 123
Betsaida, 62, 166, 117
Biblos, 137
Bitínia, 109, 276
Boeto, 166, 249
Bordéu, peregrino de, 84
Bretanha, 39, 44, 47, 255
Bruto, 68

Cafarnaum, 62, 227
Caifás (José), 24, 33-34, 61, 80-85, 160, 165, 178, 179, 248, 282
Caio Júlio César (neto de Augusto), 242
Cairo, 125
Calígula (Gaio Júlio César Germânico), 34-35, 50, 65, 85-87, 119, 140, 185, 188, 233, 235, 269, 282
Caná, 204
Capri, 50
Carlisle, 44
Cássio Dio, 80, 97-98, 253, 271, 273, 282
Cássio, 68
Cefas, 220, 225, 227, 230
Celso, 267
César (Caio Júlio), 28, 68, 70, 73, 74, 85, 88-90, 92, 144, 187, 238, 240, 242
Cesaréia (Marítima), 30, 48, 51, 55, 74, 80, 94-96, 98, 113, 117, 120, 136-138, 184-186, 221, 222-223
Cesaréia de Filipe, 31, 53, 54, 74, 117, 136, 155
Cesário, 92
Ceva, 107
Chipre (ilha), 78, 152, 220
Chrestiani (cristãos), 92, 215
Cícero, 122
Cilícia, 78, 79, 218
Cipro (mãe de Herodes), 30, 57, 134, 208, 243
Cirene, 38, 150, 276
Ciro, 187
Cítia, 63
Citópolis, 122
Cláudio (Tibério Druso), 35, 48-53, 56, 77, 90-92, 108-112, 129, 151, 179, 184, 215, 232, 252, 283
Cláudio Lísias, 100, 221
Clemente de Alexandria, 120
Cleópatra (esposa de Floro), 121
Cleópatra (esposa de Herodes), 117, 135
Cleópatra, 30, 57-60, 71, 92-93, 112, 132, 134, 199-200, 217
Comum (Como), 110
Constantino, 40
Copônio, 63, 94, 203
Corinto, 36, 91, 123, 220, 247, 271, 274
Cornélio, 48, 94-95
Cornélio Minuciano, 110
Costobar, 48, 243
Crasso, 238
Cresto (Cristo), 91
Creta, 186, 223, 274
Cristo, 36, 37, 58, 81, 92, 106, 170, 182, 189, 204, 215, 218, 220, 225
Cumano (Ventídico), 95-96, 112, 178-179, 184

Dácia, 276
Dalmácia, 274
Damasco, 77, 104, 137, 217, 219, 238, 264

Davi, 26, 97, 106, 141, 180, 181, 210, 241, 259
Decápolis, 155, 195
Demas, 225
Demétrio III, 257
Dídimo, 275
Domiciano (Tito Flávio), 38, 39, 97-98, 186, 267, 272, 276, 281
Dora, 233
Dóris, 135
Dosa, 127
Dositeu, 127
Drusila, 98-99, 112, 113, 222
Druso, 49
Dupont-Sommer, A., 70, 145

Ebionitas, 39, 182
Edessa, 262, 275
Edom, 130
Éfeso, 107, 115-116, 174, 177, 206-207, 271
Efres, 259
"Egípcio", o, 99-100, 112, 221
Egito, 38, 46, 57, 139, 152, 181, 197, 210, 240, 243, 253, 276, 279
Eleazar (o exorcista), 103
Eleazar (o sacerdote), 254
Eleazar ben Dama, 153
Eleazar de Modiim, 254
Eleazar, filho de Anás, 62, 100, 177
Eleazar, filho de Boeto, 100
Eleazar, filho de Dineu, 112
Eleazar, filho de Jairo, 37, 101, 177, 193, 213, 247
Eleazar, filho de Simão, 102, 172, 213
Eli, 180
Élia (Capitolina), 46, 253-254, 259
Elias, 147-157, 170, 227
Eliezer ben Hircano, 39, 153
Elihoenai ha-Qoph (Qayyaph), 248
Elimas, 104
Elioneu, filho de Canteras, 104, 184, 248
Eliseu, 156
Emaús, 161, 176
Emesa, 99
Epifânio, 99
Escauro (Marco Emílio), 27, 104-105, 238
Espartiano, 253
Essênio(s), 29, 76-77, 131, 176, 185, 189, 214, 228, 281
Estêvão, 105-106, 116, 218
Estóicos, 189
Estrabão, 187
Etiópia, 117
Eusébio de Cesaréia, 37-39, 47, 63, 73, 78, 115-116, 174, 177, 190, 191, 196-198, 200, 210-211, 215-216,220, 224, 236, 240, 252, 253, 256, 259, 262-263, 265-266, 271-272, 276, 281
Exorcista (anônimo), 106
Ezequias (irmão de Ananias, filho de Nedebeu), 102, 213, 284
Ezequias (líder rebelde), 28, 107, 111, 131, 192-193

Fado (Cúspio), 108-109, 209, 261
Falco (Quinto Róscio Célio Pompeu), 109
Fanias, filho de Samuel (Fani), 110
Fariseu(s), 26, 29, 33, 76, 94, 124, 130-131, 142, 147, 156, 159, 184, 185, 191-192, 201, 202, 214, 218, 221, 245-246, 256-258
Farsália, 28, 88, 240
Fasael, 28, 68, 111, 136, 145, 199
Fasélida, 244
Félix (Antônio), 36, 92, 98, 99, 112, 113-114, 179, 185, 221, 223

Feroras, 135
Festo (Pórcio), 36, 53, 55, 58, 80, 114, 150, 223, 265
Fia, 137
Filadélfia (Amã), 108
Filêmon, 115, 271
Filipe (apóstolo), 78, 116, 117
Filipe (diácono), 48, 116-117, 252
Filipe (filho de Herodes), 32, 48-49, 53, 64-65, 76, 85, 138, 244, 249
Filipe Sêneca, 259
Filipos, 68, 220, 246
Filo de Alexandria, 34, 56, 74, 79, 83, 85, 119-120, 142, 188, 193, 201, 232-234
Flaco (governador da Síria), 50
Flaco (governador do Egito), 86, 119
Flávio Clemente, 101
Floro (Géssio), 120-121
Fótio, 196

Gabara, 126
Gabínio (Aulo), 122
Gadara, 122, 195
Gália, 65, 72, 85, 138-140, 216, 235
Galião (Lúcio Júnio Aneu), 122-123
Galiléia 25-26, 32-33, 49-50, 64-72, 76, 85, 95, 96, 107-108, 117, 122, 127, 131, 145, 149, 157, 161, 166, 169, 172, 181, 186, 188, 192, 195, 203, 207, 210, 224, 227, 230, 234, 269, 279
Galo (Céstio), 121,123
Gamala, 32, 94, 122
Gamaliel II, 37, 125, 259
Gamaliel, o Velho, 24, 33, 109, 124, 127-128, 156, 193, 218, 258, 261
Gaulinites, 35, 53, 76, 117, 138
Gaza, 117
Genesaré, 154
Gerasa, 250
Getsêmani, 173
Giscala (Gush Halab), 173
Gita, 252
Glafira, 72
Golã, 155, 192
Gorion, filho de José, 259
Graniano (Quinto Licínio Silvano), 46
Grato, 249
Grécia, 36, 63, 220, 240

Hacéldama, 194
Hanã (Hanin), 34, 126, 128, 148, 156
Hanamel, 60, 248
Hanina ben Dosa, 24, 34, 126-129, 148, 149, 156
Hebron, 250
Hegesipo, 73, 97, 190, 259, 265-266, 281
Helena, 57, 151-152
Herculano, 99
Hércules, 47
Herodeion, 136, 138, 247
Herodes de Cálcis, 53, 79, 129-130, 184
Herodes, o Grande, 24-25, 27-32, 35, 50, 53, 57-58, 63, 67-71, 74, 76, 88, 92, 101, 105, 107-111, 114, 117-119, 122, 129, 130-139, 144-145, 154, 167, 180-181, 184, 187, 191, 199, 208-214, 217, 224, 260, 269, 278, 282
Herodíades, 49, 64-65, 139-140, 170, 244
Hierápolis, 116, 177, 200, 210
Hilel, 24, 33, 124, 140-144, 149, 246, 258, 283
Hipos, 195
Hircano (filho de Josefo), 186
Hircano I (João), 26, 130, 185
Hircano II (João), 28, 63, 68, 70, 88-89, 104, 107, 111, 122, 144-145, 146, 208, 238, 243, 245

Hispânia, 216, 220, 226, 263
Honi, 24, 27, 34, 69, 128, 144, 146-148, 156
Horácio, 93

Iabne, 37, 125, 149, 232
Iadin (Iigael), 101, 255
Iduméia, 32, 71-72, 76, 122, 130, 254
Inácio de Antioquia, 174
Índia, 78, 275
Iohanã ben Zacai, 37, 126, 127, 144, 149-150, 153, 281-282
Iopa (Jafa), 89, 95, 176
Irã, 151
Irineu, 174, 182, 210
Isaac, 129, 205
Isabel, 168
Ismael, filho de Fiabi I, 61, 150, 166, 248
Ismael, filho de Fiabi II, 61, 150,-151, 166, 185
Itália, 50, 105, 110
Ituréia, 117
Ixmael ben Elixa, 153
Izates, 151-152

Jacó (filho de Judas Galileu), 56, 193
Jacó (pai de José), 180
Jacó (patriarca), 129, 205
Jacó de Quéfar Secaniá (Sama), 39, 152
Jairo, 173, 263
Jâmnia, 37, 122, 125, 232, 244
Jericó, 92, 100, 122, 132, 191, 202
Jerônimo, 120, 196, 256, 267, 271
Jerusalém, 28, 32-36, 37-40, 50-51, 54, 57, 59, 61-63, 68, 69-74, 77, 81, 85-87, 89, 96, 101, 104, 105, 109, 111-113, 116, 122, 123, 127, 130 ,135, 137, 144, 149, 155, 159, 166, 181-183, 184-186, 193-194, 197, 200, 206, 208, 213, 220, 228, 229-232, 234, 238, 240, 250, 253-257, 258, 260, 264-267, 269, 272-274, 279-281
Jesus de Nazaré, 24, 27, 31-35, 37, 39, 43, 56, 61-62, 66, 67, 72, 73-74, 78, 81-82, 84, 95, 97, 106-107, 116-117, 123, 126, 128-130, 136, 139-140, 142-144, 148, 152, 153-164, 165, 168, 170, 173-175, 177-178, 179-183, 189, 190, 191, 193-194, 196-198, 200-202, 203-208, 209-211, 218-220, 224-227, 231-232, 234-235, 240-242, 252, 259, 262-266, 267-269, 274-275, 276, 283
Jesus, filho de Ananias, 56, 165
Jesus, filho de Damneu, 166, 167
Jesus, filho de Fiabi, 137, 167
Jesus, filho de Gamaliel (Joshua ben Garnia), 166-167, 213, 258-259
Jesus, filho de See, 178
João (bispo), 259
João Batista, 24, 27, 34, 61, 62-67, 69-70, 77, 83, 126, 140 ,144, 154, 159, 168-171, 189, 1997, 224-225, 227, 243-244, 247, 265-269
João de Gíscala, 37, 102-103, 172-173, 188, 250, 259
João, o Apóstolo (evangelista?), 61, 78, 81, 83, 106, 115-116, 154, 159, 161-162, 173-173, 178, 179, 202, 203-204, 207-208, 224-225, 227, 230-231, 252, 262, 275
João, o Essênio, 1176-177
João, o Velho, 177
Joaquim, 206
Joazar, filho de Boeto, 61, 100, 137, 167, 177, 192, 242
Jônatas Macabeu, 26
Jônatas, filho de Anás, 112, 178, 248, 282
Jordão, 37, 108, 117, 169, 261
José (bispo), 259

José (patriarca), 206
José (tio de Herodes), 134, 243
José Kabi, filho de Simão Canteras, 151, 185
José, 32, 72, 73, 139, 154, 179-183, 197, 203, 206, 210, 241
José, filho de Ellem, 137, 183, 212
José, filho de Gorion, 61
José, filho de Kamei (Kamidus), 184
Josefo (Flávio), 24, 32-35, 47, 51-52, 55, 58-64, 66, 67, 70, 74, 76, 79-80, 83, 90-92, 94-96, 99-101, 103, 107, 112, 117, 123, 134, 137, 140-144, 146, 147, 149-150, 153, 156, 165-166, 168, 172, 176, 185-190, 192-194, 209, 212-214, 217-218, 234-235, 241-242, 244, 245, 247, 250, 251, 256, 257-258, 261, 263, 273, 280
Joset (José), irmão de Jesus, 182, 190, 203, 269
Josué, 100, 108
Jóxua de Palmira, 254
Jóxua, filho de Galgula, 254
Judas (bispo), 259
Judas Barsabás, 246
Judas Galileu (de Gamala), 32, 35-37, 56, 94, 101, 102, 107, 124, 184, 192-193, 213, 242, 247, 261, 278
Judas Iscariotes, 159, 175, 193-194, 262
Judas Macabeu, 26
Judas, 39, 97, 154, 182, 190-191, 203
Judas, filho de Ezequias, 32, 107, 213, 278
Judas, filho de Saforeu, 191, 212
Judas, o Essênio, 176, 214
Judéia 27-29, 32, 35, 38-40, 46-47, 48, 50-51, 53, 55, 56-57, 60-61, 63, 68-70, 73-74, 76, 85, 88, 91-94, 95-96, 98, 104-105, 108-110, 111, 112, 114, 119, 120-122, 123, 131-132, 144-145, 153, 178, 181, 192, 193, 214-215, 223, 237-238, 240-243, 247, 250, 253-255, 260, 269, 271, 278-279
Júlias, 53
Júlio Africano, 68
Júlio Severo (Sexto), 38, 47, 255, 271
Júpiter Capitolino, 38, 47, 97, 280
Justino, 47, 252, 253, 256
Justo (bispo), 259
Justo (filho de Josefo), 186
Justo de Tiberíades, 188, 194-196
Juvenal, 79

Kochebas, 253

Lázaro, 175, 207
Lebeu, 262
Leontópole, 281
Lépido, 199
Levi (bispo), 259
Levi, filho de Alfeu, 209, 262
Líbano, 54, 155
Lida, 123, 176
Lívia, 244
Lucas, 31-32, 34, 61, 66, 67, 76, 81-82, 83, 139-141, 154-157, 168,169, 175, 179-182, 193, 196-198, 201, 203-205, 225, 228, 231, 234, 241, 262
Lucerna, 237
Lucílio Basso, 198, 247
Lúcio Domício Aenobarbo, 215
Lúcuas, 276
Lyon (Lugdunum), 65, 85, 140, 174, 210

Macabeus, 24-26, 28, 70
Macedônia, 271, 274
Macróbio, 139
Magdala, 207

Malta, 36, 224
Maltace, 64, 71, 135
Mamertino, prisão, 250
Maqueronte, 64, 66, 70, 136, 140, 170, 247
Marcelo (Quintílio Cesto Publício), 108, 198, 255, 271
Márcio, 130
Marco Antônio, 28-30, 57-60, 63, 68, 71, 74, 90, 92-93, 111, 112, 131-134, 136, 145, 199-200, 208, 217, 242-243, 260
Marcos (companheiro de Paulo), 225
Marcos (João), 66, 77, 81-82, 154-155, 160-161, 168-175, 178, 196-197, 200-203, 207-210, 232, 262-263
Marcos Agripa, 137, 217
Marcos Ambívulo (Ambíbulo), 94, 203
Maria (esposa de Clopas), 207
Maria (irmã de Marta), 207
Maria (mãe de Marcos), 200
Maria Madalena, 161, 204, 207-208
Maria, 32, 72, 139, 154, 180-183, 197, 203-206, 241, 264
Mariamna (neta de Herodes), 130
Mariamna I, 29-30, 57, 119, 131, 134-135, 139, 145, 208-209, 243
Mariamna II, 64, 139, 177, 208, 249
Marílio, 108, 209
Marselha, 208
Marta, 207
Massada, 35-37, 59, 101, 136, 177, 193, 213, 247, 250
Mateus, 31, 66, 72, 81-82, 139-141, 143, 154-155, 160-161, 168-169, 175, 179-180, 182, 194, 196, 197, 202, 203-205, 207, 209-211, 227, 231, 262
Matias (apóstolo), 212, 262
Matias (bispo), 259
Matias (pai de Josefo), 185
Matias, filho de Anás, 212, 248
Matias, filho de Boeto, 250
Matias, filho de Margalote, 191, 212
Matias, filho de Teófilo I, 137, 177, 183, 212, 249
Matias, filho de Teófilo II, 166, 213
Mauritânia, 56
Média, 124
Meir, 129
Menahem (revolucionário), 102, 184, 193, 213-214
Menahem, filho de Ezequias, 213
Menahem, o Essênio, 29, 131, 176, 214
Mesopotâmia, 57, 262, 276
Millar, Fergus, 189
Mílvio, ponte, 40
Minúcio Fundano, 47
Monobazus, 152
Murabat, 38

Natanael, 78, 116
Nazaré, 32, 126, 157-158, 164, 179, 180, 197, 202, 203, 210, 241
Nazoreno (Nazarenos), 39, 125
Negueb, 130
Nero (Cláudio César Germânico), 36, 40, 53-57, 79, 114-121, 123, 142, 150, 185, 215-216, 223, 232, 237, 279, 282
Neroníade, 53
Nerva, 38, 97, 276
Neuniá, 127
Newcastle, 44
Nicanor, 116
Nicolau (diácono), 116
Nicolau de Damasco, 67, 72, 217
Níger de Peréia, 176
Noé, 205
Norte da África, 110

Ofel, 213
Oliveiras (Monte das), 100, 113
Onésimo, 115
Onias (Honi), 69, 144, 146-147
Onias IV, 281
Orígenes, 120, 267
Otaviano, 30, 68, 73, 93, 133-134, 199-200, 208
Otônio, 56

Pafos, 104
Palas, 112, 114
Palestina, 24, 33, 63, 88, 90, 104, 106, 130, 137, 240, 279-280
Panéias, 65, 74, 76, 117, 137
Pápias, 174, 177, 196, 200, 210
Parmenas, 116
Pártia, 151
Pateno, 211
Paulo, 25, 35,-36, 40, 47-48, 55, 57, 68, 77, 78-80, 83, 91, 95, 98, 100, 104, 105, 113-114, 115, 117, 123-124, 127, 152, 161-162, 164, 171, 174, 174, 196-198, 200, 210, 216, 218-227, 228-232, 246, 264-265, 267, 270-271, 274
Pedro, 25, 31, 35-36, 52, 61, 62, 74, 78, 94-95, 105, 116-117, 120, 136, 137-174, 179, 200, 210, 216, 219-220, 227, 232, 242, 252, 263-265
Peitolaus (Ptolaus), 70
Pela, 37
Peréia, 50, 53, 76, 108, 279
Petra, 64, 105, 145, 282
Petrônio (Públio), 87, 232-233
Pilatos (Pôncio), 24, 33-34, 67, 81-82, 84-92, 153, 160, 165, 169, 189, 215, 224, 233-237, 269, 282
Pilatusberg, 237
Pio IX, 206
Piso (Lúcio Calpúrnio), 242
Pitágoras, 189
Platão, 120
Plínio, o Jovem, 109-110, 276
Plínio, o Velho, 34
Polemon, 79
Polião, 29, 131, 245-246
Políbio, 187
Polícrates, 116
Pompeu (Cneus Pompeu), 24, 27, 40, 68, 69-70, 88-89, 104-105, 122, 144-145, 146, 238-240, 255
Ponto, 109, 238
Popéia (Sabina), 121, 150, 185, 215
Pompéia, 99
Priscila, 91, 225
Prócoro, 116
Ptolemaida, 233

Qapha (Qayapha), 85
Quefar Imi, 43
Quieto (Lúsio), 240
Quiriat Arabaia, 254
Quirino (Públio Sulpício), 32, 56, 61, 76, 94, 139, 178, 181, 192, 197, 241-242, 261
Qumrã, 34

Racine (Jean), 80
Ródano, 237
Rodes, 134, 137, 243
Roma, 24, 27, 29, 33, 38-40, 50, 53-54, 64, 69-70, 73, 79-88, 90-91, 101, 103, 108, 112-114, 120, 135, 150, 173, 176, 184, 186-187, 200-201, 213, 215-217, 220, 223, 232, 235-238, 242, 251-253, 259, 260, 269-271, 272-276, 279
Romênia, 276

Sabino, 278
Saduceu(s), 29, 76, 184-185, 221, 228, 257
Salomão, 70, 103, 145
Salomé I, 30, 57, 64, 111, 134-135, 138, 208, 243-244
Salomé II (filha de Herodíades), 140, 170, 243, 244
Samaias, 29, 131, 141, 245-246
Samaria (Sebasté), 31-32, 50-51, 72, 74, 76, 96, 108, 122, 136, 155, 252
Samuel, 205
Samuel, o Pequeno, 125
Santiago de Compostela, 263
Saturnino (Caio Sêncio), 242
Saturnino (Lúcio Volúsio), 242
Saulo de Tarso, 35, 77, 218
Schweitzer (Albert), 23
Séforis, 122, 153, 192, 241, 278
Seial, 38
Semo, 252
Sêneca (Marco Aneu), 36, 122-123
Sérgio Paulo, 104
Sexto (Vetuleno Cereale), 247
Sicários, 35, 55, 94, 101, 112, 114, 179, 192, 250
Sídon, 52, 137, 155
Silas (Silvano), 78, 246, 271
Silas da Babilônia, 176
Silva (Lúcio Flávio), 37, 101, 225, 246, 247-248
Silvano, 225
Simão (irmão de Jesus), 154, 182, 190, 203
Simão Canteras, filho de Boeto, 104, 151, 178, 212, 248
Simão de Peréia, 32, 249
Simão Macabeu, 26
Simão Pedro, 62, 227, 232, 263
Simão, filho de Boeto, 137, 139, 167, 208, 212, 249
Simão, filho de Camito, 62, 184, 251
Simão, filho de Giora, 37, 102, 172-173, 250, 280
Simão, filho de Jonas (Pedro), 227
Simão, filho de Judas Galileu, 56, 193
Simão, o Curtidor, 95
Simão, o Essênio, 176, 251
Simão, o Mago, 117, 230 ,232, 252
Simão, o Zelote (Cananeu), 253, 262
Simeão bar Kosiba, 37, 44, 46, 253-256, 271
Simeão ben Xetá, 146, 148, 246, 256-258
Simeão, filho de Clopas, 39, 73, 259, 267, 276
Simeão, filho de Gamaliel, 125, 258-259
Simonide (filho de Josefo), 187
Síria, 28, 32-46, 47-49, 51, 61, 63, 68, 70, 78, 77-78, 86, 88, 96, 104, 117, 121-122, 123, 130-131, 153, 181, 183, 192, 197, 208, 229, 234, 238, 241, 242, 253, 260, 273, 278-279
Soemo, 58, 134, 208, 243
Sósio (Caio), 28, 63, 131, 208, 260
Sóstenes, 225
Suda, 196
Suetônio, 80, 90, 91, 97, 98, 273, 282
Suíça, 236
Syme (Sir R.), 110

Tácito, 24, 79, 92, 121, 124, 153, 215, 233, 273
Tadeu, 260, 262
Tamna, 176
Tarichéias, 53, 172
Tarso, 35, 77, 218-219, 227
Teófilo, filho de Anás, 166, 178, 248, 261
Tertuliano, 236
Tértulo, 185
Tessalonica, 220, 247
Teudas, 108-109, 124, 193, 261
Therapeutae, 119, 201

Tiago, filho de Alfeu, 211, 253, 259-260, 262, 264, 266
Tiago, filho de Zebedeu, 36, 52, 173, 202, 224, 262-263, 264-265, 266
Tiago, o irmão de Jesus, 24, 27, 35-36, 39, 58, 73, 114, 144, 182, 189, 190, 203, 205, 218, 219-220, 224, 229, 259, 264-265, 268-269, 276
Tiberíades, 49, 51, 53, 65, 129, 194-195, 269
Tibério (Cláudio Nero), 24, 34, 65-66, 85, 92, 94, 118-119, 154, 168, 215, 236, 269, 282
Tibre, 109
Tigrano, 238
Tigre, 151
Timão, 116
Timóteo, 225, 246, 270-271
Tinéio Rufo (Quinto), 38, 47, 254, 271-272
Tiro, 52, 137, 155
Tito (companheiro de Paulo), 225, 273
Tito (Flávio Sabino Vespasiano), 37, 54, 57, 79-80, 98, 172-173, 185-187, 195, 250, 272-274, 279-280
Tobias, 259
Tomé, 274-275
Torre de Estrato, 74
Trácia, 138
Traconites, 35, 53, 74, 76, 117, 137-138
Trajano (Marco Ulpio), 38-40, 44, 47, 54, 73, 109, 240, 259, 276, 281
Transjordânia, 64, 70, 76, 105, 108, 122, 140, 155, 170, 195, 219, 247
Trôade, 274
Trófimo, 221
Turquia, 218, 275

Ulata, 137
Umídio Quadrato, 96, 178, 184

Valério Grato, 61-62, 80, 178, 278
Varo (Públio Quintílio), 32, 72, 242, 278-279
Védio Pólio, 135
Vespasiano (Tito Flávio), 36-38, 54, 57, 79, 103, 149, 172, 186-187, 195, 267, 272, 276, 279-282
Vesúvio, 99
Viena, 72, 236
Vitélio (imperador), 279, 282
Vitélio (Lúcio), 81, 178, 234, 282-283
Vítor, 116

Xamai, 33, 131, 141, 143, 149, 283
Xelanzion, 26, 105, 256
Xemaiá, 131, 141, 245

Zacarias (pai de João Batista), 168
Zacarias (profeta), 268
Zada ou Zadã, 152
Zadoque, 33, 94, 192
Zaqueu, 259
Zebedeu, 262
Zeus, 26